



EU DISSE A VERDADE.

codinome
verity

Elizabeth Wein





codinome

verity

Elizabeth Wein

Tradução de Marina Petroff Garcia
e Lígia Arata Guimarães Barros



"Resistentes passivos devem entender que são tão importantes quanto sabotadores."

— Manual de Operações Secretas do SOE —
Departamento Executivo de Operações Especiais,
"Métodos de resistência passiva".

Parte 1

verity

SOU UMA COVARDE

Queria ser uma heroína e fingi que era. Sempre enganei bem. Passei os primeiros doze anos da minha vida jogando a Batalha de Stirling Bridge com meus cinco irmãos mais velhos. Mesmo sendo garota, eles me deixavam ser William Wallace, um de nossos supostos antepassados, porque eu fazia os mais empolgantes discursos de batalha. Deus, como tentei na semana passada. Meu Deus, *eu tentei*. Mas, agora, sei que sou covarde. Após o acordo ridículo que fiz com o SS-Hauptsturmführer von Linden, sei que sou covarde. Então, lhes darei tudo o que pedirem, tudo o que conseguir lembrar. Realmente, nos *mínimos detalhes*.

O acordo ficou assim. Estou anotando para conservá-lo direitinho na memória. — Vamos tentar isso. — disse o Hauptsturmführer. — Como posso te subornar? — Respondi que queria ter minhas roupas de volta.

Agora parece insignificante. Tenho certeza de que ele esperava que minha resposta fosse algo importante, como “liberdade” ou “vitória”, ou ainda algo generoso, do tipo: “parem de brincar com o pobre rapaz da Resistência Francesa e deem-lhe uma morte digna e misericordiosa”. Ou, ao menos, algo mais diretamente ligado às minhas circunstâncias atuais, como, “por favor, deixe-me dormir” ou “quero comida” ou “tirem esta maldita barra de ferro que amarraram em minhas costas nos últimos três dias”. Mas eu estava preparada para ficar insone, faminta e em pé por um bom tempo, se ao menos não tivesse que fazê-lo só de roupa íntima, um pouco suja e molhada às vezes. TÃO CONSTRANGEDOR. O calor e a dignidade de minha saia de flanela e da malha de lã valem muito mais para mim agora do que patriotismo ou integridade.

Então, von Linden me vendeu minhas roupas de volta, peça por peça. Exceto, é claro, a echarpe e as meias, levadas no início, para evitar que as usasse para me estrangular (eu tentei). A malha me custou quatro conjuntos de código de rádio: o lote completo de poemas, senhas e frequências de codificação. Von Linden devolveu a malha em crédito, de imediato. Ela me esperava na cela, quando eles finalmente me desamarraram ao final daqueles três dias terríveis, embora na hora não conseguisse vestir a maldita; mas só de jogá-la por cima, como um xale, foi um alívio. Agora que consegui finalmente colocá-la, acho que jamais vou tirá-la de novo. A saia e a blusa custaram bem menos que o pulôver, e os sapatos foram só um conjunto de códigos.

Existem onze conjuntos ao todo. O último deveria comprar minha combinação. Observe como ele arquitetou, para cada vez eu ganhar roupas de fora para dentro, assim tenho que passar pelo tormento de me despir diante de todos sempre que mais uma peça me é devolvida; ele é o único que não olha. Ele ameaçou tirar tudo de mim novamente quando sugeri que perdía um show fabuloso. Foi a primeira vez que o dano acumulado ficou realmente à mostra e eu gostaria que ele tivesse olhado sua obra-prima, especialmente meus braços; também foi a primeira vez que consegui ficar em pé pouco tempo, o que eu queria exibir para ele. Em todo caso, decidi ficar sem a combinação, o que me poupou o trabalho de me despir de novo para ter que vesti-la e, e em troca da última série de códigos, consegui um suprimento de tinta e papel, e algum tempo de descanso.

Von Linden disse que tenho duas semanas e que posso receber quanto papel for necessário. Tudo o que preciso fazer é cuspir fora o que lembro sobre o Esforço Britânico de Guerra. E é o que farei. Von Linden lembra o Capitão Gancho em relação a ser um cavalheiro longilíneo, embora bruto, e eu sou como o Pan, em minha confiança ingênua que ele jogará pelas regras e manterá sua palavra. Até agora, ele cumpriu. Para incentivar minha confissão, deu este lindo papel de cor creme, gravado em relevo do hotel do Château de Bordeaux, que é o que este edifício costumava ser, de início. (Não teria acreditado que um hotel francês poderia se tornar tão sombrio se não tivesse visto, com meus próprios olhos, as janelas gradeadas e as portas com cadeados. Mas vocês também conseguiram fazer toda a bela cidade de Ormaie parecer escura.)

É muita coisa dependendo apenas de uma série de códigos, porém além de meu relato de traição também prometi minha alma a von Linden, embora ache que ele não leve isso a sério. Será um alívio escrever qualquer coisa que não se relacione a códigos. Estou tão cansada de vomitar códigos de rádio. Só quando pus todas aquelas listas no papel percebi de fato o quanto tenho provisionado em mim.

É tão surpreendente, de verdade.

SEUS ESTÚPIDOS CRETINOS NAZISTAS.

Estou simplesmente ferrada. Total e completamente ferrada. Atirarão em mim, no final, não importa o que eu faça, pois é o que fazem com agentes inimigos. É o que nós fazemos com agentes inimigos. De qualquer modo, depois dessa confissão, se não atirarem em mim e se, algum dia, conseguir voltar para casa, serei julgada e fuzilada como colaboradora. Imagino, porém, todos os caminhos sombrios e tortuosos à frente e este é o fácil, o óbvio. O que meu futuro me reserva: uma lata de querosene derramada na garganta e um fósforo próximo aos lábios? Bisturi e ácido, como o rapaz da Resistência que não quis falar? Meu

esqueleto vivo embarcado em um vagão de gado com outros duzentos desesperados, descartados só Deus sabe onde, para morrer de sede antes de chegar lá? Não! Não trilharei esses caminhos. Este é o mais fácil. Os outros são assustadores demais até para se olhar.

Vou escrever em inglês. Não tenho vocabulário para um relato de guerra em francês e não consigo escrever com fluência suficiente em alemão. Alguém terá que traduzir para o Hauptsturmführer von Linden. Fräulein Engel pode fazer isto. Ela fala inglês muito bem. Foi ela quem me explicou que parafina e querosene são a mesma coisa. Lá em casa, nós chamamos parafina, mas os americanos dizem querosene e é também mais ou menos como a palavra soa em francês e alemão.

(Sobre parafina, querosene, ou seja o que for. Não acredito realmente que tenham um litro de querosene para desperdiçar comigo. Ou vocês o conseguem no mercado negro? Como explicar essa despesa? Um litro de combustível muito explosivo para executar espiã britânica. Não importa, farei o possível para poupá-lo da despesa.)

Um dos primeiros itens na longa lista dada para eu pensar a respeito, incluindo minha confissão, é a localização dos campos de pouso britânicos para a invasão da Europa. Fräulein Engel confirmará que caí na risada quando li aquilo. Você acha realmente que sei alguma coisa sobre onde os Aliados planejam lançar sua invasão à Europa ocupada pelos nazistas? Estou no Departamento Executivo de Operações Especiais por saber falar francês e alemão e ser boa em inventar histórias e sou prisioneira na sede da Gestapo de Ormaie por não ter nenhum senso de direção. Levando em conta que as pessoas que me treinavam incentivaram minha feliz ignorância de campos de pouso para que eu não pudesse contar isso se vocês me capturassem, sem esquecer que nem o nome de onde decolamos ao vir para cá eu sei: deixe-me lembrá-lo que estava na França há menos de 48 horas antes de aquele seu agente prestativo ter evitado que eu fosse atropelada por uma perua francesa, cheia de galinhas francesas, por eu ter olhado para o lado errado antes de atravessar a rua. O que demonstra o quanto a Gestapo é astuta. “Esta pessoa que tirei debaixo das rodas, da morte certa, esperava o tráfego do lado esquerdo da rua. Então, deve ser britânica e deve ter pulado de paraquedas, de um avião dos aliados, na França ocupada pelos nazistas. Vou prendê-la já por ser espiã.”

Portanto, não tenho senso de direção. Para alguns de nós, isso é uma FALHA TRÁGICA, e não há como eu tentar direcioná-los para os locais de quaisquer campos de pouso em qualquer lugar. A não ser que alguém me dê as coordenadas. Talvez eu pudesse inventá-las e ser convincente, para conseguir algum tempo, mas vocês acabariam me pegando.

Tipos de aeronaves em uso operacional também estão na lista de coisas que devo lhes

revelar. Meu Deus, essa lista é engraçada. Se soubesse ou me importasse o mínimo com o tipo de aeronaves, pilotaria aviões para o corpo auxiliar de Transportes Aéreos, como Maddie, a piloto que me deixou aqui, ou trabalharia como montadora ou mecânica. Não entregando covardemente fatos e números para a Gestapo. (Não voltarei a mencionar minha falta de coragem, isto está começando a me fazer sentir imoral. Além disso, não quero que fiquem entediados, tirem este lindo papel de mim e voltem a enfiar meu rosto em uma bacia com água gelada até que desmaie.)

Não, espere, conheço alguns tipos de aeronaves. Contarei todos os modelos que conheço, começando com o Puss Moth. Essa foi a primeira aeronave que minha amiga Maddie pilotou. Na verdade, foi a primeira na qual jamais voou e até da qual chegou perto. E a história de como eu vim parar aqui começa com Maddie. Acho que jamais saberei como acabei ficando com seu Cartão Nacional de Registro e sua licença de piloto no lugar da minha carteira de identidade quando me apanharam, mas se lhes contar a respeito de Maddie, entenderão por que voamos juntas para cá.

TIPOS DE AERONAVES

Maddie é, na verdade, Margaret Brodatt. Por estarem com sua identidade, sabem seu nome. Brodatt não é um sobrenome nortista inglês, e sim russo, eu acho, pois seu avô veio da Rússia. Mas Maddie é puro Stockport^[1]. Ao contrário de mim, tem excelente senso de direção. Consegue se guiar pelas estrelas e por navegação estimada, mas acho que desenvolveu essa noção de caminhos a partir do dia em que seu avô lhe deu uma moto de aniversário aos dezesseis anos. Então, Maddie ficou longe de Stockport e galgou as trilhas desfeitas nas turfeiras altas das colinas Pennine. Pode-se vê-las rodeando Stockport, verdes e nuas, com tiras de nuvens e sol deslizando rápido, brilhando acima como uma imagem Technicolor em movimento. Sei disso por ter passado um final de semana de licença e ter ficado com Maddie e seus avós. Ela me levou em sua moto até o Dark Peak, uma das tardes mais maravilhosas de minha vida. Era inverno e o sol saiu por cerca de cinco minutos apenas e, mesmo então, o granizo não parou de cair; foi pela previsão de clima impróprio para voos que ela teve três dias de folga. Mas, por cinco minutos, Cheshire pareceu verde e cintilante. O avô de Maddie é dono de uma loja de motos e conseguiu um pouco de gasolina no mercado negro para a neta, especialmente quando a visitei. Escrevo isso (mesmo não tendo relação com os tipos de aeronaves) porque tal fato prova que sei o que falo quando descrevo o que significava para Maddie estar no topo do mundo, ensurdecida pelo rugido

dos quatro ventos e de dois cilindros, com a planície inteira de Cheshire, formada por seus campos verdes e chaminés vermelhas, a seus pés como uma toalha xadrez para piqueniques.

Maddie tinha uma amiga chamada Beryl, que deixou a escola e, naquele verão de 1938, trabalhava na fiação de algodão em Ladderal; elas gostavam de fazer piqueniques aos domingos na motocicleta de Maddie, pois era a única ocasião que se viam. Beryl andava com os braços apertando a cintura de Maddie, como fiz daquela vez. Sem óculos de proteção para Beryl, ou para mim, embora Maddie tivesse os dela. Naquele domingo de junho em especial, subiram as trilhas entre as paredes de pedra construídas pelos ancestrais trabalhadores de Beryl, passaram por cima do Highdown Rise, com lama até as canelas nuas. A melhor saia de Beryl ficou destruída naquele dia e seu pai a fez pagar uma nova com sua remuneração da semana seguinte.

— Adoro seu avô — gritou Beryl no ouvido da Maddie. — Gostaria que fosse meu avô. (Eu também gostaria.) — É o máximo ele ter te dado uma Silent Superb de presente de aniversário!

— Não é tão silenciosa — gritou Maddie em resposta, por cima do ombro. — Não era nova quando ganhei e já a tenho há cinco anos. Tive que refazer o motor este ano.

— Seu avô não faria isso para você?

— Ele nem mesmo ia dá-la para mim até que eu desmontei o motor. Tenho que fazê-lo sozinha, ou não poderei tê-la.

— Assim mesmo, eu o adoro — gritou Beryl.

Cruzaram as elevadas trilhas verdes de Highdown Rise, seguindo sulcos de trator que quase as jogaram sobre muros de pedra dos campos para dentro de um leito de lodo, urtigas e ovelhas. Eu lembro e sei como deve ter sido. Vez ou outra, após uma curva ou na crista de uma colina, pode-se ver a cadeia verde nua das Pennines se alongando serenamente para o oeste, ou as chaminés da fábrica do sul de Manchester rabiscando com fumaça preta o céu azul do norte.

— E você tem habilidade de fazer isso — berrou Beryl.

— O quê?

— Habilidade.

— De consertar motores! — Maddie uivou.

— É um talento. Melhor que carregar os transportadores.

— Mas você está sendo paga para carregar transportadores — gritou Maddie em resposta.

— Eu não sou paga. — A trilha à frente tinha muitas poças cheias de água. Parecia uma paisagem em miniatura dos lagos das Highlands. Maddie desacelerou a moto até ela pipocar

e finalmente parar. Pôs o pé em solo firme, a saia arregaçada até as coxas, ainda sentindo o ronco confiável e familiar da Superb no corpo todo. — Quem empregará uma garota para consertar motores? — Perguntou Maddie. — Vovó quer que eu aprenda a datilografar. Pelo menos assim se ganha dinheiro.

Tiveram que descer da moto para caminhar pela vala cheia de água. Então havia outra subida e chegaram ao portão da fazenda, instalada na borda do campo. Maddie apoiou a moto contra o muro de pedra para que pudessem comer seus sanduíches. Olhavam, uma à outra, e riam da lama.

— O que dirá seu pai? — Maddie riu.

— E a sua avó?

— Ela está acostumada.

O nome que Beryl dava para piquenique era “ensacar”, contou Maddie. Enormes fatias de pão integral que a tia da Beryl assava para três famílias toda quarta-feira, com cebola em conserva tão grande quanto maçã. Os sanduíches de Maddie eram de pão de centeio da padaria em Reddyke, onde sua avó a mandava toda sexta. A cebola em conserva interrompeu a conversa de Maddie e Beryl, pois mastigar fazia tanto barulho na cabeça que não conseguiam ouvir o que a outra falava, e tinham que ter cuidado ao engolir para não asfixiar com uma esguichada acidental de vinagre. (Talvez o Capitão da Tempestade von Linden possa achar cebola em conserva uma ferramenta persuasiva. E seus prisioneiros seriam alimentados ao mesmo tempo.)

(Fräulein Engel me instrui a escrever aqui, para que o Capitão von Linden saiba, quando ler isto, que desperdicei vinte minutos do tempo dado a mim porque, neste momento da minha história, ri da própria piada idiota sobre as cebolas em conserva e quebrei a ponta do lápis. Tivemos que esperar alguém trazer uma faca para apontá-lo, pois a Srta. Engel não pode me deixar sozinha. Então, perdi mais cinco minutos chorando depois que quebrei a nova ponta, pois a Srta. E. o apontou muito perto do meu rosto, sacudindo as lascas nos meus olhos enquanto o SS-Scharführer Thibaut segurava minha cabeça e isso me deixou muito nervosa. Não estou chorando nem rindo agora e tentarei não pressionar tanto o lápis depois disso.)

De qualquer forma, pensar em Maddie antes da guerra, livre e em casa, com a boca cheia de cebola em conserva... ela só conseguiu apontar e engasgou quando um aeroplano barulhento e fumegante surgiu acima de suas cabeças e circulou o campo que observavam quando se empoleiraram no portão. Aquele avião era um Puss Moth.

Posso lhes contar um pouco sobre os Puss Moths. São monoplanos rápidos e leves,

sabem, com só um conjunto de asas; o Tiger Moth é um biplano e tem dois conjuntos (outro tipo do qual acabei de lembrar). É possível dobrar as asas do Puss Moth para trás para transportá-lo em caminhão por aí ou para guardá-lo. De dentro da cabine se tem uma supervisão e pode acomodar dois passageiros além do piloto. Fui passageira em um avião desses algumas vezes. Creio que a versão mais atualizada é chamada Leopard Moth (essa é a terceira aeronave que nomeio em um parágrafo!).

O Puss Moth circulando o campo em Highdown Rise, o primeiro Puss Moth que Maddie vira, pipocava para a morte. Maddie disse que era como ter um lugar dentro da arena do circo. Com o avião a cerca de cem metros, ela e Beryl podiam ver cada detalhe do motor em miniatura: cada fio, cada suporte de seu par de asas de lona, das pás da hélice de madeira cintilando ao girarem ineficazes ao vento. Grandes nuvens azuis de fumaça ondulavam do escapamento.

— Ele pegou fogo! — Gritou Beryl, em um ataque extasiado de pânico.

— Ele não pegou fogo! Está queimando óleo — respondeu Maddie, pois ela sabia dessas coisas. — Se ele tiver o mínimo de bom senso, desligará tudo e isso vai parar. Então conseguirá planar para baixo.

Elas ficaram olhando. A previsão de Maddie se concretizou: o motor parou e a fumaça se afastou. Agora o piloto claramente planejava aterrissar seu equipamento danificado no campo bem em frente a elas. Era um pasto que não fora arado nem ceifado, sem gado. As asas acima de suas cabeças taparam o sol por um segundo, com um lufar e ondular de um barco à vela. A passada final da aeronave puxou todo o lixo do almoço para dentro do campo, crostas marrons e papel de embrulho tremulando na fumaça azul como confete do diabo.

Maddie disse que seria uma boa aterrissagem se tivesse sido em um aeródromo. No campo, a aeronave ferida saltitou desafortunadamente sobre o capim alto por uns 25 metros. Então, empinou graciosamente sobre o nariz.

Maddie desandou a aplaudir. Beryl agarrou suas mãos e deu um tapinha numa delas.

— Sua boboca! Ele pode estar ferido! Nossa, o que faremos?

Maddie não pretendia aplaudir. Ela o fizera sem pensar. Consigo imaginá-la soprando o cabelo preto anelado dos olhos, com o lábio inferior se projetando antes de ela saltar do portão sobre as moitas verdes em direção ao avião abatido.

Não havia labaredas. Maddie escalou o nariz do Puss Moth para chegar à cabine e enfiou um de seus sapatos com tachas através do tecido que cobria a fuselagem (creio que é como o corpo do avião é chamado) e aposto que recuou com medo; ela tampouco pretendia fazer

aquilo. Até conseguir destravar a porta, sentiu muito calor e incômodo, esperando uma reclamação do dono do avião, e ficou vergonhosamente aliviada ao encontrar o piloto claramente inconsciente, pendurado de cabeça para baixo nas correias meio desfeitas do arnês. Maddie olhou os incompreensíveis controles do motor. Sem pressão de óleo (ela me contou tudo isso). Acelerador, puxado. Desligado. Suficientemente bom. Maddie desembarçou o arnês e deixou o piloto deslizar para o chão.

Beryl estava lá para amparar o peso do corpo do piloto desmaiado. Foi mais fácil para Maddie descer do avião do que subir, apenas um salto rápido para o chão. Desatou o capacete e os óculos de proteção do piloto; o curso de socorristas feito com Beryl no escotismo, como guia, bastou para verificar se a vítima conseguia respirar.

Beryl começou a rir.

— Quem é a boboca? — Perguntou Maddie.

— É uma garota! — Riu Beryl. — É uma garota!

Beryl ficou com a garota piloto inconsciente enquanto Maddie rodou, na Silent Superb, até a fazenda para pedir ajuda. Encontrou dois rapazes fortes de sua idade recolhendo esterco de vaca e a esposa do fazendeiro separando batatas novas e xingando o grupo de meninas que desenhou um enorme quebra-cabeça no antigo piso de pedra do chão da cozinha (era domingo, ou estariam fervendo a roupa). Um grupo de resgate foi despachado. Maddie foi enviada pista abaixo em sua moto, para o sopé da colina, onde havia um *pub* e uma cabine telefônica.

— É certo que ela precisará de uma ambulância, querida — alertou gentilmente a esposa do fazendeiro. — Terá que ir ao hospital se pilotava um avião.

As palavras não saíram da cabeça de Maddie durante todo o caminho até o telefone. Não exatamente a frase: “ela precisará ir para o hospital se estiver machucada”, mas sim: “terá que ir para o hospital se pilotava um avião”.

Uma garota que pilota! — Pensou Maddie. Uma garota pilotando um avião!

Não, corrigiu-se, a garota não pilotava um avião. Ela derrubou o avião em um pasto de ovelhas.

Mas antes, ela o pilotou. Tinha que ser capaz de pilotar para pousar (ou derrubar) o avião. O salto parecia lógico para Maddie.

Nunca bati a minha moto, pensou. Eu poderia pilotar um avião.

Existem mais alguns tipos de aeronaves que conheço, mas o que vem à mente é o Lysander. É o avião que Maddie pilotava quando me deixou aqui. De fato, era para ela

pousar o avião e não me lançar para fora, no ar. Fomos atingidas em pleno voo, e durante certo tempo a cauda ficou em chamas. Como ela não conseguia controlá-lo corretamente, ela me fez sair antes de tentar pousar. Não a vi descer. Mas vocês me mostraram as fotos tiradas no local, assim, sei que agora ela já derrubou um avião. Não dá para culpar um piloto quando seu avião é atingido por fogo antiaéreo.

CERTO APOIO BRITÂNICO PARA O ANTISSEMITISMO

A queda do Puss Moth foi no domingo. Beryl voltou ao serviço na fiação em Ladderal no dia seguinte. Meu coração se contorce e contrai de inveja tão negra e dolorida, que arruinei metade desta página com lágrimas antes perceber que caíam, em pensar na vida longa de Beryl carregando transportadores e educando bebês ranhentos com um rapaz que bebe cerveja em um subúrbio industrial em Manchester. É claro que isso foi em 1938 e todos foram arrasados por bombas desde então, por isso talvez Beryl e os filhotes já estejam mortos, neste caso minhas lágrimas de inveja são muito egoístas. Sinto muito pela página. A Srta. E. olha por sobre meu ombro enquanto escrevo e me diz para não interromper meu relato com mais desculpas.

Na semana seguinte, Maddie juntou a história do piloto com uma desordem de recortes de jornais e a ferocidade mental de uma *Lady Macbeth*. A mulher se chamava Dympna Wythenshawe (lembro-me do nome por ser tão bobo). Era a filha mimada de Sir Alguma-coisa-ou-outra Wythenshawe. Na sexta, houve uma onda de indignação no jornal da noite, pois assim que foi liberada do hospital, começou a dar voltas alegres em seu outro avião (um Dragon Rapide — como sou inteligente), enquanto o Puss Moth estava no conserto. Maddie se sentou no chão no barracão do avô, ao lado da amada Silent Superb, que precisava muitos ajustes para ser mantida em bom estado para passeios de fim de semana, e batalhou com o jornal. Havia páginas e páginas de pessimismo sobre a possibilidade imediata de guerra entre o Japão e a China, e a crescente probabilidade de guerra na Europa. O Puss Moth de bico enterrado no pasto em Highdown Rise já era notícia da semana passada; não havia fotos do avião na sexta, só uma imagem da própria pilota sorrindo na delegacia, parecendo feliz e soprada pelo vento e muito, muito mais bonita que o idiota fascista do Oswald Mosley, cujo rosto encarava Maddie da foto principal no topo da página. Maddie o cobriu com a caneca de chocolate e pensou a respeito da maneira mais rápida de chegar ao aeródromo de Catton Park. Ficava a boa distância, mas o dia seguinte seria sábado de novo.

De manhã, Maddie se arrependeu de não ter prestado mais atenção à história de Oswald Mosley. Ele estava lá, em Stockport, discursando em frente à St. Mary, na ponta da feira de sábado, e os idiotas de seus seguidores fascistas faziam a própria marcha para encontrá-lo, partindo da prefeitura e terminando em St. Mary, criando caos no tráfego e entre as pessoas. Até então, já tinham atenuado um pouco o antissemitismo e essa reunião deveria ser pela paz, acredite ou não, tentando convencer todos que seria uma boa ideia manter a cordialidade com os fascistas idiotas na Alemanha. Os mosleyvitas não tinham mais autorização para vestir as camisas negras de mau gosto; agora havia uma lei em vigor sobre manifestações em uniformes políticos, principalmente para evitar que os mosleyvitas causassem tumultos como os que começaram com suas marchas pelos bairros judeus em Londres. Mas eles acompanhavam, de qualquer modo, apoiando Mosley. Havia uma multidão alegre de seus admiradores e outra, zangada, dos que o odiavam. Havia mulheres com cestas, tentando fazer compras na feira de sábado. Havia policiais. Havia animais, já que alguns dos policiais estavam a cavalo, e também um rebanho de ovelhas a caminho da feira, além de uma carroça de leite puxada a cavalo e cercada pelas ovelhas. Havia cães. É provável que houvesse ainda gatos, coelhos, galinhas e patos.

Maddie não conseguia cruzar a Stockport Road. (Não sei o nome verdadeiro. Talvez seja o certo, por ser a estrada principal, do sul. Vocês não devem se fiar em minhas indicações.) Maddie ficou muito tempo na borda da multidão fervilhante, esperando uma brecha. Após vinte minutos, começou a se impacientar. Havia pessoas pressionando por trás; tentou dar a volta com a moto, segurando o guidão, acabou batendo em alguém.

— Ei! Tome cuidado, você da motocicleta!

— Desculpe! — Maddie ergueu os olhos.

Era um bando de arruaceiros. Mesmo podendo ser presos, eles vestiam camisas pretas para a reunião e cabelos alisados para trás com brilhantina, como um bando de aviadores. Olharam para Maddie de alto a baixo alegremente, certos de ser ela uma presa fácil.

— Bela moto.

— Belas pernas!

Um deles riu pelo nariz. — Belo...

Ele usou um termo feio, indizível, e não vou me incomodar em escrevê-lo, já que não acho que qualquer um de vocês saberia o significado dessa palavra em inglês e é certo que não sei falar isso em francês ou alemão. O pior arruaceiro usou o termo para incitar, e deu certo. Maddie desviou a roda dianteira da moto do rapaz que atingira primeiro, mas bateu nele de novo; ele agarrou o guidão com os seus punhos enormes entre as mãos dela.

Maddie se manteve firme. Eles lutaram por um momento pela moto. O rapaz se recusava a largar e seus colegas riam.

— Por que uma moça como você precisa de um brinquedo grande como este? Onde você o conseguiu?

— Na loja de motocicletas, onde mais?

— Na Brodatt — disse um deles. Havia apenas uma naquele lado da cidade.

— Vende motocicletas para judeus, é o que ele faz.

— Talvez seja uma moto de judeu.

Vocês provavelmente não sabem, mas Manchester e seus subúrbios fumarentos têm uma grande população judaica, ninguém se importa. Bem, obviamente, alguns fascistas idiotas se importam, mas creio que entendem o que quero dizer. Eles vieram da Rússia e Polônia e, posteriormente, da Romênia e Áustria, enfim, de toda a Europa Oriental, durante o século 19. O fato é que a loja de motos cujos clientes foram citados pertencia ao avô de Maddie há trinta anos. Ele teve um retorno financeiro bastante satisfatório com ela, bom o suficiente para manter o padrão de vida estiloso da avó, como ela estava acostumada: moravam numa casa antiga e grande em Grove Green, na periferia da cidade, tinham um jardineiro e uma diarista para cuidar da casa. De qualquer modo, quando o bando começou a destilar veneno sobre a loja do avô de Maddie, esta, inadvertidamente, meteu-se em uma briga com eles e disse:

— Sempre é preciso três de vocês para completar um pensamento? Ou cada um consegue se virar sem os colegas se tiver tempo suficiente para pensar a respeito?

Eles empurraram a motocicleta, derrubando Maddie junto, pois intimidar é o que fascistas idiotas mais gostam.

Houve, porém, uma onda de indignação barulhenta das outras pessoas na rua lotada e a pequena gangue de arruaceiros riu de novo antes de seguir em frente. Maddie conseguia distinguir o relincho nasal do rapaz mesmo quando suas costas se perderam entre as pessoas.

Mais pessoas que as que a derrubaram a ajudaram, um trabalhador e uma garota com um carrinho de bebê, um menino e duas mulheres com cestas de compras. Eles não lutaram nem interferiram, mas ajudaram Maddie a se erguer, a limpavam e o trabalhador passou as mãos carinhosamente no para-lama da Silent Superb.

— Cê não se machucou, moça?

— Bela moto!

Isso veio de um rapaz. Sua mãe logo disse: — Ei, chega — pois foi um eco perfeito do rapazelho de camisa preta que derrubara a moto de Maddie.

— É legal — disse o homem.

— Está ficando velha — avaliou Maddie, com modéstia, mas satisfeita.

— Vândalos mal-educados.

— Era bom dar uma olhada nesses joelhos, meu bem — aconselhou uma das senhoras com cestas.

Maddie pensou consigo mesma, com os aviões em mente: vocês não perdem por esperar, fascistas idiotas. Vou arranjar um brinquedinho maior que esta moto.

A fé de Maddie na humanidade foi restaurada e ela abriu caminho para fora da multidão, começando a descer as vielas de paralelepípedos de Stockport. Não havia ninguém ali além de crianças jogando futebol de rua em grupos barulhentos e irmãs mais velhas atormentadas, cabelos amarrados com trapos de tirar pó, desajeitadas, sacudindo tapetes fora da casa, a esfregar soleiras, enquanto as mães faziam compras. Juro que vou soluçar de inveja se continuar a pensar neles, destroçados por bombas ou algo assim.

Fräulein Engel tornou a espiar por cima do ombro e pediu para eu parar de escrever “fascistas idiotas”, pois acredita que o Hauptsturmführer von Linden não irá gostar disso. Acho que ela tem certo medo do Capitão von Linden (quem a culpará?) e acho ainda que Scharführer Thibaut também tem.

LOCALIZAÇÃO DOS CAMPOS DE POUSO BRITÂNICOS

Não posso crer realmente que precisem de mim para lhes contar que o aeródromo Catton Park fica em Ilsmere Port, pois nos últimos dez anos tem sido o mais movimentado do norte da Inglaterra. Lá constroem aviões. Antes da guerra, fora um elegante aeroclube civil e ainda, por anos, uma base da *Royal Air Force*. O esquadrão local da RAF vinha pilotando bombardeiros daquele campo desde 1936. Seu palpite é tão bom quanto o meu, melhor até, quanto ao seu uso atual (não duvido que esteja cercado de barreiras de balões e artilharia antiaérea). Quando Maddie parou lá naquela manhã de sábado, passou certo tempo arregalando os olhos feito boba (segundo suas palavras), primeiro para o estacionamento, que tinha a maior coleção de carros caros que já vira em um lugar, e depois para o céu, que tinha a maior coleção de aviões. Ela se encostou à cerca para observar. Após alguns minutos, percebeu que a maioria dos aviões parecia voar em certo padrão, revezando-se nos pousos e rugindo para cima novamente. Meia hora mais tarde, ela ainda assistia e podia dizer que um dos pilotos era novato porque seu avião sempre saltava cerca de dois metros no ar depois de tocar o solo, antes de pousar corretamente; outro praticava manobras

acrobáticas totalmente insanas; um terceiro ainda dava carona para pessoas — uma volta ao redor do aeródromo, cinco minutos no ar, de volta ao solo, entregue seus dois xelins e favor passar os óculos de proteção para o próximo cliente.

Era um lugar impressionante naquela época de paz inquieta, quando pilotos civis e militares se revezavam para usar a pista, mas Maddie estava determinada e seguiu as indicações para o aeroclube. Encontrou a pessoa que procurava por acaso — facilmente, até, pois Dympna Wythenshawe era a única pessoa ociosa no campo, vagando sozinha por um longo corredor de cadeiras desbotadas enfileiradas diante da sede do clube de pilotos. Maddie não a reconheceu. Ela não parecia nada com a foto glamourosa de polícia do jornal ou a vítima inconsciente de capacete daquele domingo passado, quando Maddie a deixou. Dympna tampouco reconheceu Maddie, mas perguntou com jovialidade:

— Gostaria de dar uma volta?

Seu sotaque culto demonstrava dinheiro e posição. Um pouco como o meu, sem a pronúncia gutural escocesa. Provavelmente não tão privilegiado como o meu, mas com mais dinheiro. De qualquer modo, de imediato fez Maddie se sentir uma serviçal.

— Procuro por Dympna Wythenshawe — disse Maddie. — Só queria saber como ela está após a semana passada.

— Ela está bem. — A criatura elegante deu um sorriso agradável.

— Eu a encontrei! — Deixou escapar Maddie.

— Melhor impossível — disse Dympna, oferecendo uma mão lânguida e pálida como lírio, que certamente nunca trocara um filtro de óleo (minhas mãos brancas como lírio trocaram, espero que saibam, mas apenas sob rigorosa supervisão). — Melhor impossível. Ela sou eu.

Maddie apertou a mão.

— Sente-se — disse Dympna, arrastado (imaginem que ela sou eu, crescida em um castelo, educada em internato suíço, mas muito mais alta e que não choraminga o tempo todo). Acenou para as cadeiras vazias. — Há espaço de sobra.

Estava vestida como se estivesse em um safári, com intenção de ser glamourosa mesmo ali. Dava aulas particulares e fazia passeios recreativos. Ela era a única mulher piloto no aeródromo, certamente, a única instrutora.

— Quando meu querido Puss Moth estiver consertado, vou te levar em um voo — ofereceu a Maddie, e esta, nada calculista, perguntou se poderia ver o avião.

Eles o haviam desmontado e o levado para a casa de Highdown Rise. Agora uma equipe de rapazes e homens em macacões gordurentos trabalhava para montá-lo novamente em uma

das oficinas dentro dos galpões altos. O lindo motor do Puss Moth (esta é Maddie falando, ela é um pouco louca) tinha apenas METADE DA POTÊNCIA da moto de Maddie. Tiravam pedaços de capim dele com escovas de aço. Jazia sobre um oleado quadrado, em milhares de peças brilhantes. Maddie soube imediatamente que tinha ido ao lugar certo.

— Oh, posso olhar? — Disse ela. Dympna, porém, que nunca sujou as mãos, nem conseguia dizer o nome de cada cilindro e válvula no chão, deixou Maddie pintar um trecho do tecido novo (sobre a fuselagem, que ela tinha furado) com uma mistura de gosma plástica chamada “droga”, que tinha cheiro de cebola em conserva. Passada uma hora e com Maddie ainda lá, perguntando para que serviam todas as peças do avião e seus nomes, os mecânicos lhe deram uma escova de metal e a deixaram ajudar.

Maddie contou que, depois disso, sempre se sentiu muito segura ao voar no Puss Moth de Dympna, por ter ajudado, ela mesma, a montar o motor novamente.

— Quando vai voltar? — Dympna quis saber enquanto tomavam canecas gordurosas de chá, quatro horas mais tarde.

— É muito longe para visitar com frequência — confessou Maddie, com tristeza. — Moro em Stockport. Ajudo meu avô no escritório durante a semana, e ele paga a minha gasolina, mas não posso vir aqui todo fim de semana.

— Você é a garota mais sortuda do mundo — declarou Dympna. — Assim que o Puss Moth voltar a voar, vou mudar meus dois aviões para o novo aeródromo em Oakway. É bem próximo à Fiação Ladderal, onde sua amiga Beryl trabalha. Haverá uma grande festa de gala em Oakway no próximo sábado, para a abertura oficial do aeródromo. Eu a pegarei e poderá ver tudo do estande do piloto. Beryl pode vir junto também.

Esses são os dois aeródromos que localizei para vocês.

Estou ficando um pouco trêmula, pois ninguém me deixou comer ou beber desde ontem e estou escrevendo há nove horas. Então, agora, vou arriscar e atirar este lápis na mesa e dar um belo uivo.

Esta caneta não funciona. Desculpe, borrões de tinta. Isto é teste ou punição? Quero o meu lápis de volta.

[Observação para o SS-Hauptsturmführer Amadeus von Linden, traduzida do alemão]

A oficial de voo inglesa diz a verdade. A tinta dada a ela era muito espessa para usar e empedrava na ponta da caneta. Já foi diluída e estou testando aqui para confirmar que é aceitável para a escrita.

Heil Hitler!

SS-Scharführer Etienne Thibaut

Seu ignorante calhorda Quisling, SS-Scharführer Etienne Thibaut, SOU ESCOCESA.

Os comediantes Laurel e Hardy, isto é, o saliente sargento Thibaut e a guarda-feminina-de-serviço Engel, têm se divertido muito às minhas custas devido à tinta inferior dada por Thibaut para eu escrever. Ele tinha que diluí-la com querosene, não é? Ele se irritou quando reclamei sobre a tinta e pareceu não acreditar sobre a caneta entupida, então fiquei muito transtornada quando ele saiu e voltou com um litro de querosene. Ao entrar com a lata, percebi de imediato o que era e a Srta. E. teve que jogar um jarro de água na minha cara para interromper minha histeria. Agora, sentada do lado oposto da mesa, acende e reacende o cigarro e sacode fósforos na minha direção para me fazer saltar, rindo ao fazê-lo.

Ontem à noite, ela estava ansiosa, porque achou que eu não desembuchei fatos suficientes que me caracterizassem um pouco como Judas. Mais uma vez, penso que ela se preocupava com a reação de von Linden, por ser ela quem lhe traduz aquilo que escrevo. Afinal, ele definiu isso como uma “visão interessante da situação na Grã-Bretanha a longo prazo” e uma “curiosa perspectiva individual” (enquanto conversamos, ele testou um pouco o meu alemão). Também acho que ele espera que eu delate algo do *Monsieur* Laurel e de *Mademoiselle* Hardy. Ele não confia em Thibaut por ele ser francês, e não acredita em Engel por ela ser mulher. Eles devem me dar água durante o dia todo, enquanto escrevo (para

beber, assim como para prevenir histeria), além de um cobertor. Por um cobertor em meu pequeno quarto frio, SS-Hauptsturmführer Amadeus von Linden, eu delataria sem remorso nem hesitação meu heroico ancestral William Wallace, guardião da Escócia.

Sei que os outros prisioneiros me desprezam. Thibaut me levou para... não sei como chamam isso, quando sou obrigada a assistir, seria instrução? Para me lembrar do quanto sou afortunada, talvez? Após meu ataque de ontem, quando parei de escrever e, antes que eu pudesse comer, no trajeto de volta à minha cela, o Scharführer Thibaut me fez parar e assistir mais uma vez ao interrogatório de Jacques. (Não sei seu nome real; Jacques é como cidadãos franceses chamam uns aos outros no livro *Um conto de duas cidades*[\[2\]](#) e parece apropriado.) O rapaz me odeia. Tampouco faz diferença que eu também fique seguramente amarrada na cadeira com fios de piano ou algo assim e engasgue com soluços por ele, desviando o olhar o tempo inteiro, exceto quando Thibaut segura a minha cabeça no lugar. Jacques sabe, todos sabem, que eu sou a colaboradora, a única covarde entre eles. Ninguém mais entregou uma única parte de código, o que dizer de ONZE CONJUNTOS, para não mencionar uma confissão escrita. Ele cospe em mim enquanto o arrastam para fora.

— Sua merdinha escocesa.

Parece tão bonitinho em francês, *p'tit morceau de merde écossaise*. Sozinha, provoquei a queda da Aliança Auld, de 700 anos, entre a França e a Escócia.

Há outro Jacques, uma garota, que assobia *Scotland the Brave*[\[3\]](#) quando passamos uma pela outra (minha cela é uma antecâmara da sala que usam para interrogatórios). Pode ser ainda algum outro hino de batalha associado com meu patrimônio. E ela também cospe. Todos me detestam. Não é o mesmo ódio que sentem por Thibaut, o traidor Quisling, que é compatriota e trabalha para o inimigo. Também sou um inimigo, deveria ser um deles. Mas estou acima do desprezo. Uma merdinha escocesa.

Não acham que lhes dar alguém para desprezar os fortalece? Veem que choramingo no canto e pensam: “*Mon Dieu*. Jamais me permita ser como ela”.

A GUARDA CIVIL AÉREA (ALGUNS NÚMEROS)

Esse título parece terrivelmente oficial. Já me sinto melhor. Como um pequeno judas adequado.

Suponha ser uma garota em Stockport, em 1938, criada por avós amorosos e tolerantes, muito obcecada por motores. Suponha que decidiu que gostaria de aprender a pilotar: pilotar de verdade. Gostaria de pilotar aviões.

Um curso de três anos com o Serviço de Treinamento Aéreo teria custado mais de mil libras. Não sei quanto o avô de Maddie teria ganhado um ano antes. Seu negócio de motocicletas ia bastante bem, como disse; não tanto durante a Depressão, mas ainda assim, pelos padrões da época, todos considerariam que tinha um bom nível de vida. De qualquer forma, teria custado a maior parte dos ganhos anuais pagar para Maddie um ano de aulas de pilotagem. Ela conseguiu seu primeiro voo de graça, uma hora de passeio no Puss Moth restaurado de Dymrna, em uma noite clara e gloriosa de verão, de vento fresco e luminosidade boa, quando viu as Pennines de cima pela primeira vez. Beryl veio junto para o passeio, por ter se envolvido no salvamento de Dymrna tanto quanto Maddie, mas teve que sentar no fundo e não conseguiu ver tão bem, além de ter vomitado dentro da bolsa. Ela agradeceu a Dymrna, mas nunca voltou para outro voo.

E, é claro, aquilo foi um passeio, não uma lição. Maddie não conseguia pagar as aulas, mas tratou o aeródromo de Oakway como se fosse dela. Oakway ficou alinhado com sua paixão por aviões; queria brinquedos maiores e *voilà*, uma semana depois, lá estava Oakway. Ficava a apenas quinze minutos de moto de sua casa. O aeródromo era tão incrivelmente novo que os mecânicos de lá ficavam felizes por ter ajuda extra — e capaz — à disposição. Naquele verão, Maddie ficou ocupada todos os sábados, arrumando motores, envernizando asas e fazendo amigos. Então, em outubro, inesperada e repentinamente, sua persistência foi recompensada. Foi quando nós começamos a Guarda Civil Aérea.

Quando digo “nós”, refiro-me à Grã-Bretanha. Todos os aeroclubes do reino tomaram parte e milhares de pessoas se inscreveram nos treinamentos de pilotagem grátis! — mas só cerca de dez por cento delas conseguiam ser aprovadas. E apenas uma em cada vinte era mulher. Mas Maddie teve sorte novamente, pois todos os engenheiros, mecânicos e instrutores em Oakway a conheciam e gostavam dela agora. Ela recebeu ótimas recomendações por ser rápida e empenhada e saber tudo sobre os níveis de óleo. De imediato, ela não foi muito melhor que qualquer outro piloto que treinava em Oakway com a Guarda Civil Aérea. Tão pouco era pior. Fez o primeiro voo, sozinha, na primeira semana do ano novo, entre flocos de neve.

Observem, porém, a sequência. Maddie começou a pilotar no final de outubro de 1938... Hitler (você notarão que pensei melhor sobre os abundantes termos descritivos para o Führer e os risquei com cuidado) invadiu a Polônia em 1º de setembro de 1939 e a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha dois dias depois. Maddie fez o teste prático para sua licença “A”, a básica para pilotos, seis meses antes de as aeronaves civis serem confinadas ao solo, em agosto. Depois disso, a maioria desses aviões foi tomada para servir ao

governo. Os dois modelos que pertenciam a Dymrna foram requisitados pelo Ministério da Aeronáutica para comunicações, e ela ficou revoltada por isso.

Dias antes de a Grã-Bretanha declarar guerra à Alemanha, Maddie voou sozinha para o outro lado da Inglaterra, roçando os topos das Pennines e evitando as barragens de balões como muros de prata, protegendo o céu em torno de Newcastle. Seguiu a costa norte até Bamburgh e Holy Island. Conheço aquele trecho do Mar do Norte muito bem porque é o caminho feito pelo trem de Edimburgo a Londres, que eu ia e voltava o ano inteiro quando estava na escola. Então, quando a escola fechou pouco antes da guerra, em vez de concluir os estudos em outro lugar, fui repentinamente para a universidade para apenas um semestre, e também tomei o trem, sentindo-me muito adulta.

A costa de Northumberland é a extensão mais bela da viagem inteira. O sol ainda se põe bem tarde no norte da Inglaterra, em agosto, e Maddie, nas asas de tecido, voou baixo sobre as longas areias de Holy Island, onde viu as focas reunidas. Passou por cima dos grandes penhascos do castelo de Lindisfarne e Bamburgh, ao norte e ao sul, e sobre as ruínas do convento do século 12, sobre todos os campos que se estendem amarelos e verdes em direção às baixas colinas Cheviot da Escócia. Maddie voltou seguindo os 113 quilômetros da coluna do dragão do Muro de Adriano, de dois mil anos, até Carlisle e, então, para o sul de Lakeland Fells, ao lado do lago Windermere. As montanhas se erguiam ao seu redor e as águas dos poetas brilhavam abaixo dela nos vales de memória — anfitriões de narcisos dourados, *Swallows and Amazons*[\[4\]](#), Peter Rabbit. Voltou para casa por Blackston Edge, acima da velha estrada romana, para evitar a neblina de fumaça sobre Manchester e pousou de volta em Oakway, soluçando de angústia e amor. Amor por sua ilha natal, que vira inteira e frágil do ar no período de uma tarde, de costa a costa, segurando a respiração em uma lente de vidro de verão e brilho do sol. Tudo prestes a ser engolido em noites de chamas e blecaute. Maddie aterrisou em Oakway antes do pôr do sol e desligou o motor; então ficou na cabine, chorando.

Mais que todo o resto, creio que Maddie tenha ido à guerra pelas focas da Holy Island.

Finalmente, saiu do Puss Moth de Dymrna. O sol tardio e baixo iluminava os outros aviões no hangar que Dymrna utilizava, brinquedos caros prestes a efetuar seu melhor momento (em menos de um ano, esse mesmo Puss Moth, pilotado por outro, transportaria encomendas de sangue para a ofegante Força Expedicionária Britânica, na França). Maddie verificou tudo o que normalmente olhava após um voo e, então, reiniciou as checagens que faria antes de uma nova viagem. Dymrna a encontrou lá, meia hora mais tarde, não tendo ainda guardado o avião, limpando os mosquitos do para-brisa na dourada luz da tarde.

— Você não tem que fazer isso.

— Alguém precisa. Eu não o pilotarei novamente, não é? Não após amanhã. Então, é a única coisa que posso fazer, verificar o combustível, limpar os mosquitos.

Dympna fumava calmamente à luz do entardecer e observou Maddie por um tempo. Então disse: — Haverá trabalho aéreo para garotas nesta guerra. Aguarde. Precisarão de todos os pilotos que puderem para lutar pela Royal Air Force. Serão homens jovens, alguns com menos treinamento que você, Maddie. Sobrarão os velhos e as mulheres para entregar novos aviões, transportar mensagens e taxiar pilotos. Seremos nós.

— Você acha?

— Há uma unidade em formação para pilotos civis para ajudar o Esforço de Guerra. É o ATA—Air Transport Auxiliary[5], para homens e mulheres. Acontecerá um dias desses. Meu nome está na lista; Pauline Gower encabeça a seção feminina.

Pauline era uma amiga de voos de Dymnpa e havia encorajado seu negócio de passeios de avião. — Você não tem qualificações para isso, mas não a esquecerei, Maddie. Quando reabrirem o treinamento para garotas, envio um telegrama. Você será a primeira.

Maddie esfregou os mosquitos e coçou seus olhos também, infeliz demais para responder.

— Quando se cansar do trabalho, vou preparar uma caneca do melhor chá gorduroso para pilotos de Oakway e amanhã de manhã vou enviá-la para o mais próximo escritório de recrutamento da WAAF.

WAAF é Women's Auxiliary Air Force[6], que ajuda a RAF, a Royal Air Force. Não se pilota lá, mas do modo que as coisas estão, pode-se assumir quase qualquer tarefa que os homens fazem, todo trabalho associado com pilotar e combater: eletricista, técnico, montador, operador de balões de barragem, motorista, cozinheiro, cabeleireiro... Vocês teriam imaginado que a nossa Maddie pegaria um emprego como mecânica, não é? Tão no início da guerra, eles não haviam ainda aberto essas vagas para mulheres. Não importava que Maddie tivesse muito mais experiência que muitos rapazes; não havia lugar para ela. Mas já aprendera código Morse e um pouco de rádio transmissão como parte do treinamento para a licença “A” de piloto. O Ministério da Aviação estava em pânico em agosto de 1939, disputando mulheres para o trabalho com rádio, já que perceberam que precisariam de muitos homens para pilotar. Maddie se juntou à WAAF e acabou se tornando uma radiotelegrafista.

ALGUMAS TAREFAS DA WAAF

Era como estar na escola. Não sei se Maddie também achou; ela não frequentou um internato suíço, foi para uma escola normal em Manchester e com certeza jamais pensou em frequentar a universidade. Mesmo quando estava na escola, vinha para casa todo dia e nunca teve que compartilhar um quarto com vinte garotas ou dormir em um colchão de palha composto de três fardos, como um conjunto de almofadas de sofá. Nós os chamamos de “biscoitos”. Você estava sempre tão cansada que não se importava; cortaria minha mão esquerda fora para ter um aqui. O exigente *kit* de inspeção que nos mandavam fazer, onde precisava deixar todos os pertences mundanos, em ordem aleatória, porém específica, sobre o cobertor dobrado, como um quebra-cabeça, e se alguma coisa estivesse um milímetro errada, descontavam pontos — aquilo era exatamente como a escola. Também todas as gírias, os repetidos exercícios de flexão, as refeições chatas e os uniformes, embora o grupo de Maddie não tivesse roupas apropriadas de início. Todas usavam cardigãs azuis combinando, como guias (guias não usam cardigãs azuis da Força Aérea, mas acho que me entenderam).

Maddie estava alocada em Oakway no começo, muito próximo de casa. Era final de 1939, início de 1940. A Falsa Guerra. Nada de mais acontecia.

Pelo menos, não na Grã-Bretanha. Roíamos unhas, praticávamos.

Esperávamos.

TELEFONISTA

— Você! Garota do cardigã azul!

Cinco garotas com fones de ouvido viraram-se para trás dos painéis, apontaram para o próprio peito silenciosamente: Eu?

— Sim, você! Aeronauta Brodatt! O que você está fazendo aqui? Você é uma radiotelegrafista licenciada!

Maddie apontou para seu fone de ouvido e o cabo que estava para conectar.

— Tire esta maldição e me responda.

Maddie tornou a encarar o painel e conectou tranquilamente o cabo. Ela alternou as chaves apropriadas e falou claramente no microfone. — O capitão do grupo está conectado agora, senhor. O senhor pode falar. — Ela tirou o fone de ouvido e virou-se para o ogro que esperava uma resposta. Era o chefe dos instrutores de voo do esquadrão da Royal Air Force em Oakway, o homem que aplicara em Maddie seu teste de voo há quase um ano.

— Desculpe, senhor! Fui designada para ficar aqui, senhor. (Eu disse que era como estar na escola.)

— Designada! Nenhuma de vocês sequer está de uniforme!

Cinco diligentes Aeronautas de Primeira Classe ajeitaram seus cardigãs azuis da Força Aérea.

— Não nos foi dado o uniforme completo, senhor.

— Designada! — Repetiu o oficial. — Você começará na sala de rádio amanhã, Aeronauta Brodatt. O assistente do operador está fora, com gripe. Ergueu o fone de ouvido de seu console para empoleirá-lo precariamente sobre a cabeça grande. — Me ligue com o administrador de unidade da WAAF — exigiu. — Quero conversar com o oficial de sua seção.

Maddie ligou as chaves, conectou os cabos, e ele deu suas ordens de alocação pelo telefone dela.

RADIOTELEGRAFISTA

— Aprendiz para a base, aprendiz para a base — veio o chamado da aeronave de treinamento. — Posição incerta, corpo de água triangular ao alto a leste do corredor.

— Base para aprendiz — respondeu Maddie. — É um lago ou reservatório?

— Repita.

— Lago ou reservatório? Seu corpo triangular de água.

Após um breve silêncio, Maddie ajudou: — Um reservatório tem uma barragem em um dos cantos.

— Aprendiz para a base. Afirmativo, reservatório.

— É o Ladyswell? Balões de barragem de Manchester a dez horas e Macclesfield a oito horas.

— Aprendiz para base, afirmativo. Posição localizada. Acima de Ladyswell para o retorno a Oakway.

Maddie suspirou. — Base para aprendiz, chame na aproximação final.

— Chamarei.

Maddie balançou a cabeça, xingando pesado em voz baixa.

— Oh, mãezinha! Visibilidade ilimitada! Visibilidade ilimitada exceto pela grande cidade suja a noroeste! Essa seria a enorme cidade suja cercada, a quase três mil pés de altura, por poucas centenas de balões prateados de hidrogênio tão grandes quanto um ônibus! Como, cargas-d'água, ele encontrará Berlim, se não consegue achar Manchester?

Houve um breve silêncio na sala de rádio. Então, o oficial supervisor de rádio disse delicadamente: — Aeronauta Líder Brodatt, você ainda está transmitindo.

— Brodatt, pare lá.

Mandaram Maddie e todos os outros irem para casa. Ou voltar para suas várias barracas e alojamentos, de qualquer modo, para um descanso da tarde. Foi um dia de tempo tão terrivelmente ruim que as luzes da rua teriam sido acesas não fosse o medo de um avião inimigo vê-las, apesar de que aeronaves inimigas também teriam dificuldade em voar em tal escuridão. Maddie e as outras WAAFs do alojamento ainda não tinham uniformes apropriados, mas como era inverno, lhes foram dados sobretudos da RAF — masculinos. Quentes e impermeáveis, mas ridículos. Como vestir uma barraca. Maddie agarrou o seu com força dos lados quando o oficial falou com ela, em pé e esperando parecer mais elegante do que se sentia. Ela parou para que ele pudesse alcançá-la, esperando nas grades de proteção colocadas sobre o anteparo de concreto, pois havia tanta água parada por cima que, se pisasse em uma poça, a água cobriria os sapatos.

— Foi você quem instruiu como pousar os meus rapazes em treinamento no bombardeiro Wellington esta manhã? — O oficial quis saber.

Maddie engoliu em seco. Ela desprezara o protocolo de rádio ao guiar aqueles rapazes, mexendo com eles durante um espaço de dez minutos em uma nuvem baixa, rezando para que seguissem suas instruções sem questionar e que não os estivesse guiando direto para os cabos de aço equipados com explosivos, que seguravam os balões de barragem, destinados a impedir aeronaves inimigas. Agora ela reconhecia o oficial: era um dos líderes do esquadrão.

— Sim, senhor — admitiu, rouca, o queixo erguido. O ar estava tão úmido que fazia os cabelos grudarem na testa. Esperou, sentindo-se infeliz, pensando que seria citada para corte marcial.

— Aqueles rapazes bem que lhe devem suas vidas — disse a Maddie. — Nenhum sabe ler instrumentos ainda, nem voar sem mapa. Não deveríamos tê-los deixado decolar.

— Obrigada, senhor — engasgou Maddie.

— Aqueles rapazes estavam te elogiando. Isso me fez pensar: você tem ideia da aparência de uma pista de pouso vista do ar?

Maddie deu um sorriso leve. — Tenho uma licença “A” de piloto. Ainda válida. É claro que não voou desde agosto.

— Entendo!

O líder do esquadrão da RAF partiu para acompanhar Maddie até a cantina no perímetro do aeródromo. Ela teve que se apressar um pouco para acompanhar seu passo.

— Tirou sua licença aqui em Oakway, não foi? Guarda Civil Aérea?

— Sim, senhor.

— Avaliação de instrutor?

— Não, senhor. Não, mas já pilotei à noite.

— Puxa, isso é incomum! Usou a linha da névoa, não foi?

Ele quis dizer as fortes lâmpadas a gás que bordejam a pista, dos dois lados, em intervalos, que possibilitam o pouso em clima ruim.

— Duas ou três vezes. Não com frequência, senhor.

— Então você já viu a pista de pouso do ar. E no escuro também! Bem...

Maddie aguardou. Ela não tinha ideia alguma do que esse homem diria a seguir.

— Se você for instruir pessoas a aterrissar, caramba, seria melhor conhecer a aparência da vista frontal da cabine de um bombardeiro Wellington, em configuração de pouso. Gostaria de voar em um Wellington?

— Ai, sim, por favor, senhor!

(Veem só? Foi exatamente como em uma escola.)

PONTO

Essa não é uma posição na WAAF. É como chamam quando você vai junto em uma aeronave apenas pelo passeio, sem contribuir realmente para um voo bem-sucedido. Talvez Maddie fosse mais uma motorista de assento traseiro do que ponto.

— Não acho que tenha reinicializado o giroscópio.

— Ele disse direção 270. Você virou para o leste.

— Olhem com atenção, rapazes, aeronave ao norte, posição a três horas, cerca de mil pés abaixo.

Uma vez, o trem elétrico de aterrissagem falhou e ela teve que se virar e entrar no bombeamento manual para que não colidissem contra o solo. Certa vez, deixaram que ela ficasse na torreta de artilharia. Ela adorou aquilo, como um peixinho dourado, sozinha no céu vazio.

Outra vez, tiveram que içá-la para fora do avião após o pouso, pois tremia tanto que não conseguia descer a escada sozinha.

Os passeios de Maddie no Wellington não eram exatamente clandestinos, tão pouco

triviais. Ela era incluída entre as S.O.B.[\[7\]](#) — *Souls On Board* — quando os rapazes decolavam, mas certamente ela não tinha autorização para influenciar a tripulação novata do bombardeiro, conforme praticavam voos rasantes sobre as altas charnecas. Assim, várias pessoas em serviço e de folga envolvidas saltaram dos escritórios e das casas de chá masculinas e femininas, sem casacos, pálidos, ao verem os colegas de Maddie da RAF erguendo-a nos braços em uma cadeira e cruzando a pista.

Uma colega sua da WAAF, chamada Joan, e o líder culpado do esquadrão, a alcançaram antes.

— Qual é o problema? O que aconteceu? Ela está ferida?

Maddie não estava ferida. Já estava importunando a tripulação do Wellington, que a carregava para colocá-la no chão.

— Se afastem, todos verão, as meninas jamais me deixarão esquecer...

— O que aconteceu?

Maddie lutou para ficar em pé e permaneceu tremendo no concreto.

— Atiraram em nós — contou ela e desviou o olhar, queimando de vergonha por quanto aquilo a afetara.

— Atiraram em vocês! — Esbravejou o líder do esquadrão. Era primavera de 1940, a guerra ainda se concentrava na Europa. Foi antes do desastroso maio, quando os aliados fugiram, retirando-se para as praias francesas, antes do cerco que foi a Batalha da Grã-Bretanha, antes do trovão e chamas encherem as noites de Blitz. Na primavera de 1940 nossos céus estavam em alerta, armados e inquietos. Mas ainda eram seguros.

— Sim, atiraram — ecoou o piloto do Wellington, furioso. Ele também estava tão pálido quanto giz. — Foram aqueles idiotas da artilharia antiaérea na barragem de balões de Cattercup. Por nossos próprios artilheiros. Que maldito está treinando eles? Filhos da mãe idiotas! Desperdiçando munição e deixando todos com o coração na mão! Qualquer garoto de escola sabe a diferença entre um charuto voador e um lápis voador!

(Chamamos por brincadeira os Wellingtons de “charutos voadores” e os terríveis Dorniers de “lápiz voadores”. Divirta-se traduzindo, Srta. E.)

O piloto ficara tão assustado quanto Maddie, mas não tremia.

Joan abraçou Maddie, confortando-a e a aconselhou, sussurrando, a não prestar atenção à linguagem do piloto. Maddie forçou uma risadinha amarela.

— Nem sentada na torreta eu estava — resmungou. — Graças a Deus eu não vou pilotar para a Europa.

RAMO DE SINAIS

— O tenente de aviação Mottram assinou nossos méritos — contou a oficial da seção da WAAF de Maddie. — Ele diz que você tem o par de olhos mais aguçado de Oakway — a oficial ergueu os olhos. — Provavelmente um pouco exagerado, mas ele disse que, em voo, você é sempre a primeira a perceber outra nave se aproximando.

— O que acha de um treinamento extra?

— Em quê?

A oficial de seção tossiu, desculpando-se. — É meio secreto. Bem... muito secreto. Diga que sim e eu a enviarei para o curso.

— Sim — respondeu Maddie.

Para esclarecer um comentário feito anteriormente, confesso que estou inventando todos os nomes próprios. Acharam que eu lembraria de todos os nomes e patentes com quem Maddie já trabalhou? Ou cada avião que já tenha pilotado? Acho mais interessante assim.

Isso é tudo de útil que consigo escrever hoje, mas continuaria a tagarelar sobre nada se achasse que, desse modo, poderia evitar as próximas horas de interrogatório cruzado — Engel brigando com minha letra e von Linden procurando furos em tudo o que digo. Deve ser feito... não adianta protelar. Tenho um cobertor me aguardando, espero, talvez um prato morno de *kailkenny à la guerre* — isto é, repolho com purê de batatas sem batata e com pouco repolho. Não estou com escorbuto ainda, graças ao enorme fornecimento de repolhos franceses à prisão. Yo-ho-ho...

RAF WAAF RDF Y

S.O.B. S.O.E.

Oficial assistente de segurança /oficial de voo

w/op

clk/sd

m'aidez m'aidez mayday[\[8\]](#)

DEFESA COSTEIRA

De fato, estou com medo de escrever isso.

Não sei por que acho ser importante. A batalha da Grã-Bretanha já acabou. A invasão planejada por Hitler, Operação Leão-Marinho, fracassou há três anos. E logo ele estará lutando uma guerra desesperada em dois *fronts*, com os norte-americanos atrás de nós e os russos cercando Berlim do leste, além da resistência organizada em todos os países no meio. Não posso acreditar que seus assessores já não saibam o que ocorreu nas cabanas improvisadas de ferro e concreto acima e abaixo da costa sudeste da Inglaterra no verão de 1940 — de qualquer modo, de forma geral.

Não quero realmente entrar em minúcias da história, como alguém que passou os detalhes.

RDF é *Range and Direction Finding*[\[9\]](#), o mesmo acrônimo que *Radio Direction Finding*[\[10\]](#), para confundir o inimigo, mas não é exatamente a mesma coisa. Como vocês devem saber. Bem... Agora, o chamam de Radar, uma palavra americana, acrônimo de RAdio Detection And Ranging[\[11\]](#), que não creio ser mais fácil de memorizar. No verão de 1940, ainda era tão novo que ninguém sabia o que era, e tão secreto que...

Minha nossa! Não posso fazer isso.

Dei vexame por meia hora, enquanto brigava com a Fräulein Engel sobre a ponta da caneta, que eu juro não ter entortado de propósito da primeira vez. É verdade que isso me poupou de ter que continuar a escrever por um bom tempo, mas não mudou as coisas, pois essa harpia a endireitou nos meus dentes, quando eu poderia tê-lo feito facilmente contra a mesa. É

verdade, ainda, que foi burrice minha entortá-la novamente, de propósito, no momento em que ela a deu para mim. Então, ela teve que mostrar DIVERSAS VEZES como, quando estava na escola, a enfermeira usava uma ponta de caneta para espetar o dedo para um exame de sangue.

Não sei por que entortei aquela coisa boba de novo. É tão fácil irritar a Srta. Engel. Ela sempre vence, mas só porque meus tornozelos estão atados à cadeira.

Bem, também porque ao final de cada discussão ela me lembra do acordo que fiz com certo oficial da Gestapo, e eu desabo.

— Hauptsturmführer von Linden é ocupado, como sabe, e não deseja ser interrompido. Mas me disseram para chamá-lo, se necessário. Deram-lhe caneta e papel, por ele ter julgado que estava disposta a cooperar com ele e se não quisesse escrever a confissão com a qual concordou, ele não terá escolha a não ser voltar a interrogá-la.

CALE-SE APENAS, ANNA ENGEL. EU SEI.

Eu farei qualquer coisa: ela tem apenas que mencionar seu nome e lembro agora. Farei qualquer coisa, qualquer coisa, para evitar que ele me interroge de novo.

Portanto. Verificação de Alcance e Direção. Defesa Costeira. Vou ganhar minhas trinta moedas de prata? Não, apenas mais deste papel de carta de hotel. Ele é bom para escrever.

DEFESA COSTEIRA, VERSÃO COMPLETA

Vimos chegando, alguém percebeu que se aproximavam. Estávamos um pouco à sua frente e vocês não notaram. Não perceberam o quanto o sistema RDF já era avançado, nem a rapidez com a qual treinávamos pessoas para usá-lo, ou a que distância podíamos enxergar com ele. Nem sequer desconfiavam com que velocidade construíamos novos aviões próprios. É verdade que estávamos em menor número, mas com o RDF os vimos chegando — os enxames de aviões da Luftwaffe. Mesmo ao deixarem suas bases na França ocupada, calculamos a altura que voavam, vimos quantos deles estavam na incursão. E isso nos deu tempo para nos reagrupar. Pudemos encontrá-los nos ar, derrotá-los e mandá-los de volta, evitar que pousassem, distraí-los até que seu combustível acabasse e, assim, vocês viraram as costas até a próxima onda. Nossa ilha sitiada, sozinha na extremidade da Europa.

Fizeram Maddie jurar segredo pela vida de seus filhos ainda não nascidos. É tão secreto que nem lhe dão um título quando você tem alguma relação com o Radar; chamam-lhe apenas de *special duties clerk*[\[12\]](#). *Clerk, Special Duties*, abreviando, clk/sd, como w/op para *wireless operator*[\[13\]](#) e Y para *wireless*[\[14\]](#). É possível que clk/sd seja a mais útil porcária

de informação que lhes passei. Agora vocês sabem.

Maddie passou seis semanas treinando com o Radar. Também lhe deram uma bela promoção e a tornaram uma oficial. Então, foi designada para Maidsend da RAF, uma base operacional para um esquadrão dos novos aviões de combate Spitfire, perto da costa de Kent, não tão distante de Canterbury. Foi o mais longe que ela jamais esteve de casa. Maddie não foi colocada exatamente para trabalhar na tela do Radar em uma das estações localizadoras, embora Maidsend tivesse uma; ela ainda ficava em uma sala de rádio. Em meio do fogo e fúria do verão de 1940, Maddie ficava em uma torre de ferro e concreto anotando posições por telefone. As outras garotas do RDF faziam o trabalho de identificação nas telas de vidro com as luzes verdes piscantes e o transmitiam por rádio ou telefone para Operações; quando Operações identificava um avião se aproximando, Maddie respondia as chamadas aéreas de rádio para a base, conforme a aeronave coxeava para casa. Ou, às vezes, rugindo para casa em triunfo, ou acabava de ser entregue do hangar de manutenção em Swi...

SWINLEY SWINLEY

Em Swinley. Thibaut me obrigou a escrever o nome inteiro. Estou tão envergonhada que acho que vou enjoar de novo.

Engel, impaciente, diz para não me importar com o nome da oficina. Houve repetidas tentativas de explodi-la com bombas, não é realmente um segredo. Engel tem certeza de que nosso Hauptsturmführer estará mais interessado em minha amostra de descrição da rede inicial do Radar. Agora, ela está irritada com as interrupções de T.

Eu odeio os dois. Odeio todos eles.

EU OS ODEIO.

DEFESA COSTEIRA, DROGA!

Idiota choramingão.

Então. Então, na tela do RDF se vê um ponto verde, que é um avião; um ou dois cruzando a tela. Podem ser nossos. Uma batalha se forma quando os pontos se multiplicam — novos se juntam aos primeiros, com a luz pulsante varrendo a tela. Alguns se agrupam, enquanto outros saem da tela, como chispas de brasa. E todo clarão verde que desapareceu é uma vida que se acabou, um homem por caça, uma tripulação inteira por bombardeiro. *Fora, fora, breve vela.* (Isso é de *Macbeth*. Ele é considerado outro de meus improváveis ancestrais, e de fato ficava com sua corte, de tempos em tempos, na propriedade de minha família. De

acordo com todos os relatos contemporâneos escoceses, ele não era o bastardo traiçoeiro que Shakespeare descreveu. Será que a história me lembrará para o meu MBE[15], minha honraria do Império Britânico pelo “cavalheirismo” ou por minha colaboração com a Gestapo? Não quero pensar nisso. Espero que possam retirar o MBE se você deixar de ser cavalheiresco.)

Se fossem equipados com rádio, Maddie poderia conversar com os aviões sobre o que os *special duties clerks* viam em suas telas. Transmitiria aos pilotos, mais ou menos, o que teria lhes dito lá em Oakway, só que não conhecia tão bem os pontos de referência em Kent. Passaria as posições para a aeronave em movimento, além da velocidade do vento e se havia ou não buracos na pista hoje (às vezes, éramos bombardeados). Ou diria para outros aviões darem prioridade para o que perdera seus *flaps*, ou cujo piloto tinha um caroço ou estilhaços alojados no ombro, ou algo assim.

Certa tarde, Maddie escutava soldados extraviados chegando após uma batalha que não envolvera o Esquadrão Maidsend. Ela quase caiu da cadeira quando ouviu o chamado desesperado que veio em sua frequência.

— *Mayday, mayday.*

Reconhecível em inglês. Ou talvez fosse francês: *M’aidez*, me ajude. O resto da transmissão era em alemão.

Era a voz de um garoto, jovem e assustado. Cada palavra terminava em um soluço. Maddie engoliu — não tinha ideia da origem dos angustiados gritos de socorro. Maddie chamou: — Ouçam, ouçam! — E ligou seu fone de ouvido no alto-falante Tannoy para que todos conseguissem escutar e, então, agarrou o telefone.

— É a Oficial Assistente de Seção Brodatt, na torre. Podem me ligar direto com a Jenny, na Special Duties? Tudo bem então, Tessa. Qualquer um com a tela ligada. Preciso de uma identificação para um chamado de rádio.

Todos se comprimiram ao redor do telefone, lendo, por cima dos ombros de Maddie, conforme ela tomava notas e encontrava a estação de localização da posição. Então, arfava alto assim que entendia o significado de suas anotações.

— Está se dirigindo diretamente para Maidsend!

— E se for um bombardeiro?

— E se ainda estiver carregado?

— E se for um engodo?

— Estaria chamando em inglês se fosse uma cilada!

— Alguém fala alemão? — Gritou o oficial em comando da sala de rádio. Silêncio.

— Jesus! Brodatt, fique no fone. Davenport, corra para a estação de rádio; talvez uma das garotas possa ajudar. Arranje alguém que fale alemão! Já!

Maddie escutava, com o coração saindo pela boca, segurando seu fone de ouvido em uma orelha e o telefone na outra, esperando a garota da tela de RDF lhe passar as novas informações.

— Psiu — avisou o oficial de rádio, debruçando-se sobre os ombros de Maddie e segurando o telefone para ela, para que ela pudesse ter a mão direita livre para anotar. — Não diga nada, não deixe que saiba quem está ouvindo...

A porta da sala de rádio se escancarou e o subordinado Davenport estava de volta, com uma das operadoras de rádio da WAAF bem atrás dele. Maddie ergueu os olhos.

A garota estava impecável, nem uma linha azul fora do lugar, seu coque de cabelo longo e enrolado com esmero, cinco centímetros acima do colarinho do uniforme. Maddie a reconheceu da cantina e das raras noites sociais. Chamavam-na de Queenie, embora não fosse a *Queen Bee*[\[16\]](#) oficial da WAAF (como era conhecida a oficial administrativa sênior da base) e esse nem fosse seu nome verdadeiro. Maddie não sabia qual era. Queenie ganhou certa reputação por ser rápida e destemida: ela desrespeitava oficiais superiores e sempre se safava disso mas, da mesma forma, não sairia de um prédio durante um ataque aéreo até se certificar que todos já estavam do lado de fora. Com parentesco longínquo com a realeza, ela tinha algum título, mais por privilégio do que por experiência, de oficial de voo; mas diziam que trabalhava com tanta diligência em seu aparelho de rádio quanto qualquer garota de loja que se fez sozinha. Era bonita, miúda e pé de valsa: se houvesse um baile do Esquadrão no sábado à noite, era ela quem os pilotos convidavam.

— Passe o seu fone de ouvido, Brodatt — disse o oficial de rádio. Maddie desenrolou os fones apertados e o microfone e passou-os para a bela radiotelegrafista loira, que os ajustou à cabeça.

Após alguns segundos, Queenie disse: — Ele está sobre o Canal da Mancha. Está procurando Calais.

— Mas Tessa afirma que ele se aproxima da costa em Whitstable!

— Está em um bombardeiro Heinkel, a tripulação foi morta, perdeu um motor e quer pousar em Calais.

Todos olharam para a radiotelegrafista.

— Tem certeza de que falamos sobre a mesma aeronave? — Duvidou o oficial de rádio.

— Tessa — disse Maddie, pelo telefone —, o avião alemão poderia estar sobrevoando o Canal?

Agora a sala inteira segurou a respiração, aguardando a resposta desencarnada de Tessa, de algum lugar abaixo dos penhascos de calcário, encarando os clarões verdes na tela. Sua resposta surgiu abaixo dos rabiscos a lápis de Maddie: “Ident. hostil, trajeto 187 40 km Maidsend, alt. estim 8.500 pés.”

— Por que diabos ele acredita estar sobre o Canal da Mancha?

— Ah! — Arfou Maddie, de repente, entendendo e acenou para o enorme mapa do sudeste da Inglaterra e noroeste da França e os Países Baixos, que cobria a parede atrás de seu rádio. — Olhem, olhem, ele está vindo de Suffolk. Bombardeou as bases costeiras de lá. Atravessou o estuário do Tâmesa em seu ponto mais largo e pensa ter atravessado o Canal! Está se dirigindo direto para Kent e acredita estar na França!

O oficial de rádio deu um comando para a radiotelegrafista.

— Responda para ele.

— Terá que me dizer o protocolo, senhor.

— Brodatt, passe-lhe o protocolo correto.

Maddie engoliu. Não havia tempo algum para hesitação. — O que ele disse estar pilotando? Que tipo de avião? Seu bombardeiro?

A radiotelegrafista disse, primeiro, o nome em alemão e eles a olharam sem entender. — He-111? — Traduziu ela, hesitante.

— Heinkel He-111. Qualquer outra identificação?

— Um Heinkel He-111. Ele não disse.

— Repita para ele apenas o tipo de seu avião, Heinkel He-111. É uma resposta aberta. Aperte este botão antes de falar e mantenha-o pressionado enquanto fala, senão ele não poderá ouvi-la. Então, solte quando acabar ou ele não conseguirá responder.

O oficial chefe de radiotransmissão esclareceu: — Heinkel He-111, aqui é Calais-Marck. Diga-lhe que somos Calais-Marck.

Maddie escutou a radiotelegrafista em sua primeira chamada de rádio, em alemão, tão calma e clara como se tivesse dado instruções por rádio para bombardeiros da Luftwaffe a vida inteira. A voz do rapaz da Luftwaffe respondeu em um arquejo de gratidão, praticamente soluçando de alívio.

A operadora de rádio se voltou para Maddie.

— Ele precisa de posições para aterrisar.

— Diga-lhe o seguinte — Maddie rabiscou números e distâncias em seu bloco de anotações. — Repita a identidade dele, e então a sua: Heinkel He-111, aqui é Calais. Depois, pista de pouso, velocidade do vento, visibilidade — disse, rabiscando anotações

furiosamente. A radiotelegrafista fixou o olhar nas abreviações codificadas, então falou no microfone, dando ordens em alemão, com calma confiante.

Fez uma pausa a meio caminho e apontou, com sua unha de manicure perfeita, o roteiro que Maddie lhe passara. Fez silenciosamente com a boca: — P-27?

— Pista vinte e sete — soprou Maddie. — Diga “desimpedida, em linha reta, pista 27”. Diga-lhe para despejar as bombas restantes no mar, se tiver alguma, para que não explodam quando pousar.

A sala inteira de rádio estava silenciosa, hipnotizada pelas instruções precisas e incompreensíveis que a elegante radiotelegrafista falava com autoridade descuidada de diretora; as respostas angustiadas, igualmente incompreensíveis, soluçadas do garoto no avião destruído e as instruções rabiscadas de Maddie e o protocolo de como passá-las, no bloco que afinava.

— Aí vem ele! — Exclamou o oficial chefe de rádio e todos, exceto Maddie e a radiotelegrafista, cujas cabeças estavam presas ao telefone e aos fones de ouvido, correram para a ampla janela para ver o bombardeiro Heinkel sacolejar à vista.

— Quando ele avisar a aproximação final, passe apenas a velocidade do ar — instruiu Maddie, rabiscando furiosamente. — Oito nós, oeste-sul-oeste, com rajadas para doze.

— Diga-lhe que os bombeiros estão a caminho para encontrá-lo — disse o oficial de rádio. Deu tapinhas no ombro de uma das operadoras de rádio. — Mande os caminhões para fora. E uma ambulância.

A silueta preta à distância cresceu. Então puderam ouvir o único motor sobrecarregado espocando e gemendo.

— Jesus! Ele está sem o trem de pouso — arfou o jovem oficial de voo chamado Davenport. — Isso será uma avaria dos diabos.

Mas não foi. O Heinkel se achatou com destreza sobre a barriga, espirrando grama e terra, e acabou parando bem diante da torre de controle, com os carros de bombeiros e bombas e uma ambulância berrando em seu encontro.

Todos à janela se precipitaram para baixo e para fora, até a pista.

Maddie colocou de volta seu microfone. As duas outras operadoras de rádio ficaram em pé junto à janela. Maddie se esforçou para ouvir o que acontecia e escutou sirenes apenas. Longe da janela, conseguiu ver o céu e a biruta ao final da pista de pouso, mas nada imediatamente abaixo dela. Um fio fino de fumaça negra ondulante subia, passando pela janela.

Fora, ao final da pista, Queenie, ou qualquer que fosse seu nome, fitava em pé os

destroços do bombardeiro da Luftwaffe.

Apoiado na barriga, parecia uma grande baleia metálica jorrando fumaça, em vez de água do mar. A radiotelegrafista podia ver, pelo *Plexiglas* rachado da cabine de comando, o jovem piloto desesperado tentando livrar o navegador morto do capacete quebrado e sangrento. Viu um enxame de montadores e a equipe de bombeiros se aproximarem para erguer o piloto e a tripulação sem vida do avião. E reconheceu o sincero alívio na face do piloto tornar-se espanto e apreensão assim que ele percebeu que estava, cada vez mais, cercado por uniformes azuis e listas e distintivos da Royal Air Force.

O oficial chefe de rádio lamentou baixinho atrás dela: — Pobre jovem Fritz sacana — entoou. — Não chegará em casa como herói, não é? Não deve ter a mínima noção de direção.

Colocou gentilmente a mão no ombro da operadora que falava alemão.

— Se não se importar — falou, desculpando-se — poderia nos ajudar a interrogá-lo.

Maddie estava saindo do turno quando os homens da ambulância terminaram, apressadamente, de fazer os curativos no piloto alemão e o trouxeram ao andar térreo da torre de controle. Vislumbrou o jovem atordoado bebericando devagar algo em uma caneca fumegante e um enfermeiro lhe acender um cigarro. Era agosto, ele estava enrolado em um cobertor, mas seus dentes ainda batiam. A bela radiotelegrafista loira estava empoleirada na borda de uma cadeira dura do outro lado da sala, educadamente desviando o olhar deste inimigo aflito e abalado. Ela fumava seu próprio cigarro, à espera de mais instruções. Parecia tão equilibrada e calma quanto estava ao tomar o fone de ouvido de Maddie na sala de rádio, mas Maddie podia vê-la casualmente esburacar o espaldar de sua cadeira com um indicador inquieto, cuidadosamente pintado.

Eu não conseguiria fazer o mesmo que ela, pensou Maddie. Não teríamos realizado esta captura sem ela. Não importa falar alemão; não teria conseguido fingir assim, de imediato, sem treinamento, nem nada. Provavelmente, também não seria fácil para mim lidar com o que ela terá que encarar agora, no interrogatório. Graças a Deus que eu não falo alemão.

Naquela noite, Maidsend sofreu outro ataque aéreo. Não tinha nada a ver com o bombardeiro Heinkel capturado; era apenas uma incursão comum, a Luftwaffe fazendo o pior para tentar destruir as defesas britânicas. Os alojamentos dos oficiais da RAF foram atacados e explodiram (não havia oficiais dentro deles naquela hora) e grandes buracos foram escavados nas pistas de pouso. As oficiais da WAAF estavam alojadas na cabana da portaria, nos limites das terras da propriedade que o aeródromo construiu. Maddie e suas

companheiras de beliche estavam dormindo tão profundamente que não ouviram as sirenes. Acordaram apenas após a primeira explosão. Atravessaram correndo, de pijamas e capacetes de metal, um bosque áspero até o abrigo mais próximo, com as máscaras de gás e cartões de identidade nas mãos. Não havia luz para enxergar, exceto a que vinha das explosões dos tiroteios e das chamas; não havia lâmpadas de rua, nem frestas com luz em qualquer porta ou janela, nem mesmo o brilho de uma ponta de cigarro. Era como estar no inferno, nada além de sombras, chamas e fogo saltando. E as estrelas acima.

Maddie agarrou um guarda-chuva. Máscara de gás, capacete metálico, cupons de racionamento e um guarda-chuva. O fogo do inferno chovendo sobre ela, vindo do céu, e ela o afastando com um guarda-chuva. Ninguém percebeu o que ela carregava, é claro, até que tentou passar pela porta do abrigo antiaéreo.

— Feche isso, feche essa porcaria. Largue isso!

— Não vou largá-lo! — Gritou Maddie, conseguindo enfiá-lo para dentro. A garota de trás empurrou e uma das meninas da frente agarrou-a pelos braços, puxou-a e então ficaram todas tremendo no subterrâneo escuro, com a porta fechada.

Algumas tiveram a presença de espírito de pegar seus cigarros. Elas os passaram a todas, compartilhando com parcimônia. Não havia um único rapaz por ali, os homens estavam alojados a cerca de 800 metros, do outro lado do campo de pouso, e usavam um abrigo diferente — aqueles que não se esgueiravam para dentro de um avião para contra-atacar. A garota com os fósforos encontrou uma vela e todas se ajeitaram para esperar.

— Traga o baralho, querida, vamos jogar uma partida de Rummykub.

— Rummy! Não seja mole. Pôquer. Apostaremos cigarrinhos. Caramba, abaixe esse guarda-chuva, Brodatt, está completamente maluca?

— Não — respondeu Maddie, calmamente.

Estavam todas acoradas no chão sujo, ao redor das cartas e pontas brilhantes de tabaco. Estava tão aconchegante quanto seria no inferno. Alguma coisa voando baixo metralhava a pista de pouso; mesmo enterradas no subterrâneo, quase a 400 metros de distância, as paredes de ferro do abrigo tremiam.

— Que bom que não estou de plantão agora!

— Que dó das pobres almas que estão.

— Posso compartilhar o seu guarda-chuva?

Maddie ergueu o olhar. Acorada ao seu lado, à luz trêmula da vela e uma lamparina, estava a pequena radiotelegrafista que falava alemão. Ela era uma visão da perfeição feminina e do heroísmo, mesmo na versão masculina dos pijamas regulares da WAAF, o

cabelo claro pendendo em uma trança solta sobre um ombro. Todas as outras soltavam grampos; os de Queenie marchavam em classificação ordenada para o bolso do pijama e não voltariam para o cabelo até que estivesse de volta na cama. Com os delgados e bem cuidados dedos, ofereceu a Maddie seu cigarro.

— Quem dera tivesse trazido um guarda-chuva — falou pausadamente com o tom educado e leve das faculdades Oxford-Cambridge. — Tive uma superideia! Uma ilusão portátil de abrigo e segurança. Há espaço para duas?

Maddie pegou o cigarro, mas não conseguiu se mexer de imediato. Maddie sabia que a doida da Queenie era dada a acessos de loucura, como roubar uísque de malte da bagunça dos oficiais da RAF. E tinha certeza de que qualquer pessoa atrevida o suficiente para personificar um operador de rádio inimigo, no calor do momento, era totalmente capaz de zombar de alguém que sempre caía no choro ao ouvir um disparo de revólver. Em um campo de pouso militar. Durante uma guerra.

Mas Queenie não parecia estar zombando de Maddie, ao contrário. Maddie se moveu um pouco, criando espaço para outro corpo abaixo do guarda-chuva.

— Maravilhoso! — Queenie gritou, feliz. — É como ser uma tartaruga. Deveria fazê-los de aço. Deixe que eu o seguro...

Gentilmente, tomou o cabo da mão trêmula de Maddie e segurou o guarda-chuva ridículo acima das duas cabeças dentro do abrigo. Maddie deu um trago do cigarro ofertado. Pouco depois de, alternadamente, roer unhas e fumar o cigarro emprestado até se tornar um pedaço de papel e cinzas, suas mãos pararam de tremer. Rouca, Maddie disse: — Grata.

— Sem problemas — respondeu Queenie. — Por que não joga esta rodada? Vou te cobrir.

— O que você fazia na vida civil? — Maddie disse, casualmente. — Atriz?

A pequena radiotelegrafista teve um acesso de risadas satisfeitas, ainda segurando firme o guarda-chuva sobre a cabeça de Maddie. — Não, apenas gosto de fingir — explicou. — Faço o mesmo com nossos rapazes, sabe? O jogo da paquera. Na verdade, sou um tédio. Estaria na universidade se não fosse a guerra. Não cheguei a terminar o primeiro ano.

— Cursando o quê?

— Alemão. Óbvio. Falavam alemão, ou melhor, uma variação estranha, na vila onde frequentei a escola na Suíça. E eu gostei.

Maddie riu. — Você foi mágica esta tarde. Realmente brilhante.

— Não teria feito sem você me orientando. Você foi brilhante também. Você estava bem ali quando precisei, nem uma palavra, nem uma indicação fora de lugar. Tomou todas as decisões; só tive que prestar atenção, e é o que faço o dia todo nos equipamentos de rádio,

de qualquer forma, rádio sem fio, sabe, só ouvir e ouvir. Nunca preciso executar nada. E tudo o que tive que fazer esta tarde foi ler o roteiro que me deu.

— Você teve que traduzir! — Maddie disse.

— Nós conseguimos juntas — disse a amiga.

As pessoas são complicadas. Muito mais do que imaginamos. Você vê alguém na escola todo dia, ou no serviço na cantina, compartilha um cigarro ou um café com tal pessoa e conversa sobre o clima ou sobre o ataque aéreo de ontem à noite. Mas não fala sobre a pior coisa que já disse para sua mãe na vida, ou sobre como fingiu ser David Balfour, o herói de *Raptado*, o ano inteiro, quando tinha treze anos. Ou ainda, sobre o que se imagina fazendo com o piloto que parece com Leslie Howard se estivesse sozinho, em seu beliche, após o baile.

Ninguém dormiu à noite após o ataque aéreo, nem no dia seguinte. Naquela manhã tivemos, nós mesmos, que recapear a pista de pouso. Não estávamos equipados para isso, não tínhamos ferramentas ou materiais, não éramos equipe de construção mas, sem uma pista de pouso, a RAF de Maidsend estava desprotegida. E a Grã-Bretanha também, em um contexto maior. Consertamos a pista.

Todos se emporcalharam, incluindo o alemão capturado; acho que estava apreensivo com seu destino como prisioneiro de guerra e ficou feliz em passar o dia despido da cintura para cima, amontoando terra com a pá ao lado de outros vinte pilotos, em vez de ser mandado para algum internamento oficial desconhecido no interior. Lembro-me de termos que curvar a cabeça em um minuto de silêncio por seus companheiros mortos antes de iniciar a tarefa. Não sei o que aconteceu com ele depois disso.

Na cantina, Queenie dormia com a cabeça sobre a mesa. Ela deve ter arrumado o cabelo primeiro, após as duas horas catando pedras na pista, mas adormeceu antes mesmo de ter tirado a colher de dentro do chá. Maddie sentou-se na frente dela com duas xícaras frescas de chá e um pãozinho com glacê, que não sei de onde veio. Alguém deve ter escondido o açúcar para o caso de um ataque direto ao aeródromo e todos precisarem ser animados. Maddie ficou muito aliviada em ver a imperturbável radiotelegrafista com a guarda baixa. Empurrou a “xícara que anima” para perto do rosto de Queenie para que o calor a acordasse e encorajasse.

Apoiaram a cabeça nas mãos, encarando-se.

— Você tem medo de alguma coisa? — Maddie quis saber.

— Muitas coisas!

— Conte uma!

— Posso contar umas dez!

— Então, conte.

Queenie olhou as mãos. — Quebrar as unhas — falou, criticamente. Após duas horas livrando a pista de cascalho e metal retorcido, a manicure precisava ser reparada.

— Estou falando sério — disse Maddie baixinho.

— Está certo então. Escuro.

— Não acredito!

— É verdade — insistiu Queenie. — Agora é a sua vez.

— Frio — respondeu Maddie.

Queenie bebericou o chá. — Adormecer no meio do trabalho.

— Eu também! — Riu Maddie — E bombas caindo.

— Fácil demais!

— Certo. — Foi a vez de Maddie ficar na defensiva. Sacudiu os caracóis escuros emaranhados na gola; seus cabelos não eram tão curtos quanto pedia o regulamento, mas eram curtos demais para prender. — Bombas caindo sobre minha avó e meu avô.

Queenie acenou a cabeça em acordo. — Bombas caindo em meu irmão favorito. Jamie é o mais novo e próximo de mim em idade. É piloto.

— Não ter uma habilidade útil — disse Maddie. — Não quero ter que me casar de imediato para não precisar trabalhar sempre na Fiação Ladderall.

— Você está brincando!

— Quando a guerra acabar, ainda não terei capacitação. E aposto que não haverá demanda desesperada por operadores de rádio.

— Você acha que isso ocorrerá em breve?

— Quanto mais tempo a guerra durar — disse Maddie, cortando com cuidado seu pão com glacê com uma faca metálica de manteiga — mais velha estarei.

Queenie deu uma risada solta e divertida. — Envelhecer! — Gritou ela. — Tenho muito medo de ficar velha.

Maddie sorriu e lhe deu metade do pãozinho. — Eu também! Embora seja como ter medo de morrer. Não há muito o que fazer.

— Em quantas estou?

— Você já falou quatro. Sem contar as unhas. Faltam seis.

— Está certo. — Queenie partiu o pão cuidadosamente em seis partes iguais e as arranjou ao redor do pires. Então, molhou cada parte no chá, uma a uma, nomeou um medo, e comeu.

— Número cinco, o porteiro da Faculdade Newberry. Puxa, ele é um monstro. Eu era,

então, um ano mais nova que todos os outros do primeiro ano e teria medo dele mesmo que ele não me odiasse. Era porque eu fazia alemão, e ele tinha certeza que meu orientador era um espião. Já foram cinco? Número seis: altura, tenho medo de altura. É porque meus irmãos mais velhos me amarraram em uma calha no telhado de nosso castelo quando eu tinha cinco anos e se esqueceram de mim uma tarde inteira. Todos os cinco foram açoitados por isso, também. Sete: fantasmas, isto é, um fantasma, não sete, um em especial. Não preciso ter medo disso aqui. O fantasma ainda deve ser a razão de meu medo do escuro.

Queenie bebeu mais chá depois dessas confissões improváveis. Maddie a olhava com crescente espanto. Elas ainda ficaram olho no olho, uma diante da outra, com o queixo nas mãos e os cotovelos sobre a mesa, e Queenie não parecia estar fingindo. Ela tomava seu inventário inverossímil muito a sério.

— Número oito, ser pega roubando uvas da estufa na horta. É outro castigo. Claro que estamos muito crescidas agora para castigos e para roubar uva. Número nove, matar alguém. Por acidente ou de propósito. Será que salvei ou destruí a vida daquele rapaz alemão ontem? Você também faz isso, conta aos combatentes onde encontrá-los. Você é responsável. Você pensa nisso?

Maddie não respondeu. Ela pensava nisso sim.

— Talvez fique mais fácil depois da primeira vez. Número dez, se perder.

Queenie ergueu os olhos e parou de molhar o pedaço de pão, que se “perdeu” no chá. Fitou Maddie nos olhos. — Agora, percebo que está cética, pouco inclinada a acreditar em qualquer coisa que lhe diga. E talvez eu, de fato, não me preocupe com fantasmas. Mas tenho medo de me perder. Odeio tentar me encontrar neste campo de pouso. Todos os abrigos Nissen parecem iguais. Meu Deus, há quarenta deles! E todas as pistas de taxiamento e praças de manobra parecem mudar todos os dias. Tento usar aviões como marcos, mas eles os movimentam sem parar.

Maddie riu. — Tive pena daquele piloto Fritz perdido de ontem — disse ela. — Sei que não deveria. Mas já vi tantos de nossos rapazes se confundirem, seu primeiro voo sobre as Pennines. Parece que não seria possível confundir a Inglaterra com a França. Mas quem sabe o que se pensa quando todos os companheiros foram estilhados e se pilota um avião quebrado. Talvez fosse seu primeiro voo à Inglaterra. Morri de pena dele.

— Eu também — sussurrou Queenie, virando o resto do chá como se fosse um trago de uísque.

— Foi muito horrível interrogá-lo?

Queenie envesgou um pouco os olhos. — Conversa desatenta custa vidas. Fiz um

juramento de não falar sobre isso.

— Nossa! — Maddie corou. — É claro. Desculpe.

A radiotelegrafista se endireitou. Olhou as unhas arruinadas, encolheu os ombros e acariciou o cabelo para ver se ainda estava arrumado. Então, ergueu-se, espreguiçou-se e bocejou. — Grata por compartilhar seu pão — disse, sorrindo.

— Grata por compartilhar seus medos!

— Você ainda me deve alguns.

A sirene de ataque aéreo disparou.

INDEPENDENTEMENTE DA HISTÓRIA

Preciso registrar o interrogatório de ontem à noite, pois foi tão engraçado.

Engel bateu meu maço de papéis timbrados do hotel rabiscados na mesa, em frustração, e disse a von Linden: — Deve ordená-la a escrever sobre seu encontro com Brodatt. Esta descrição do início das operações de Radar é uma bobagem irrelevante.

Von Linden emitiu um som que parecia um sopro muito suave de ar, como se estivesse apagando uma vela. Engel e eu o olhamos como se de repente lhe brotassem chifres. (Foi uma risada. Ele não abriu um sorriso, acho que seu rosto é feito de gesso, mas com certeza ele riu.)

— Fräulein Engel, você não é estudante de literatura — disse ele. — A oficial de voo inglesa estudou a arte do romance. Ela faz uso de suspense e antecipação.

Surpresa, Engel o encarou. Eu, é claro, aproveitei a oportunidade para interpor com o orgulho obstinado de Wallace: — Não sou inglesa, seu Fritz ignorante e idiota, sou ESCOCESA.

O tapa diligente de Engel me silenciou; ela disse: — A menina não está escrevendo um romance, é um relatório.

— Mas ela faz uso de conceitos e técnicas literárias de ficção. E o encontro a que se refere já ocorreu, nos últimos quinze minutos, você vem lendo a esse respeito.

Engel embaralhou páginas em frenesi, buscando de trás para frente.

— Você não a reconhece nessas páginas? — Incitou von Linden. — Ah, talvez não; ela se lisonjeia com competência e coragem que você jamais testemunhou. Ela é a jovem chamada Queenie, a radiotelegrafista que derruba o avião da Luftwaffe. Nossa agente cativa inglesa...

— Escocesa!

Um tapa.

— Nossa prisioneira não elaborou ainda seu próprio papel como uma radiotelegrafista no aeródromo em Maidsend.

Ah, ele é bom. Nem em um milhão de anos eu teria adivinhado que Hauptsturmführer da SS, Amadeus von Linden, era um “estudante de literatura”. Jamais.

Então, ele queria saber por que escolhi escrever a meu respeito na terceira pessoa. Sabe,

nem havia notado que o fazia até ele perguntar.

A resposta simples é porque estou contando a história do ponto de vista de Maddie; seria estranho introduzir o olhar de outro personagem neste momento. Era muito mais fácil escrever a meu respeito em terceira pessoa do que contar a história sob meu ponto de vista. Consigo evitar todas as minhas reflexões e sentimentos antigos. É um modo superficial de escrever a meu respeito. Não preciso me levar a sério ou, bem, tanto quanto Maddie me leva.

Como von Linden observou, porém, sequer usei meu nome, o que confundiu Engel.

Acho que a resposta real é que não sou mais Queenie. Quero apenas dar um soco na cara do meu “eu” antigo quando penso nele, tão sério, hipócrita e extravagantemente heroico. Tenho certeza de que outras pessoas também querem.

Sou outra pessoa agora.

Embora costumassem me chamar de Queenie. Todos tinham apelidos idiotas (era como na escola, lembra?). Às vezes, eu era Scottie, mas com maior frequência, Queenie. É porque Maria, rainha da Escócia, é outra de minhas ilustres ancestrais. Sua morte também foi confusa. Todos eles morreram de forma estranha.

Hoje, meu material para escrever acabará. Um receituário médico judaico me foi dado até que arranjem algo melhor. Não sabia que essas coisas existiam. O bloco tem o nome do médico, Benjamin Zylberberg, em cima, e uma estrela amarela com um aviso estampado no rodapé, avisando que um médico judeu pode apenas receitar remédios para outros judeus. Presume-se que ele não clique mais (provavelmente ele foi embarcado para quebrar pedras em algum campo de concentração), e por este motivo, seu bloco em branco caiu nas mãos da Gestapo.

RECEITUÁRIOS MÉDICOS!

<i>Nome:</i> Anna Engel <i>Endereço:</i> Favor dirigir-se à Fräulein Engel. Às vezes uso "Guarda Feminina de Plantão, Mein Führer SENHOR" para lhe dar raiva.	<i>Data:</i> Parece jamais ter tido compromisso com alguém. Terá um amor? Marido? Não usa joia alguma. (v.L. tem um sinete de ouro com uma minúscula safira).
<i>Rx:</i> Precisa de uma boa trepada. Pode procurar entre os seguintes: Guerrilha Maquis Gestapo Resistência Exército alemão Milícia francesa Civis	
<i>Medicamento:</i> Dr. Sigmund Freud (Não é o Dr. Zylberberg, mas ainda assim, apropriadamente judeu.)	<i>Aplicação:</i> À noite, 4 ou 5 vezes

Fiz outro ainda melhor, para ela.

Nome: Anna Engel Endereço:	Data: Tentando encontrar.
Rx: ✓ cigarro em um estojo de marfim ✓ 1 champanhe 2 litros (uma garrafa comum não seria suficiente para deixá-la mais à vontade) ✓ 1 vestido Chanel noite... <u>VERMELHO</u> é a cor de Engel ✓ 1 mesa no <i>Hôtel Ritz Paris</i> , se os nazistas o liberarem algum dia. Por que gostam tanto de destruir hotéis tão bons?	
Medicamento:	Aplicação: Conforme necessário ____ vezes

Pretendia lhe dar uma Noite de Folga, mas, ao imaginar a cena, pensei em Mata Hari em missão. Engel seria mais feliz como uma espiã, glamourosa e mortal? Simplesmente não consigo imaginá-la em qualquer função que não seja a de “Oficial Brutalmente Meticulosa”. Tampouco posso dizer que o resultado sombrio da missão malsucedida de um agente especial tenha algo a recomendá-lo.

Pretendia emitir receita para William Wallace, Mary, a Rainha da Escócia, e ainda Adolf Hitler, mas não consigo pensar em nada inteligente o suficiente para fazer valer as represálias pelo desperdício de papel.

Café estaria no topo de minha própria prescrição. Depois, aspirina. Estou com febre. Não é tétano, pois nos vacinaram, mas pode ser septicemia; não creio que os alfinetes estivessem muito limpos. Havia um que não percebi por um tempo depois de tirar os outros, e o local está muito dolorido agora (estou um pouco preocupada com algumas queimaduras, também,

que se irritam quando meu pulso toca a mesa quando escrevo). Talvez morra tranquilamente de envenenamento de sangue e evite o tratamento com querosene.

Não há um modo eficiente de se matar com um alfinete de costureira (não diria que ter gangrena seja uma maneira eficiente de se matar); fiquei intrigada com isso por longo tempo, vendo como deixavam os alfinetes lá, só que não é possível. Entretanto, é útil para abrir fechaduras. Adorei as aulas de roubo que tivemos durante o treinamento. Não gostei tanto dos resultados sombrios da minha tentativa frustrada de colocá-los em uso, muito bons para abrir fechaduras, mas nada úteis para sair do edifício. Nossas celas são apenas quartos de hotel, mas são guardados como a realeza. Além disso, há cães. Após aquele episódio com os alfinetes, tentaram se assegurar que eu não seria capaz de andar se conseguisse sair; não sei onde aprenderam a desabilitar uma pessoa sem quebrar de verdade suas pernas, na Escola Nazista de Agressão e Ataque? Como todo o resto, não foi um dano permanente, nada sobrou nesta semana além dos hematomas e, agora, verificam com cuidado se tenho pedaços soltos de metal. Fui apanhada ontem tentando esconder a ponta de uma caneta no cabelo (não tinha um plano para ela, mas nunca se sabe).

Ah! Esqueço com frequência que não escrevo para mim mesma, e aí é tarde demais para riscar. A maldosa Engel sempre arranca tudo de mim e dá o alarme se me vê tentando recolher algo. Ontem, tentei arrancar o fim da página e comê-la, mas ela a apanhou primeiro. (Foi quando percebi que, sem pensar, mencionara a fábrica em Swinley. É muito bom, por vezes, lutar com ela. Ela tem a vantagem da liberdade, mas tenho muito mais imaginação. Além disso, estou disposta a usar meus dentes, algo que ela tem escrúpulos de fazer.)

Onde eu estava? O Hauptsturmführer von Linden levou tudo o que escrevi ontem. É sua culpa, Fritz idiota frio e sem alma, que eu me repita.

A Srta. Engel me lembrou. — A sirene de ataque aéreo disparou. — Garota esperta, presta atenção.

Agora, sempre que termino uma página, faz que eu a entregue a ela. Nos divertimos escrevendo as receitas. Será que ela terá problemas se eu mencionar que ela mesma queimou algumas para se livrar delas desta vez? Isso a ensinará a tentar fazer amizade comigo, Engel Guarda-Feminina-de-Serviço.

Já a coloquei em apuros, sem saber, ao mencionar seus cigarros. Não é autorizada a fumar enquanto está de serviço. Aparentemente, Adolf Hitler tem uma vendeta contra o tabaco, o considera imundo e nojento, e sua polícia militar e seus assistentes não devem fumar em serviço. Não creio que isso seja aplicado com rigor, exceto quando o lugar é administrado por um tirano obsessivo como Amadeus von Linden. Que vergonha, já que um cigarro aceso

é um acessório tão conveniente se sua tarefa for extrair informações de Agentes de Inteligência Inimigos.

Desde que os crimes de Engel sejam ínfimos, não se livrarão dela, pois seus talentos combinados seriam muito difíceis de repor (um pouco como os meus). Mas seus delitos são consistentes com “insubordinação”.

ARTILHEIRO ANTIAÉREO

A sirene de ataque aéreo disparou. Todas as cabeças da sala olharam para cima, desanimadas e exaustas, para o teto de papelão da cantina, como se pudessem enxergar através dele. Então, todos dispararam das cadeiras dobráveis emprestadas do salão da igreja para encarar a próxima batalha.

Maddie encarou a nova amiga ao lado da mesa que acabaram de deixar, as pessoas ao redor correndo apressadas. Sentiu como se estivesse no centro de uma tempestade tropical. O ponto imóvel em um mundo girando.

— Vamos lá! — Exclamou Queenie, como a Rainha Vermelha em *Através do espelho* [\[17\]](#), e agarrou Maddie pelo braço para puxá-la para fora. — Você entra em serviço à uma, quanto tempo tem? — Ela olhou o relógio — Uma hora? Uma soneca rápida no abrigo antes que eles precisem de você na sala de rádio. Pena que não trouxe o guarda-chuva hoje. Venha, eu vou com você.

Os pilotos já corriam para os Spitfires e Maddie tentou se fixar no problema prático de como decolariam da pista meio consertada. Taxiar seria o mais difícil, pois não poderiam ver os buracos na superfície, além do nariz alto dos pequenos aviões bombardeiros. Ela tentou não pensar como seria cruzar correndo, sob fogo, a pista para a sala de rádio daqui a uma hora.

Mas ela conseguiu. Porque você consegue. É incrível o que se faz, sabendo que tem que fazer. Pouco menos de uma hora mais tarde, para ter algum tempo extra para evitar as bombas, as duas garotas estavam fora de novo, na paisagem lunar que agora era Maidsend da RAF.

Queenie dirigiu Maddie em trote, ambas vergadas quase ao meio, beirando os edifícios e zigue-zagueando pelos espaços abertos. Elas ouviram como, na retirada da França, os aviões da Luftwaffe voavam baixo e metralhavam as pessoas em solo, só pelo prazer, e bem agora havia dois ou três bombardeiros alemães zunindo baixo acima da pista, como vespas, com o sol nas asas, perfurando buracos nas janelas e aeronaves paradas.

— Venham aqui! Aqui! — Alguém gritou desesperado. — Ei, vocês duas, venham me ajudar aqui!

Por alguns segundos, Maddie lutando obstinada contra o próprio inferno de medo racional ou irracional, sequer notou que Queenie mudou de direção e se dirigiu para o grito de socorro. A percepção voltou a Maddie por um minuto, e ela observou que Queenie a arrastava para o abrigo mais próximo de artilharia antiaérea.

Ou o que havia sobrado dele. A maior parte da barreira protetora de concreto e dos sacos de areia que a cercavam explodira, levando consigo dois dos artilheiros de exército que tentaram valentemente proteger a pista para o esquadrão Spitfire, que teria que pousar após a batalha. Um dos artilheiros mortos era, com certeza, mais novo que Maddie. Um terceiro homem ainda em pé parecia um açougueiro sem avental, empapado do pescoço às coxas em sangue. Ele se virou, cansado, e disse: — Grato pela ajuda. Fui abatido. — Então, ele sentou-se na plataforma arruinada e fechou os olhos. Maddie se encolheu ao seu lado, seus braços sobre a cabeça, ouvindo o ruído horrível do artilheiro sorvendo ar nos pulmões repletos de sangue. Queenie deu-lhe um tapa.

— Levante-se garota! — Ordenou ela. — Não tolerarei isso. Sou sua oficial superior lhe dando ordens agora. Erga-se, Brodatt. Se está assustada, faça algo. Veja se consegue fazer esta metralhadora funcionar. Mexa-se!

— É preciso carregar o tambor antes — suspirou o artilheiro, apontando um dedo para o local. — O Primeiro-Ministro não gosta de garotas usando revólveres.

— Não se importe com o Primeiro-Ministro! — Exclamou a oficial superior. — Carregue a maldita arma, Brodatt.

Maddie, mecanicamente dedicada e treinada a reagir positivamente a ordens de autoridades, limpou caminho até a metralhadora.

— Aquela garota mirrada jamais carregará o tambor — gemeu o atirador. — Aquilo pesa uns treze quilos.

Maddie não ouvia. Estava avaliando. Após um minuto de pensamento racional e com a força que, mais tarde, não conseguiria explicar, ela carregou o tambor.

Queenie trabalhava freneticamente sobre o atirador caído, tentando tamponar os orifícios em seu peito e estômago. Maddie não olhou. Após algum tempo, Queenie a pegou pelo ombro e mostrou como mirar.

— Você deve antecipar. É como atirar em aves, deve atirar um pouco à frente de onde estarão em seguida.

— Atirou em muitas aves, não foi? — Maddie arfou, raiva e medo deixando-a

impertinente sobre os talentos aparentemente ilimitados da outra garota.

— Nasci no meio de um charco de perdizes no primeiro dia da estação de caça! Sabia atirar antes de ter aprendido a ler! Mas essa coisa esburacada é bem maior que o rifle de ar Diana e não sei como funciona, então teremos que fazer juntas. Como ontem, está bem? — Arfou de repente e perguntou, ansiosa: — Aquele não é um dos nossos aviões, é?

— Você sabe a diferença?

— Realmente não!

Maddie se compadeceu.

— É um Messerschmitt 109.

— Bom, fogo nele! Aponte para cá, agora espere até que volte, ele não sabe que esta estação ainda está operacional, espere.

Maddie aguardou. Queenie tinha razão: fazer algo, focar, afastava o medo.

— Agora, já!

A explosão cegou as duas por um instante. Não viram o que aconteceu. Maddie jurou, mais tarde, que o avião não caiu em uma bola de fogo até passar, pelo menos, duas vezes mais sobre a pista. Mas ninguém mais alegou ter abatido aquele Me 109 (nossa, quantos aviões eu conheço afinal!), e Deus sabe que pilotos de bombardeio são competitivos ao contar. Então, aquela matança (espero que a Luftwaffe também chame de matança quando alguém derruba uma nave, como um veado) foi creditada a duas oficiais fora do serviço da WAAF, trabalhando juntas em uma estação de artilharia sem artilheiros.

— Não acho que nossa arma tenha feito isso — disse Maddie à amiga pálida, com a fumaça negra oleosa subindo do campo de nabos onde o avião caíra. — Deve ter sido um dos nossos, atirando de cima. E se foi essa arma, não foi você.

Já era ruim o suficiente Maddie suspeitar que o motivo de Queenie estar ao seu lado agora era porque ela teve que desistir do rapaz de quem pegaram a arma. Já era bastante ruim. Mas também houve um piloto naquela bola de fogo, um jovem vivo, com não muito mais formação que a própria Maddie.

— Fique aqui — disse Queenie com a voz embargada. — Consegue carregar outro tambor? Encontrarei alguém que saiba o que fazer para assumir; agora você será necessária na torre...

Queenie fez uma pausa.

— Como chegar daqui ao abrigo contra ataque aéreo do nordeste? — Disse, ansiosa. — Fico tão confusa com a fumaça. — Maddie apontou. — Atravesse a grama em frente. Fácil se for corajosa o suficiente, como encontrar a Terra do Nunca: “Segunda à direita e então à

frente até amanhecer”.

— E você? Corajosa o suficiente?

— Ficarei bem. Agora tenho algo para fazer.

Ambas se abaixaram por instinto quando algo explodiu do outro lado da pista. Queenie apertou a cintura de Maddie e lhe deu um beijo rápido na bochecha. — Beije-me, Hardy! Não foram essas as últimas palavras de Nelson, na Batalha de Trafalgar? Não chore. Ainda estamos vivos e formamos uma equipe sensacional.

Então, prendeu o cabelo conforme a regra, cinco centímetros acima da gola. Enxugou as próprias lágrimas e esfregou a graxa, a poeira de concreto e o sangue do artilheiro que estavam em seu rosto com as costas da mão. Correu novamente, como a Rainha Vermelha.

Descobrir seu melhor amigo é como estar apaixonada.

— Ligue o computador de bordo do avião — disse Maddie. — Vou te ensinar a navegar.

Queenie deu uma gargalhada. — Impossível!

— Não é impossível! Há alguns pilotos que batalharam a saída da Polônia após ela ter sido invadida. Chegaram aqui sem mapas, sem comida, sem outro idioma a não ser o polonês. Eles lhe contarão tudo se deixar, mas difícil é entender seu inglês. De qualquer modo, se alguns fugitivos conseguem encontrar o caminho cruzando a Europa e se tornar pilotos da RAF, você consegue...

— Você conversa com os pilotos? — Interrompeu Queenie, interessada.

— Há mais coisas a fazer com eles além de dançar.

— Sim, mas conversar! Que falta de imaginação!

— Alguns deles não dançam, sabe, então você tem que conversar. Aquele filho do vigário não dança. Tampouco é fácil fazê-lo falar, mas todos adoram tagarelar sobre mapas. Ou a falta de mapas. Vamos lá, você não precisa de um mapa. Temos o dia todo. Desde que não nos afastemos mais do que oito quilômetros, para que eu possa voltar assim que o tempo clarear. Mas, veja isso — Maddie acenou para a janela. Chovia muito, em rajadas, sopradas por um vento forte.

— Exatamente como em casa — comentou Queenie, com alegria. — Na Suíça não há uma boa “névoa escocesa”.

Maddie bufou. Queenie se dedicava a dar nomes, espalhando os detalhes da privilegiada educação, sem o menor pudor ou vergonha (embora, depois de um tempo, Maddie começou a perceber que ela só fazia isso com pessoas que ela gostava ou detestava; com as que ela não

se importava, ou que estavam entre essas categorias ou que pudessem se ofender, ela era mais cautelosa.)

— Eu tenho bicicletas — contou Maddie. — Alguns mecânicos deixam que eu as empreste. A chuva não impede esses caras de trabalhar.

— Aonde vamos?

— Ao *Green Man*. É um *pub* no sopé das rochas na Baía de St. Catherine. É a última chance de conhecer, antes que fechem na semana que vem. O proprietário está cansado de ser alvejado. Não pense que pelos alemães, mas pelos nossos, se exercitando no letreiro de fora, na borda das telhas, a última coisa antes de ir para casa após a batalha, para dar sorte!

— Mas eles fazem isso para se livrar da munição que sobrou — disse Queenie.

— Bom, é um ponto de referência, e você é a navegadora. Encontre a costa e vá para o sul, fácil demais! Pode usar minha bússola. Se não conseguir encontrar, acho que não teremos nada além de feijão frio, direto da lata, para jantar...

— Não é justo! Tenho que voltar ao serviço às onze, hoje à noite!

Maddie virou os olhos. — Céus! Isso nos dá só umas quinze horas para uma corrida de bicicleta de 16 quilômetros. Assim terei a chance de acabar de te contar sobre meus medos. — Maddie vestiu o enorme sobretudo masculino e o amarrou ao redor das canelas para que não se prendesse na corrente da bicicleta.

— Espero que tenha um abridor de latas — disse Queenie, com voz sinistra, lutando com o seu mantô. — E uma colher.

Era surpreendente o quanto o interior de Kent era pacífico a dez minutos de bicicleta de Maidsend. É verdade que, de vez em quando, passávamos por uma base de concreto para artilharia ou torre de vigia, mas na maior parte do tempo víamos apenas colinas de calcário, campos verdes com nabos e batatas e pomares infundáveis.

— Você poderia ter trazido seu guarda-chuva — riu Queenie.

— Quero guardá-lo para o próximo ataque aéreo!

Chegaram a um cruzamento. Não havia sinal de trânsito algum; foram todos removidos ou enegrecidos, para confundir o inimigo no caso da Operação Leão-Marinho ser bem-sucedida e o exército alemão se aglomerar no interior. — Não tenho ideia de onde estamos — lamentou Queenie. A bicicleta do mecânico era tão grande que ela não conseguia sentar, tinha que pedalar em pé. Parecia em perpétuo perigo de cair ou ser devorada pelo enorme sobretudo. Estava com a mesma aparência perturbada de um gato molhado.

— Use a bússola. Continue a ir para o leste até chegar ao mar. Finja... — disse Maddie, inspirada. — ... finja ser uma espiã alemã. Caiu aqui de paraquedas. Tem que encontrar seu

contato, que está nesse *pub* lendário de contrabandistas, na costa, e se alguém te apanhar...

Por baixo do chapéu de plástico para chuva que pingava, daqueles que se compra em uma caixinha de papelão com uma flor por cinquenta centavos, Queenie olhou esquisito para Maddie. Era um olhar de desafio, provocação e agitação. E, ainda, esclarecimento. Queenie se debruçou sobre o guidão da bicicleta e saiu, pedalando com fúria.

Na crista de uma pequena elevação, deu um salto grandioso da bicicleta como uma gazela subindo o vale e já escalava a metade de uma árvore quando Maddie percebeu o que fazia.

— Desça já, sua pateta idiota! Ficarás ensopada! Você está de uniforme!

— *Von hier aus kann ich das Meer sehen* — respondeu Queenie, que significa, em alemão: “daqui, eu consigo ver o mar”. (Puxa, boboca que sou. Claro que é.)

— Cale a boca! Sua maluca! — Brigou Maddie, furiosa. — O que você está fazendo?

— *Ich bin eine Agentin der Nazis*[\[18\]](#) — apontou Queenie — *Zum Meer geht es da lang*[\[19\]](#).

— Vai fazer com que atirem em nós duas!

Queenie ponderou. Olhou o céu carregado, o infundável pomar de maçãs pingando e depois a estrada vazia. Então, encolheu os ombros e disse em inglês — Não creio.

— “Conversa descuidada custa vidas” — citou Maddie.

Queenie riu tanto que deslizou desajeitada e dolorosamente de um galho para outro, rasgando seu casaco na descida. — Agora, fique quieta, Maddie Brodatt. Você me disse para ser uma espiã nazista e eu estou sendo. Não permitirei que leve um tiro.

(Gostaria de me catapultar de volta no tempo e chutar meus dentes até quebrá-los.)

A rota de saída para a Baía de St. Catherine foi, vamos dizer, criativa. Envolvia Queenie descer da bicicleta em cada cruzamento, cada um deles úmido, com vento, inexpressivo, e subir em uma cerca, portão ou árvore para se localizar.

Então, havia sempre uma conversa com o casacão, e lá ia ela de novo, quase caindo nas poças.

— Sabe o que me dá medo? — Berrou Maddie a plenos pulmões, a chuva e o vento leste lhe açoitando o rosto enquanto ela pedalava com energia para acompanhar a pequena radiotelegrafista. — Feijão frio em lata! São quinze para as duas. O *pub* estará fechado até chegarmos lá.

— Você disse que não fecharia até a próxima semana!

— Fecharão até o jantar, sua tola! Só voltam a servir à noite!

— Acho isso superinjusto da sua parte, pôr a culpa em mim — reclamou Queenie. — É o seu jogo. Eu só estou acompanhando.

— Outra coisa de que tenho medo — acrescentou Maddie.

— Isso não conta. Nem o feijão enlatado. Qual é o seu medo número um?

— Corte marcial — Maddie respondeu curto.

Queenie, atipicamente, ficou silenciosa. E permaneceu assim por algum tempo, mesmo quando fez outra de suas averiguações da área circundante, de cima de uma árvore. Finalmente, perguntou: — Por quê?

Passou muito tempo até Maddie responder, mas Queenie não precisou lembrá-la do assunto.

— Eu faço coisas. Tomo decisões antes de pensar. Caramba, atirar com uma droga de uma metralhadora, sem qualquer autorização, com Messerschmitts 109 circulando acima de nós!

— Os Messerschmitts 109 sobre nossas cabeças eram a razão de atirar — enfatizou Queenie. — Eu a autorizei. Sou uma oficial de voo.

— Você não é a minha oficial de voo e não tem qualquer autoridade de artilharia.

— O que mais? — Indagou Queenie.

— Ora, coisas como guiar o piloto alemão no outro dia. Já tinha feito algo assim antes, só que em inglês. — Ela contou sobre como orientou o pouso dos rapazes no Wellington a primeira vez. — Tampouco autorizaram aquilo. Eu não me meti em apuros, mas poderia ter me dado mal. Tão estúpido. Por que fiz aquilo?

— Por misericórdia?

— Mas eu poderia tê-los matado.

— Você tem que se arriscar dessa forma. Estamos em guerra. Eles poderiam ter obedecido ou então se incendiado sem a sua ajuda. Mas com seu auxílio, conseguiram pousar em segurança.

Queenie fez uma pausa. Então, perguntou: — Por que você é tão terrivelmente boa nisso?

— No quê?

— Em navegação aérea.

— Sou piloto — explicou Maddie (sabem, ela era tão prática, nada orgulhosa, nem defensiva) — apenas, sou piloto.

Queenie ficou indignada.

— Você disse não ter habilidades, sua mentirosa!

— Não tenho. Sou apenas piloto civil. Não viajo há um ano. Não fui avaliada por instrutor. Tenho muitas horas de voo, provavelmente muito mais que a maioria de nossos rapazes dos Spitfires; até de noite já voei. Mas não estou na ativa. Quando expandirem a *Air Transport Auxiliary*, tentarei me alistar, se a WAAF me liberar. Terei que fazer um curso.

Agora não há treinamento de voo para mulheres.

Queenie, aparentemente, teve que considerar tudo por um tempo enquanto pensava nas implicações: Maddie Brodatt, com seu sotaque pouco refinado do sul de Manchester e sua abordagem de mecânica de motocicletas, era piloto, com mais experiência prática do que a maioria dos jovens do Esquadrão de Maidsend da RAF, que diariamente e sem dormir lançavam-se em direção às chamas e à morte contra a Luftwaffe.

— Você está muda — avaliou Maddie.

— *Ich habe einen Platten* — anunciou Queenie.

— Fale inglês, sua maluca!

Queenie parou a bicicleta e desceu. — Há um furo. Meu pneu está murcho.

Maddie suspirou fundo. Encostou sua bicicleta em uma cerca e agachou-se ao lado da poça de água para olhar. O pneu dianteiro de Queenie estava bem murcho. O furo devia ter ocorrido há alguns segundos, Maddie conseguia ouvir ainda o ar assobiando para fora da câmara.

— É melhor voltarmos — sugeriu. — Se continuarmos, teremos que andar muito. Não tenho um *kit* de reparos.

— Pessoa sem fé — criticou Queenie, apontando a entrada para uma fazenda localizada quase 20 metros à frente delas. — Este é meu plano para conseguir uma refeição antes de encontrar meu contato. — Ergueu o nariz ao vento e aspirou, com ar de quem sabe o que faz. — Uma casa de fazenda provinciana se encontra a quase cem metros daqui e sinto cheiro de ensopado de carne e torta de frutas — tomando o guidão da bicicleta quebrada, pôs-se a caminho, determinada, seguindo a trilha. Garotas do Exército de Terra cavavam entre os repolhos no campo ao lado; nem com chuva tinham folga. Tinham sacos amarrados nas pernas com barbantes e lençóis com orifícios no meio para servir como capas. Comparando, Maddie e a espiã nazista disfarçada, de sobretudos masculinos da RAF, estavam mais equipadas.

Um coro de cães ferozes começou a ladrar quando se aproximaram. Maddie olhou ao redor, ansiosa.

— Não se preocupe, só fazem barulho. Devem estar amarrados, ou perturbariam as Garotas da Terra. O sinal está à vista?

— Qual sinal?

— Um vidro com frutas silvestres na janela. Se não estiverem na janela, não serei bem-vinda.

Maddie caiu na gargalhada.

— Você é maluca!

— O vidro está lá?

Maddie era mais alta que a companheira. Ficou nas pontas dos pés para enxergar por cima da cerca; seu queixo caiu.

— Há um vidro — disse e se voltou surpresa para Queenie. — Como...?

Queenie encostou a bicicleta no muro, com jeito presunçoso. — Dá para ver as árvores por cima do muro do pomar. Acabaram de ser podadas. Tudo está muito arrumado e bonito, de modo próprio de uma esposa, mas ela teve que arrancar os gerânios para plantar batatas, pelo Esforço de Guerra. Então, se ela tiver algo bonito para decorar a cozinha, como frutinhas silvestres recém-cortadas, acho que o fará e...

Queenie arrumou o cabelo por baixo da boina plástica para chuva. — E ela é o tipo de pessoa que nos alimentará.

Ousada, ela entrou na cozinha da fazenda desconhecida.

— Não gostaria de perturbá-la, senhora — seu sotaque bem educado de repente passou para a pesada pronúncia escocesa. — Somos de Maidsend da RAF e ocorreu de meu pneu furar... Eu pensei se...

— Ora, sem problemas, querida! — Respondeu a esposa do fazendeiro. — Duas das Garotas da Terra se hospedam comigo e tenho certeza que temos um *kit* de reparos para furos. Mavis e Grace estão no campo agora, mas se esperarem um momento, vou olhar no barracão. Mas, pelo amor de Deus, entrem e se aqueçam antes!

Queenie tirou do fundo do bolso do sobretudo, como por mágica, uma lata com vinte e cinco cigarros Player's. Então Maddie percebeu que esse suprimento infinito de cigarros era cuidadosamente guardado; percebeu que era difícil ver Queenie fumar, mas que usava os cigarros como presentes ou tipo de pagamento em espécie, em vez de dinheiro, por dicas, fichas de pôquer e, agora, remendos de bicicleta e almoço.

Lembrou que vira Queenie fumando um cigarro só uma vez, e que não havia acendido para outra pessoa. Uma só vez, enquanto esperava para entrevistar o piloto alemão.

Queenie estendeu os cigarros.

— Nossa, não, isso é demais!

— Deixe disso, pegue-os, divida com as garotas. Um presente de agradecimento. Mas poderia nos emprestar o fogão para aquecer nossa lata de feijão, antes de irmos?

A esposa do fazendeiro riu, alegremente. — Fazem as oficiais da WAAF pegarem estrada, como ciganas, comprar a fervura do chá em troca de fumo? Há sobras de torta de pastor e torta crocante de maçã do nosso jantar de ontem, vocês podem se servir! Só um minuto,

enquanto acho um remendo para sua câmara...

Logo estavam engolindo uma refeição quente consideravelmente melhor que qualquer outra de Maidsend dos últimos três meses, incluindo nata fresca para regar as tortas caseiras. O único inconveniente era que precisaram comer em pé, pois havia tanto trânsito na cozinha, as cadeiras tinham sido removidas para não atrapalhar a passagem dos trabalhadores e das Garotas do Exército da Terra e cães (sem crianças, que foram evacuadas, para longe da linha de frente da Batalha da Grã-Bretanha).

— Você me deve mais quatro medos — lembrou Queenie.

Maddie pensou. Lembrou a maioria dos medos que Queenie confessara: fantasmas, escuro, levar uma surra por desobediência, o porteiro da faculdade. Eram quase medos infantis, facilmente refreados. Era possível contestá-los, rir deles ou ignorá-los.

— Cães — disse abruptamente, lembrando os animais que babavam no caminho. — E não vestir o uniforme corretamente. Meu cabelo não é curto e não é permitido alterar o sobretudo, então ele é sempre muito grande, coisas do gênero. E sulistas rindo de meu sotaque.

— *Tá bão!* — Concordou Queenie. Não seria um problema com seu sotaque, com as vogais bem articuladas, mas sendo escocesa, simpatizava com qualquer receio do suave inglês sulista. — Falta revelar apenas um medo. Faça valer a pena.

Maddie foi fundo. Foi honesta, hesitando um pouco diante da simplicidade e pureza da confissão, mas admitindo: — Desapontar pessoas.

A amiga não revirou os olhos nem riu. Escutou, misturando a nata morna nas maçãs assadas. Ela não olhou para Maddie.

— Não desempenhar minha tarefa adequadamente — acrescentou Maddie. — Deixar de viver conforme as expectativas.

— Um pouco parecido com meu medo de matar alguém — comentou Queenie — mas menos específico.

— Poderia incluir matar alguém — avaliou Maddie.

— Poderia. — Queenie estava sóbria agora. — A menos que estivesse lhes fazendo um favor ao matá-los. Então, os desapontaria se não os matasse. Se não conseguisse forçar a si mesma. Meu tio-avô tinha tumores horríveis na garganta e foi para os Estados Unidos duas vezes para extraí-los, mas eles voltavam; finalmente pediu à esposa que o matasse e ela o fez. Ela não foi acusada de nada, foi registrado como um acidente de tiro, acredite se quiser, mas ela era irmã de minha avó, e nós sabemos a verdade.

— Que triste — lamentou Maddie, pesarosa. — Que horrível para ela! Mas, sim. Mais

tarde, teria que viver sentindo-se egoísta, se não tivesse se forçado a fazê-lo. Sim, morro de medo disso.

A esposa do fazendeiro entrou de novo, com um remendo e um balde para encher de água para achar o furo, e Maddie rapidamente abaixou as cortinas de blecaute sobre sua alma brilhante e vulnerável e saiu para dar um jeito no pneu.

Queenie ficou na cozinha, mexendo, pensativa, nas últimas gotas do creme morno com a colher de metal.

Meia hora depois, pedalando de volta na trilha enlameada até a estrada, Queenie comentou: — Deus nos ajude se os invasores alemães aparecerem com sotaque escocês. Eu a fiz desenhar um mapa para mim. Acho que posso encontrar o *pub* agora.

— Pegue o seu grampo de volta — disse Maddie. Ela exibiu a fina lasca metálica. — A próxima vez que sabotar os pneus de alguém, livre-se da evidência.

Queenie soltou uma de suas risadas irrefletidas e contagiosas. — Me pegou! Espetei fundo demais e não conseguiria tirá-lo sem você perceber. Não se zangue! É um jogo!

— Você é boa demais — respondeu Maddie, seca.

— Teve uma refeição quente, não teve? Ora, o *pub* estará aberto novamente até chegarmos lá e não poderemos ficar muito tempo já que volto ao serviço às onze e quero uma soneca. Mas você merece um uísque antes. Eu pago.

— Tenho certeza de que não é o que espiões nazis tomam.

— Mas esta toma.

Ainda chovia e elas margeavam a pista íngreme, serpenteando escarpa abaixo até a Baía St. Catherine. A estrada estava escorregadia e elas seguiram com cuidado, brecando. Havia alguns soldados tristes e ensopados nas casamatas, que acenaram e gritaram conforme as garotas passaram de bicicleta, os breques guinchando com a inclinação da descida. O *Green Man* estava aberto. Sentando na janela em arco estavam o esquelético e fatigado líder do esquadrão da RAF em Maidsend e um civil míope bem apessoado com um terno de *tweed*. Todos os outros se acotovelavam ao redor do bar.

Queenie caminhou, determinada, até os vívidos carvões em brasa e ajoelhou-se, esfregando as mãos.

O líder de Esquadrão Creighton vociferou uma saudação que não podia ser ignorada. — Que coincidência! Juntem-se a nós, senhoras! — Ele se ergueu e se curvou cerimoniosamente, oferecendo cadeiras. Queenie, que se sentia à vontade e estava acostumada com esse tipo de atenção de oficiais superiores, levantou e deixou que lhe tirassem o sobretudo. Maddie ficou para trás.

— Esta jovem bastante pequena e encharcada — observou o líder de esquadrão ao civil — é a heroína da qual lhe falei, a que fala alemão. A outra é a Oficial Assistente de Seção Brodatt, que pegou a ligação e guiou o avião até o pouso. Juntem-se a nós, senhoras!

— A Oficial Assistente de Seção Brodatt é piloto — avisou Queenie.

— Piloto!

— Não no momento — interpôs Maddie, corando e contorcendo-se, sem graça. — Gostaria de ingressar no ATA, o Air Transport Auxiliary, quando aceitarem mais mulheres. Tenho uma licença civil. Minha instrutora ingressou em janeiro deste ano.

— Que extraordinário! — Disse o cavalheiro míope. Ele observou Maddie através das lentes de mais de um centímetro de espessura. Era mais velho que o líder militar, velho o suficiente para ser recusado se tentasse se alistar. Queenie apertou as mãos dele e disse, com seriedade: — Você deve ser meu contato.

Suas sobranceiras se ergueram até o cabelo. — Devo ser?

— Não preste atenção, ela é estranha — avisou Maddie, furiosa. — Ficou fazendo joguinhos bobos a manhã inteira.

Todos se sentaram.

— A sugestão foi dela — explicou Queenie. — Os joguinhos bobos.

— A sugestão foi minha, só porque ela não tem o mínimo senso de localização. Então, propus que fingisse ser uma...

— “Conversa descuidada custa vidas” — interrompeu Queenie.

— ... espiã. — Maddie omitiu quaisquer adjetivos pejorativos. — Deveria supor que tivesse sido jogada de paraquedas e tinha que encontrar o caminho até este *pub*.

— Não é um jogo qualquer — exclamou o cavalheiro de terno de *tweed* e lentes grossas. — Não um jogo qualquer, mas o Grande Jogo! Você leu *Kim*[\[20\]](#)? Gosta de Kipling?

— Não sei, seu perverso, eu nunca acumulei entulho[\[21\]](#) — respondeu Queenie, azeda. O civil riu à beça, encantado. — É claro que li Kipling, no caso, *Kim*, quando era pequena — respondeu Queenie, recatada. — Agora, prefiro Orwell.

— Foi à universidade?

Descobriram que Queenie e a esposa do cavalheiro frequentaram a mesma faculdade, embora com vinte anos de diferença, e trocaram citações literárias em alemão. Era óbvio que faziam parte do mesmo tipo de loucos, cultos e bem-criados.

— Qual é o seu veneno? — O civil disse a Queenie, cortês, com um pendor por Kipling. — A água da vida? Será que detecto um sotaque escocês? Conhece outros idiomas além do alemão?

— Agora, só café, vou entrar em serviço mais tarde. Sim, é escocês; *et oui, je suis courante en français aussi*. Minha avó e minha babá são de Ormaie, perto de Poitiers. Consigo fazer uma boa paródia do dórico de Aberdeen e do *cant* dos *tinkers*[\[22\]](#), mas não engano os nativos.

— O dórico e o *cant* dos *tinkers*! — O pobre homem ria tanto que teve que tirar os óculos e limpá-los com um lenço de seda de bolinhas. Ele os colocou de volta e espreitou Queenie. As lentes faziam as íris dos olhos azul-acinzentados parecerem tão grandes que surpreendiam. — E como conseguiu achar o caminho até aqui hoje, minha agente inimiga?

— É uma história de Maddie — respondeu a agente inimiga generosamente. — E eu lhe devo um uísque.

Então, Maddie contou para uma plateia interessada como ela interpretou Watson para o imponderado Sherlock Holmes da amiga, do pneu sabotado na entrada da fazenda bem estocada e as hipóteses sobre os cães, sobre a comida e as flores. — E — finalizou Maddie com um floreio triunfante — a mulher da fazenda lhe desenhou um mapa.

A assim chamada agente inimiga olhou para Maddie com atenção. O líder de Esquadrão Creighton ergueu a mão com a palma para cima, pedindo.

— Eu o queimei — disse Queenie, em voz baixa. — Joguei no fogo assim que entramos. Não lhes contarei qual era a fazenda, então não perguntem.

— Deveria ter deduzido sozinho — avaliou o civil míope —, baseado na descrição de sua amiga.

— Sou oficial. — A voz de Queenie estava muito baixa. — Dei uma boa chamada na mulher depois que ela o fez, duvido que ela precise de outro aviso. Mas eu nunca menti para ela, tampouco, e ela poderia ter suspeitado mais se eu tivesse mentido. Seria impróprio punir alguém, além de mim, é claro.

— Eu não sonharia em fazê-lo. Estou curioso com sua iniciativa. — O homem encarou o silencioso Creighton. — Acredito que sua sugestão anterior seja localizar — disse ele e, aleatoriamente, citou o que Maddie calculou ser provavelmente algo de Kipling: — “apenas uma vez a cada mil anos nasce um cavalo tão bem adaptado para o jogo como este nosso potro”.

— Não se esqueça — disse Creighton sobriamente, mantendo o foco nos olhos ampliados do outro homem, acima dos dedos cruzados —, estas duas trabalham bem juntas.

clk/sd e w/op

Oficial de inteligência inglês terrivelmente maquiavélico brincando de Deus.

Jamais descobri seu nome. Creighton o apresentou com um codinome que ele usa às vezes.

Em minha entrevista, ele brincou e se identificou por um número, pois é o que os espiões do Império Britânico fazem em *Kim* (embora nós não o façamos; dizem-nos no treinamento que números são muito perigosos).

Gostei dele — não me entendam mal — belos olhos atrás de lentes assustadoras e muito ágil e poderoso por baixo do *tweed* erudito. Foi maravilhoso flertar com ele, todos esses gracejos literários de ponta, como Beatrice e Benedick em *Muito Barulho por Nada*. Uma batalha de perspicácia e um teste também. Mas ele estava brincando de Deus. Observei, entendi e não me importei. Era tão emocionante ser um dos arcanjos, vingadores, os escolhidos.

Von Linden tem aproximadamente a mesma idade que o oficial da inteligência que me recrutou. Será que von Linden também tem uma esposa erudita? (Ele usa uma aliança.) A esposa de von Linden teria frequentado a mesma universidade que meu orientador de alemão?

A pura delirante imensa loucura dessa simples possibilidade me faz querer descansar a cabeça sobre essa mesa fria e soluçar.

Tudo é tão errado.

Não tenho mais papel.

Oh, Maddie.

Estou perdida. Perdi o fio da meada. Estava me satisfazendo com detalhes como se fossem cobertores de lã ou álcool, escapando totalmente para o passado, os dias antigos repletos de fogo-e-água de nossa amizade. Nós formávamos uma equipe sensacional.

Tinha tanta certeza de que ela pousou com segurança.

Faz quatro dias que escrevi algo pela última vez, há uma razão simples para tanto: falta de papel. Quando não vieram me buscar no primeiro dia, suspeitei e passei a manhã inteira dormindo, como um feriado. O cobertor mudou minha vida. Ao final do segundo dia, fiquei com muita fome e um tanto cansada de ficar sentada em absoluta escuridão. Então, aquelas fotos. Já haviam me mostrado a cabine traseira destruída do Lysander de Maddie, mas estas eram novas, ampliações da cabine do piloto.

Oh, Maddie.

Maddie.

Aquele foi o último momento de paz de meu feriado. Além disso, andaram interrogando de novo aquela garota francesa. Fiquei deitada com meu nariz pressionado à fenda abaixo da porta — chorei, e aquele é o único local onde há alguma luz — e reconheci seus pés quando a arrastaram por lá (ela tem pés bastante bonitos e está sempre descalça).

Não teria dormido bem depois daquelas fotos de qualquer modo, mas já citei que meu quarto fica ao lado da suíte que eles usam para entrevistas, etc.? Teria que ser totalmente surda para dormir, mesmo que estivesse numa cama de penas.

Na manhã seguinte, um trio de soldados me pôs correntes — correntes! — e me arrastou para abaixo do porão onde, tinha certeza, iriam me dissecar. Mas aquilo acabou sendo a cozinha, literalmente a cozinha deste hotel profanado, que é onde preparam nossa deliciosa sopa cinza de repolho (não assam pão aqui, quando temos pão, são pontas amanhecidas rejeitadas de outro lugar). Aparentemente, a diarista foi despedida: ela esfregava as panelas, varria o chão de pó de serragem — espalhando essa poeira menos bolorenta pelo lugar —, trazia carvão e madeira, esvaziava e lavava todos os baldes de dejetos dos prisioneiros, e descascava batatas para a sopa dos oficiais da Gestapo (gosto de imaginar que fazia as últimas duas tarefas sem lavar as mãos). Mais precisamente, ela foi detida e mandada para a prisão, não esta, obviamente, por ter roubado alguns repolhos. Em todo o caso, ontem e antes

de ontem, precisavam de mais alguém para fazer todas essas tarefas difíceis, enquanto não achassem outro jumento para ficar em seu lugar.

Quem melhor para tal trabalho que uma oficial de voo de Operações Especiais ociosa? As correntes eram um lembrete que sou prisioneira, não empregada. Em especial, um lembrete para o cozinheiro e seus subordinados, creio, mas ele era uma besta tão imunda que não teria notado se eu fosse arrastada pelo próprio Führer, desde que pudesse afagar meus seios.

E eu permiti que o fizesse. Por comida, poderiam supor, mas não! (Embora o bode velho tenha deixado, generosamente, que eu me deleitasse com as sobras quando terminava de descascar as batatas. Não tive que descascar nada eu mesma, já que sabiamente não me dariam uma faca.) Como um viciado em ópio, faço qualquer coisa por mais papel.

O sótão do Château de Bordeaux é um viveiro de coisas estranhas. Bastante assustador. Há alguns quartos (aqueles com freezers e fornos a gás), que provavelmente usam para experimentos horríveis, mas na maioria estas adegas estão vazias por não serem seguras e, geralmente, por serem escuras demais para atividades produtivas. Tudo que é necessário para abastecimento no hotel ainda está lá embaixo: enormes potes de café, panelas de cobre do tamanho de banheiras, latões (vazios) de leite, garrafas de vinho e vidros de geleia vazios empilhados, até uma fileira de aventais gordurosos empoeirados azuis ainda pendurados em um corredor. Há muitos elevadores de serviço, aparadores para transportar bandejas para cima, além de um grande para carregar engradados e coisas da rua principal, e foi explorando um dos menores (pensando em escapa, se pudesse me espremer dentro dele) que descobri o papel: pilhas e pilhas de cartões limpos para receitas, jogados no aparador, para não atrapalhar.

Pensei em Sara Crewe em *A Princesinha*, fingindo ser uma prisioneira na Bastilha, para fazer seu serviço de copeira mais tolerável. E sabem de uma coisa... não consegui fazê-lo. Qual é a vantagem de fingir que estou na Bastilha? Passei os dois últimos dias acorrentada, no porão, escravizada por um monstro. Ariadne no labirinto do Minotauro? (Desejaria ter pensado nessa antes.) Mas estava escravizada demais para fingir qualquer coisa.

Então, consegui pegar os cartões de receita em troca de ser apalpada e limitei a agressão, sugerindo ser o brinquedinho pessoal de von Linden e dizendo que Hauptsturmführer não iria gostar se o cozinheiro me deflorasse.

Senhor! Como escolher entre um inquisidor da Gestapo e um cozinheiro da prisão?

É claro que não tinha permissão de levar o papel ao meu quarto (para o caso de rasgá-lo em tiras e trançá-lo em uma corda para me enforcar, suponho), então tive que esperar um pouco no grande salão externo, enquanto von Linden estivesse ocupado com outra pessoa.

Imagine-me encolhida em um canto, com ferros nos pulsos e pernas, agarrando uma braçada de cartões em branco, tentando não notar o que faziam com os dedos das mãos e dos pés de Jacques, com pedaços de metal quente e pinças.

Após uma hora ou tanto deste melodrama, v.L. fez uma pausa e deu uma volta para tagarelar comigo. Disse-lhe em minha melhor voz aristocrática gelada de desdém como deve ser insignificante o império do Terceiro Reich por não poder se dar ao luxo de dar papel para descobrir coisas de informantes como eu, e mencionei que a besta imunda da cozinha e seus asseclas estão todos desmoralizados sobre a situação da guerra (colapso da Itália, cidades e fábricas alemãs destruídas por bombas, todos esperando uma invasão dos Aliados naquele ano, razão pela qual a Sra. Jacques e eu estaríamos aqui, tentando apressar a referida invasão). Von Linden queria saber se eu já lera *Na pior em Paris e Londres*, de Orwell.

Espero não tê-lo gratificado de novo por arfar. Nossa! Suponho que deixei escapar que gosto de Orwell. No que estava pensando?

Então, tivemos uma discussão memorável sobre o socialismo de Orwell. Ele (v.L.) desaprova (obviamente, já que Orwell passou cinco meses lutando contra os fascistas idiotas na Espanha em 1937), e eu (que nem sempre concordo com Orwell por diferentes razões) disse que acreditava que minha experiência como ajudante de cozinha não correspondia exatamente à de Orwell, se era isso que v.L. queria dizer, embora tenhamos nos encontrado trabalhando em porções de hotel franceses similares por salários similares (o de Orwell, um tanto maior que o meu, já que recorro que lhe davam algumas garrafas de vinho além de cascas cruas de batatas). Finalmente, von Linden se apossou de meus cartões de receitas, minhas correntes foram removidas e fui jogada de volta à minha cela.

Foi uma noite muito surreal.

Sonhei que voltara ao início, que eles me interrogavam sem parar, um efeito colateral de ter que assisti-los em ação com os outros prisioneiros. A previsão do que irão fazer é tão repugnante em um sonho quanto na vida real.

Naquela semana de interrogatório — após me deixar esfomeada no escuro por quase um mês, quando finalmente passou para uma tarefa mais intrincada de obter informações de mim —, von Linden não me olhou uma vez sequer. Lembro-me que andou de um lado para outro, mas era como se fizesse um cálculo complicado de cabeça. Havia muitos assistentes enluvados à mão para lidar com a bagunça. Jamais pareceu lhes dizer o que fazer; suponho que deve ter acenado ou apontado. Era como ser transformada em um projeto técnico. O horror e a humilhação não estavam nos momentos em que eu era despida até a intimidade e

vagarosamente feita em pedaços, mas sim no fato de parecer que ninguém se importava. Não estavam fazendo isso por diversão; não era por luxúria, prazer ou vingança; não estavam me oprimindo, como Engel faz; nem estavam bravos comigo. Os jovens soldados de von Linden desempenhavam suas tarefas, de modo tão indiferente e preciso, como se desmontassem um rádio, com von Linden desempenhando seu papel de engenheiro-chefe, dirigindo, testando e desligando a energia, sem a menor paixão.

Seu aparelho de rádio não treme, não chora, não amaldiçoa, nem implora por água, nem vomita e nem limpa o nariz nos cabelos, quando seus cabos estão em curto-circuito e são cortados, fritos e amarrados juntos para trás. Ele só fica lá, estoicamente, sendo um rádio. Não se importa se é deixado atado a uma cadeira por três dias, sentado sobre os próprios dejetos, com um trilho de ferro amarrado ereto contra suas costas para não poder se inclinar.

Von Linden não era nem um pouco mais humano ao me atormentar sobre Orwell, na noite anterior, do que quando me incomodava sobre os malditos códigos há duas semanas. Ainda não passo de um aparelho de rádio para ele. Mas agora sou um aparelho bastante especial, que ele gosta de remendar no tempo livre, que ele pode, secretamente, sintonizar na BBC.

Bom, passaram-se quatro dias, três dos quais foram mental e/ou fisicamente exaustivos, e eu perdi o fio da meada. Não tenho meus receituários médicos para olhar, ou mesmo Engel para relembrar onde parei. Suponho que ela tenha outras tarefas além de mim, talvez até ganhe uma folga de vez em quando. Hoje, o bestial Thibaut está aqui com outro homem, daí eu escrever loucamente qualquer bobagem antiga, para não atrair atenção. Odeio Thibaut. Não tenho exatamente medo dele, como do cozinheiro ou do Hauptsturmführer, mas — que droga! —, desprezo Thibaut; suponho que ele me despreze, vira-casacas que somos. Acho que é mais cruel que von Linden, diverte-se mais, não tendo, porém, o talento e o compromisso de v. L. Desde que eu escreva, Thibaut me deixa em paz. Gostaria apenas que ele não amarrasse os cordões tão apertados.

Esqueci onde devo ir e também estou um pouco em pânico em relação ao tempo. É o nono dia desde que comecei e v. L. disse que eu disporia de duas semanas. Não sei se isso inclui os últimos quatro dias desperdiçados mas, nesse ritmo, não chegarei a uma conclusão (acho que todos sabemos que não olharei aquela lista estúpida de novo).

Esta tarde, implorarei por outra semana, em alemão. Quando as pessoas são mais formais e educadas, ele fica mais cortês. Tenho certeza de que parte da razão de ser tratada como uma maluca tão perigosa, tirando a mordida que dei naquele policial que me prendeu, é por sempre ser tão bocuda e mal-humorada. Tiveram outro oficial britânico aqui certa vez, um aviador inglês, cara excelente e fino, que embora tenha sido mantido sob guarda, sempre

teve permissão para andar por aí com as mãos livres. (Aposto que não tinha minha reputação de artista de escapada amadora. E não consigo fazer nada contra meu mau humor.)

Não, vou olhar aquela lista novamente. Talvez ela me dê uma ideia de onde retomar a história. Além de Thibaut e seu colega terem que correr e encontrá-la, o que será divertido.

AERONAVES ALEATÓRIAS

Puss Moth, Tiger Moth, Fox Moth

Lysander, Wellington, Spitfire

Heinkel He 111, Messerschmitt 109

AVRO ANSON!

TAXI AÉREO COM O ATA

Como pude me esquecer do Anson?

Não sei como conseguem manter a Luftwaffe suprida com aeronaves utilizáveis. O *Air Transport Auxiliary* é como damos conta com a RAF, levando aviões de barco e taxiando pilotos. Um suprimento constante e regular de aviões quebrados trazidos para locais de conserto, aviões novos entregues da fábrica para bases operacionais, todos pilotados por civis, sem instrumentos, sem rádio, sem armas. Navegando pelas árvores e rios, trilhos e as longas cicatrizes diretas das estradas romanas. Pedindo carona de volta à base para a próxima tarefa.

Dympna Wythenshawe (lembram-se dela?) pilotava esses aviões. Numa tempestuosa tarde de outono, quando os dias agitados da Batalha da Grã-Bretanha passaram e arderam nas noites explosivas da Blitz de Londres, Dympna pousou em Maidsend da RAF em um bimotor de transportes, entregando três pilotos que deveriam dirigir Spitfires avariados para conserto. (Três rapazes. Eles não deixavam garotas pilotarem bombardeiros, nem mesmo avariados, até um pouco mais tarde na guerra. Não muito mais tarde.) Dympna entrou na cantina buscando uma xícara quente de qualquer coisa, e lá estava Maddie.

Terminados os abraços, risos e exclamações (Dympna sabia onde Maddie estava alocada, mas Maddie não esperava Dympna), tendo consumido xícaras do café de acampamento (extrato de chicória com água quente, *argh*), Dympna disse: — Maddie, venha pilotar o Anson.

— O quê?

— Você pode tomar o assento do piloto. Quero ver se você se lembra como faz.

— Nunca dirigi um Anson!

— Você pilotou o meu Rapide uma dúzia de vezes. O Annie tem motores gêmeos também, nada tão diferente. Bem... um pouco maior. E muito mais potente. E é um monoplano, com o trem de pouso retrátil...

Maddie deu um relincho de gargalhada. — Nada tão diferente!

— Mas eu cuidarei do trem de pouso. É uma barra de ferro para erguer e baixar, tem que fazer à mão, 150 voltas...

— Já fiz num Wellington — respondeu Maddie, presunçosa.

— Viu só? — Gritou Dympna. — Nada a se preocupar, então. Vamos, preciso passar na RAF de Branston e deixar outro piloto de traslado.

Ela olhou em volta da cantina, aprovando. — É tão bom pousar em um aeródromo onde há torrada quente com manteiga! Tantos aeródromos são SÓ PARA RAPAZES, com uma sala de espera fria para as senhoras, geralmente vazia. Deus te ajude se você não conseguir decolar do aeródromo antes do apagão; tive que passar uma noite na traseira de um Fox Moth certa vez. Quase morri congelada.

Maddie desviou os olhos marejados de lágrimas de inveja em pensar na noite solitária congelante na traseira de um Fox Moth. Não tocara nos controles de voo de um avião desde antes do início da guerra. Jamais pilotara algo tão grande ou complicado quanto um Avro Anson.

Queenie caminhava ao encontro delas, carregando sua própria xícara de óleo preto de motor. Dympna se ergueu.

— Preciso ir antes que escureça — disse, informalmente. — Venha, Maddie, te deixo aqui de novo na volta. São apenas vinte minutos de voo para cada lado. Decole, siga em frente e nivele...

— Segunda à direita e depois em frente, até o amanhecer — disse Queenie. — Olá! Você deve ser Dympna Wythenshawe.

— E você deve ser a artilheira de improviso de Maidsend!

Queenie se curvou um pouco. — Sou artilheira apenas às terças de manhã. Agora mesmo estou na Eliminação de Bombas. Viu? — Ergueu sua meia fatia de torrada seca. — A manteiga já acabou.

— Estou para levar sua amiga Maddie para uma aula de voo — contou Dympna. — A uma hora da base. Há espaço para mais uma, se estiver livre.

Maddie não viu vacilo nem palidez em sua pele alva. — Não, acho que não — objetou

Queenie calmamente, pondo a xícara na mesa. Então, repetiu cada uma das objeções da própria Maddie. — Ela não pilotou esse tipo de nave. Foi ela quem disse. E apenas como civil. — Ela articulou exatamente há quanto tempo Maddie pilotou um avião, fato sabido. — Há um ano. Mais que um ano.

O bom senso martelava a mente de Maddie. Reviu tudo em rápida sucessão: não deveria deixar a base, não sei o que estou fazendo, é provável que seja ilegal, serei levada à corte marcial e assim por diante. Mas agora, ela se decidiu. Relembrando há quanto tempo não pilotava um avião, Maddie tomou uma decisão. Era tempo demais.

— Agora — disse Maddie. — Agora visto o azul da Força Aérea e este ano já fui alvejada no ar e abati, sozinha, um avião inimigo, ou algo assim. E Dymrna é minha instrutora, e eu sou piloto e você...

Queenie precisava ser enrolada. Ela ainda estava em pé, segurando a torrada intocada.

— Finja — disse Maddie, inspirada. — Finja ser Jamie. Seu irmão favorito, aquele pelo qual se preocupa, em uma missão de treinamento. Você tem certeza e está convicto de si mesmo. Fez seu solo em um Tiger Moth e agora vai de apoio, tudo o que tem a fazer é erguer e abaixar o trem de pouso, deixando o instrutor livre para se concentrar no piloto novato.

De repente, Maddie hesitou. — Você não tem medo de altura, tem?

— Uma Wallace e uma Stuart com medo de algo?

Maddie pensou que deve ser como ter um pequeno prendedor de latão na mente, como um interruptor articulado de luz do salão, e quando bate nele, transforma-se de imediato em outra pessoa. A postura de Queenie ficou diferente, seus pés um pouco mais afastados e apoiados no chão, os ombros para trás. Talvez mais como um sargento de treinamento do que como seu irmão mais velho e educado em Eton, mas certamente mais viril que qualquer oficial de voo da WAAF. Inclinou seu quepe azul em um ângulo ousado.

— Mais que na hora de colocarem a RAF em *kilts* — observou, puxando a barra da saia do uniforme com desdém.

Maddie disse um “obrigada” silencioso e secreto a Adolf Hitler por ter-lhe dado uma camaleoa louca como amiga, e acompanhou Queenie para fora, ao campo de pouso, seguindo Dymrna.

As nuvens estavam carregadas, cinzentas e úmidas. — Ganhará uma hora em seu diário de bordo, P1 sob treinamento — Dymrna disse a Maddie, olhando para trás enquanto atravessava para o Anson. — Taxie, decole e faça um voo completo para a RAF em Branston. Vou ensinar a pousar lá, e você pode tentar sozinha quando voltarmos a Maidsend.

Ao chegarem, havia um rapaz (real) fazendo um levantamento exaustivo na nave e

conversando com alguns tripulantes de solo. Ele era o outro passageiro de Dympna, o outro piloto de voo de traslado de sua corrida de táxi. Ergueu os olhos para Dympna, que se aproximava, e deu risada, exclamando com um sotaque americano: — Ora, veja o que temos aqui: três gatas inglesas com quem voar!

— Idiota ianque! — Xingou a jovem piloto de bombardeiro de *kilt* azul. — Sou escocesa!

Maddie subiu antes. Arrastou-se para a frente pela fuselagem (ex-aeronave civil de passageiros, tomada pela RAF, como o Puss Moth de Dympna) e sentou no assento da esquerda, o do piloto. Ficou lá explorando a coleção de medidores e instrumentos. Surpreendeu-se ao ver quantos eram os rostos amigáveis e familiares dos indicadores que conhecia: conta-giros, indicador de velocidade do ar, altímetro — e quando tomou posse dos controles de voo e sentiu os *aileron*s e o elevador respondendo de modo confiável ao seu comando, por um momento pensou que choraria muito. Então olhou por sobre o ombro e viu seus passageiros subindo atrás dela. Dympna deslizou sua elegância no assento da direita ao lado de Maddie, e esta se recompôs. Em sua honra, uma tempestade aleatória salpicou os painéis da cabine com enormes gotas por cerca de dez segundos. Então a chuva estancou de chofre, como uma rajada de metralhadora.

Pensou: “Por que uma moça como você precisa de um brinquedo grande como este?”.

Maddie riu alto e disse a Dympna — Conduza-me pelas verificações.

— O que é tão engraçado?

— Este é o maior de todos os brinquedos.

— Teremos maiores ainda em breve — assegurou Dympna.

Para Maddie pareceu ser o último dia de aula, como o início das férias de verão.

— Dois tanques de combustível em cada asa — explicou Dympna. — Dois medidores de pressão de óleo, duas alavancas de acelerador. Mas só um controle de mistura, ajuste-o para normal para começar. A tripulação de solo toma conta das bombas de partida. (Estou inventando isso. Vocês entendem.)

Maddie taxiou nesse aeródromo familiar e rugiu pela pista esburacada tantas vezes na sua imaginação, que parecia já ter feito isso antes; ou era como se sonhasse agora. O Anson saltou ao ar em uma golfada de vento de proa. Maddie lutou com a nave por pouco tempo, endireitou o leme, sentiu a velocidade aumentar com o progresso laborioso do girar de manivela do trem de pouso de Dympna e o arrasto extra caiu. As asas se ergueram e abaixaram ao forte vento como uma lancha cavalgando ondas. Era bom pilotar um avião com asas baixas, com a vista desbloqueada, infinita do céu, ou, naquela ocasião, das nuvens

baixas.

— Ei, escocêsinha! — Ordenou Dymrna, gritando mais alto que o motor. — Pare de tagarelar e me dê uma mão.

A escocesa soluçante rastejou em direção à cabine, mantendo-se baixa, perto do piso da nave para evitar olhar para fora. Maddie deu uma espiada sobre o ombro, percebeu que sua amiga batalhava corajosamente contra algum demônio.

— Se está com medo, faça algo — gritou Maddie, sendo irônica.

A escocesa, pálida e determinada, esticou-se ao lado do assento do piloto e pegou a manivela do trem de pouso. — Meu medo real — soluçou a escocesa, dando uma volta na manivela —, não é a altura — outra volta —, mas ter enjoo.

— Fazer algo deve ajudar — berrou o ianque de trás, apreciando a vista à frente dele por razões diferentes do resto delas.

— Olhar o horizonte ajuda — berrou Maddie, com seus próprios olhos focados no local distante, onde a maltratada terra cinzenta se encontrava com a turbulenta nuvem cinza. Conversar era realmente impossível. A maior parte do ser de Maddie estava absorvida em pilotar o Anson oscilante. Mas uma porção mínima de sua mente se entristecia que o primeiro voo da amiga não era num calmo anoitecer de verão com a luz dourada sobre as verdejantes Pennines.

Maddie pousou o Anson ao vento, com um soco, e Dymrna manteve as mãos longe, deixando Maddie fazê-lo. O ianque disse que foi um baita pouso, o que era um elogio. Mais tarde, a escocesa trêmula rangia os dentes na pista, enquanto reabasteciam a nave, e a tripulação de solo de Branston tagarelava com os pilotos de traslado. Maddie se postou ao lado, não perto o suficiente para tocar, nada tão infantil, mas oferecendo apoio silencioso.

Com o piloto de voo de traslado ianque a menos, a tripulação partiu de volta a Maidsend. A luz solar intermitente, baixa no horizonte, brilhava pelas nuvens pesadas no oeste e Maddie, bastante desesperada para melhorar a experiência para sua passageira em suplício, conseguiu subir um pouco mais alto, onde o vento era mais forte, menos tempestuoso. (Aos pilotos de voo de traslado era vetado voar acima dos 5.000 pés. Engel terá que fazer a conversão métrica, sinto muito.)

Droga de vento cruzado, xingou Maddie para si, enquanto se movia lentamente para casa.

— Ainda com enjoo? — Berrou Dymrna para a infeliz escocesa. — Venha sentar na frente.

A escocesa, enfraquecida, podia ser provocada com facilidade (como sabem). Dymrna se esgueirou para fora do assento e a escocesa rastejou para lá.

Maddie deu uma olhada na amiga, sorriu e apertou a mão bem-cuidada que agarrava a beirada do assento do copiloto. Ela forçou a mão a pegar os controles de voo.

— Segure isso — berrou. — Veja como estamos inclinados contra o sol? Há um forte vento cruzado, por isso temos que ir de lado. Como se velejássemos. Aponta-se o avião para o lado. Entendeu?

A escocesa acenou com a cabeça, o rosto pálido, queixo duro, olhos brilhando.

— Vê? — Maddie ergueu as mãos para o alto. — Você está no controle. Está pilotando o avião. A Escocesa Voadora.

A Escocesa Voadora chiou novamente.

— Não se agarre a ele, apenas segure-o suavemente, aí, muito bem!

Sorriram uma para a outra por um momento. Então, voltaram os olhos para o céu.

— Dympna! — Exclamou Maddie. — Olhe, veja o sol!

Estava verde.

Pura verdade: a borda do sol poente, tudo o que podiam ver dele, ficara verde. Estava imprensado entre nódoas de névoa baixa e nuvem alta escura e apenas ao longo da borda superior da neblina havia esse losango brilhante de verde flamejante, como licor Chartreuse com luz por trás dele. Maddie nunca vira nada parecido.

— Meu Deus — sussurrou Dympna sobre esse efeito, mas ninguém a ouviu. Pôs uma mão no ombro de cada garota e os apertou forte.

— Pilote o avião, Maddie — comandou com a voz rouca, um lembrete de instrutor.

— Sim!

Maddie pilotou, mas também observou a borda verde do sol, por um longo e glorioso meio-minuto açoitado pelo vento. Duraram trinta segundos, os raios verdes rompendo a nuvem no horizonte. Então, a luz se apagou na névoa novamente e as três foram cegadas nas trevas monótonas de uma tarde chuvosa de outono.

— O que foi isso? Dympna, o que era? Um teste? Uma nova bomba? O quê...?

Dympna relaxou o aperto nos ombros.

— É chamado de clarão verde — explicou. — É só uma miragem, um truque da luz. Nada relacionado com a guerra. — Deixou escapar um suspiro de prazer. — Oh! Meu pai o viu uma vez acampando no Kilimanjaro, há anos. Volte ao trabalho, escocesa, o trem de pouso precisa ser baixado. Preciso voltar ao banco do instrutor para me certificar que Brodatt pousará com segurança.

Já em solo, Dympna pôs para fora as duas novatas e decolou novamente, sem ter descido em

terra em Maidsend, com pressa de voltar à sua base antes de escurecer ou de o tempo fechar (pilotos do ATA podem autorizar seus próprios voos).

Queenie, voltando a si, pegou a mão de Maddie e a apertou com força. Caminhou de volta, atravessando a pista, sem a largar. Maddie fechou os olhos e tornou a voar na pálida luz verde etérea. Sabia que jamais a esqueceria.

Sinto muito. Isto não tem absolutamente nenhuma relação com o Táxi Aéreo.

Mas foi esse voo que alavancou Maddie para o ATA. Ela foi liberada para eles pela WAAF, não cedida, procedimento um pouco incomum na época, embora agissem assim mais tarde na guerra; incomum pois o ATA é uma organização civil e a WAAF, militar. Mas Maddie estivera na lista de espera do ATA desde sua criação e ter Dymphna ao lado a colocou em vantagem sobre outros candidatos talvez igualmente bons. As mulheres na lista de espera eram muito mais qualificadas que os homens, já que eles não precisavam esperar. Também o voo noturno de Maddie em Oakway e os pousos com neblina a fizeram especial (noite e névoa, brrr, embora inofensivos, fico arrepiada). Homens com sua experiência agora pilotavam bombardeiros. O ATA precisava dela.

Eles voam sem rádio ou ajudantes de navegação. Têm mapas, mas não têm autorização de marcar balões ou novos aeródromos neles, caso os percam ou alguém os encontre. Maddie fez um treinamento ao entrar, no início de 1941, e um instrutor lhe disse: — Você não precisa de mapa. Sobrevoe apenas esta galeria o tempo que leva para fumar dois cigarros. Então vire e siga a próxima galeria durante outro cigarro. Pode-se voar sem as mãos e acender um cigarro no meio do voo facilmente se o avião estiver ajustado corretamente. LDC, Localização de Direção por Cigarro.

Na mesma época em que Maddie entrou para o Air Transport Auxiliary, sua amiga, a radiotelegrafista, foi cedida para o SOE, o Departamento Executivo de Operações Especiais. Maddie desconhecia isso. Após Maddie deixar Maidsend, elas trocaram cartas por um tempo. Logo as cartas de Queenie começaram a chegar de um endereço não divulgado, cheias de marcas pretas de censura, como se viessem de um soldado no norte da África. Então, Queenie lhe pediu para escrever para sua casa, com o impressionantemente simples (e palindrômico!) endereço de Craig Castle, Castle Craig (Aberdeenshire). Mas ela não estava em casa. O propósito era apenas de retransmissão. Assim, não se viram a maior parte daquele ano, exceto:

1) Quando Queenie apareceu de repente, durante uma pausa da Blitz de Manchester, e elas passaram três noites úmidas e chuvosas queimando gasolina do mercado negro enquanto

rodaram nas Pennines para cima e para baixo, na *Silent Superb* de Maddie.

2) Quando um dos dez maiores medos de Queenie se materializou e seu irmão favorito Jamie, piloto de bombardeiro (o Jamie real) e tripulação foram abatidos. Jamie passou uma noite flutuando no Mar do Norte e depois lhe amputaram quatro dedos da mão e todos os dos pés. Maddie foi visitá-lo quando ele estava no hospital. Ela nunca o vira antes, talvez não fosse o melhor momento de conhecê-lo, mas Queenie mandou-lhe um telegrama, o segundo que recebera na vida, pedindo-lhe que o visitasse, e Maddie foi. Talvez não fosse o melhor momento para ver Queenie também.

3) Quando Queenie foi enviada para Oakway para treinamento de paraquedismo. Naquela ocasião, não tinham permissão de conversar.

Isso deveria ser uma seção separada, os saltos de paraquedas da SOE, mas eu não cheguei lá ainda e, agora, von Linden acabou de entrar e eu mesma terei que traduzir o que escrevi, já que Engel não está aqui.

Estou só. Oh, Deus. Tentei desamarrar os nós de Thibaut, mas não consigo alcançá-los com as duas mãos. Estava traduzindo as anotações de hoje para von Linden, os cotovelos na mesa e a cabeça entre as mãos, sem ousar olhá-lo. Já havia lhe pedido mais tempo, e ele dissera que consideraria depois de ouvir o material de hoje. E sei que hoje não lhe dei nada. Nada além dos eventos das últimas duas semanas, o que ele já sabe, e o clarão verde. Cristo, todo-poderoso. Depois de chegar à parte em que o cozinheiro me apalpa — tão constrangedor, mas se tivesse pulado esta parte e v. L. descobrisse mais tarde, eu teria pagado por isso com sangue — ele se aproximou e se postou ao meu lado. Tive que erguer o olhar. Quando o fiz, ele tomou um punhado de cabelo e afastou-o de meu pescoço por um momento.

Ele nunca sorri ou franze as sobrancelhas, nada do gênero. Pude sentir meu rosto pegando fogo. Ora, porque escrevi daquela forma sarcástica e obscena sobre escolher entre o cozinheiro e o inquisidor? Não poderia dizer o que ele pensou. Gentilmente, esfregou meu cabelo entre os dedos.

Então, disse uma palavra. É a mesma em inglês, francês e alemão. Querosene.

E me deixou aqui, com a porta fechada.

Gostaria de escrever algo heroico e inspirado, antes de arder em chamas, mas sou burra demais e estou doente de medo para pensar em algo. Não consigo nem pensar em um desafio memorável de alguém para repetir. Pergunto-me o que William Wallace disse quando o amarravam aos cavalos que o rasgariam em pedaços. Tudo o que consigo pensar é em Nelson dizendo: — Beije-me, Hardy.

LAVARAM MEU CABELO. Era esse o propósito do querosene. EXTERMINAR OS PIOLHOS. Agora estou fedendo a explosivo, mas não tenho lêndas.

Logo após o Hauptsturmführer me deixar ontem à noite, houve um ataque aéreo e todos se enfiaram nos abrigos, como sempre. Fiquei sentada, chorando, esperando por duas horas, exatamente como fiz algumas vezes durante aquela semana de interrogatório, implorando um impacto direto de Deus e da RAF, que JAMAIS ACONTECEU. Depois que passou, ninguém apareceu por outra hora. TRÊS HORAS sem ninguém me dizer o que acontecia. Acho que v. L. esperava que, em pânico, eu escrevesse algo mais produtivo, como último recurso, mas lutei tanto para livrar minhas pernas, que a cadeira à qual estava amarrada tombou. Desnecessário dizer, não conseguia escrever nesse estado (e nem sequer considerei pedir socorro). Finalmente, algumas pessoas entraram e me encontraram fazendo uma imitação frenética de uma tartaruga de cabeça para baixo.

Consegui me arrastar, com a cadeira, até a porta e preparei uma emboscada que lançou dois guardas de ponta-cabeça, ao tropeçarem em mim na entrada. Agora, von Linden deveria conhecer-me bem o suficiente para perceber que não vou encarar minha execução sem lutar. Ou algo que remotamente lembre dignidade.

Quando me ressuscitaram e me repuseram à mesa, von Linden entrou e colocou uma única pílula branca à minha frente. Como Alice, fiquei desconfiada. Percebem que pensava ainda que seria executada?

— Cianeto? — Falei, lacrimosa. Seria uma forma tão humana de morrer.

Mas, ao que parece, não era uma pílula para suicídio. Era aspirina.

Como Engel, ele presta muita atenção.

Concedeu-me outra semana. Mas duplicou minha carga de trabalho. Fizemos um acordo. Outro. De fato, pensei que não tivesse sobrado algo de minha alma para lhe vender, mas conseguimos chegar a outro acordo. Ele tem uma locutora de rádio domesticada que faz propaganda nazista em inglês, visando os ianques. Ela trabalha em Paris para o serviço de radiodifusão de Berlim e vinha atormentando a Gestapo de Ormaie por uma entrevista. Quer dar às plateias americanas dos encouraçados uma perspectiva interna açucarada da França Ocupada: como os prisioneiros são bem tratados, como é estúpido e perigoso que os Aliados forcem garotas inocentes como eu a fazer o serviço sujo como o meu, blá, blá, blá.

Apesar de suas credenciais de rádio legítimas e brilhantes do Terceiro Reich, a Gestapo de Ormaie reluta em responder, mas von Linden acredita que ele pode me usar para causar boa impressão. — Não estaria aqui se meu próprio governo não fosse tão impiedosamente desumano — lhe direi, por ele. — Vejam, porém, que os alemães lidam com agentes capturados de forma humana. Vejam como traduzo, me ocupando de forma neutra enquanto aguardo julgamento. (É piada! Não terei julgamento.)

(Após minha segunda tentativa de fuga, enquanto esperavam que von Linden anunciasse a punição, alguns de seus subordinados idiotas casualmente tagarelaram muitos segredos administrativos na minha frente, sem perceber que eu entendia alemão. Assim, sei muito mais que deveria de seus planos para mim.) Entro em uma política nojenta chamada *Nacht und Nebel*, Noite e Névoa, que lhes permite fazer o inferno que quiserem com as pessoas que suspeitam “colocar a segurança em perigo” e desaparecer com elas, literalmente. Eles não as executam aqui; as despacham sem deixar rastro, para a “noite e a névoa”. Meu Deus, sou prisioneira Noite e Névoa. É tão secreto que nem mesmo anotam isso, usam apenas as iniciais: “NN”. Se este manuscrito sobreviver a mim, é provável que apaguem tudo que acabei de escrever. Na verdade, não é da política *Nacht und Nebel* conceder entrevistas para radiodifusão, mas esses membros da Gestapo são muito oportunistas. Eles sempre podem me picar em pedaços e então enterrar os restos no porão.

Se eu cooperar com a propagandista, posso ter mais tempo. Se contar a triste verdade, então não. E eles provavelmente vão fazer a locutora americana desaparecer também, e terei isso em minha consciência.

A aspirina e querosene são parte da Operação Cinderela, um programa concebido para me transformar de rata febril, mentalmente instável, infestada de lêndeas, em oficial de voo detida, confiante e com nervos de aço. Adequada para apresentação a uma locutora de rádio. Para aumentar a credibilidade de nossa história, deram-me um tipo de trabalho de tradução, copiando as notas de Hauptsturmführer von Linden do ano passado, com os nomes (quando ele os sabe), datas e, ugh, alguns métodos utilizados, além das informações extraídas. Oh, *mein* Hauptsturmführer, você é um Fritz calhorda perverso. Deve ser feita uma cópia em alemão para o O.C. (ele tem um Oficial Comandante!) e outra em francês, para algum propósito oficial. Estou fazendo a versão francesa. Fräulein Engel está fazendo a alemã (ela está de volta hoje). Trabalhamos juntas e usamos todos os meus ilícitos cartões de receitas. Estamos ambas zangadas quanto a isso.

O trabalho é tão terrível quanto tedioso. E ainda tão deslealmente instrutivo que me dá vontade de arrancar fora os olhos dele, com o lápis. Sou forçada a enxergar uma fração

metódica da mente de von Linden, nada pessoal, mas como funciona. E ainda admitir que ele é bom no que faz, a não ser, é claro, que tudo seja fabricado para me intimidar. Não acho, realmente, que ele seja criativo o suficiente para fazer isso, pelo menos, não da forma como uso minha imaginação, não para fingir algo, nem inventar uma coleção falsa de meia dúzia de blocos encadernados com pele de bezerro, cheios de retratos trágicos em miniatura de 150 espões condenados e combatentes da Resistência.

Mas é criativo em seu próprio modo científico: técnico, engenheiro, analista. (Adoraria saber suas credenciais civis.) Suas técnicas persuasivas são adaptadas para o indivíduo conforme conhece a personalidade de cada um. Nas três semanas que passei esfomeada no escuro, esperando algo ocorrer, deve ter me observado feito falcão, registrando silêncios, acessos de cólera, as muitas e quase bem-sucedidas tentativas de escalar as janelas traseiras, o duto de aquecimento, o respiradouro, arrombar a fechadura, garrotear ou castrar vários guardas, etc. Notou que me encolho, choro e imploro toda vez que começam os gritos na sala contígua. Observou como tento, agitada, pôr o cabelo para cima cada vez que alguém abre a porta e me vê (nem todos são interrogados em horríveis roupas íntimas, tormento especial reservado para os recatados e vaidosos. Estou entre os últimos.)

É reconfortante descobrir que não sou, afinal, a única judas internada por trás destas paredes profanadas de hotel. Suponho que von Linden seria demitido se sua taxa de sucesso fosse tão baixa. Agora suspeito ainda que seja exposta aos prisioneiros teimosos de propósito, para me desmoralizar, talvez com o efeito duplo de humilhá-los nos momentos mais vulneráveis com uma plateia constrangedora e apreciativa.

Ainda estou bastante apresentável. Por sempre pouparem minhas mãos e rosto, se totalmente vestida, jamais me olhariam e diriam que fui espetada e grelhada há pouco; empacotaram o aparelho de rádio parcialmente desmantelado em um estojo suave e agradável. Talvez v. L. sempre almejasse me usar em seu pequeno exercício de propaganda. E, é claro, estou disposta a jogar. Como ele sabia? Como ele sabia de início, antes mesmo de eu lhe dizer? Que sempre estou disposta a jogar, viciada que sou no Grande Jogo?

Ora, *mein Hauptsturmführer*, seu Fritz calhorda perverso, sou grata pelo edredom que me deram em substituição ao cobertor cheio de vermes. Mesmo sendo parte de um esquema temporário para me reabilitar, é uma alegria. Metade do enchimento saiu fora e cheira a porão úmido, mas ainda assim é um edredom de seda! Está bordado *C d B*, então deve ser estoque estragado da função prévia do edifício, como Château de Bordeaux. Às vezes me pergunto o que aconteceu com os móveis do hotel. Alguém deve ter se esforçado muito para esvaziar todos os quartos, tirar os guarda-roupas, camas e penteadeiras e parafusar barras

atravessadas nas persianas das janelas. O que fizeram com tudo: carpetes, cortinas, lustres, lâmpadas? Certamente, meu quartinho não tem o charme gaulês que o recomende, a não ser o belo piso de tacos decorados, que não consigo enxergar a maior parte do tempo (pois minha janela foi pregada, como a de todos os prisioneiros). Mas sei que o chão é muito frio e duro para dormir em cima.

É melhor voltar ao trabalho, embora tenha conseguido uma semana a mais, agora tenho só metade de cada dia para escrever. Também meu dia é mais longo.

Estou ficando cansada.

Eu sei, eu sei. Executiva de Operações Especiais. Escreva...

PILOTO EM VOOS DE TRASLADO

Maddie voltou a Oakway. Lá existia um rodízio de traslado do Air Transport Auxiliary e Oakway também se tornara o maior centro de treinamento de paraquedismo na Grã-Bretanha. Como piloto do ATA, Maddie foi rebaixada, voltou a ser civil, mas podia morar em casa e lhe deram um subsídio de gasolina, para a moto poder ir ao campo de pouso. Podia ainda trocar um bilhete completo de diária de transporte por uma barra de cerca de 50 g de chocolate ao leite Cadbury.

Finalmente, Maddie estava em seu elemento. Não importava que o céu estivesse diferente; era um percurso de obstáculos de cabos de balões, restrições, aeronaves militares e, muitas vezes, tempo ruim. Maddie estava em seu elemento, o ar.

Eles mandam você fazer acrobacias aéreas que jamais usará, observam você decolar e aterrissar algo e, então, está qualificado a pilotar aeronaves Classe 3 (bimotores leves) e todos os da Classe 2 (monomotores pesados), sem nunca ter visto a maioria deles. Maddie disse que, supostamente, os pilotos deveriam completar trinta voos de longa distância pelo país para memorizar os trajetos, e então, poderem viajar sem olhar o mapa, mas ela parou no número doze, porque estava demorando muito tempo à espera de um clima decente e queriam que ela trabalhasse logo. Toda semana morre um piloto do ATA. Não são alvejados por fogo inimigo. Pilotam sem rádio nem auxiliares de navegação em condições climáticas consideradas não adequadas pelos bombardeiros e caças.

Assim Maddie, no primeiro dia de trabalho, entra na cabana que os pilotos do ATA de Oakway chamam de seu “Salão da Bagunça”.

— Há um Lysander marcado com seu nome — disse a sua nova oficial de operações, apontando para a lousa com a lista de aeronaves a serem transferidas.

— Mesmo?

Todos riem dela. Mas sem maldade.

— Você nunca pilotou um, não é? — disse o holandês, um ex-piloto da KLM que conhece o norte da Inglaterra quase tão bem quanto Maddie, pousando passageiros com regularidade em Oakway desde sua abertura.

— Bem, — disse Ops — Tom e Dick levarão os Whitleys para Newcastle. E Harry levará o Hurricane. Sobra o táxi Anson e o Lysander para as senhoras. E Jane está com o Anson.

— Para onde irá o Lysander?

— Para Elmtree, para conserto. Volante de cauda defeituoso. Está pilotável, mas tem que manter o manche direto para frente.

— Farei isso — disse Maddie.

TRABALHO INSEGURO

Deram-lhe instruções muito completas de antemão, pois o defeito da nave pressupunha que não poderia ter as mãos livres durante o voo. Não poderia manusear mapas pelo caminho. Por uma hora, ficou sentada estudando as anotações do piloto (notas detalhadas dadas aos pilotos operacionais que dirigirão apenas um tipo de avião), então ficou em pânico de perder o clima adequado. Era agora ou nunca.

A equipe de solo se horrorizou com a ideia de uma garota pilotar um Lysander avariado.

— Não terá força suficiente. Com a cauda ajustada para decolar, uma garota não conseguirá manter o manche firme para frente o suficiente para o pouso. Não sei se alguém conseguiria.

— Alguém o aterrisou aqui — observou Maddie. Ela já recebera a carta para a tarefa e queria sair enquanto conseguia enxergar as Pennines. — Olha, deixarei o manche em neutro antes da entrada. Fácil, fácil.

E empurrou suavemente a cauda no lugar, deu um passo para trás e limpou as mãos na calça (azul-marinho, camisa da Força Aérea azul, túnica azul-marinho e boné).

Os mecânicos ainda estavam carrancudos, mas pararam de balançar as cabeças.

— Será como pilotar um hipopótamo — disse Maddie. — Vou manter a aproximação e pousar direitinho, longo e raso. Aproximação rápida, oitenta e cinco nós, flaps automáticos ficam para cima. Não venta muito. Vai ficar tudo bem.

Finalmente, um dos rapazes acenou devagar, relutante.

— Isso vai dar certo, garota — disse ele. — Imagino que dê certo.

Aquele primeiro voo do ATA que Maddie fez foi difícil. Não foi assustador, só difícil. Foi complicado, de início, olhar acima dos soquetes de mira e placas de fixação de câmera, além de fileiras e fileiras de chaves seletoras de bombas que não carregavam, uma chave Morse para um rádio que não estava conectado, etc.

Pilote o avião, Maddie.

As seis faces familiares amigáveis do painel de instrumentos de voo sorriam por trás do manche. Um dos rapazes de solo se assegurou, ansioso, que ela pudesse liberar a aproximação para pouso forçado.

O tempo colaborou, mas o Lysander lutou com ela por quase duas horas. Quando tentou pousar em Elmtree, julgou mal o comprimento necessário de pista. Com as mãos e pulsos doendo do esforço de manter o manche longe suficientemente para pousar, Maddie arremeteu sem tocar o solo e teve que se aproximar da pista duas vezes mais antes de conseguir. Afinal, aterrisou em segurança.

Pareço tão autoritária! Deve ser o efeito imediato da aspirina. Imagine se me dessem Benzedrina. (Ainda sinto falta de café.)

Maddie, também desejando café, foi pedir um sanduíche na cantina e encontrou outro piloto de voos de traslado pela frente: alto, rosto quadrado, cabelo castanho curto, mais curto que o de Maddie, de calça de uniforme azul-marinho e túnica com listas duplas douradas de primeiro oficial. Confusa por um momento, Maddie pensou, como Queenie, que via um fantasma.

— Lyons! — Exclamou.

O piloto ergueu o olhar, franziu as sobrancelhas e inquiriu: — Brodatt?

Então Maddie viu que não era o filho do vigário que costumava pilotar em Maidsend antes de ser abatido e incinerado com gasolina flamejante acima de South Downs setembro passado, mas alguém que com certeza seria sua irmã gêmea. Ou, de qualquer modo, uma irmã. Elas se olharam, confusas, por um momento. Não se conheciam.

A outra garota voltou a perguntar. — Mas como sabe o meu nome?

— Você é a cópia de seu irmão! Fui uma WAAF em Maidsend com ele. Costumávamos falar sobre mapas, ele não dançava nunca!

— Esse era o Kim — disse a moça, sorridente.

— Eu gostava dele. Sinto muito.

— Meu nome é Theo — ela estendeu a mão à Maddie. — Estou na turma feminina de traslados em Stratfield.

— Mas como sabe o meu nome? — interessou-se Maddie.

— Está anotado na lousa de atribuição na sala de rádio — disse a primeira-oficial Lyons.
— Somos as únicas do ATA aqui hoje. Eles costumam enviar garotas nos Lysanders; rapazes preferem algo mais rápido. Coma um sanduíche. Parece precisar de um.

— Nunca tinha pilotado um Lysander antes — disse Maddie — e espero nunca ter que repetir isso. Este quase me matou.

— Ah, você trouxe o avião com o leme horizontal defeituoso! É muito injusto lhe darem um Lizzie avariado em sua primeira vez. Você precisa pilotar outro imediatamente, um que funcione.

Maddie tomou a metade de sanduíche oferecida, de carne em conserva, como sempre, direto da lata.

— Bem, suponho que precise — ela disse. — Esta tarde tenho que levar um daqui até a base regular. Não é alta prioridade, mas tem uma daquelas cartas “S”, de sigilo e relatório necessários. É o meu primeiro dia de trabalho também.

— Você é sortuda, isso é Tarefas Especiais, da RAF.

— Especiais da RAF?

— Seu palpite é tão bom quanto o meu. É uma equipe meio que embutida na base normal da RAF para a qual voa, mas depois de ter desembarcado lá duas ou três vezes, começa a entender: uma pequena frota de Lysanders camuflados em preto e verde escuro, todos equipados com tanques de combustível de longo alcance e pistas ladeadas com lâmpadas elétricas. Pousos noturnos em pistas curtas...

Ela deixou a ideia no ar. França, Bélgica, agentes da Resistência, refugiados, equipamento de rádio e explosivos contrabandeados para a Europa ocupada por nazistas; não nos atrevíamos a falar a respeito. Simplesmente não nos atrevíamos.

— Foi muito divertido pousar um Lizzie em seu campo de treinamento. Há uma trilha simulada de aproximação, com bandeirinhas amarelas, pode-se brincar de piloto de Tarefas Especiais. Lysanders são mágicos em pousos curtos. Poderia pousar um no quintal da sua avó.

Maddie mal podia acreditar naquilo, tendo acabado de pousar seu primeiro Lizzie usando cada palmo disponível da pista.

Theo quebrou a crosta em pedaços e dispôs os farelos em uma forma invertida de L para imitar tochas ardendo em um escuro prado francês.

— É assim que se faz — olhou rápido por cima dos ombros, para ter certeza que não a ouviriam. — Eles sempre se espantam um pouco quando uma garota salta da cabine.

— Ficaram um pouco espantados quando cheguei esta manhã!

— Como é sua navegação? Não é permitido marcar esta pista em seu mapa. Demanda um pouco de estudo antes de sair, para poder achá-la sozinha.

— Posso dar um jeito — disse Maddie, confiante e sincera, tendo feito quase o mesmo naquele dia.

— Vai ser divertido — disse Theo, entusiasmada, querendo animá-la. — Você não poderia ter melhor treinamento se lhe dessem um curso! Pilotar um avião avariado por duas horas, depois pousar um consertado em dezoito metros no mesmo dia; poderíamos ser operacionais.

Tudo bem, este aeródromo, o das Tarefas Especiais. É o mesmo do qual decolamos, Maddie e eu, há seis semanas. Os pilotos que o usam são chamados Esquadrão Lunar; voam à noite, usando o luar apenas. O local de seu aeródromo é um dos segredos mais bem guardados e, graças a Deus, não sei seu nome nem tenho ideia de onde seja. Realmente não sei; embora tenha estado lá ao menos cinco vezes, sempre voei para lá de minha base, perto de Oxford, no escuro, às vezes de outro aeródromo, nem mesmo sei de qual direção partimos para chegar lá. Eles fazem isso de propósito.

Os aviões das Tarefas Especiais precisam de muita manutenção, pois passam pelos aeródromos rapidamente, batendo o trem de pouso no escuro e tendo pedaços arrancados por canhões antiaéreos a caminho de casa. Mais tarde, Maddie fez esse trajeto várias vezes, levando e trazendo naves avariadas ou consertadas do aeródromo maior que as circunda e as esconde. Mais recentemente, lhes serviu como piloto de aerotáxi, levando passageiros muito especiais.

A dúzia, ou algo assim, de pilotos suicidas e dementes lá alocados se familiarizou com os pousos cada vez mais hábeis, com precisão absoluta, de Maddie e assim já sabiam quem chegava antes mesmo de ela sair do avião.

Inferno! Acabou-se o tempo de novo! Estava me divertindo.

Engel pensa que traduzo as notas horríveis de von Linden mas, sorrateiramente, uso alguns cartões de receitas meus, pois passei na frente dela.

Ela pode ser uma fonte perfeita de informações quando está a fim. É por ralar tanto comigo enquanto eu trabalhava duro que ela ficou para trás. Ela me diz que, se eu tiver sorte, serei enviada para um lugar chamado Ravensbrück quando terminarem o que querem comigo aqui. É um campo de concentração só para mulheres, um campo de trabalhos e prisão. Talvez a diarista que roubou os repolhos tenha ido para lá. Basicamente é uma sentença de morte: o deixam passar fome até não conseguir trabalhar e então, quando ficar fraco demais para deslocar escombros para repor as estradas explodidas por nossos bombardeiros Aliados, o enforcam. (Sou ideal para deslocar escombros, tenho experiência prévia da pista em Maidsend.) Se não te mandam quebrar rochas, tem que incinerar os corpos dos companheiros após serem enforcados.

Se não tiver sorte, isto é, se meu relatório não for satisfatório no tempo dado, serei mandada para um lugar chamado Natzweiler-Struthof. Este é um campo menor e mais especializado, o ponto de desaparecimento dos prisioneiros *Nacht und Nebel*, na maioria homens. Às vezes mandam mulheres como espécimes vivos para experimentos médicos. Não sou homem, mas sou designada como *Nacht und Nebel*.

Oh, Deus.

Se for muito sortuda, isto é, se for esperta, serei fuzilada. Aqui, em breve. Engel não me contou; eu mesma pensei isso. Desisti de esperar que a RAF exploda este lugar em pedacinhos.

Quero atualizar minha lista das “dez coisas das quais tenho medo”.

1) Frio. (Troquei meu medo do escuro pelo de Maddie de sentir frio. Não me importo com o escuro agora, especialmente se estiver silencioso. Fica tedioso às vezes.)

2) Adormecer no meio do trabalho.

3) Meu irmão favorito ser bombardeado.

4) Querosene. A mera palavra basta para me deixar em frangalhos, algo que todos sabem e se aproveitam com grande efeito.

5) SS-Hauptsturmführer Amadeus von Linden. De fato, deveria constar no topo desta lista (ele me cega de medo), mas segui a relação pela ordem original, então ele substituiu o

porteiro da faculdade.

6) Perder meu suéter. Suponho que possa constar sob o item Frio, mas é algo que temo em separado.

7) Ser mandada para Natzweiler-Struthof.

8) Ser enviada de volta à Inglaterra e ter que reportar “O que fiz na França”.

9) Não conseguir terminar minha história.

10) Também de terminá-la.

Perdi o medo de envelhecer. Na verdade, não consigo acreditar ter dito algo tão bobo. Tão infantil. Tão ofensivo e arrogante.

Mas, principalmente, algo tão idiota. Desejo desesperadamente envelhecer.

Todos estão animados com a visita da locutora americana. Minha entrevista será feita no escritório de von Linden, onde quer que seja. Fui levada para visitar o local hoje para ficar prevenida e não desmaiar de surpresa ao vê-lo pela primeira vez perante a entrevistadora (fingir que todas as minhas “entrevistas” ocorrem sob o lustre de cristal veneziano em seu covil aconchegante com painéis de madeira. Faz de conta que fico sentada toda tarde à bela escrivaninha de marchetaria do século 18. Faz de conta que peço à cacatua de estimação na gaiola de bambu para soprar palavras pouco familiares em alemão quando emperro.)

(Ou talvez não. A prestativa cacatua pode parecer um pouco de exagero.)

Não estou escrevendo lá agora; estou em meu armário de vassouras vazio, inclinada sobre a mesa de aço tubular com os tornozelos presos à cadeira, com o SS-Scharführer Thibaut e seu colega cujo nome não me disseram respirando em meu cangote.

Escreverei sobre a Escócia. Nunca estive lá com Maddie, mas sinto como se tivesse ido.

Não sei o que ela pilotava quando ficou presa em Deeside, perto de Aberdeen. Ela não levava só Lysanders e não transportava muitas pessoas no primeiro ano, então provavelmente não era um Anson. Vamos dizer que fosse um Spitfire, só por diversão, o mais glamouroso e amado avião bombardeiro. Mesmo os pilotos da Luftwaffe deixariam arrancar seus dentes traseiros com um par de fios se lhes dessem um Spitfire para pilotar por uma hora. Vamos dizer que em novembro de 1941, Maddie estivesse levando um Spitfire para esse campo de pouso escocês de onde partiriam para defender os navios do Mar do Norte, ou talvez para fotografar os aeródromos da Noruega, ocupados pela Luftwaffe.

Nossos aviões de reconhecimento têm tonalidade de camuflagem entre malva e salmão, para se confundir com as nuvens. Digamos, então, que Maddie pilotava um Spitfire rosa, mas não lá no azul, no alto, como os pilotos de caça. Dirigia com cuidado, seguindo a costa até os largos vales escoceses, pois as nuvens estavam baixas. Encontrava-se três mil pés acima do nível do mar, mas entre Tay e Dee, as montanhas Cairngorm sobem mais que isso. Maddie estava sozinha, cuidadosa e feliz, voando baixo sobre as Highlands cobertas de neve, nas belas asas afinadas, ensurdecida pelo motor Merlin, navegando em voo cego.

Geada e nevoeiro cobriam os vales. A névoa se acumulava em almofadas nas dobras dos montes; cumes distantes ofuscavam em tons róseos e brancos sob os raios do sol baixo que não tocava as asas do Spitfire. O *haar*, nevoeiro costeiro do Mar do Norte, se avolumava.

Estava tão frio que o ar úmido cristalizava dentro do capô de plexiglas, aparentando neve na cabine.

Maddie pousou em Deeside pouco antes do ocaso. Mas não era pôr do sol; havia penumbra cinzenta ficando azul, e ela teria que passar a noite em uma cama extra desfeita e sem graça no quarto de hóspedes do alojamento de oficiais, ou encontrar uma pensão em Aberdeen. Ou passar metade da noite em um trem sem aquecimento, com as janelas vedadas e talvez chegar de volta a Manchester às duas da manhã. Sem vontade de encarar a solidão da acomodação espartana do aeródromo ou uma senhoria de rosto pétreo severo em Aberdeen, que não aceitaria seus cupons de racionamento por uma refeição noturna não encomendada, Maddie optou pelo trem.

Caminhou até a estação do ramal ferroviário em Deeside. Não havia mapas de rotas nas paredes, mas um sinal estilo *Alice no País das Maravilhas* comandava: “Se souber onde está, favor contar aos outros”. Não havia luzes na sala de espera porque apareceriam quando se abrisse a porta. Uma luz fraca de banqueiro ardia atrás da cabinezinha do vendedor de bilhetes.

Maddie se endireitou um pouco. As garotas do ATA levavam um verniz de propaganda nos jornais e esperava-se que demonstrassem certos padrões de postura. Descobriu, porém, que as pessoas nem sempre reconheciam ou entendiam seu uniforme marinho com as asas douradas do ATA, e para Maddie, a Escócia era tão estrangeira quanto a França.

— Há algum trem que passe em breve?

— Há sim — concordou o bilheteiro, tão enigmático quanto os cartazes na plataforma.

— Quando?

— Em dez minutos. É, em dez minutos.

— Vai para Aberdeen?

— Oh, não, para Aberdeen, não. O próximo trem é o do ramal para Castle Craig.

Para facilitar, traduzo a fala do bilheteiro do dórico de Aberdeen. Maddie, não sendo ela mesma fluente no dórico, não tinha certeza se havia escutado certo.

— Craig Castle?

— Castle Craig — este espectro de funcionário da ferrovia repetiu lacônico. — Só de ida a Castle Craig, senhorita?

— Não, não! — Respondeu Maddie, sensata e, num acesso de pura insanidade causada, sem dúvida, pela solidão, fome e fadiga, acrescentou: — Não é só de ida, preciso voltar. Ida e volta, por favor. Terceira classe, de ida e volta, a Castle Craig.

Meia hora mais tarde: — “Ora, o que fui fazer? — Pensou Maddie consigo mesma, com o antigo e gelado trem de dois vagões balançando e rastejando por uma série de estações escuras e anônimas, levando-a cada vez mais longe, aos sopés assombrados das Highlands escocesas.

A cabine do vagão ferroviário era mal iluminada por uma lâmpada azul no alto e não era aquecida; não havia outros passageiros com Maddie.

— Quando passa o próximo trem de volta? — Disse ao bilheteiro.

— O último é daqui a duas horas.

— Há algum antes desse?

— O último é daqui a duas horas — repetiu, nada prestativo.

(Alguns de nós ainda não perdoaram os ingleses pela Batalha de Culloden, a última em solo britânico, em 1746. Imagine o que diremos sobre Adolf Hitler daqui a duzentos anos.)

Maddie desceu do trem em Castle Craig. Não tinha bagagem além da máscara de gás e a bolsa de voo, com uma saia que deveria vestir quando não pilotava, mas que não conseguira trocar, seus mapas, cartas de piloto e régua de cálculo circular para computar a velocidade do vento. Havia ainda uma escova de dentes e sua barra de chocolate de 50 gramas, do voo passado. Lembrou como quase chorou de inveja da descrição de Dymphna de ter que passar a noite na traseira de um Fox Moth e quase congelar até a morte. Ficou pensando se congelaria antes que o trem, do qual tinha acabado de descer, finalmente voltasse a Deeside em duas horas.

Aqui devo lembrar que minha família há muito se estabeleceu nos mais altos escalões da aristocracia britânica. Lembrarão que Maddie é neta de um comerciante imigrante. Ela e eu jamais teríamos nos encontrado em tempos de paz. Talvez houvesse uma chance se eu decidisse comprar uma motocicleta em Stockport e, quem sabe, ela me atendesse. Se eu não tivesse sido uma ótima radiotelegrafista promovida tão rápido, não nos tornaríamos amigas mesmo em tempos de guerra, pois oficiais britânicos não se misturam com as classes mais baixas.

(Não acredito nisso, que não teríamos nos tornado amigas de algum modo, que uma bomba que não explodiu não teria explodido e despedaçado as duas na mesma cratera, ou que o próprio Deus não teria vindo e batido nossas cabeças em um lampejo de luz verde. Mas seria improvável.)

De qualquer forma, receios crescentes de Maddie sobre esta mal planejada viagem de trem em especial se basearam principalmente na certeza de que não podia simplesmente bater na porta de um castelo de Laird e pedir alojamento, ou até mesmo uma xícara de chá,

enquanto esperava o trem de volta. Era apenas Maddie Brodatt e não uma descendente de Mary, rainha da Escócia, ou Macbeth.

Mas ela não levou em conta a guerra que, segundo ouvi muita gente boa dizer, está nivelando o sistema de classes britânicas. Nivelando talvez seja uma palavra forte demais, mas nos misturando um pouco, com certeza.

Maddie foi a única passageira a descer em Castle Craig, e depois de vacilar na plataforma por cinco minutos, o chefe da estação saiu para cumprimentá-la pessoalmente.

— Você é amiga do jovem Jamie, lá da Casa Grande, não é?

Por um momento, Maddie ficou surpresa demais para responder.

— Ele ficará feliz em ter companhia ajuizada, com certeza, sozinho naquele castelo com os jovens malandros de Glasgow.

— Sozinho? — Resmungou Maddie.

— Sim, a Senhora está fora, em Aberdeen, por três dias, com o Serviço Voluntário de Senhoras, empacotando meias e cigarros para enviar aos nossos rapazes em combate no deserto. É só o jovem Jamie com os jovens evacuados de guerra. A Senhora acolheu oito deles, os últimos da fila; ninguém mais os queria, os rapazinhos sujos, com lêndeas e o nariz escorrendo. Os pais trabalham todos em navios, bombas caindo noite e dia, os jovens nunca estiveram fora das habitações em suas vidas. A Senhora disse que criara seis crianças próprias, sendo cinco rapazes. Oito filhos alheios não seriam muito diferentes. Mas ela viajou e deixou o jovem Jamie fazendo chá com suas pobres mãos mutiladas...

O coração de Maddie disparou com a ideia de ajudar Jamie a preparar chá para oito evacuados de Glasgow.

— Dá para andar até lá?

— Dá, uns oitocentos metros pela avenida principal até o portão, então um quilômetro e meio pela alameda.

Maddie agradeceu, e ele ergueu seu quepe para ela.

— Como sabe que sou amiga de Jamie? — Quis saber.

— Suas botas — disse o chefe de estação. — Todos vocês, caras da RAF, usam os mesmos modelos. Nunca vi o jovem Jamie tirar os seus. Gostaria de ter um par.

Maddie caminhou contra o vento no escuro até o Craig Castle, rindo como uma tonta, mas aliviada e ansiosa.

“Sou um cara da RAF!”, pensou e riu alto no escuro.

O Craig Castle é pequeno, isto é, comparado com os castelos de Edinburgh ou Stirling; ou o Balmoral, onde o rei mora no verão; ou Glamis, onde vive a família da rainha. Mas é um

castelo respeitável: tem partes com quase seiscentos anos, um poço próprio para o caso de cerco, porões que podem ser usados como calabouços ou adega e quatro escadas diferentes, intermináveis, em espiral. Nem todos os quartos, em diferentes andares, se conectam. Há uma sala perdida atrás de uma parede vedada (e ainda uma janela faltando no lado de fora e uma chaminé extra, então sabemos que o quarto ficava lá). Tem salas de armas e de troféus, de bilhar e para fumar, duas bibliotecas, inúmeros lavatórios, salas de estar, etc. Agora, a maior parte está coberta por lençóis para proteger da poeira, pois todos os moradores estão fora, engajados na guerra, inclusive os funcionários.

Quando Maddie chegou, parecia deserto, escuro, é claro, mas ela bateu forte a aldraba da porta principal e, finalmente, um dos desmazelados evacuados de Glasgow, besuntado de ovo do canto esquerdo da boca até a orelha esquerda, lhe abriu. Carregava uma vela e um candelabro de latão.

— Que rapidez, Jack! — Ironizou Maddie.

— Meu nome é Jock — retorquiu o rapaz.

— Interrompi seu chá?

Jock respondeu ansioso, mutilando as sílabas do sotaque de Glasgow. Se tivesse falado alemão, Maddie teria entendido a mesma coisa.

Ele queria tocar suas asas de ouro. Teve que apontá-las para que ela entendesse.

Ela permitiu que o fizesse.

— Venha, entre — disse firme e radiante, como se ela tivesse passado em um teste. Fechou a maciça porta de carvalho e ferro e Maddie o seguiu para o labirinto onde nasci.

Emergiram na cozinha, abaixo da escada, com quatro pias, três fornos e bocas de fogão suficientes para cozinhar para cinquenta convidados, uma mesa de pinho grande para acomodar todos os funcionários, se eles estivessem lá. Ao redor da mesa havia sete jovens com idades entre seis e doze anos, sendo que Jock parecia ser o mais velho. Todos usavam botas com tachas, calças curtas (economia de tecido) e malhas escolares remendadas em vários estados de má conservação. Com o rosto sujo de ovo, eles estavam comendo palitos de torrada com uma velocidade incrível. Em pé ao lado do grande fogão vitoriano, presidindo um borbulhante caldeirão de ferro, estava o honorável filho caçula do senhor das terras do Craig Castle, Jamie, com aparência típica do herói das Highlands, usando um *kilt* desbotado de tartan Hunting Stewart, meias três-quartos tricotadas à mão e suéter de piloto da RAF tricotado à máquina. Suas botas combinavam perfeitamente com as de Maddie.

— Três minutos, quem já foi? — Anunciou ele, virando uma extraordinária ampolheta de bronze dourado e erguendo um ovo cozido com pinças de prata para açúcar.

As mãos mutiladas, com dois dedos e um polegar em cada, eram hábeis e rápidas. Ele cheirou o ar. — Ei, Tam, vire essa torrada antes que queime! — Gritou, então se virou e viu Maddie.

Ela não o teria reconhecido como Jamie. Hoje ele estava rosado e saudável, nada igual ao inválido enlutado de rosto acinzentado que vira tombado, enfaixado e indiferente em uma cadeira em Bath. Mas jamais duvidaria que fosse o irmão de sua melhor amiga. Mesmo cabelo loiro elegante, mesma constituição esguia, mesmos traços atraentes com um leve toque de loucura por trás dos olhos brilhantes.

Ele bateu continência. O efeito foi incrível. Todos os sete jovens (e Jock) o imitaram com elegância, saltando em pé, empurrando as cadeiras para trás.

— Segunda Oficial Brodatt do Air Transport Auxiliary — apresentou ele. Os rapazes disseram seus nomes como uma fila de cadetes: Hamish, Angus, Mungo, Rabbie, Tam, Wullie, Ross e Jock.

— A tropa do Castle Craig — disse Jamie. — Gostaria de partilhar ovos cozidos conosco, Segunda Oficial Brodatt?

Maddie tinha direito a um ovo por semana. Em geral, o doava para a avó para que assasse algo, ou para as frituras do café de domingo e, de qualquer modo, muitas vezes perdia os quitutes.

— Tem galinha à beça por aí — contou Hamish, quando ela sentou com os garotos. — Comemos todos os ovos que achamos.

— Procurá-los os mantêm ocupados — explicou Jamie.

Maddie cortou o topo de seu ovo com a colher. A gema quente fulgurante era como o sol de verão brilhando pelas nuvens, o primeiro narciso na neve, uma moeda de ouro embrulhada em um lenço branco de seda. Mergulhou a colher nela e a lambeu.

— Vocês, rapazes — disse devagar, observando os rostos sujos — foram evacuados para um castelo mágico.

— É verdade, senhorita — disparou Jock, esquecendo que ela era uma oficial, no dialeto de Glasgow.

— Fale devagar — comandou Jamie.

Em vez disso, ele falou mais alto. Maddie entendeu a essência. — Há um fantasma que fica no alto da escada da torre. Você sente frio se passar por ele por acidente.

— Eu o vi — confidenciou Angus, orgulhoso.

— *Nãñãñã, num viu* — zombou Wullie, com profundo desprezo. — *E vucê dórmí con'ursinhu.* Não é fantasma.

Eles se engajaram em uma discussão incompreensível sobre o fantasma. Jamie sentou na frente de Maddie, e eles sorriram um para o outro.

— Estou em minoria absoluta — comentou Maddie.

— Eu também — concordou Jamie.

Ele vivia na cozinha e na menor das duas bibliotecas. A tropa do Craig Castle ficava a maior parte do tempo fora. À noite, dormiam três deles em cada uma das camas ancestrais de dossel. Os rapazinhos estavam felizes em se amontoar, pois faziam igual nas suas casas. Assim, economizavam lençóis e deixavam Ross e Jock sozinhos (Ross era o irmão caçula de Jock). Jamie os fez se lavarem e escovarem os dentes no estilo militar (ou escolar), nas quatro pias da cozinha, dois por pia, muito eficiente. Então, ele literalmente os fez marchar para a cama, instalando Maddie em sua toca da raposa, na biblioteca, a caminho, para onde voltou vinte minutos mais tarde, trazendo um bule de café fervendo.

— É café de verdade — avisou ele. — Da Jamaica. Mamãe o reserva para ocasiões especiais, mas está começando a perder o gosto. — Ele afundou em uma das poltronas de couro rachado em frente à grade da lareira com um suspiro. — Como chegou até aqui, Maddie Brodatt?

— Segunda à direita e sempre em frente até o amanhecer — respondeu de imediato. Parecia mesmo a Terra do Nunca.

— Caramba, é tão óbvio que eu seja Peter Pan?

Maddie riu. — Os Meninos Perdidos te entregaram.

Jamie observou suas mãos. — Mamãe mantém as janelas abertas em todos os quartos enquanto estamos fora, como a Sra. Darling, para o caso de voltarmos voando quando ela menos espera. — Ele encheu uma xícara de café para Maddie. — Minha janela está fechada agora. Não estou pilotando no momento.

Ele falou sem amargura.

Maddie indagou algo que quisera perguntar quando o encontrou pela primeira vez, mas não tivera coragem.

— Como conseguiu salvar as mãos?

— Enfiava os dedos na boca — respondeu prontamente. — Trocava de mãos a cada trinta segundos se tanto. Não consegui enfiar mais de três dedos por vez e pensei que era melhor me concentrar naqueles que me fariam mais falta. Meus irmãos mais velhos e a irmã caçula começaram a me chamar de *The Pobble Who Has No Toes*[\[23\]](#), que é um poema muito bobo de Edward Lear. — Ele bebericou o café. — Ter algo no que me concentrar provavelmente

salvou mais que as minhas mãos. O meu navegador, que caiu comigo, simplesmente desistiu, apenas meia hora depois de estarmos na água. Simplesmente se deixou levar. Não queria pensar naquilo.

— Você vai voltar?

Ele hesitou um pouco, mas quando falou, foi com determinação, como se tivesse um quebra-cabeça para resolver. — Meu médico diz que eles podem não me querer na tripulação de um bombardeiro. Mas, vocês têm um camarada com um braço voando no ATA, não têm? Pensei que pudessem me aceitar. Aviadores Traumatizados Antigos, não é como os chamam?

— Não a mim — disse Maddie. — Sou uma das Aviadoras em Terror Ativo.

Jamie riu. — Terror, você? Que lorota!

— Não gosto de artilharia — confidenciou Maddie. — Algum dia, atirarão em mim no ar e cairei em chamas só por estar morrendo de medo de pilotar um avião.

Jamie não riu.

— Deve ser horrível — lamentou Maddie baixinho. — Voltou a voar desde então?

Ele abanou a cabeça. — Mas eu consigo.

Pelo que ela viu naquela noite, pensou que ele provavelmente poderia.

— Quantas horas você tem?

— Centenas — respondeu ele. — Mais da metade delas à noite. A maioria delas em Blenheims. Era o que pilotava sempre quando era operacional.

— Em quais modelos você treinou?

— Em Ansons. Primeiro nos Lysanders.

Ele a observava atentamente por sobre o café, como se fosse uma entrevista e esperasse que o emprego fosse dele. É claro que não era da conta dela e que ela nem tinha autoridade. Mas Maddie pousara Lysanders tantas vezes naquele campo remoto de Tarefas Especiais da RAF, passando até uma noite no chalé particular coberto de hera do Esquadrão da Lua em um pequeno bosque à beira do aeródromo normal (não havia outro lugar para alojá-la e fora cuidadosamente segregada dos outros visitantes). Tinha alguma ideia das dificuldades que aquele esquadrão peculiar tinha para encontrar e manter pilotos. Eram necessárias centenas de horas de voo e francês fluente e, embora só pudessem pegar voluntários, era uma operação tão secreta que não lhes era permitido recrutar ativamente qualquer pessoa.

Maddie tinha uma regra para conceder favores, que chamava o Princípio da Carona ao Aeródromo. Era muito simples. Se alguém precisa chegar a um campo e você pode levá-lo até lá, carregando-o em um Anson ou em uma motocicleta, carroça ou nas costas, deve

sempre levá-lo. Pois algum dia você também precisará de uma carona até um campo de pouso. Alguém diferente o levará, então o favor acaba sendo repassado e não devolvido.

Agora, falando com Jamie, Maddie pensou em todas as pequenas coisas que Dymrna Wythenshawe fizera ou dissera por Maddie, coisas que não custaram nada a Dymrna, mas que mudaram a vida de Maddie. Ela sabia que jamais poderia compensar Dymrna; mas agora, de acordo com o Princípio da Carona ao Aeródromo, tinha chance de repassar favores que mudam vidas.

— Você deve pedir ao seu O. C. para pilotar para as Tarefas Especiais — disse a Jamie.
— Acredito que tenha boas chances de se juntar a eles.

— Tarefas Especiais? — Repetiu Jamie, assim como Maddie repetira a Theo Lyons há alguns meses.

— Eles pilotam em missões secretas — explicou Maddie. — Operações com pistas curtas, pousos noturnos. Lysanders e às vezes Hudsons. Não é um esquadrão grande. Seja um voluntário para as Tarefas Especiais da RAF e, se precisar de referência, peça para falar com...

O nome que deu a Jamie era o pseudônimo do oficial da inteligência que me recrutou.

Foi provavelmente a coisa mais ousada que ela já fizera. Maddie só podia desconfiar o que ele era. Mas lembrara seu nome, ou melhor, aquele que ele usou ao lhe pagar um uísque no *Green Man*, e ela o tinha visto mais de uma vez no aeródromo secreto (e ele pensava ser tão inteligente). Muito civis estranhos iam e vinham daquele campo, mas Maddie não via muitos e quando reconheceu o que ela vira, ficou impressionada com a coincidência singular.

(Oficial de Inteligência Inglesa terrivelmente maquiavélico brincando de Deus.)

Jamie repetiu o nome em voz alta para memorizar e se debruçou para a frente para ver Maddie mais de perto à luz da lareira da biblioteca.

— De onde diabos você teve esse tipo de informação?

— “Conversa descuidada custa vidas” — respondeu, séria, e o *The Pobble Who Has No Toes* riu, pois isso lhe lembrou tanto sua irmã caçula. Isto é, sua irmã mais nova. (Quero dizer, eu.)

Como adoraria ficar na biblioteca do Craig Castle com ele a noite inteira. Mais tarde, Maddie dormiu em minha cama (mamãe sempre deixa nossas camas feitas, só por precaução...). Estava frio com a janela aberta mas, como a mamãe e a Sra. Darling, Maddie deixou a janela como a encontrou, também só por precaução... Gostaria de me satisfazer e escrever sobre meu quarto, mas preciso parar logo para que von Linden possa me preparar para essa entrevista de rádio de amanhã. De qualquer modo, meu quarto em casa, no Craig

Castle, Castle Craig, não tem nada a ver com a guerra.

Essa porcaria de entrevista de rádio. Só mentiras, mentiras e droga de mentiras.

Supõe-se que eu use este tempo para anotar algo sobre a entrevista de rádio de ontem — para auxiliar em caso da transmissão real não combinar com o que v. L. lembra dela. Eu teria escrito a respeito dela de qualquer modo, mas CARAMBA, QUANDO CONSEGUIREI ACABAR MINHA GRANDE DISSERTAÇÃO DE TRAIÇÃO?

Realmente se esforçaram em melhorar minha aparência, como se fosse uma debutante a ser apresentada ao rei da Inglaterra de novo. Foi decidido (não por mim) que meu amado suéter me fazia parecer magra e pálida demais, além de estar um bocado rasgado. Então lavaram e passaram minha blusa e me devolveram temporariamente a echarpe de seda cinza. Fiquei boquiaberta ao descobrir que ainda a tinham; suponho que faça parte de meu arquivo e que ainda procuram um código não revelado no tecido.

Deixaram que arrumasse o cabelo, mas foi difícil concordar como prendê-lo, pois ninguém confiava em mim com grampos. No final, liberaram o uso de TOCOS DE LÁPIS. MEU DEUS, eles são bonitos. Permitiram que eu fizesse sozinha o penteado, pois: A) Engel não conseguiu fazer o cabelo parar e B) ela não escondia os lápis tão bem quanto eu. E mesmo depois de ensopar as pontas dos dedos em querosene por uma hora (quem suspeitaria que querosene tivesse tantos usos?), não consegui me livrar das manchas de tinta embaixo das unhas. Mas isso só dá mais credibilidade à história da estenógrafa, creio eu. Depois disso, por minhas mãos federem a querosene, deixaram-me ainda usar um belo sabonete cremoso americano que flutuava na pia quando eu o soltava. De onde veio aquilo? (Além dos óbvios “Estados Unidos”.) Parecia sabonete de hotel, mas a embalagem era inglesa e não poderia ser deste hotel.

C d M, le Château des Mystères.

Engel fez minhas unhas. Não pude fazer eu mesma para não apunhalar alguém com a lixa. Ela foi tão cruel quanto podia sem arrancar sangue de verdade (conseguiu me fazer chorar). Tirando isso, é uma manicure perfeita. Tenho certeza que, abaixo da máscara de Mädchen Teutônica que mostra para a Gestapo, esconde-se um talento de moda.

Instalaram-me à mesa de marchetaria com alguns documentos falsos inofensivos para trabalhar: encontrar as melhores conexões entre as ferrovias francesas e os horários de ônibus e fazer uma lista deles em alemão. Quando trouxeram a locutora, levantei-me com um sorriso artificial e cruzei o antigo tapete persa para saudá-la, como se fizesse o papel de

secretária na noite de estreia de *Álibi*, de Agatha Christie.

— Georgia Penn — apresentou-se a locutora, estendendo-me a mão. Ela parece uns trinta centímetros mais alta que eu e anda com uma bengala, pois manca muito. Da idade de von Linden, é grande, simpática e fala alto; bem, é americana. Trabalhou na Espanha durante a Guerra Civil como correspondente estrangeira e foi muito maltratada pelos republicanos, daí a inclinação pró-fascista. Normalmente mora em Paris e faz um show de rádio chamado “Não há lugar como o lar”, cheio de melodias *jive*, receitas de tortas e dicas desencorajadoras, do tipo: “se você estiver alocado em um encouraçado no Mediterrâneo, sua garota está te traindo nos EUA”. Esse lixo é transmitido sem parar para induzir saudades nos soldados americanos. Aparentemente os ianques ouvem qualquer coisa se incluir música decente. A BBC é séria demais para eles.

Apertei a mão dessa mulher traiçoeira e disse, calma, *em français pour que l’Hauptsturmführer*, que não fala inglês, *puisse nous comprendre*[\[24\]](#): — Desculpe, não posso lhe dizer o meu nome.

Ela ergueu os olhos para von Linden, postado atenciosamente ao seu lado.

— *Pourquoi?* — ela falou olhando para ele. Ela é até mais alta que von Linden, e seu francês tem o mesmo sotaque fanhoso de vogais americanas quanto seu inglês. — Por que não posso saber seu nome?

Ela me olhou de volta, de cima de sua altura colossal. Ajustei minha echarpe e assumi a pose casual de uma santa cravada de flechas, mãos unidas atrás das costas, um pé virado para fora e o outro com o joelho um pouco dobrado, a cabeça inclinada para um lado.

— Para minha própria proteção — eu disse —, não quero meu nome divulgado.

Que DISPARATE! Suponho que poderia ter dito: — Devo desaparecer na Noite e na Névoa.

Não sei o que entenderia disso. Não me permitiram nem lhe dizer qual ramo do exército eu sirvo.

Von Linden me deu uma cadeira também, ao lado da Srta. Penn, longe da mesa onde trabalhei. Engel ficou rondando, solícita. A Srta. Penn ofereceu um cigarro a von Linden, que acenou com desdém, afastando-o.

Posso fumar? — Perguntou ela, e quando ele ergueu os ombros, educado, ela pegou um para ela mesma e ofereceu outro para mim. Aposto que Engel queria um.

Respondi: — *Merci, mille fois*[\[25\]](#) — Ele não disse nada. *O mein Hauptsturmführer!* Seu covarde!

Pronta para acender os cigarros, anunciou em francês rápido e simples: — Não quero

perder tempo ouvindo propaganda. É o meu trabalho e sei o que faço. Serei franca com você, busco a verdade. *Je cherche la vérité.*

— Seu sotaque é assustador também em francês. Repetiria isso em inglês?

Ela o fez, sem se insultar, muito séria, através de uma nuvem de fumaça.

— Busco a verdade.

Maravilha que von Linden deixou-me aceitar o cigarro, senão não sei como teria conseguido disfarçar que cada um de nós estava lidando com seu próprio MALDITO PACOTE DE MENTIRAS.

— Verdade — repeti, finalmente, em inglês.

— Verdade — concordou ela.

Engel veio correndo ao meu auxílio com um pires (não havia cinzeiros). Eu consumira o cigarro inteiro, até a bituca, em cinco ou seis longas tragadas, compondo-me para responder.

— *Verity*, verdade — disse em inglês e exalei todas as últimas moléculas de nicotina e oxigênio de dentro de mim. Então ofeguei: — A verdade é filha do tempo, não da autoridade. — E: — Isso acima de tudo, para o teu próprio eu ser verdadeiro. — Falei sem sentido, confesso. — *Verity*, verdade! Sou a alma da verdade. — Ri tão loucamente então, que o Hauptsturmführer teve que limpar a garganta para me lembrar de me controlar. — Sou o espírito da verdade — repeti. — *Je suis l'esprit de vérité.*

Em meio à fumaça de cigarro, Georgia Penn, muito gentil, entregou-me o que sobrou do próprio cigarro.

— Bem, graças a Deus por isso — disse, em tom maternal. — Então posso confiar que responderá honestamente — disse, erguendo a vista para von Linden. — Sabe como chamam este lugar?

Ergui as sobrancelhas e encolhi os ombros.

— *Le Château des Bourreaux* — contou ela.

Ri alto demais de novo, cruzei as pernas e examinei a parte interna dos pulsos.

(É um trocadilho: *Château de Bordeaux*, *Château des Bourreaux* — Castelo Bordeaux, Castelo dos Açougueiros.)

— Não, não ouvira isso — respondi. E honestamente, não sabia, talvez por estar tão isolada a maior parte do tempo. Mostra como sou distraída e que não pensei nisso eu mesma. — Bem, como pode ver, ainda estou inteira.

Ela realmente olhou com atenção para mim por um segundo — um segundo apenas. Alisei minha saia para baixo, sobre o joelho. Então pareceu tratar de negócios, tirou bloco e caneta enquanto um funcionário pálido da Gestapo, que aparentava doze anos, servia conhaque

(CONHAQUE!) para nós três (NÓS TRÊS — v. L., G. P. e EU, não Engel) de um decantador de cristal do tamanho de minha cabeça.

Então fiquei tão desconfiada de todos na sala que não conseguia me lembrar o que deveria dizer. *Álibi, Álibi*, é tudo o que eu conseguia pensar. Isso é diferente, não sei o que está acontecendo, ele quer me pegar desprevenida, é um truque novo. A sala tem escutas, por que acenderam a lareira e não o lustre, e o que a cacatua falante tem a ver com isso?

Espere, espere, espere! O que mais há para conseguir de mim? Estou DANDO À GESTAPO TUDO O QUE SEI. Venho fazendo isso há semanas. Componha-se, garota, você é uma Wallace e uma Stuart!

Nesse momento, propositadamente apaguei o cigarro na palma da minha mão. Ninguém notou.

Para o inferno com a verdade, disse a mim mesma ferozmente. Quero mais uma semana. Quero a minha semana e vou tê-la.

Perguntei se poderíamos falar em inglês para a entrevista, o que parecia mais natural com uma norte-americana; com Engel lá para traduzir, o Hauptsturmführer não se importava. Então dependia de mim, realmente, encenar um belo *show*.

Ele não queria que contasse sobre os códigos que passara a ele. Certamente também não poderia falar sobre as, bem, circunstâncias estressantes em que desabei e os entreguei; tampouco que os onze aparelhos de rádio no Lysander de Maddie foram todos destruídos no incêndio ao cairmos. (Eles me mostraram as fotos durante o interrogatório. As ampliações da cabine do piloto vieram mais tarde. Acho que os mencionei aqui, mas não vou descrevê-los.) Não entendo totalmente a lógica do que poderia ou não contar à locutora americana, já que, se ela quisesse, poderia facilmente descobrir de qualquer um em Ormaie sobre os aparelhos de rádio destruídos. Mas talvez ninguém tenha contado à Inteligência Britânica, e a Gestapo ainda está brincando do jogo do rádio, *das Funkspiel*, tentando usar meus códigos e frequências comprometidas em um de seus rádios capturados anteriormente.

(Suponho que deveria escrever sobre essas fotos, mas não consegui, literalmente, pois foi durante aqueles dias em que o papel acabou. Agora, tampouco escreverei.)

Contei que era uma operadora de rádio, saltei de paraquedas em roupas civis para não chamar a atenção e fui apanhada por uma confusão cultural; tagarelamos um pouco sobre a dificuldade de ser estrangeiro e tentar se assimilar no cotidiano francês. Engel assentiu sábia, concordando, não enquanto me ouvia, mas ao repetir isso a von Linden.

Oh, que estranha é esta guerra, *mirabile dictu* [\[26\]](#), o pequeno aparelho de rádio escocês, isto é, a operadora, ainda alimenta pequenos e desagradáveis curtos-circuitos escondidos,

obtidos durante seu interrogatório selvagem e desumano, mas consegue manter uma cara séria sentada sob o lustre veneziano com a Penn americana e os alemães Engel e von Linden, compartilhando conhaque e reclamando dos franceses!

A encenação estava causando uma boa impressão – todos parecíamos concordar.

Penn comentou que o inglês de Engel deveria ser do meio-oeste americano, o que nos deixou sem fala por um longo momento. Engel então confessou que estudou na Universidade de Chicago por um ano (estudava QUÍMICA. Acho que jamais encontrei ALGUÉM com tanto talento desperdiçado). Penn tentou fazê-la jogar “Quem é a celebridade”, mas a única coisa que tinham em comum era Henry Ford, a quem Engel encontrou em um jantar de caridade. Os contatos americanos de Engel eram muito respeitáveis e pró-Alemanha, os de Penn, menos. Elas não estiveram em Chicago na mesma época; Penn vive na Europa desde o início dos anos 30.

Fräulein Anna Engel, M d M, Mädchen des Mystères[\[27\]](#).

Olhamos para minha tabela de horários de ônibus traduzida e admiramos a caneta tinteiro Montblanc de v. L. que usei. Penn indagou se eu estava preocupada com o meu futuro “julgamento”.

— É uma formalidade. — Não consegui deixar de ser brutal a esse respeito. — Serei fuzilada. — Afinal de contas, ela pediu honestidade. — Sou uma emissária militar capturada em território inimigo mascarada de civil. Conto como espiã. A Convenção de Genebra não me protege.

Ela ficou silenciosa por um momento.

— Há uma guerra em curso — acrescentei, para lembrá-la.

— Sim. — Ela rabiscou algumas observações no bloco. — Bem. Você é muito corajosa. Que IDIOTICE!

— Você pode falar em nome dos outros prisioneiros aqui?

— Não nos vemos muito. — Tive que me esquivar dessa. — Ou não nos falamos muito. — Eu os vejo com muita frequência. — Você dará uma volta?

Ela acenou com a cabeça. — Parece muito bom. Roupa de cama limpa em todos os quartos. Um pouco espartano.

— Bem aquecido também — acrescentei, venenosamente. — Costumava ser um hotel. Não há calabouços apropriados, nem umidade, e nem ninguém sofrendo de artrite.

Devem tê-la levado para ver os quartos que usam para os enfermeiros, talvez até plantado alguns prisioneiros falsos. A Gestapo usa o térreo e dois mezaninos como alojamento e escritórios, tudo mantido em boas condições. Os prisioneiros de verdade estão nos três

andares superiores. É mais difícil escapar quando se está no mínimo a doze metros de altura.

Penn pareceu satisfeita. Deu a von Linden um sorrisinho e disse: — *Ich danke Ihnen*, eu lhe agradeço — séria e formal, e continuou em francês para lhe dizer como estava grata pela oportunidade especial e incomum. Suponho que o entrevistará também, em separado.

Então, debruçou-se para perto de mim e perguntou, reservada: — Posso te conseguir algo? Te mandar alguma coisa, algo pequeno? Toalhinhas higiênicas?

Contei que tinha parado.

Bem, na verdade não, mas eles não a deixariam fazer isso de qualquer modo. Ou deixariam? Não sei. De acordo com a Convenção de Genebra, é permitido enviar coisas úteis a prisioneiros de guerra: cigarros, escovas de dentes, bolos de fruta com serras dentro. Mas, como acabei de enfatizar, a Convenção de Genebra não se aplica a mim. *Nacht und Nebel*, noite e névoa. Brrr. Tanto quanto Georgia Penn sabe, não tenho nome. Para quem endereçaria o pacote?

— Você não está...? — Ela quis saber.

Foi uma conversa extraordinária, se pensar a respeito, nós duas falando em código. Mas não código militar, não o da Inteligência ou Resistência, apenas o feminino.

— Você não foi...?

Tenho certeza de que Engel conseguiu completar as lacunas:

— Posso te enviar toalhas (higiênicas)?

— Não, obrigada, parei (de sangrar).

— Não está (grávida)? Você não foi (violentada)?

Violentada. O que fará se eu tiver sido?

De qualquer modo, tecnicamente falando, não fui violentada.

Não, só parei.

Não fiquei menstruada desde que saí da Inglaterra. Acho que meu corpo meramente se fechou durante aquelas primeiras três semanas. Agora, só desempenha funções básicas. Sabe perfeitamente bem que jamais será chamado para propósitos reprodutivos. Sou um aparelho sem fio.

Penn encolheu os ombros, a boca se curvou, cética, as sobrancelhas erguidas. Seus maneirismos são o que imagináramos ser os de uma esposa de um fazendeiro pioneiro. — Você não parece tão saudável — observou ela.

Aparento ter acabado de sair de uma clínica e estar para perder uma longa luta contra a tuberculose. A fome e a falta de sono deixam marcas visíveis, SEUS IDIOTAS.

— Não vejo a luz do sol há seis semanas. — Eu disse — Às vezes, o clima também

parece com o lá de casa.

— Com certeza é bom — disse, pausadamente. — Bom ver que tratam tão bem os prisioneiros aqui.

De repente, de uma só vez, despejou todo seu conhaque, intocado, o cálice inteiro, no meu.

Entornei tudo feito marinho, antes que alguém pudesse tirar de mim, e passei a tarde inteira enjoada.

Sabem o que ele fez a noite passada, quero dizer, von Linden? Veio e se postou à porta de minha cela após terminar seu trabalho e perguntou se li Goethe. Ele vinha remoendo esta ideia, que posso “comprar” tempo em troca de partes da alma e se perguntou se me comparava a Fausto. Nada como um debate arcano literário com seu mestre tirano enquanto passa o tempo que leva à sua execução.

Quando saiu, disse-lhe: “*Je vous souhaite une bonne nuit*”, desejo-lhe uma boa noite; não porque desejasse, mas porque é o que o oficial alemão diz aos seus inflexíveis resistentes passivos franceses toda noite em *Le Silence de la Mer*, aquele tratado de desafio gaulês e espírito literário da Resistência Francesa. Uma cópia me foi dada por uma francesa com a qual treinei logo após ter sido trazida de volta do campo no fim do ano passado. Pensei que von Linden pudesse tê-lo lido também, por ser tão do tipo “conheça seu inimigo” (além de ser erudito). Mas parece que ele não reconheceu a citação.

Engel me contou o que ele fazia antes da guerra. Era reitor de uma escola de meninos bem ricos em Berlim.

Um diretor!

E ainda tem uma filha.

Ela está a salvo em uma escola na Suíça, a neutra Suíça, onde os bombardeiros Aliados não fazem ataques aéreos noturnos. Posso assegurar com certeza que ela não frequenta a minha escola. A minha escola fechou pouco antes do início da guerra, quando a maioria dos alunos ingleses e franceses teve que sair de lá, razão de eu ter ido para a universidade um pouco cedo.

Von Linden tem uma filha que é um pouco mais nova que eu. Vejo agora por que ele assume um enfoque clinicamente distante do seu trabalho.

Assim mesmo, não tenho certeza de que tenha uma alma. Qualquer Fritz com seu equipamento de casamento intacto pode gerar uma filha. E há muitos diretores de escola sádicos por aí.

Oh, meu Deus? Por que repito sempre o mesmo erro? TENHO O CÉREBRO DE UMA GALINHA! ELE LERÁ TUDO O QUE ESCREVI.

Engel, abençoada seja, pulou os últimos poucos parágrafos que escrevi ao traduzir para von Linden ontem à noite. Penso que foi autopreservação por parte dela, mais que por qualquer apreço por mim. Algum dia, as pessoas saberão o quanto ela é tagarela, mas está ficando esperta em relação aos meus esforços de colocá-la em apuros. (Há algum tempo, ela enfatizou a von Linden que sei muito bem como fazer conversões métricas e só finjo ignorância para atormentá-la. Mas é verdade que ela é melhor que eu nisso.)

Junto com minha semana extra, ganhei um estoque novo de papel. Papéis de música, com certeza despojos ilícitos do Château des Bourreaux. Havia muitas melodias populares da última década e algumas obras de compositores franceses, para flauta e piano. O verso das partes da flauta está em branco então tenho novamente muito papel. Estava um pouco cansada de virar cartões de receitas. Ainda os usamos para o outro serviço.

FORMALIDADES ADMINISTRATIVAS EM TEMPO DE GUERRA

Agora estou resumindo. Não consigo escrever rápido o suficiente.

Maddie estava sendo sondada pelo SOE bem antes de ter percebido. Na mesma época em que Jamie começou a pilotar de novo, em algum lugar no sul da Inglaterra, lá em Manchester, Maddie foi posta em um curso para fazer voos noturnos. Ela agarrou a oportunidade. Estava tão acostumada a ser a única garota, não havendo mais que outras duas nos grupos de traslados do ATA de Manchester, que não lhe ocorreu que havia algo estranho acontecendo.

Todos os outros no curso eram pilotos ou navegadores de bombardeiros. Os pilotos de traslado geralmente não viajam à noite. Na verdade, Maddie não saiu em voo noturno por um tempo após ter cumprido as horas e ter seu diário de bordo carimbado, e tinha dificuldade em mantê-lo na prática, pois o usava muito pouco. Desde 1940 não saímos mais do horário de verão. Como nessa estação os dias são mais longos, isso significa que, por um mês inteiro, não escurece até quase a meia-noite. Maddie não poderia ter usado sua pilotagem noturna de qualquer modo no verão de 1942, a menos que decolasse no meio da noite, então se questionou a respeito. Estava ocupada, treze dias em traslados e dois de folga, em todo tipo de clima, e havia tantas formalidades administrativas sem sentido em curso ou enganos estúpidos que um pouco de treinamento noturno inútil era banal.

Treinaram-na ainda em paraquedismo, outra habilidade que parecia igualmente aleatória. Maddie não foi instruída para ser paraquedista regular, mas aprendeu a controlar o avião enquanto pessoas saltavam. Usavam bombardeiros Whitley para essa atividade, um tipo que Maddie não pilotara antes e partiam de seu aeródromo natal; nada disso pareceu estranho até que lhe pediram para ir como segundo piloto quando eu estava fazendo meu primeiro salto de avião sobre as montanhas baixas em Cheshire (quando não tive escolha além de riscar “altura” de minha lista de medos). Maddie certamente não me esperava e foi astuta o suficiente para pensar ser coincidência. Ela me reconheceu imediatamente ao entrarmos a bordo, apesar de meu cabelo estar preso de uma forma não característica, amarrado para trás com uma fita, como o de uma corredora de pônei (de outro modo, não teria entrado naqueles capacetes pequenos e desajeitados que nos faziam parecer ter bolos na cabeça). Maddie percebeu que seria melhor não demonstrar surpresa ou reconhecimento. Contaram-lhe quem eram as pessoas do grupo, ou quem não eram, pelo menos; seis deles, duas mulheres, saltando de um avião pela primeira vez.

Não tínhamos permissão, tampouco, de falar com os pilotos. Saltei três vezes naquela semana; as mulheres fazem um salto a menos que os homens. E nos fazem pular primeiro. Não sei se é porque somos consideradas mais sagazes que eles, ou mais corajosas, mais saltitantes, ou simplesmente temos menor possibilidade de sobreviver e por isso não valemos a gasolina extra e o paraquedas. De qualquer forma, Maddie me viu duas vezes no ar e não teve como dizer olá.

Entretanto, consegui observá-la pilotar.

Sabem, eu a invejei. A simplicidade de seu trabalho, a limpeza espiritual disso: o avião e Maddie. Era tudo o que precisava fazer. Não havia culpa, nem dilema moral, nem disputa ou angústia — perigo sim, mas ela sempre soube o que enfrentava. Invejei que ela mesma escolhera seu trabalho e fazia o que gostava. Não creio que eu tivesse ideia do que queria, então fui escolhida, não escolhi. Existe glória e honra em ser selecionada para algo. Mas não sobra muito espaço para livre-arbítrio.

Treze dias pilotando e dois de folga. Sem nunca saber onde comerá a próxima refeição ou passará a noite. Sem vida social, mas momentos ocasionais, inesperados e não buscados, de alegria solitária no céu, planando em frente e nivelada quatro mil pés acima dos Cheviots ou dos Fens ou dos Marches, ou mergulhando as asas em saudação a um grupo de Spitfires de passagem.

Com um assistente como seu copiloto (sendo que Maddie era superior a ele por cem horas de voo), ela entregou um Hudson para as Tarefas Especiais da RAF. E quando se traslada um

Hudson, deve-se levar um assistente. O Esquadrão da Lua os usa para saltos de paraquedas noturnos, por serem maiores que os Lizzie, não sendo tão adequados para pousos em pistas curtas. Às vezes eles os aterrissam se tiverem muitos passageiros para apanhar. Maddie pilotara alguns outros bombardeiros bimotores antes (como o Whitley), mas não um Hudson, e bateu um pouco a cauda ao pousar. Depois, passou longo tempo examinando a roda da cauda, procurando avarias com três pessoas da equipe de solo (que decidiram não haver nada de errado com ela). Quando ela e o copiloto finalmente entraram em Operações para ter suas liberações assinadas, o rapaz do rádio chamou Maddie educadamente: — Se você não se importa, precisa passar na sala de interrogatório, no Chalé, por alguns momentos. Estão enviando um motorista. É melhor que o segundo piloto espere aqui.

Isso porque o Chalé ficava um pouco fora dos limites, mesmo para as pessoas aterrissando no campo grande com negócios legítimos. Maddie, entretanto, já havia estado lá antes.

Ela engoliu um suspiro de angústia. Corte marcial? Não, foi apenas um pouso pesado; seu copiloto a auxiliou lealmente quando falavam sobre isso com a equipe de solo e o Ministério da Aeronáutica ria se ela tentasse entregar um relatório de acidente. Seria mandada para corte marcial por desperdício de tempo. Ora, o que eu fiz agora?

A garota esperta e charmosa da guarda de enfermagem de primeiros socorros que dirigiu para o Esquadrão da Lua não indagou nada. Ela é treinada para não perguntar nada a seus passageiros.

Nenhuma sala no Chalé é tão austera e ameaçadora quanto a de interrogatório (eu sei). Outrora (há uns duzentos anos), creio eu, uma lavanderia, todas as paredes eram caiadas e havia um grande ralo no centro, com apenas um aquecedor para esquentá-la. Esperando, nessa cova dos leões, estava nosso caro amigo oficial da inteligência inglesa, o do pseudônimo. Suponho que possa querer extrair seu pseudônimo de mim, mas é inútil; poderia ser qualquer um agora.

Ele não o usava mais quando entrevistou Jamie, no início de 1942 e, certamente, também não quando colocou Maddie contra a parede na lavanderia.

Os óculos eram inconfundíveis e Maddie o reconheceu de imediato, sentindo-se tão desconfiada que não passou da porta. Ele se debruçava casualmente contra a velha mesa de pinho, a única mobília permanente naquela sala, flexionando as mãos ossudas em frente do aquecedor elétrico.

— Segunda Oficial Brodatt!

O homem é encantador.

— Terrivelmente surpreso por encontrá-la desta forma, mas ninguém consegue ajustar estes encontros previamente, você sabe.

Os olhos de Maddie se esbugalharam. Ela se sentiu como Chapeuzinho Vermelho diante do lobo na cama da vovó. Que olhos grandes você tem!

— Entre — convidou ele. — Por favor, sente-se. — Havia uma cadeira, na verdade duas, colocadas em frente ao aquecedor. Maddie conseguia ver que tudo foi ajeitado de modo tão informal e aconchegante quanto possível nessa pequena sala. Ela engoliu de novo e sentou-se, encontrando finalmente algo para dizer.

— Estou encrencada?

Ele não riu. Sentou-se ao lado dela, debruçado sobre os joelhos com a preocupação traçando um vinco em sua testa. — Não — disse rápido. — Não, de jeito nenhum! Tenho um trabalho para você.

Maddie recuou.

— Só se estiver disposta.

— Eu não... — deu um suspiro profundo. — ... não consigo fazer esse tipo de trabalho.

Dessa vez ele riu, um riso abafado, breve e compreensivo. — Pode, sim. É trabalho de transporte aéreo. Sem intrigas anexadas.

Ela o olhou cética, os lábios apertados.

— Não significa que nada vá mudar para você — explicou ele. — Sem missões especiais para o continente.

Maddie lançou a sombra de um sorriso.

— Terá que fazer alguns pousos noturnos e estar à disposição quando necessário. Não haverá qualquer notificação prévia para esses voos.

— Para que eles servem? — Interessou-se Maddie.

— Alguns dos nossos precisam de transporte particular rápido e eficiente: viajar quando e conforme for necessário, acolá e de volta na mesma noite, sem problemas de racionamento de combustível ou de velocidade limitada nas pistas do interior ou horários estranhos de trem. Sem risco de ser reconhecido em uma plataforma de estação ou pela janela de um carro em um semáforo. Isso faz sentido?

Maddie acenou com a cabeça.

— Como pilota, você é consistente, excelente navegadora, muito perspicaz e extremamente discreta. Há muitos homens e várias mulheres mais qualificados que você, mas nenhum, creio eu, tão devidamente adequado para este serviço específico de táxi. Você se lembrou do meu nome. Está bem ciente de nosso trabalho aqui e fica calada sobre isso,

exceto quando nos enviar um recruta. Se aceitar as atribuições, elas serão dadas da forma mais simples, através de seu grupo ATA de traslado. São necessárias liberações “S”, secretas, com um relatório. Nada lhe será dito sobre os homens e mulheres que transportará. Você já conhece a maioria dos aeródromos.

Ele é realmente muito difícil de resistir. Ou, talvez, Maddie apenas não conseguia deixar escapar uma oportunidade de voar.

— Farei isso — disse ela decidida. — Farei isso.

— Diga ao piloto assistente que deixou seus cupons de racionamento de roupas aqui no último voo e que os guardamos para você.

Ele folheou uma pasta de arquivo, ergueu algo no comprimento do braço, depois recolocou-o com um suspiro, empurrando os óculos pesados para cima do nariz. — Estou ficando velho — desculpou-se. — A distância média também está indo embora agora. Aqui estamos.

Debruçou-se sobre as páginas e apresentou os cupons de racionamento de roupas da Maddie. Ela sentiu o estômago virar. Nunca descobriu como ele os conseguiu.

Ele os entregou a ela. — Explique ao colega que foi chamada aqui hoje para que os devolvêssemos e que lhe demos uma bronca para tomar mais cuidado com os papéis pessoais.

— Bem, depois dessa, com certeza cuidarei melhor deles — disse ela, resoluta.

Deus, que confusão. Terei que interromper aqui até parar de chorar, ou ficará tudo borrado e ilegível.

Desculpem, desculpem, desculpem!

LIBERAÇÕES “S” (SECRETAS) DO ATA

Primeiro, foi como ele dissera, houve pouca mudança na vida de Maddie. Por seis semanas, ela nada ouviu. Então, duas vezes por semana havia liberações marcadas “S”, trazendo seu próprio codinome especial — apenas um alerta para que soubesse que estava “operacional”. Mas a única diferença real do trajeto de aerotáxi normal era que os caras que ela apanhava obviamente não eram pilotos.

Depois disso, houve voos especiais que aconteciam regularmente, mas não com frequência. A cada seis semanas, aproximadamente. Eram todos tediosos. Para o transporte aéreo, Maddie foi alocada de volta aos aviões pequenos de treinamento e ex-civis, os Tiger Moths com a cabina aberta e um Puss Moth ou dois. Além dos pousos noturnos ocasionais, não havia muito na pilotagem em si que Maddie considerasse desafiador.

Um voo de Lysander foi memorável, pois seu passageiro viajou com dois guardas. Há uma divisória blindada que separa o piloto do Lysander dos passageiros; pode-se mandar bilhetes, café ou beijos por uma abertura do tamanho de uma página, que pode ser fechada de modo que ninguém possa atirar nele. Não que atirar no piloto o leve a qualquer lugar mais rápido, a não ser para baixo, em um Lysander, já que não conseguirá pegar os controles.

Maddie estava separada com segurança do possível assassino, se fosse um. Mais tarde, ela nunca teria certeza se aquele passageiro viajara como prisioneiro, sob guarda, ou alguém valioso, sob proteção. De qualquer modo, devem ter ficado muito apertados, três homens crescidos na traseira de um Lysander.

Então, por fim, fui eu.

Maddie foi interrompida no meio de um chocolate quente na hora de dormir, muito aconchegante, em casa com a avó e o avô, em Stockport. Seu oficial de Operações ligou e pediu que pilotasse para outro campo de pouso naquela noite, pegasse alguém e o levasse para outro local, tudo a ser feito tão rápido quanto possível. Diriam para onde ir quando chegasse a Oakway, mas não por telefone.

Era setembro, há um ano, uma noite maravilhosa, gloriosa, clara, sem vento, um dos melhores climas que Maddie já vira. Mal precisou pilotar o pequeno Puss Moth, só apontá-lo para o sul, seguindo as colinas escurecidas. Um maravilhosamente grande quarto

crescente de bombardeiro se erguia quando chegou no campo da coleta e Maddie aterrissou pouco antes de o esquadrão local decolar. Ela taxiou até a cabana de Operações conforme os Lancasters novos em folha saíam. O acanhado Puss Moth estremeceu ao vento ao passarem, como galinha do pântano entre uma revoada de garças-reais cinzas, cada uma com três vezes seu comprimento de asas, quatro vezes mais motores, pesados com o combustível da noite e a carga de explosivos, levando destruição para as fábricas de Essen e os pátios ferroviários. Maddie levou seu pequenino avião até a praça de manobra em frente à cabana de Operações e desengatou o motor, esperando. Disseram-lhe que não desligasse o motor.

Os Lancasters rugiram ao passar. Maddie observou com o nariz colado ao para-brisas e, por um segundo, não notou a porta do passageiro sendo aberta. A equipe de solo, quepes enterrados e rosto coberto na sombra das asas, ajudou o passageiro a entrar e afivelar o cinto de segurança. Não havia bagagem, além da indispensável máscara de gás em seu embornal e, como de costume, não disseram a Maddie o nome do passageiro especial. Ela viu a silhueta de um quepe da WAAF pontudo e sentiu o passageiro muito tenso, retesado de agitação, mas nunca ocorreu a Maddie que pudesse conhecer a pessoa. Como os motoristas do SOE, fora instruída a não fazer perguntas. Acima do rosar do motor ela gritou as instruções de saída de emergência e a localização do *kit* de primeiros socorros.

Já no ar, Maddie não entabulou conversa; jamais o fazia com passageiros especiais. Tampouco assinalou que a esplêndida vista negra e, por vezes, prateada, estava abaixo, ao luar, pois sabia que parte da razão dessa pessoa estar sendo levada de avião ao destino de noite era que ninguém pudesse adivinhar aonde ia. O passageiro arfou quando Maddie, muito profissional, desencaixou a pistola Verey da lateral de seu assento.

— Não se preocupe — gritou. — É apenas um sinalizador! Não tenho um rádio. O sinalizador avisa que estamos aqui, se eles não nos ouvirem, e assim eles acendem as luzes para nós.

Mas Maddie não precisou dispará-lo, pois após circular por um ou dois minutos, a pista se iluminou, e Maddie acendeu as luzes de aterrissagem.

Foi um pouso muito certo. Mas não até que a nave viesse a parar completamente e o motor fosse desligado, o passageiro a surpreendeu ao se debruçar e dar-lhe um rápido beijo na bochecha.

— Grata. Você é maravilhosa!

A equipe de solo já abrira a porta do passageiro.

— Deveria ter-me dito que era você! — Maddie gritou enquanto sua amiga se recompunha para desaparecer na noite.

— Não queria te surpreender no ar! — Queenie automaticamente verificou se o cabelo ainda estava no lugar e com um de seus saltos de gazela pulou do avião para o concreto. — Não estou acostumada a voar e nunca tive que ir a lugar algum à noite. Desculpe!

Inclinou-se um momento para a cabine; Maddie pôde ver várias figuras acenando e deliberando atrás dela. Eram quase duas horas da manhã.

— Deseje-me boa sorte — implorou Queenie. — É a minha primeira tarefa.

— Boa sorte!

— Vou te ver ao terminar. Você me levará para casa.

Queenie desapareceu cruzando a pista, circundada pelos assistentes.

Deram a Maddie um pequeno quarto particular no Chalé cada vez mais familiar. Era estranho não saber o que acontecia. Ela logo cochilou e foi quase instantaneamente acordada pelos Lysanders operacionais noturnos retornando da França com o butim de aviadores americanos abatidos, ministros franceses caçados, um engradado de champanhe e dezesseis vidros de Chanel nº 5.

Maddie não saberia sobre o perfume não fosse que na manhã seguinte todos estavam bem alegres, talvez devido ao café da manhã com champanhe (por ser escalada para nova decolagem após o amanhecer, Maddie prudentemente não tomou nada). Queenie estava afetada como um gato e radiante pelo sucesso. Parecia que acabara de ganhar uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos. O líder de esquadrão deu um vidro do aroma francês a cada mulher que então estivesse no aeródromo, incluindo a Garota de Terra que apareceu na sua bicicleta com uma cesta com três dúzias de ovos não alocados e seis quartilhos de leite para o café de “Recepção à Liberdade”.

Liberdade, oh, liberdade. Mesmo com a escassez, os apagões, as bombas e as regras, a rotina tão enfadonha e tediosa na maioria do tempo, ao cruzar o Canal da Mancha, você estava livre. Tão simples e surpreendente que ninguém na França viva sem medo, sem suspeita. Não me refiro ao medo honesto de uma morte no fogo; refiro-me ao insidioso, desmoralizante medo da denúncia, traição, crueldade, de ser silenciado. Ou de não ser capaz de confiar no vizinho ou na garota que traz os ovos. Cerca de trinta e três quilômetros apenas de Dover. O que preferia ter: uma oferta ilimitada de Chanel nº 5 ou a liberdade?

Realmente! Que pergunta boba!

Alcansei um ponto neste relato onde, inevitavelmente, terei que falar de mim antes de Ormaie. E não quero.

Quero apenas continuar a falar de pilotar ao luar. Sonhei que voava com Maddie, nos cinco minutos ou no pouco tempo em que houve silêncio ao lado e realmente adormeci. Em

meu sonho, a lua estava cheia, mas era verde, verde brilhante, e eu não parava de pensar: “Estamos à luz de refletores!”. Mas, é claro, os refletores são brancos, não verdes — verde químico, não cítrico. Era como a luz no licor Chartreuse, clarão verde; fiquei imaginando: como escapei? Não consegui me lembrar como saí de Ormaie. Mas não importava, estava segura, a caminho de casa no Puss Moth de Maddie, com ela ao lado, voando confiante e o céu estava calmo, enluarado com um verde bonito.

Deus, estou cansada. Dei realmente um tiro no próprio pé, sendo forçada agora a me arrepender. Fui posta de volta para trabalhar sempre que não tiverem pessoal, para me manter sob vigilância. Não consigo decidir se isso é bom ou ruim, já que não sou contra o infinito suprimento de papel, mas também confisquei minha sopa de repolho da noite e tampouco dormi muito ultimamente. (Espero que DESISTAM daquela pobre garota francesa. Ela jamais lhes contará qualquer coisa.)

O que aconteceu foi que, quando me trouxeram esta manhã, a pobre Fräulein Engel estava ocupada, sentada à mesa, de costas para a porta, numerando meus vários cartões de receita, e eu quase a matei de susto bradando com a voz profunda e forte de comando e disciplina: — *Achtung*[\[28\]](#), *Anna Engel! Heil Hitler!* — Ela saltou em pé e se pôs em saudação que deve quase ter lhe deslocado o ombro. Nunca a vi com o pescoço tão pálido. Recuperou-se quase que de imediato e me estapeou tão forte que me derrubou. Quando Thibaut me ergueu, ela tornou a me bater, só pelo prazer de fazê-lo. Au, au, au, meu queixo dói. Suponho que não planejem outra falsa entrevista.

Não consigo me decidir se vale a pena. Foi um momento verdadeiramente hilário, mas tudo que parece que consegui foi uma colisão totalmente inesperada entre Engel e Thibaut.

Eu os chamei de Laurel e Hardy? Quis dizer malditos Romeu e Julieta. Isso é flerte à moda do pessoal da Gestapo.

Ela: — Oh, você é tão forte e viril, M’sieur Thibaut; os nós que você faz são tão seguros.

Ele: — Isso não é nada. Veja, apertei tanto que não consegue desamarrá-los. Tente.

Ela: — Verdade, não consigo! Oh, aperte mais ainda!

Ele: — *Chérie*, seu desejo é uma ordem.

São os meus tornozelos, não os dela, que ele amarra tão apertado e com tanto charme masculino.

Ela: — Terei que lhe chamar amanhã de manhã, também, para fazer isto em mim.

Ele: — Você deve cruzar as cordas, assim, e amarrá-las atrás...

Eu: — Ai! Ai!

Ela: — Cale-se e escreva, sua notável merdinha escocesa.

Bem, ela não usou essas palavras exatamente. Mas vocês entendem.

Aconteceu algo. Eles apressaram o ritmo um pouco, não só comigo. Estão implacáveis com os prisioneiros da Resistência. Talvez ocorrerá uma inspeção? Visita do misterioso chefe de von Linden, o temido SS-Sturmbannführer Ferber? (Imagino chifres e uma cauda bipartida.) Talvez ele esteja fiscalizando o trabalho de von Linden aqui; isso explicaria por que v. L. tem que colocar aquelas anotações em ordem. Para parecer bem.

Tentando desesperadamente manter meus pensamentos em uma ordem narrativa. Estou muito cansada (devo ser melodramática em relação a isso?), muito fraca de fome, de fato não sei se estou fraca por causa da fome, mas estou com muita fome e tontura (não me deram mais aspirina desde o episódio do conhaque). Talvez Engel tenha causado uma concussão em mim. Vou listar algumas coisas para tentar seguir para o passo seguinte.

Voos com Maddie.

	<i>Data</i>	<i>Partida</i>	<i>Destino</i>	<i>Retorno</i>
(noite)	Set./42	Aeródromo de Buscot, Oxford	? Tarefas Especiais	Buscot (dia seguinte)
	Set.	Buscot	Branston	Buscot
	Out.	Buscot	? (nordeste)	Newcastle, então de trem para Oxford
	Out.	"	Ipswich	Trem para Oxford
	Nov./42	"	? (nordeste)	o mesmo
(noite)	Jan./43	"	? (Tar. Espec.)	Buscot
	Jan.	Oakway	Glasgow	Newcastle, então de trem para Manchester
	Jan.	Oakway	Glasgow	Trem para Oxford

O tempo em Glasgow estava tão horrível naquele dia que ninguém decolou e todos ficaram presos lá. Peguei o trem de volta, mas Maddie teve que esperar uma brecha nas nuvens. E ainda tive que voltar para a droga de Glasgow, em:

	Fev./43	Oakway	Glasgow	Quem se importa?
--	---------	--------	---------	------------------

Março — cinco voos, vários lugares, todos no sul da Inglaterra, duas da manhã.
Abril — ...
Nossa!

TAREFAS ESPECIAIS DA RAF - TRAVESSIA OPERACIONAL DO PAÍS

Era mais comum eu pegar um trem para os compromissos que voar. E Maddie transportava outras pessoas além de mim que, com certeza, não faziam o mesmo trabalho que eu. Mas aqueles voos que listei são os que contam. Quinze voos em seis meses. Maddie levava o sigilo mais a sério que eu, nunca tinha certeza do quanto ela adivinhava. (Acabou sendo que não era muito. Apenas ela levava aquilo realmente a sério. Afinal, ela começou como uma assistente das Tarefas Especiais.)

Naquela noite, em abril passado, tivemos que voltar para aquele aeródromo, o secreto, que o Esquadrão da Lua usa para a França. Agora, Jamie estava alocado lá. Maddie estava às claras com eles, e assim foi por algum tempo, confiavam nela, a aceitavam e a convidaram para a ceia naquela noite. Sem ceia para a pobre Queenie, que foi imediatamente arrebatada pela multidão usual (minha comissão de recepção consistia apenas de três pessoas, incluindo meu admirador, o sargento de polícia da RAF, que trabalha também como guarda de segurança, e o chefe de fritura de salsichas no Chalé, mas parece uma multidão quando todos são maiores que você e não é possível saber onde estão te levando). Queenie tinha uma pequena valise de viagem, que ela deixou com Maddie, e por experiência Maddie sabia que não veria a amiga de novo até a manhã seguinte. Maddie foi para a ceia com os pilotos.

Não era algo que fizesse com frequência, sabem, uma vez por estação, talvez, e era

especial porque Jamie estava lá. Na verdade, ele estava para sair em uma missão, deixar e apanhar alguém naquela noite: uma “operação dupla de Lysander” como chamavam quando dois pilotos dirigiam dois aviões para o mesmo campo. Havia um terceiro avião decolando com eles, aproveitando a lua, mas não era tecnicamente operacional: um novo membro do esquadrão estava fazendo seu primeiro voo de treinamento de cruzar o país para a França. Ele se separou dos outros sobre o Canal. Entraria voando sozinho por um tempo na França, então voltaria sem pousar.

Este jovem — vamos chamá-lo de Michael (em honra ao mais jovem dos *Darlings* em *Peter Pan*!) — estava bastante nervoso com suas habilidades de navegação. Como Jamie, fora piloto de bombardeiro antes e sempre teve um navegador ao lado, dizendo aonde ir, e ainda pilotara seu primeiro Lysander há um mês. Seus colegas o compreendiam bem, por terem passado por isso também. Maddie não compartilhava do sentimento.

— Você andou praticando nos Lizzies por um mês! — Ela disse, com desdém. — Cruzes, quanto tempo isso leva? Os instrumentos são os mesmos, quer seja um bombardeiro de mergulho Barracuda ou um Tiger Moth acabado, e os flaps são automáticos! Fácil, fácil.

Todos a olharam com uma CARA.

— Vá você pilotar até a França, então — disse Michael.

— Eu iria, se me deixassem — disse ela, com inveja (esquecendo a artilharia antiaérea e noturna).

— Eu sei o que fazerrrr — Jamie, o *Pobble Who Has No Toes* arrastou a fala, para soar como um escocês. — Leve a mocinha com você.

Maddie sentiu como se tivesse sido atingida por um relâmpago. Erguendo o olhar, viu a tênue e familiar loucura brilhar nos olhos de Jamie. Sabia que era melhor ficar quieta — ou o Pobble ganharia por ela, ou ela não poderia ir.

Os outros riram e discutiram rapidamente. O agente da SOE inglês que seria levado naquela noite desaprovou. Os pilotos do Esquadrão da Lua, por necessidade um bando de lunáticos irrefletidos, levaram ao líder como uma proposta. Ele ficou claramente dividido, mas principalmente porque Michael deveria voar sozinho naquela noite.

— Ela não ajudará a pilotar o avião estando na traseira do Lysander, não é?

— Ela poderia lhe dizer o que fazer. Mantenha-o na linha se ele sair do curso.

Jamie empurrou o prato vazio para longe e se recostou na cadeira, as mãos atrás da cabeça, e deu um assobio baixo.

— Fiiuuu! Vocês estão sugerindo que ela é um piloto superiorrr ao nosso Michael?

Todos olharam para Maddie, sentada, quieta, em seu uniforme civil, parecendo muito

elegante e oficial com as asas e listas douradas (na época já era Primeira Oficial). A única pessoa cujos olhos ela ousou encarar eram os do agente que seria transportado naquela noite. Ele sacudia a cabeça desaprovando, derrotado, como que dizendo: — Se é necessário, meus lábios estão selados.

— Não tenho dúvida alguma que ela é melhor piloto — disse o líder do esquadrão.

— Então por que, cargas-d'água, ela faz traslados de Tiger Moths avariados, nesse caso? Ligue ao Oficial da Inteligência Maquiavélico Inglês e consiga uma permissão — sugeriu Jamie.

— Não conta como minha travessia do país — sugeriu Michael, ansioso. — Preciso da prática.

— Se não é um voo operacional — esclareceu o líder do esquadrão — não há necessidade de ligar para a Inteligência. Eu assumo a responsabilidade.

Maddie vencera. Ela mal podia acreditar em sua sorte.

— Não quero que saibam disso fora desta sala — alertou o líder do esquadrão, e todos aparentaram inocência e indiferença. Maddie andou ombro a ombro com o agente do SOE quando saíram para subir no avião que aguardava. A equipe de solo lhe lançou olhares engraçados.

— Michael, precisando de novo de ajuda com a navegação? — Disse um deles gentilmente, oferecendo-lhe a perna de degrau para entrar atrás no avião.

No íntimo, Maddie pensou que Michael teve sorte como um menino com geleia no rosto todo, com seu mapa cuidadosamente marcado com cada canhão antiaéreo e pontinhos de navegação por todo o caminho até o centro da França e de volta.

Ela não tinha um mapa seu, sentada atrás, mas uma vista absolutamente fabulosa dos dois lados e para trás, algo que não costuma ter, e a oportunidade de desfrutar disso. Tinha uma tarefa também, a de prestar atenção nos caças noturnos. Não estava longe das aldeias escurecidas do sul da Inglaterra, antes de chegar à costa. A enorme lua dourada tornava as luzes azuis nas pontas das asas dos Lysanders operacionais à frente deles difíceis de distinguir das estrelas, balançando e piscando dentro e fora da linha de visão de Maddie, mas ela sabia onde estava. Aquele rio, essa pedreira, o estuário nos cintilantes marcos familiares noturnos. Então, a beleza brilhante e inacreditável do Canal da Mancha, um tecido lamê infinito cintilante de prata e azul. Maddie podia ver as silhuetas negras de um comboio de navios abaixo dela. Perguntou-se quanto tempo a Luftwaffe levaria para encontrá-los.

— Oi, Michael — chamou Maddie pelo interfone. — Não deve seguir muito para o interior da França! Você deve mudar de direção aqui e seguir mais para o sul sozinho, não é?

Ouviu muitos palavrões vindos da frente, antes de o piloto se recompor e reajustar o curso. Então ouviu um acanhado: — Obrigado, colega!

Obrigado, colega. Maddie se encheu de orgulho e prazer. Sou um deles — pensou. Estou a caminho da França. Posso também ser operacional.

Lá no fundo, ela tinha dois medos, mostrando suas garras: 1) que pudessem atirar neles e 2) corte marcial. Mas ela sabia que a rota de Michael fora planejada com cuidado para evitar artilharia e campos de pouso e que o momento mais perigoso fora, provavelmente, ao cruzarem o comboio de navios. Se voltassem em segurança, não haveria necessidade de corte marcial. Se não voltassem em segurança, bem, é provável que a corte marcial tampouco seria um grande problema nesse caso.

Agora sobrevoavam as fantasmagóricas rochas brancas da Normandia. As voltas do Sena brilhavam feito um grande carretel de malha prateada ao lado da ponta da asa. Maddie arfou com a inesperada beleza do rio e de imediato sentiu lágrimas infantis escorrerem, não só por sua ilha sitiada, mas por toda Europa. Como tudo pôde ter ficado tão terrível e completamente desvendado?

Não havia luzes acima da França; estava tão enegrecida quanto a Grã-Bretanha. Todas as luzes da Europa foram apagadas.

— O que é isso? — Interrogou surpresa pelo intercomunicador.

Michael viu ao mesmo tempo e virou bruscamente, afastando-se. Começou a circular, primeiro um pouco rápido demais, depois com controle firme do manche. Abaixo e à frente deles, iluminado feito parque de diversões medonho, havia um retângulo de luz branca ofuscante profanando a paisagem outrora obscurecida.

— Isso está onde deveria ficar o último ponto de referência! — Avisou Michael.

— Que ponto de referência que nada! Será um campo de pouso? Está mais que operacional, e como está!

— Não — disse o piloto devagar, circulando de novo para ver melhor. — Não, acho que é um campo de prisioneiros. Veja a iluminação ao redor da cerca de perímetro. Para apanhar qualquer um que tente escapar.

— Você está no lugar certo? — Indagou Maddie, em dúvida.

— Diga você! — Mas ele disse isso com confiança. Ele preencheu o espaço com seu mapa repleto de marcações e passou o mapa para trás, pela abertura no anteparo, seguido por uma lanterna elétrica de bolso. — Mantenha-o coberto — alertou. — Deveria haver um campo de pouso a cerca de trinta quilômetros a leste. Venho tentando passar longe dele. Com certeza não preciso de uma escolta.

Maddie estudou o mapa por baixo da tenda que fez com sua túnica. Pelo que conseguiu ver, Michael seguia o caminho corretamente. A cerca brilhante da prisão estava perto de uma ponte de ferrovia sobre um rio, que deveria ser o ponto de referência da volta. Maddie desligou a lanterna e olhou pela janela, a visão noturna prejudicada por tentar ler o mapa. Mas podia dizer que havia virado de volta.

— Não precisou de minha ajuda, no final — disse ela, devolvendo a lanterna e o mapa.

— Teria brincado de “Siga o mestre”, atrás do Jamie, até chegar a Paris, se não tivesse me lembrado que deveria virar.

— Ele não está indo para Paris, está?

— Ele não terá que pairar sobre a Torre Eiffel, mas terá que apanhar uns agentes parisienses — contou Michael, com inveja. — Terá que pousar bem fora da cidade. Ainda estou muito feliz por você ter vindo junto — disse ele com a voz mais sóbria. — Aquela prisão me deu um susto. Estava tão seguro de estar no lugar certo e então...

— Você estava no lugar certo — avisou Maddie.

— Estou muito feliz por ter vindo — repetiu Michael.

Disse isso uma terceira vez ao pousarem, duas horas após, de volta à Inglaterra. O líder de esquadrão sorriu aliviado e acenou com tolerância ao recebê-los de volta. — Encontrou o caminho direitinho?

— Fácil, fácil, se não contarmos com a parte onde o ponto de referência acabou sendo uma droga de uma prisão!

O líder de esquadrão riu.

— Eu diria que você encontrou o caminho. Aquilo sempre surpreende pela primeira vez. Entretanto, prova que chegou lá; ou teve ajuda?

— Ele se virou sozinho — disse Maddie sinceramente. — Não posso deixar de agradecer por deixar que eu fosse junto.

— Abril em Paris, hein?

— Quase tão bom quanto. — Maddie ansiava por Paris aprisionada, inacessível, remota.

— Não este ano. Talvez no próximo!

Michael foi para cama assobiando. Maddie caminhou pelo Chalé escuro com a melodia na cabeça. Após um momento, ela a reconheceu: *The Last Time I Saw Paris*.

INTERROGATÓRIO

Eram quase quatro da manhã quando, cheia de alegria, Maddie se esgueirou no quarto que

compartilhava com Queenie. Verificou que as cortinas para obscurecer a luz estavam bem fechadas e acendeu uma vela, não querendo acender a luz e acordar a amiga. Mas a cama de Queenie estava vazia e arrumada, a coberta, lisa e alinhada. A pequena maleta de Queenie estava fechada ao pé da cama onde Maddie a colocara antes. Qualquer coisa que Queenie tinha que fazer ali, ainda não havia terminado.

Maddie vestiu o pijama e puxou as cobertas até o queixo, a mente cheia de ar e luar e o Sena prateado. Ela não dormiu.

Queenie entrou às cinco e meia. Ela não pensou se acordaria Maddie ou não; nem mesmo checou se as venezianas estavam fechadas. Acendeu a lâmpada, jogou a mala sobre a escrivaninha vazia e puxou para fora o pijama WAAF regulamentar e uma escova de cabelo. Então sentou em frente ao espelho e se olhou nele.

Maddie olhou também.

Queenie estava diferente. Seu cabelo estava preso com grampos, como sempre, mas não no típico coque francês que usava quando Maddie a deixou ontem à noite. O cabelo dela estava escovado para trás da testa, alisado, apertado em um coque baixo na nuca. Não ficou bonito. Parecia mais comum e a maquiagem era em cores mais pálidas, que tampouco ajudavam. Havia certa dureza na posição dos lábios que Maddie nunca tinha visto antes.

Maddie observou. Queenie baixou a escova e despiu devagar sua túnica azul da WAAF. Logo Maddie percebeu que estava cautelosa, movendo-se não devagar, mas com cuidado, como se doesse endireitar os ombros. Ela despiu a blusa.

Um braço estava lívido com hematomas, vermelho quase roxo, as marcas claras e brutais de uma grande mão que a segurou forte e não soltou por algum tempo. A garganta e ombros tinham marcas feias semelhantes ao redor. Alguém tentara estrangulá-la há algumas horas.

Ela tocou o pescoço suavemente e o esticou, examinando os danos no pequeno espelho sobre a cômoda. O quarto não estava aquecido e um ou dois minutos depois Queenie suspirou e se espremeu na camisa de algodão do pijama masculino, ainda com cautela. Ergueu-se então, desta vez sem cuidado, arrancando todos os grampos de aço do cabelo do coque apertado. Limpou, esfregando com as costas de uma mão, o batom bege da boca. De repente, voltou a parecer ela mesma, um pouco desgrehhada, como se tivesse arrancado uma máscara. Ao virar, viu Maddie olhando para ela.

— Oi — disse Queenie com um sorriso torto. — Não queria te acordar.

— Você não me acordou! — Maddie aguardou. Sabia que não deveria perguntar o que aconteceu.

— Você viu?

Maddie acenou com a cabeça.

— Não dói — disse Queenie com um ar de desafio. — Não muito. Só que... a tarefa de hoje à noite foi difícil. Tive que improvisar um pouco mais que o habitual, chegar mais no limite...

Abruptamente, procurou cigarros na túnica. Maddie observou em silêncio. Queenie sentou na ponta da cama de Maddie e acendeu um cigarro com mãos levemente trêmulas.

— Adivinhe onde estive com os rapazes à noite — disse Maddie.

— No *pub*?

— Na França.

Queenie virou rápido e a fitou; o céu e a lua ainda brilhavam nos olhos de Maddie.

— Na França!

Maddie abraçou os joelhos, vibrando com a mágica e o perigo do voo clandestino.

— Você não poderia me contar — alertou Queenie.

— Não deveria — concordou Maddie. — Eu nem deveria ter ido. Mas não pousamos lá, de fato.

Queenie concordou com a cabeça e examinou o cigarro. Maddie jamais vira a amiga tão desarrumada.

— Você sabe com quem parecia há pouco — comentou Maddie — quando entrou, com o cabelo puxado para trás, em estilo de governanta vitoriana, você parecia uma...

— *Eine Agentin der Nazis* — completou Queenie, dando uma tragada profunda e trêmula no cigarro.

— O quê? Nossa! Sim! Com uma espiã alemã. Ou a ideia que todos fazem de uma, loira e assustadora.

— Acho que sou um pouco baixa para o ideal ariano — analisou criticamente Queenie, observando-se. Alongou o pescoço de novo, verificou o braço machucado com cautela e levou o cigarro aos lábios, com mais firmeza desta vez.

Maddie não perguntou o que acontecera. Nunca foi tão mesquinha. Não se envolvia com peixinhos na superfície quando havia um salmão de mais de dez quilos nadando abaixo.

— O que exatamente — perguntou Maddie baixinho — você faz?

— “Conversa descuidada custa vidas” — replicou Queenie.

— Eu não converso — respondeu Maddie. — O que você faz?

— Falo alemão. *Ich bin eine...*

— Seja sensata — advertiu Maddie. — Você traduz... o quê? Para quem você traduz?

Queenie se virou para ela com os olhos estreitos de um roedor acuado.

— Traduz para prisioneiros de guerra? Trabalha para a Inteligência, traduz nos interrogatórios?

Queenie se escondeu em uma nuvem de fumaça.

— Não sou tradutora — respondeu.

— Mas você disse...

— Não! — Queenie também estava quieta. — Você disse aquilo. Eu lhe disse que falava alemão. Mas não traduzo. Eu interrogo.

É ridículo que não tenha adivinhado ainda a natureza de meu trabalho na Inteligência, Amadeus von Linden. Como você, sou operadora de rádio.

Como você, sou boa demais nisso.

Nossos métodos diferem.

No trabalho sou chamada de Eva Seiler. Esse era o nome que usaram para mim durante o treinamento inteiro. Fomos levados a viver e respirar nossos alter egos e me acostumei com isso: Seiler é o nome de minha escola e era fácil de lembrar. Tivemos que disciplinar as pessoas que me chamavam de Scottie sem querer. Em inglês, posso imitar um sotaque de Orkney melhor que um alemão, então nós continuamos com isso ao me tornar operacional; é obscuramente difícil de identificar.

A primeira tarefa: lembra como todos estavam meio bobos na manhã seguinte, ao entregar a champanhe e o perfume no Chalé? Eu apanhara um agente duplo. Um agente nazista mascarado em mensageiro da Resistência Francesa. Suspeitaram dele e me enviaram para ficar lá quando o aterrissaram na Inglaterra. Assim, o apanhei desprevenido quando estava no final das forças e da adrenalina (tivera uma longa noite sendo rebocado para fora da França, todos têm). Ele era mulherengo; não teve coragem de admitir que não me reconhecia quando me joguei sobre ele na pequena e gelada sala de interrogatório, rindo e chorando e exclamando em alemão. A sala tinha escutas e eles ouviram tudo o que ele disse.

Não era sempre fácil assim, mas avancei passo a passo. Na maioria das vezes, esses homens estavam tão desesperados ou confusos na hora que eu surgia, com o meu neutro sotaque suíço de alemão e com uma lista de verificação oficial, que muitas vezes ficavam agradecidos e cooperativos, se não totalmente enfeitiçados. Mas não naquela noite, não na noite em abril último, quando Maddie voou para a França. O homem que entrevistei não acreditou em mim. Acusou-me de traição. Traição contra a pátria. O que estava fazendo trabalhando para o inimigo inglês? Chamou-me de colaboradora, que apunhalava nas costas, uma puta imunda inglesa.

Vocês sabem, o grande erro do homem estúpido foi me chamar de INGLESA. Fez minha fúria parecer bem convincente. Uma puta, talvez eu considere, se estiver desesperada; imunda, mesma coisa; mas por Deus do céu, NÃO SOU INGLESA!

— Foi você quem falhou com a pátria, é você quem está sendo apanhado — rosnei em resposta. — E é você quem encarará julgamento ao retornar a Stuttgart! — Eu reconheci o sotaque, uma coincidência e um tiro certo. — Faço apenas meu trabalho como contato de interpretação de Berlim — ah, sim, eu disse isso mesmo — e como OUSA me chamar de INGLESA?

Nesse momento, ele se lançou sobre mim — geralmente não amarramos esses homens — e tomou minha cabeça embaixo do braço, apertando forte.

— Grite por socorro — ordenou.

Eu poderia ter escapado. Fui treinada para me defender contra um ataque como aquele, como acho que provei durante a luta de rua quando fui presa.

— Por quê? — Ainda zombando dele.

— Peça socorro. Deixe seus chefes ingleses virem te auxiliar, ou lhe quebrarei o pescoço.

— Pedir socorro seria colaboração — arfei, com frieza. — Não dependo dos ingleses para nada. Vamos lá! Quebre-me o pescoço!

Eles estavam observando, sabem? Existe uma janela com frestas para a cozinha pela qual podem olhar e, se eu pedisse socorro ou parecesse não estar em controle total, eles teriam vindo me socorrer. Mas perceberam o que eu estava fazendo, como era bamba a corda que eu caminhava e permaneceram roendo as unhas, deixando que eu ganhasse a batalha sozinha.

E eu venci. Acabou um pouco mais tarde, com ele desmoronando em lágrimas no chão, agarrando minha perna, implorando meu perdão.

— Diga qual é sua missão — ordenei. — Diga quais são seus contatos e vou filtrar o que passar para os ingleses. Diga para mim, e você terá confessado para sua compatriota e não terá dado nada ao inimigo. — (Sou uma descarada) — Diga, e talvez eu o perdoe por ter ameaçado me matar.

O comportamento dele, então, foi realmente constrangedor, e eu o beijei no topo da cabeça em bênção quando ele terminou. Homenzinho miserável e odioso.

Então eu pedi ajuda. Mas com desdém e resignação, não com medo.

Belo espetáculo, minha cara. Puxa, você tem nervos de aço, não tem? Um magnífico espetáculo, de primeira classe.

Não revelei o quanto ele tinha me machucado, e eles não pensaram em verificar. Foram os

nervos de aço daquela noite que me levaram à França há seis semanas.

Esqueci de arrumar meus cabelos de volta ao normal quando troquei de roupa — não uso meu uniforme da WAAF para interrogatórios. O cabelo foi um pequeno erro. Eles levaram os nervos de aço em consideração, mas não o pequeno erro. Não notaram que ele me machucou e não notaram que cometo pequenos erros fatais de vez em quando.

Mas Maddie notou as duas coisas.

— Venha se aquecer — disse ela.

Queenie apagou seu cigarro e desligou a luz. Não deitou em sua própria cama, porém; ela subiu ao lado de Maddie. Maddie envolveu os braços cuidadosamente nos ombros machucados, porque sua amiga agora tremia toda. Antes ela não tremia.

— Não é um trabalho agradável — Queenie sussurrou. — Não é como o seu emprego, sem culpa.

— Não sou inocente — disse Maddie. — Cada bombardeiro que transporto entra em ação e mata pessoas. Civis. Pessoas como minha avó e meu avô. Crianças. Só porque não faço isso por conta própria não significa que não seja responsável. Eu transportei você.

— Uma bomba loira — disse Queenie, e deu risinhos de sua própria piada. Então começou a chorar.

Maddie a segurou com delicadeza, achando que a soltaria quando a amiga parasse de chorar. Mas ela chorou por tanto tempo que Maddie caiu no sono primeiro. Então, ela nunca a soltou.

Meu coração dói, não ousei dizer

Meu coração dói por alguém

Oh, eu poderia despertar uma noite de inverno

Pelo amor de alguém

Os poderes que sorriem no amor virtuoso

O doce sorriso de alguém

Livrai-me de todo perigo

E traga-me seguro esse alguém[29]

Nós dois remamos no riacho

Do sol da manhã até o anoitecer

Mas os mares entre nós rugem
Desde os bons e velhos tempos

Pelos bons e velhos tempos, meu amigo
Pelos bons e velhos tempos
Vamos beber do copo da bondade
Pelos bons e velhos tempos[\[30\]](#)

Oh, Deus, estou tão cansada. Eles me mantiveram nisso a noite toda. É a terceira noite em que não durmo nada. Pouco demais, de qualquer forma. Não reconheço nenhuma das pessoas que me vigiam; Thibaut e Engel estão todos envolvidos em suas pensões e von Linden está ocupado atormentando aquela garota francesa gritona.

Gosto de escrever sobre Maddie. Gosto de relembrar. Gosto de construir, concentrar, elaborar a história, reunir as lembranças, mas estou tão cansada. Não consigo produzir mais nada hoje à noite. Sempre que pareço parar, para me alongar, pegar outra folha de papel, esfregar os olhos, esse bastardo de merda que me vigia toca minha nuca com o cigarro. Só estou escrevendo isto porque assim ele não me queima. Ele não sabe ler inglês (ou escocês) e desde que eu continue cobrindo página após página com linhas de *Tam o'Shanter*[\[31\]](#), ele não me machuca. Não posso continuar para sempre, mas sei muita coisa do Robert Burns de cor.

Burns, Burns para impedir as queimaduras.

Me decapite ou me enforque, isso nunca vai me aterrorizar...

VOU QUEIMAR AUCHINDOON antes de a vida me deixar

Queimando queimando queimando queimando

Oh Deus, aquelas fotos.

queimando

Maddie.

Maddie.

O próprio von Linden deu um fim aos procedimentos da noite passada. Veio de supetão como a Carga da Brigada Ligeira e recolheu as páginas, enquanto eu caía de cara na mesa em uma poça de tinta com os olhos fechados.

— Deus todo-poderoso, Weiser, você é idiota? Ela não vai produzir nada que valha a leitura enquanto estiver nesse estado. Olhe! Isto é verso. Versos ruins ingleses. Páginas e páginas disso! — O Fritz filisteu se pôs a amassar tudo que pude lembrar de “Tam o’Shanter” em bolas de papel. Acho que ele lê mais inglês do que deixa transparecer se reconhece Burns como inglês. — Queime este lixo. Já recebo mais que o suficiente de porcarias irrelevantes dela sem você incentivar! Dê água para ela e leve-a para o quarto. E livre-se desse cigarro imundo. Vamos falar sobre aquilo amanhã.

O que foi a maior explosão emocional que já vi nele, mas acho que ele também está exausto.

Oh, sim, e ENGEL anda CHORANDO. Seus olhos estão bem avermelhados e ela fica esfregando o nariz, que também está vermelho. Fico imaginando o que seria capaz de deixar a Guarda-Feminina-em-Serviço Fräulein Engel cair no choro durante o trabalho.

TREINAMENTO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS

Após aquela entrevista desastrosa em abril passado (não foi desastrosa para a Inteligência, suponho, mas deixou Eva Seiler um pouco prejudicada), o contato de interpretação de Berlim recebeu uma semana de folga para refletir sobre seu trabalho e se queria continuar com ele. Em outras palavras, Queenie teve a oportunidade de se recolher graciosamente. Ela passou a semana no castelo Craig com sua mãe, a sofredora Sra. Darling (por assim dizer). A pobre senhora nunca soube o que nenhum de seus seis filhos faziam de fato, ou quando eles chegavam ou partiam, e não ficou muito contente com as marcas escuras na pálida pele céltica de sua filha de ossos finos.

— Piratas — disse Queenie. — Fui amarrada ao mastro pelo Capitão Gancho.

— Quando essa guerra horrível acabar — disse a mãe — quero saber absolutamente cada mínimo detalhe!

— Absolutamente cada mínimo detalhe de meu trabalho está sob o Ato Secreto Oficial, e

serei jogada na prisão para o resto da vida se um dia contar algo sobre isso — Queenie contou à mãe. — Então pare de perguntar.

Ross, o mais novo dos evacuados de Glasgow, entreouviu essa conversa — felizmente Queenie não deu à mãe nenhum detalhe (conversas descuidadas custam vidas, etc.) — mas a bela operadora de rádio, de aparência oficial, tornou-se quase uma deusa idolatrada entre os moradores irregulares do castelo Craig depois disso: — Ela foi aprisionada por piratas!

(Eu amo esses jovens pequeninos, amo mesmo. Com suas bobagens e tudo.)

Também durante aquela semana, a elegante e querida babá francesa de Queenie, companhia constante da mãe, em um impulso de compaixão maternal, começou a tricotar um pulôver para Queenie. Com a limitação de materiais, devido à escassez e ao racionamento, ela usou uma linda lã cor de pôr do sol, que desfiou de um terno feito para ela pela modista mais cara de Ormaie em 1912. Menciono aqui a chegada de meu suéter porque penso nele como parte da derrocada, como se minha pobre babá afetuosa fosse um tipo de Madame Defarge, tricotando meu destino inexoravelmente nos pontos dessa peça de roupa de lã nobremente posta à prova. Não se parece muito com aparato militar, mas já estive na ativa e tem as manchas de sangue para provar. Além disso, é quente e cheio de estilo. Pelo menos carrega a lembrança de estilo. Acima de tudo, é quente.

Ao final da minha semana de reflexão decidi que, assim como meu dúbio ancestral Macbeth, eu já estava com os pés tão afundados no sangue figurativo que não havia muita razão para recuar; além disso, eu amava ser Eva Seiler. Eu adorava a atuação, a simulação e a confidencialidade daquilo, e ficava lisonjeada com minha própria importância. De vez em quando, eu tirava informações muito úteis de meus “clientes”: localização de campos de pouso. Tipos de aeronaves. Códigos. Coisas assim.

De qualquer maneira, depois daquela entrevista de abril, todos, inclusive Eva, concordaram que ela precisava de uma mudança de cenário. Talvez algumas semanas no continente, onde poderia usar seu sangue frio, múltiplos idiomas e habilidades de operadora de rádio em um uso muito solicitado na França ocupada por nazistas.

Pareceu uma boa ideia na época.

Você sabia — e provavelmente sabe mesmo — que em território inimigo a expectativa de vida de um w/op, ou W/T como dizem no SOE, é de apenas seis semanas? Esse é o tempo usual que seu equipamento de radiogoniometria leva para encontrar a localização de um aparelho de rádio escondido. O resto de um circuito de Resistência, a rede de contatos e mensageiros, esconder-se nas sombras, desviando-se de explosivos, carregando mensagens que não podem ser confiadas ao carteiro, mudando-se todo dia, nunca se encontrando no

mesmo lugar duas vezes. No centro do círculo, imóvel e vulnerável, o operador de rádio repousa no meio de uma pilha de equipamento complicado de deslocar e difícil de esconder, emaranhado em uma rede fixa de estatística e códigos, irradiando sinais de rádio elétricos e barulhentos que atraem seus rastreadores como anúncios de neon.

Hoje faz seis semanas desde que vim parar aqui. Imagino que seja uma vida bem longa para uma operadora de radiotelegrafia, embora meu sucesso em sobreviver por tanto tempo teria tido mais peso caso eu tivesse conseguido instalar um rádio antes de ser pega. Agora estou realmente vivendo com o tempo marcado. Não há muito mais a dizer.

Mesmo assim, Fräulein Engel provavelmente gostará de ouvir sobre o voo operacional de Maddie para a França. Imagino que alguém será mandado à corte marcial por isso. Não sei quem.

O líder do esquadrão de Tarefas Especiais deveria me levar. O Esquadrão da Lua estava sofrendo um pouco no fim de setembro. Depois de um verão muito bem-sucedido, com uma dúzia de voos por mês, o dobro de agentes liberados e dezenas de refugiados recolhidos, algumas lesões e incidentes haviam limitado seus pilotos de Lysander a quatro, e um deles estava tão gripado que nem conseguia levantar (estavam todos exaustos). Dá para prever no que isso vai dar.

Para mim, a preparação durou meses. Outro curso de paraquedas, seguido por um exercício de campo elaborado em que tive que perambular por uma cidade verdadeira (e desconhecida, eles me mandaram para Birmingham para fazer isso), deixando mensagens cifradas para contatos que não conhecia e combinando recolhimentos clandestinos de pacotes falsos. O maior perigo é um policial notar suas atividades suspeitas e o prender — e neste caso, é bem difícil convencer suas próprias autoridades que você não está trabalhando para o inimigo.

Em seguida, havia arranjos específicos relativos à minha própria tarefa — desmontar e montar cada um desses malditos rádios uma dezena de vezes; verificar se minhas roupas não poderiam ser associadas à Inglaterra, arrancando as etiquetas de todas as peças íntimas (é por isso que o pulôver é um traje ideal, totalmente anônimo e feito de materiais obtidos no local). Aprender metros e metros de códigos, e você sabe (bem demais) que o código de rádio é associado a poemas para que seja mais fácil de memorizar. Eu meio que esperava que von Linden fizesse seus decifradores de código tentarem decodificar “Tam o’Shanter” para eu poder rir deles. Mas ele conhece minhas jogadas.

Então tive que passar pelo pior tipo de treinamento para eles terem certeza que contei minha história direito. Tiveram muita dificuldade em simular um interrogatório comigo. A

maioria das pessoas acha desconcertante ser acordado no meio da noite e ser arrastado para o interrogatório, mas eu simplesmente não conseguia levar isso a sério. Eu conhecia a rotina bem demais. Após cerca de cinco minutos estávamos brigando a respeito de algum detalhe do protocolo ou então algo me fazia cair no riso. Ao chegar ao extremo, eles me vendaram e seguraram um revólver carregado atrás da minha cabeça por quase seis horas. Foi sinistro e desgastante, acabei ficando um pouco trêmula. (Todos ficamos. Não foi divertido.) Mas mesmo assim não fiquei com medo em nenhum momento. Você sabia que ficaria bem no final. Havia muitas pessoas envolvidas porque era necessário trocar sempre de guarda e meu comandante se recusava a me dizer quem eram elas. Para protegê-las, sabe? Duas semanas depois, mostrei a ele uma lista com suspeitos que se revelou 90% correta. Lancei olhares fulminantes a todos por alguns dias e na semana seguinte cada um dos homens que estava em serviço naquela noite me pagou uma bebida. As mulheres eram mais difíceis de descobrir, mas eu poderia ter aberto uma lojinha de mercado negro com os chocolates e cigarros que elas me deram de fininho. A culpa é uma arma maravilhosa.

Então, mentalmente preparada, havia malas para fazer — cigarros (para presentes e subornos), cupons de roupas (falsificados e/ou roubados), cartões de racionamento, dois milhões de francos em notas de pouco valor (agora confiscados — eu realmente fico mal ao pensar nisso), pistola, bússola, cérebro. E então era só esperar pela lua. Na verdade eu era muito boa em ser chamada à ação sem aviso prévio; estava acostumada com isso (e com aprender poesia de cor). Mas o fato de esperar, esperar, esperar pela lua, mordiscando as cutículas e observando a lua morder o céu, era um grande desafio. Você fica sentada ao lado do telefone a manhã toda e pula de susto quando ele toca; então, quando acontece de haver muita neblina sobre o Canal ou o exército alemão estar vigiando o fazendeiro, dono do campo onde você deveria aterrissar, você é dispensada pelo resto do dia. Aí não há nada a fazer além de imaginar se aguenta ficar sentada em um cinema enfumaçado assistindo a *Coronel Blimp* — *Vida e morte*[\[32\]](#) pela sexta vez, ou se estará em apuros ao fazer isso, já que o Primeiro-Ministro desaprova o filme e, secretamente, você gosta de Anton Walbrook como o nobre comandante alemão (e tem quase certeza que seu comandante sabe disso). Bem quando você decidiu — Quem liga para o Primeiro-Ministro? — e está na expectativa de passar outra tarde sonhadora com Anton Walbrook, o telefone toca de novo e você está em ação.

Coloquei os sapatos certos? Você se pergunta freneticamente, e maldição, onde deixei meus dois milhões de francos?

UM VOO DE TRASLADO IRREGULAR

Maddie, maldita sortuda, não teve que passar por nada disso. Maddie apenas pegou o bilhete de voo na cabine da Oakway Operations como sempre, sorriu ao ver o “S” e o destino “Buscot da RAF”. Isso significava que dividiria uma xícara de chá com sua melhor amiga em algum momento das vinte e quatro horas seguintes, e saiu do Puss Moth com sua máscara de gás e a bolsa de voo. Era rotina. É incrível pensar em como aquele era um dia comum para ela, para começar.

Ainda estava claro quando chegamos às Tarefas Especiais da RAF. O surgimento da lua ocorria cedo, às seis e meia, por aí, e devido ao horário de verão duplo tínhamos que esperar escurecer. Jamie — indicativo de chamada John — estaria voando naquela noite, e Michael. Os indicativos de chamada são todos de *Peter Pan*, é claro. Essa missão noturna em especial se chamava Operação Sirius, o que parece apropriado. — Segunda estrela à direita e então direto, até amanhecer.

É horrível contar isso assim, não é? Como se não soubéssemos o fim. Como se pudesse haver outro final. É como assistir a Romeu bebendo o veneno. Toda vez que vê aquilo você acredita que a namorada dele pode acordar e detê-lo. Toda vez você quer gritar: — Seu idiota, espere só um minuto —, e ela abrirá os olhos! — Ei, você, sua imbecil, abra os olhos, acorde! Não morra desta vez! — Mas eles sempre morrem.

OPERAÇÃO SIRIUS

Fico imaginando quantas pilhas de papel como a minha estão espalhadas pela Europa, o único testamento de nossas vozes silenciadas, enterradas em arquivos, baús e caixas de papelão enquanto desaparecemos... enquanto desaparecemos na noite e na névoa?

Assumindo que você não incinere todos os meus registros quando acabar de ler, o que eu adoraria captar e prender aqui, para a eternidade no âmbar, é o quanto foi empolgante vir para cá. Eu, saltando pelo concreto assim que saí do Puss Moth, no ar refrescante de outubro com cheiro de folhas queimadas e escape de motor, pensando: — França, França! Ormaie de novo, finalmente! — Todo o castelo Craig havia chorado por Ormaie quando o exército alemão a invadiu há três anos, todos nós estivemos aqui antes, visitando *la famille de ma grandmère*, e agora os olmos foram todos derrubados para lenha e barricadas, as fontes secas, exceto a que usam para dar de beber aos cavalos e apagar fogos, o jardim de rosas em memória ao meu tio-avô na Place des Hirondelles foi todo escavado, e a praça está cheia de

veículos blindados. Quando cheguei aqui havia uma fileira de homens mortos apodrecendo pendurados em uma sacada do Hôtel de Ville, a prefeitura. A maldade da vida cotidiana daqui é indescritível, e se isso é civilização, então está além da capacidade de meu cérebro minúsculo imaginar a maldade de um lugar como Natzweiler-Struthof.

Você sabe, falo alemão porque adoro alemão. O que um diploma de literatura alemã me traria de bom? Eu lia porque adorava. *Deutschland, das Land der Dichter und Denker*, terra dos poetas e pensadores. E agora nunca vou sequer ver a Alemanha, a não ser que me mandem para Ravensbrück — nunca conhecerei Berlim, ou Colônia, ou Dresden, ou a Floresta Negra, o vale do Reno, o Danúbio azul. Odeio você, Adolf Hitler, seu homenzinho egoísta monstruoso, mantendo a Alemanha só para você. VOCÊ ESTRAGA TUDO.

Droga. Não pretendia me desviar desse jeito. Quero lembrar...

Como após o jantar, meu admirador, o policial-sargento-cozinheiro, fez café de verdade para nós. Como Jamie e Maddie se deitaram sobre o tapete diante da lareira no salão, abaixo dos olhares fixos de vidro das raposas e perdizes empalhadas, a elegante cabeça loira de Jamie e os cachos negros bagunçados de Maddie, inclinados juntos e curvados em conspiração sobre o mapa de Jamie, totalmente contra todas as regras, discutindo a rota até Ormaie. Como nós todos nos reunimos em volta do rádio para ouvir nosso próprio código anunciado na BBC — “*Tous les enfants, sauf un, grandissent*” —, e a mensagem aleatória que dizia a nosso comitê de recepção na França quem esperar naquela noite. É o primeiro trecho de *Peter Pan*: todas as crianças, exceto uma, crescem. Esperem pelos rapazes de sempre com uma exceção, hoje há uma moça pequenina vindo junto.

Como todos nós ficamos sentados, tremendo nas espreguiçadeiras no jardim do The Cottage, observando o sol se pôr.

Como todos nos assustamos quando o telefone tocou.

Era a esposa do líder do esquadrão. Peter — este não é seu nome verdadeiro, Engel, sua idiota. Peter tinha encontrado sua mulher no almoço, deu-lhe uma carona até a estação de trem e quase imediatamente após deixá-la se envolveu em um acidente de carro confuso em que quebrou metade de suas costelas e ficou completamente inconsciente pela maior parte da tarde. Sua esposa não tinha ouvido falar disso antes porque estava em um trem com três horas de atraso depois de ser afastado para um desvio para dar prioridade a um trem das tropas. De qualquer modo, Peter não voaria para a França naquela noite.

Confesso que foi ideia minha encontrar um substituto.

Após o sargento desligar, houve bastante tumulto enquanto todos murmuraram de espanto, preocupação e decepção. Ficamos todos soltando ocasionais muxoxos a noite toda por causa

do atraso de Peter, mas nunca ocorreu a ninguém que ele não apareceria antes da decolagem. Agora estava escuro, o anúncio da BBC tinha sido feito, os comitês de recepção da França estavam esperando e os Lysanders estavam lá fora com seus tanques de longa distância repletos de combustível e suas cabines traseiras cheias de armas e rádios. E balançando-se sobre seus saltos chatos, repleta de café, de nervos e de códigos, estava Eva Seiler, o contato de interpretação de Berlim com Londres, prestes a se insinuar no submundo alemão de Ormaie.

— Maddie pode pilotar o avião.

Ela tem presença, Eva Seiler, ou seja lá quem ela pensava ser naquela noite, e as pessoas prestavam atenção nela. Nem sempre concordavam, mas ela exigia atenção.

Jamie riu. Jamie, doce Jamie, o adorável irmão do contato de interpretação, o irmão Pobble sem dedos do pé, riu e disse com força: — Não.

— Por que não?

— Porque... não! Ignore a violação do regulamento, ela nem sequer foi testada...

— Em um Lysander? — O contato disse com desdém.

— Voo noturno...

— Ela consegue sem rádio ou sem mapa!

— Eu não voo sem mapa — Maddie corrigiu com prudência, jogando com as cartas próximas ao peito. — É contra as regras.

— Bem, não temos o destino ou os obstáculos marcados na maior parte do tempo, o que é quase a mesma coisa.

— Ela não voou para a França à noite — Jamie argumentou e mordeu o lábio.

— Você a fez voar para a França — disse sua irmã.

Jamie olhou para Maddie. Michael e a divina oficial das Operações Especiais que estava lá para supervisionar a bagagem de Queenie, o sargento de polícia da RAF e os outros agentes que voariam naquela noite observaram com interesse.

Jamie jogou seu trunfo.

— Não há ninguém para autorizar o voo.

— Ligue para o maldito maquiavélico Oficial da Inteligência Inglesa.

— Ele não tem a autoridade do Ministro da Aeronáutica.

A Primeira Oficial do ATA Brodatt finalmente agiu e o derrotou com calma.

— Se é um voo de traslado — disse ela —, posso autorizá-lo eu mesma. Deixe-me usar o telefone.

Ela ligou para seu comandante para avisá-lo que lhe pediram para levar um de seus

passageiros usuais das Tarefas Especiais da RAF a uma “localização não revelada”. E ele deu autorização para partir.

Agora ele sabe.

Nacht und Nebel, noite e névoa. Eva Seiler vai fritar no inferno. Oh, eu gostaria de ter algum sinal de que fiz a coisa certa. Mas não vejo como posso terminar esta história e manter Eva em segredo. Prometi a ele dar cada mínimo detalhe. E no final, não acredito que revelar a identidade dela mudará muito meu destino, seja qual for.

Como escrevi muito anteontem, levou um tempo para o Hauptsturmführer von Linden me alcançar na tradução, e ele e Engel (ou alguém) devem ter continuado sem mim depois que fui trancada na minha cela novamente na noite passada. Ainda não havia dormido o suficiente para me recuperar dos excessos daquele dia e estava em sono profundo às três da madrugada ou seja qual for a hora que ele chegou, mas despertei instantaneamente quando os cadeados e ferrolhos da minha porta começaram sua sequência de sons oficiais de batidas e cliques, que sempre me encham com a mais curiosa mistura de esperança louca e pavor doentio quando destrancam a porta. Dormi durante ataques aéreos mais de uma vez, mas quando minha porta é destrancada fico imediatamente em guarda.

Levanto. É inútil recuar contra a parede e parei de me importar com o cabelo. Mas o Wallace em mim ainda me faz querer enfrentar o inimigo de pé.

Era von Linden, é claro, quase digo “como sempre”, já que ele vem com frequência para conversar brevemente comigo sobre literatura alemã assim que acaba o trabalho. Acho que é o único pequeno prazer que se permite na rotina rigorosa de seu dia, *Parzival*[\[33\]](#) como uma bebida, para limpar sua mente do sangue que mancha os pontos prateados nos remendos de seu colarinho preto. Quando ele fica na porta e pede minha opinião a respeito de Hegel ou Schlegel, não ousa lhe dar menos que minha atenção total (embora eu tenha sugerido que ele precisa levar escritores modernos como Hesse e Mann mais a sério. Como aqueles alunos dele, lá em Berlim, adorariam *Narcissus and Goldmund*, de Hesse!).

Então, era uma visita não totalmente inesperada, só que na última noite não foi como sempre. Ele estava iluminado. Com animação e cor no rosto, as mãos atrás das costas para que eu não as visse tremendo (talvez para eu também não notar o anel, conheço bem essas táticas evasivas). Ele escancarou a porta de modo que minha cela foi iluminada pelas lâmpadas elétricas fulgurantes da sala de interrogatório e enunciou em descrença:

— Eva Seiler?

Ele tinha acabado de descobrir.

— Você está mentindo — ele acusou.

Por que diabos eu mentiria sobre isso? Sou Eva Seiler. Ah, não realmente.

Sabe, fiquei estupefata que ele tivesse ouvido falar de mim, que parecesse saber quem é Eva Seiler. Aposto que foi aquele imbecil do Kurt Kiefer que deu com a língua nos dentes, depois que voltou a Paris e tagarelou sobre suas conquistas. Avisei a Inteligência que ele não era esperto o suficiente para ser um agente duplo.

Suponho que Eva fosse bastante bem-sucedida em extrair informação que os Fritz prefeririam não ter vazado para os britânicos, e talvez ela tenha até se tornado um dos muitos espinhos irritantes do lado do Führer. Mas não achei que von Linden saberia de quem eu estava falando (eu poderia tê-la mencionado antes se achasse). De qualquer maneira, não hesitei, é assim que trabalho. É nisso que sou tão boa. Dê uma dica, apenas uma dica, e vou fingir. É o começo de sua derrota, meu rapaz.

Puxei o cabelo para trás da maneira severa de diretora como eles o costumavam prender, e mantendo-o no lugar com uma mão, estreitei os ombros e bati os saltos um contra o outro. Se não ficar perto demais de alguém mais alto que você, você ainda pode fingir que o desdenha de nariz empinado. Disse com frieza, em alemão:

— Que possível motivo eu teria para fingir ser o contato de interpretação de Berlim com Londres?

— Que prova? Você não tem documentos válidos — ele disse sem fôlego. — Você foi pega com os documentos de Margaret Brodatt, mas não é Margaret Brodatt, então por que deveria ser Eva Seiler?

Acho que ele não sabia se estava falando comigo ou com Eva a essa altura. (Ele sofre com certa falta de sono também, devido à natureza de seu trabalho.)

— Os documentos de Eva Seiler são todos falsificados de qualquer modo — salientei. — Eles não provariam nada.

Parei, contei até três, e avancei para ele. Dois passos nanicos, apenas, para que ele se sentisse no controle. Uma distância ainda suficiente entre nós, um metro talvez, para ele não usar a altura como vantagem. Então, outro passo, para lhe permitir a vantagem. Soltei meus cabelos e ergui o olhar para ele, desalinhada e feminina, olhos de corça e vulnerabilidade. Perguntei em alemão, com um tom de surpresa e mágoa como se aquilo tivesse acabado de me ocorrer: — Qual é o nome da sua filha?

— Isolde — respondeu ele suavemente, com a guarda baixa, e ficou vermelho que nem um pimentão.

Eu o peguei com tudo, e ele sabia disso. Senti vontade de rir, subitamente voltando a ser eu mesma.

— Não preciso de documentos! — Gritei. — Não preciso de provas! Não preciso de agulhas eletrificadas, água gelada, ácido de bateria e da ameaça de querosene! Basta eu fazer uma pergunta e você responde! Quer prova mais perfeita que uma única palavra adorável saindo de você, *Isolde*? Sou operadora de rádio!

— Sente-se — ordenou ele.

— O que a Isolde acha do seu trabalho de guerra?

Ele deu o passo final em minha direção, fazendo uso de sua altura.

— Sente-se.

Ele é intimidador, e eu estou tão cansada de ser castigada por meus vários atos de rebeldia. Sentei-me em obediência, tremendo, esperando violência (não que ele já tenha tocado um dedo em mim). Puxei o edredom em volta do pescoço, uma ilusão de armadura.

— Isolde não sabe nada de meu trabalho na guerra — ele disse. Então cantou suavemente:

Isolde noch

Im Reich der Sonne

Im Tagesschimmer

Noch Isolde . . .

Sie zu Sehen,

Welch Verlangen!

Isolde ainda no reino do sol, no brilho do dia ainda, Isolde... Como desejo vê-la!

(É Wagner, uma das árias da morte de Tristão. Não consigo me lembrar de tudo.)

Ele tem uma voz de tenor leve, nasal, tão bela. Dói mais que levar um tapa, perceber a ironia da vida dele. E da minha, da minha — DA MINHA. Isolde viva no dia e no sol enquanto eu sufoco na noite e na névoa, a injustiça disso, a injustiça aleatória de tudo, de eu estar aqui e de Isolde estar na Suíça, e de Engel não conseguir conhaque e de Jamie perder os dedos dos pés. E Maddie, oh, minha adorável Maddie.

MADDIE

Puxei o edredom sobre a cabeça, soluçando aos pés dele.

Então ele parou abruptamente. Abaixou-se e descobriu minha cabeça com gentileza, sem me tocar.

— Eva Seiler — ele suspirou. — Você poderia ter se poupado de muito sofrimento se tivesse confessado isso antes.

— Mas eu não teria sido capaz de escrever tudo se tivesse feito isso — chorei. — Então

valeu a pena.

— Para mim também.

(Suponho que Eva Seiler seja um peixe grande! Ele pensou ter capturado mais uma truta marrom e descobre um salmão de quinze quilos lutando para se livrar de seu anzol farpado. Talvez ele espere uma promoção.)

— Você me redimiui. — Ele se endireitou e inclinou a cabeça cortesmente. Quase uma saudação. Finalmente ele disse boa noite com educação, em francês: — *Je vous souhaite une bonne nuit.*

E mais uma vez eu o gratifiquei com um olhar surpreso.

Ele bateu a porta atrás de si.

Ele andou lendo Vercors. Ele leu *Le Silence de la Mer*, *O silêncio do mar*, o tratado da Resistência Francesa, por minha recomendação! Como mais...?

Ele pode entrar em apuros por isso. Ele me deixa perplexa. Suponho que seja mútuo.

Desta vez sei exatamente onde eu estava, onde parei. Sei exatamente onde estávamos. Onde Maddie estava.

Pela enésima vez, quatro pessoas diferentes verificaram os livros de racionamento, paraquedas e papéis. Eles informaram Maddie, disseram quem ela recolheria na viagem de volta, verificaram os mapas e as rotas, deram-lhe um indicativo de chamada para usar no rádio até chegar à França (*Wendy*, naturalmente). O sargento de polícia tentou lhe dar um revólver. Todos os pilotos das Tarefas Especiais portavam pistolas quando voavam para a França, ele disse, só por precaução. Mas ela não aceitou.

— Não sou da RAF — disse Maddie. — Sou civil. É uma violação do acordo internacional armar civis.

Então, em vez disso, ele lhe deu uma caneta, chamada Eterpen, uma coisa realmente maravilhosa, sem tinta melequenta para trocar e com secagem instantânea. Disse que encomendaram trinta mil delas para a RAF usar no ar (para cálculos de navegação) e um oficial da RAF agradecido, contrabandeado recentemente da França, deu uma das amostras para Peter, que a deu ao sargento, e que finalmente a deu para Maddie. O sargento disse para ela passá-la adiante quando completasse sua missão com sucesso. Ele gosta muito de nós.

Maddie ficou imensamente grata pela caneta. (Não entendi na época por que ela a agradava tanto — o suprimento infinito de tinta de secagem rápida —, mas agora entendo.) Ela também gostou da ideia de passá-la adiante como um presente após uma operação bem-sucedida, uma variação do princípio da carona ao Aeródromo. Ela confessou com um

sussurro à sua passageira: — Não saberia o que fazer com um revólver, de qualquer modo. — O que não era inteiramente verdade, já que em suas segunda e terceira viagens ao castelo Craig, Jamie a levou para caçar e ela tinha capturado não um, mas dois faisões, com a calibre 20 de Queenie. Mas Maddie era — é? Era, certo, era. Maddie era do tipo modesta.

— Pronta para treinar umas aterrissagens? — Maddie disse à passageira, como quem não quer nada, como se Ormaie fosse um destino tão comum quanto Oakway. — Acenderam as luzes de simulação no campo de treinamento. Não costumo pousar muito na pista iluminada à noite, então vamos dar um pulo lá antes de zarpar.

— Tudo bem — a passageira concordou. Era impossível para as duas não estarem exultantes, uma delas a caminho da França, a outra pilotando o avião. Tudo estava a bordo exceto Queenie, e então o sargento ofereceu a mão para ela subir a escada até a cabine traseira.

— Espere, espere!

Ela se atirou em Maddie. Maddie ficou bem surpresa. Por um momento elas se agarraram como sobreviventes de um naufrágio.

— Vamos! — Maddie disse. — *Vive la France!*

Uma invasão aliada de duas.

Maddie fez três pousos perfeitos e precisos na pista iluminada, e então seu estômago começou a importuná-la para não perder a lua da mesma maneira que às vezes a importunava para não perder o bom tempo sobre os Pennines. Ela determinou seu curso para a França.

Balões de barragem de Southampton flutuavam refletindo o luar como fantasmas de elefantes e hipopótamos. Maddie atravessou o Solent prateado e a ilha de Wight. Então estava acima do Canal dividido pela guerra. O ronco do motor misturado ao da sua passageira cantarolando pelo interfone: — “The last time I saw Paris”.

— Você está alegre demais — Maddie repreendeu com severidade. — Aja com seriedade!

— Eles nos mandam sorrir o tempo todo — disse Queenie. — Está no manual do instrutor do SOE. Pessoas que riem e cantarolam não parecem estar planejando um contra-ataque. Se você anda por aí parecendo preocupada, alguém vai começar a se perguntar por que você está com essa cara.

Maddie não respondeu, e após meia hora sobrevoando a eternidade serena, suave, prateada e negra do Canal da Mancha, Queenie perguntou de repente: — Você está preocupada com o quê?

— Está cheio de nuvens em Caen — disse Maddie — e há luz nas nuvens.

— O que quer dizer com luz?

— Luz piscante. Rosada. Podem ser raios. Podem ser tiros. Pode ser um esquadrão de bombas em chamas. Vou mudar um pouco o curso e desviar disso.

Isso era brincadeira. Luz nas nuvens, quem se importa? Vamos mudar de rumo. Éramos turistas. A rota alternativa de Maddie sobre o litoral da Normandia ia direto ao Monte St. Michel, a cidadela insular gloriosa ao luar, lançando longas sombras lunares sobre a maré alta em uma baía que brilhava como mercúrio derramado. Luzes de busca varriam o céu, mas não encontraram o Lysander de barriga cinzenta. Maddie determinou um novo rumo para Angers.

— Temos menos de uma hora nesse ritmo — Maddie disse à sua passageira. — Você ainda está sorrindo?

— Como uma idiota.

Depois daquilo, é difícil de acreditar, mas foi um voo aborrecido por algum tempo. O interior francês não era tão fantástico ao luar quanto o Canal da Mancha, e após um longo tempo olhando para o breu indistinguível, Queenie caiu no sono com confiança, encolhida entre as caixas de papelão e os fios embolados no chão da cabine traseira, com a cabeça sobre seu paraquedas. Era quase como dormir na sala do motor de Ladderall Mill — muito barulhenta, mas surpreendentemente rítmica. Ela tinha sido testada até a exaustão nas últimas semanas e agora já passara muito da meia-noite.

Acordou quando seu corpo relaxado foi esmurrado subitamente contra a parte de trás da fuselagem junto com todos os onze engradados. Ela não estava machucada nem mesmo assustada, mas muito desorientada. Sua mente subconsciente mantinha o eco reverberante de um baita estrondo, que foi na verdade o que a acordou, e não o golpe. Luz reluzente laranja margeava as janelas da cabine traseira. Bem quando percebeu que o Lysander descia na direção da terra em um mergulho vertiginoso, o aumento da gravidade a nocauteou novamente. E quando despertou pela segunda vez, alguns instantes depois, estava escuro e o motor ainda pulsava de maneira confiável, e ela estava empilhada com desconforto no meio da bagagem derrubada.

— Está me ouvindo? Você está bem? — Veio a voz frenética de Maddie pelo interfone. — Oh, droga, aí vem mais um... — E uma linda bola branca de fogo arqueou sobre a capota de Perspex. Não fez barulho nenhum e iluminou a cabine lindamente. Holofote, holofote. A visão noturna de Maddie estava instantaneamente prejudicada de novo.

— Pilote o avião, Maddie — ela murmurava para si. — Pilote o avião.

Pense nela há três anos, uma molenga chorando de medo sob o fogo. Pense nela agora,

pilotando uma aeronave ferida em meio aos tiros desconhecidos e à escuridão de uma zona de guerra. Sua melhor amiga, desenroscando-se na parte de trás do avião, tremeu de medo e de amor. Ela sabia que Maddie a entregaria em segurança ou morreria tentando.

Maddie batalhava com o manche de comando como se ele estivesse vivo. Nos breves lampejos fosfóreos, seus pulsos tensos estavam pálidos de esforço. Ela suspirou de alívio quando sentiu a pequena mão de sua passageira apertando seu ombro através do buraco do anteparo blindado.

— O que está acontecendo? — disse Queenie.

— Malditas armas antiaviões de Angers. A cauda foi atingida. Acho que foi artilharia antiaérea, e não um caça noturno, ou estaríamos mortas. Não temos nenhuma chance contra um Messerschmitt 110.

— Achei que estávamos caindo.

— Aquilo fui eu acelerando para baixo para apagar o fogo — disse Maddie, séria. — Você mergulha o mais rápido possível até o vento apagá-lo. Como assoprar uma vela! Mas o controle do estabilizador horizontal do avião foi desconectado ou algo assim. É...

Maddie rangeu os dentes. — Estamos no rumo. Ainda estamos inteiros. Perdemos um pouco de altura demais naquele mergulho, mas tudo que o maldito avião quer fazer agora é subir, então, bem, isso não é problema. Porém, se subirmos demais, os Fritz podem conseguir nos ver no radar. O avião ainda pode voar, por pouco, e fizemos um tempo tão bom que nem estamos atrasadas. Só que acho que você precisa saber que vai ser, hã, meio difícil para eu pousar. Então talvez você precise saltar de paraquedas de novo.

— E você?

— Bem, talvez eu também, acho.

Maddie nunca havia treinado pular de um avião, apenas pousar aviões quebrados incontáveis vezes. E tinha, de fato, aterrissado aviões avariados em várias ocasiões — e as duas garotas sabiam que, se isso acontece mil vezes, Maddie morreria em todas elas com as mãos nos controles de voo em vez de confiar em um mergulho cego na escuridão.

Especialmente porque, como a maioria dos aviadores britânicos de combate, ela falava apenas o francês escolar mais básico e não tinha nenhuma boa identidade falsa à qual recorrer na França ocupada pelos nazistas.

— Posso deixar você e tentar voar para casa — Maddie disse ao acaso, palavras de esperança pronunciadas entre dentes cerrados.

— Deixe-me ajudar! Diga algo para eu fazer!

— Procure o local de pouso. Temos menos de meia hora. Eles vão lançar um sinal de luz

quando nos ouvirem, Q em Morse. É longo-longo-curto-longo.

A mãozinha não soltou.

— É melhor você colocar o paraquedas — Maddie lembrou a sua passageira. — E verifique se tem todo seu equipamento.

Houve muitos estrondos e xingamentos na cabine traseira por um tempo. Após alguns minutos, Maddie perguntou com um suspiro de riso medroso: — O que está fazendo?

— Prendendo tudo. Sou responsável por este lote quer eu o veja amanhã de manhã ou não. Se pularmos, não quero ser estrangulada em fios elétricos. E se eu tiver que pular antes de você tentar pousar, não quero de jeito nenhum isso se arrastando atrás de mim e me atingindo a cabeça.

Maddie não disse nada. Ela espiava a escuridão e pilotava o avião. Queenie segurou seu ombro de novo.

— Devemos estar perto — Maddie disse finalmente. Sua voz, levemente distorcida pelo interfone chiando, estava neutra. Não havia nada de alívio nem de medo em seu tom. — Descendo a 700 pés agora, certo? Procure por aquelas luzes.

Aqueles últimos quinze minutos foram os mais longos. Os braços de Maddie doíam e as mãos estavam adormecidas. Era como deter uma avalanche. Ela não tinha olhado o mapa na última meia hora e pilotava apenas pela memória, pela bússola e pelas estrelas.

— Eba, estamos no lugar certo! — Disse ela, de repente. — Vê a confluência daqueles dois rios? Vamos pousar bem no centro. — Ela tremeu de empolgação. A mão pequena e confortadora que segurava seu ombro a soltou de repente.

— Ali.

Queenie apontou. Como ela o localizou pela abertura do tamanho de uma folha de papel no anteparo era um mistério, mas ela havia visto o sinal, um pouco à esquerda delas. Lampejos claros e brilhantes em sequências fixas: Q de *Queen*, longo, longo, curto, longo.

— Está certo? — Queenie quis saber ansiosa.

— Sim. Sim!

As duas soltaram gritos espontâneos.

— Não posso deixar de dar uma resposta! — Maddie falou, ofegante. — Você tem uma lanterna?

— No meu *kit*. Espere, qual é a letra para a resposta?

— L de *Love*. Ponto-traço-ponto-ponto, curto-longo-curto-curto. Você tem que fazer certinho ou não vão iluminar para nós...

— Vou acertar, sua boba — Queenie a lembrou com carinho. — Posso fazer o código

Morse até dormindo. Lembra? Sou uma operadora de rádio.

Hauptsturmführer von Linden diz que nunca conheceu uma pessoa educada tão desbocada quanto eu. Sem dúvida, foi demasiado estúpido da minha parte trazer o nome de sua filha à briga que tivemos na noite passada. Nesta manhã deverei ter a boca esfregada com carbólico — não o SABÃO carbólico, usado nas escolas, mas o ÁCIDO carbólico de verdade, o fenol, que é a mesma substância das injeções letais em Natzweiler-Struthof (segundo Engel, minha fonte sempre presente de detalhes nazistas). Ela o diluiu em álcool, usando luvas para fazer a mistura, já que é incrivelmente cáustico. Mas não chega perto de mim com ele porque sabe que vou lutar com ela e ele se espalhará por toda parte. Mesmo com os braços amarrados atrás de mim (eles não estão, óbvio), eu teria uma boa chance de espalhá-lo por toda parte. Estou na esperança de que toda a situação se dissipe se a adiarmos por tempo suficiente, e acho que ela também.

A briga começou com a pobre garota francesa (acho que ela é a única outra prisioneira feminina aqui), que eles interrogam com teimosia e persistência dia e noite, a semana toda, e ela, com tanta teimosia e persistência quanto eles, recusa-se a responder suas perguntas. Na noite passada, ela ficou chorando alto por horas, entre gritos de agonia de cortar o coração. Cheguei a arrancar chumaços do meu cabelo (ele está bem quebradiço), enquanto tentava suportar seus gritos. Em algum ponto, bem no meio da noite, desisti — ela não, mas eu sim.

Levantei e comecei a gritar com toda a força dos pulmões (*en français pour que la résistante malheureuse puisse me comprendre*[\[34\]](#)):

— MINTA! Minta para eles, sua vaca estúpida! Diga qualquer coisa! Deixe de ser uma maldita mártir e MINTA!

E comecei a lutar insanamente contra o toco de ferro onde a maçaneta de porcelana da porta costumava ficar (antes de eu a soltar e atirar na cabeça de Thibaut), o que é inútil, porque é claro que a maçaneta da porta e as ferragens ao redor eram puramente decorativas e todos os cadeados e barras estavam presos do lado de fora.

— MINTA! MINTA PARA ELES!

Ah, consegui um resultado inesperado. Alguém veio e abriu os cadeados tão repentinamente que caí pela porta, e eles me ergueram e me seguraram piscando com as luzes subitamente fortes, enquanto eu tentava não olhar para a pobre garota.

E ali estava von Linden, em roupas civis, frio e sereno como um lago ondulado recém-

congelado, sentado em uma nuvem de fumaça acre como o próprio Lúcifer (ninguém fuma quando ele está por perto. Não sei e não quero saber o que estavam queimando). Ele não falou nada, apenas acenou, e então me levaram até ele e me jogaram de joelhos.

Ele deixou eu me amedrontar por alguns minutos.

Então:

— Tem conselhos para sua companheira prisioneira? Não tenho certeza se ela sabe que você se dirige a ela. Diga de novo.

Sacudi a cabeça, sem saber direito qual era o maldito jogo dele dessa vez.

— Vá ao lado dela, olhe na cara dela, fale com ela. Fale claramente para todos nós ouvirmos.

Joguei o jogo dele. Sempre jogo. É minha fraqueza, a falha em minha armadura.

Coloquei o rosto ao lado do dela, como se estivéssemos sussurrando. Tão perto que deve ter parecido íntimo, mas perto demais para que nos olhássemos de fato. Engoli em seco e repeti com clareza:

— Salve-se. Minta para eles.

Era ela que costumava assobiar “Scotland the Brave” quando cheguei aqui. Ela não conseguiu assobiar na noite passada. É de espantar que eles achassem que ela pudesse até falar, depois do que fizeram com sua boca. Mas ela tentou cuspir em mim mesmo assim.

— Ela não gostou muito do seu conselho — disse von Linden. — Diga-lhe de novo.

— MINTA! — Gritei para ela.

Depois de um tempo ela conseguiu me responder. Rouca e áspera, sua voz rangendo de dor, para que todos pudessem ouvi-la.

— Mentir para eles? — Ela resmungou. — É isso que você faz?

Fiquei ali presa. Talvez fosse uma armadilha que ele preparou para mim de propósito. Tudo ficou muito silencioso por um longo tempo (provavelmente não tanto quanto pareceu), e finalmente von Linden ordenou com desinteresse: — Responda a pergunta dela.

Foi então que perdi a cabeça.

— Seu maldito hipócrita — rugi para von Linden com imprudência (ele talvez não soubesse o que a palavra significava em francês, mas mesmo assim, não era uma coisa inteligente a dizer). — Você nunca mente? O que diabos você faz? O que conta para a sua filha? Quando ela pergunta sobre seu trabalho, que verdade a adorável Isolde recebe de você?

Ele ficou pálido como papel. Mas calmo, apesar de tudo.

— Carbólico.

Todos olharam para ele sem muita certeza.

— Ela tem a língua mais suja de todas as mulheres da França. Queimem a boca para limpá-la.

Lutei. Eles me seguravam enquanto debatiam sobre a dosagem correta, porque ele não deixou claro se realmente queria me matar com a substância ou não. A garota francesa fechou os olhos e descansou, tirando vantagem da mudança de foco para longe dela. Eles pegaram as garrafas e luvas. De repente a sala se transformou em uma clínica. O que era realmente assustador era que nenhum deles parecia saber o que estava fazendo.

— Olhe para mim! — Guinchei. — Olhe para mim, Amadeus von Linden, seu hipócrita sádico, e assista a este momento! Você não está me interrogando, esse não é seu trabalho, não sou uma agente inimiga vomitando códigos de rádio! Sou apenas uma escocesa nojenta gritando insultos para sua filha! Então aproveite e assista! Pense na Isolde! Pense na Isolde e assista!

Ele os deteve.

Ele não podia fazer isso.

Engasguei de alívio, ofegando.

— Amanhã — ele disse. — Depois que ela comer. Fräulein Engel sabe como preparar o fenol.

— Covarde! Covarde! — Solucei em fúria histérica. — Faça agora! Faça você mesmo!

— Tirem-na daqui.

Havia papel e lápis deixados para mim como sempre nesta manhã, a água para beber esperava ao lado do fenol e do álcool, e Fräulein Engel batia as unhas dos dedos com impaciência do outro lado da mesa como sempre faz enquanto espera que eu lhe entregue algo para ler. Ela está aguardando avidamente para ver o que escrevi, eu sei, já que não explicaram para ela o que fiz de fato na noite passada para merecer uma punição tão cruel. Von Linden deve estar dormindo (ele pode ser desumano, mas não é sobre-humano). Oh, Deus. Não há muito mais o que escrever. O que ele espera que eu conclua? O fim da história não é um tanto óbvio? Quero terminá-la, mas odeio pensar nisso.

A senhorita E. conseguiu furtar um pouco de gelo para a minha água. Ele terá derretido quando chegar a hora de lavar a boca mais imunda da França, mas foi uma ideia gentil.

Agora estamos de volta ao ar, suspensas sobre os campos e rios ao norte de Ormaie e sob uma lua serena, mas não totalmente cheia em sua esplêndida altura prateada, em um avião

que não pode aterrissar. A operadora de rádio pisca o sinal correto para o solo e menos de um minuto depois o campo de pouso aparece. Ele é perfeitamente familiar, três pontos piscantes de luz formando um L de ponta-cabeça, assim como a pista improvisada onde Maddie fez seus pousos de treino bem-sucedidos quatro horas atrás na Inglaterra.

Maddie circulou uma vez sobre o campo. Ela não sabia por quanto tempo a pista permaneceria iluminada e não queria desperdiçar a luz. Começou a descer no padrão de voo oblongo que usou antes. Sobre o ombro, pela abertura no anteparo, sua amiga observava o mostrador mal iluminado no painel de controle que revelava a altitude. Elas não estavam perdendo muita altura.

— Não consigo — Maddie suspirou, e o Lysander flutuou rapidamente para cima como um balão de gás. Ela nem havia acrescentado potência. — Simplesmente não dá! Lembra do que disse sobre o primeiro Lysander que pousei, como o controle manual para ajustar o estabilizador horizontal do avião estava quebrado e a unidade de solo achou que eu não teria força para segurar o manche sem parti-lo? Só que consegui deixá-lo em ponto morto antes de entrar. Bem, não está em ponto morto agora, está preso na subida. Nessa última hora usei toda minha força para nos impedir de subir e agora não tenho força suficiente para segurar para podermos aterrissar. Fico diminuindo a potência e não faz nenhuma diferença. Se eu desligar o motor e tentar colocar o maldito em posição de descida acho que, ainda assim, ele vai tentar subir. E depois vai cair em espiral e nos matar. Se eu conseguisse deixá-lo em estol, daria, mas é impossível deixar um Lizzie em estol.

Queenie não respondeu.

— Vou dar uma volta — Maddie grunhiu. — Terei que tentar de novo de qualquer jeito, tentar uma descida mais suave. Ainda tenho bastante combustível, não quero bater e pegar fogo.

Elas subiram a 2.500 pés no tempo que Maddie levou para explicar tudo isso. Ela flexionou os pulsos e forçou o manche para frente de novo.

— Droga. Maldição. Dupla maldição. (Dupla maldição é o xingamento mais terrível de Maddie).

Ela estava ficando cansada. Não conseguiu descer tanto quanto da primeira vez e ultrapassou o campo. Ela virou abruptamente, sem perder altura, e xingou de novo quando a estrutura tremeu, os *flaps* automáticos ressoando de modo alarmante enquanto o avião tentava decidir a que velocidade voava.

— Talvez não seja impossível deixá-lo em estol! — Maddie exclamou. — Não quero deixá-lo em estol a cinco mil pés ou estaremos mortas. Deixe-me pensar...

Queenie deixou-a pensar, observando o altímetro. Estavam ganhando altitude novamente.

— Estou subindo de propósito agora — Maddie disse, séria. — Vou levar você até três mil pés. Não quero subir mais ou nunca vou conseguir descer. Você conseguirá pular com segurança.

Aquele horrível trio de guardas acabou de vir buscar alguém. Engel está conversando com eles em tom irritado pouco além do alcance de minha audição, do outro lado da porta. Eles não pareciam estar com luvas, então talvez não estejam aqui para administrar o fenol. Por favor, Deus. Oh, por que sou tão grossa e insensata? Aconteça o que acontecer agora, temo não ser capaz de terminar quase tanto quanto temo...

Tenho quinze minutos.

A esgotada garota francesa e eu fomos levadas juntas através das celas para um pequeno pátio de pedra que devia ter sido a lavanderia do hotel. Ela orgulhosa e mancando com seus belos pés descalços horríveis, com feridas abertas, e o rosto pálido inchado com feridas, ignorando-me. Fomos amarradas uma na outra, pulso com pulso. Naquele pequeno espaço de pedra aberto para o céu, eles haviam erigido uma guilhotina. É a forma usual que executam uma mulher espiã em Berlim.

Tínhamos que esperar enquanto eles preparavam isto e aquilo. Deixavam um portão aberto para a rua abaixo para chocar e entreter os transeuntes, hasteavam a lâmina e cordas nos lugares, etc. Não sei como a mecânica disso funciona. Ela foi usada recentemente, com sangue ainda na lâmina. Ficamos amarradas juntas em silêncio, e eu pensei, eles me farão assistir. Eles a matarão primeiro e me farão assistir. Depois vão me matar.

Eu sabia que ela também sabia, mas é claro que não ia olhar nem falar comigo, embora os dorsos de nossas mãos se tocassem.

Cinco minutos.

Disse meu nome a ela. Ela não respondeu.

Eles cortaram as cordas que nos prendiam. Eles a puxaram para frente e eu assisti. Não desviei o olhar do rosto dela. Era tudo o que eu podia fazer.

Ela gritou para mim logo antes de eles a empurrarem ali, em posição, de joelhos.

— Meu nome é Marie.

Não consigo acreditar que ainda estou viva; fui trazida de volta a esta mesma mesa e forçada a pegar o lápis de novo. Só que é von Linden que está sentado do outro lado da mesa, não E. ou T. Ele está de olho em mim, como lhe pedi para fazer.

Quando esfrego os olhos, minhas mãos se afastam do rosto com o sangue de Marie ainda rubro e fresco nos nós de meus dedos.

Perguntei a v. L. se eu podia escrever isso antes de continuar o trabalho do dia. Ele disse que eu me predo demais aos detalhes do que me acontece aqui. Um registro interessante, mas não direto. Ele me permite apenas quinze minutos para isso e está cronometrando.

Tenho um minuto sobrando. Gostaria de ter contado mais, feito justiça a ela, dado a ela

algo mais significativo que meu nome sem valor.

Após meu fiasco na noite passada, acho que eles a mataram por nenhum motivo além de me assustar para confessar que menti para eles. É minha culpa que ela esteja morta. Um dos meus maiores medos realizados.

Mas eu não menti.

Von Linden agora diz para mim: — Pare.

Ele se inclina para trás, observando-me com frieza. O fenol ainda está pousado lá onde Engel deixou, mas não acho que irão usá-lo. Eu disse para ele me vigiar, e ele está vigiando.

— Escreva, pequena Scheherazade[\[35\]](#) — diz. É uma ordem. — Conte sobre seus últimos minutos no ar. Termine sua história.

O sangue de Marie mancha minha mão, figurativa e literalmente. Tenho que terminar agora.

— Você me diz quando devo ir — disse Queenie. — Me avise quando estiver pronta.

— Certo.

A pequena mão no ombro de Maddie não soltou, durante toda a subida. Maddie baixou o olhar para a pista provisória lá embaixo, três pontinhos de luz acenando, recepcionando, chamando, e ela decidiu tentar pousar. Mas não com uma passageira, não com a vida de outra pessoa nas mãos, não com alguém a quem pudesse decepcionar.

— Certo — disse Maddie. — Você ficará bem aqui. Está ventando um pouco, então fique de olho nas luzes e tente aterrissar na pista iluminada! Estão esperando você. Você sabe como sair?

Queenie apertou o ombro de Maddie.

— Melhor ir rápido — disse Maddie. — Antes que o maldito avião suba ainda mais.

— Beije-me, Hardy — disse Queenie.

Maddie soltou uma risada soluçada. Ela inclinou a cabeça para a mão fria em seu ombro e a beijou com afeição. Os pequenos dedos roçaram em sua bochecha, deram um último aperto em seu ombro e se retiraram pelo anteparo.

Maddie ouviu a cobertura traseira se abrir. Ela sentiu a mais leve inclinação no equilíbrio da aeronave quando o peso mudou. Então voou sozinha.

Você sabe que Mary, rainha da Escócia (cuja avó, aliás, era francesa, como a minha; assim como a mãe dela), Mary, rainha da Escócia, tinha um cachorrinho, um skye terrier, que era fiel a ela. Instantes após Mary ser decapitada, as pessoas que observavam viram sua saia se mexer e acharam que o corpo sem cabeça estava tentando se levantar. Mas o movimento na verdade era seu cão, que ela carregou até o cadafalso com ela, escondido na saia. Acredita-se que Mary Stuart enfrentou sua execução com graça e coragem (ela vestia uma camisa escarlate para sugerir que estava sendo martirizada). Mas não acho que ela teria sido tão corajosa se não estivesse, em segredo, segurando com firmeza seu skye terrier, sentindo o pelo sedoso e quente dele contra sua pele trêmula.

Permitiram-me usar os últimos três dias para reler tudo que escrevi e revisar. Isso faz sentido e é quase uma boa história.

Fräulein Engel ficará desapontada, no entanto, por não ter um final de verdade. Sinto muito. Ela também viu as fotos; não há por que elaborar algo esperançoso e desafiador se devo contar a verdade. Mas seja honesta você mesma, Anna Engel, você não preferiria que Maddie batalhasse duro, como os americanos dizem, e voltasse a salvo para a Inglaterra? Porque esse seria o final feliz, o fim certo para uma história de aventuras para garotas.

Este monte de papel não fica muito bem empilhado, são páginas e páginas de diferentes larguras, comprimentos e espessuras. Gosto da partitura para flauta em que tive que escrever no final. Fui cuidadosa com ela. Claro que precisei usar os dois lados e escrever sobre a música, mas fiz com bastante leveza, a lápis, entre as notas, porque alguém talvez queira tocá-la novamente um dia. Não Esther Lévi, de quem era aquela música, cujo nome classicamente bíblico e hebraico está escrito com cuidado no topo de cada página; não sou idiota o suficiente para achar que ela verá esta música de novo, seja ela quem for. Mas talvez outra pessoa. Quando os bombardeios cessarem.

Quando a maré virar. E ela vai virar.

Uma coisa que notei, relendo a história, que nem mesmo Hauptsturmführer von Linden reparou, é que não coloquei meu próprio nome em nada que escrevi nas últimas três semanas. Vocês todos sabem meu nome, mas não, eu acho, meu nome completo, então vou escrevê-lo em toda sua glória pretensiosa. Eu costumava gostar de escrever meu nome completo quando era pequena. Como você verá, era uma conquista e tanto para uma criança:

Julia Lindsay MacKenzie Wallace Beaufort-Stuart

É isso o que está escrito em meus documentos reais, que você não tem. Meu nome é ele próprio um desafio contra o Führer, um nome muito mais heroico que mereço, e eu ainda gosto de escrevê-lo, então vou escrever de novo, do modo como o faço em meus cartões de dança:

Lady Julia Lindsay MacKenzie Wallace Beaufort-Stuart

Mas nunca penso em mim como *Lady* Julia. Penso em mim como Julie.

Não sou escocesa. Não sou Eva. Não sou Queenie. Já atendi pelos três, mas nunca me apresentei por esses nomes. E como detestei ser Oficial de Voo Beaufort-Stuart nestas últimas sete semanas! É assim que Hauptsturmführer von Linden normalmente me chama, tão educado e formal: — Agora, Oficial de Voo Beaufort-Stuart, você foi muito cooperativa hoje, então se já teve o bastante para beber, vamos começar o terceiro conjunto de códigos. Por favor, seja precisa, Oficial de Voo Beaufort-Stuart, ninguém quer ter que cravar esse atizador de brasas quente e vermelho através de seu olho. Alguém pode, por favor, lavar a calcinha borrada da oficial de Voo Beaufort-Stuart antes de ela ser levada de volta para o quarto?

Então mesmo sendo meu nome, também não penso em mim como Oficial de Voo Beaufort-Stuart, não mais que como Scheherazade, o outro nome que ele me deu.

Meu nome é Julie.

É assim que meus irmãos me chamam, como Maddie sempre me chamou, e é assim que eu me chamo. É esse o nome que eu disse para Marie.

Oh, Deus, se eu parar de escrever agora eles vão levar estes papéis embora, todos eles, os cartões amarelados de receitas e as folhas de receitas médicas e os papéis de carta em relevo do Château de Bordeaux e o de música para flauta, e eu não terei mais nada além de esperar pelo julgamento de von Linden. Mary Stuart tinha seu skye terrier. Que conforto levarei comigo na minha execução? Qual o conforto para qualquer um de nós, Marie, Maddie, a ajudante de cozinha ladra de repolho, a garota da flauta, o médico judeu, sozinhos na guilhotina, no ar ou nos vagões de carga sufocantes?

E por quê? Por quê?

Tudo o que fiz foi comprar tempo para mim, o tempo de escrever isto. Não disse nada de

[Nota para Amadeus von Linden de Nikolaus Ferber, traduzida do alemão:]

SS-Sturmbannführer N. J. Ferber

Ormaie 

30 de novembro de 1943

SS-Hauptsturmführer von Linden

Este é meu último lembrete a você de que a Oficial de Voo Beaufort-Stuart é uma prisioneira designada da NN. Ela foi vista duas vezes sob sua custódia e serei forçado a tomar medidas formais contra você se isso acontecer de novo.

Recomendo que a envie logo a Natzweiler-Struthof como cobaia, com a ordem de que ela será executada com injeção letal após seis semanas se sobreviver ao experimento.

Se mostrar a essa mentirosa desonesta um átomo de compaixão mandarei o fuzilarem.

Heil Hitler!

Parte 2

kittyhawk

Estou com os documentos da Julie.

Estou com os documentos da Julie.

Estou com os documentos da Julie.

MALDIÇÃO MALDIÇÃO DUPLA MALDIÇÃO

ESTOU COM OS DOCUMENTOS DA JULIE

O QUE ELA VAI FAZER SEM SUA IDENTIDADE???

O que ela vai fazer?

Não consigo imaginar quando isso aconteceu. Ela verificou seus papéis, eu chequei os meus, o Sargento Silvey verificou nós duas, aquela diretora das Operações Especiais que cuidava dela averiguou, todos verificaram. Qualquer um pode ter bagunçado tudo.

Maldição. Dupla maldição. Ela deve estar com os meus.

Este não é um bom lugar para escrever, vai estragar meu Manual do Piloto ATA e eu provavelmente não deveria registrar isso de jeito nenhum, mas é a única coisa que tenho para ler ou escrever ou fazer até um dos circuitos da Resistência voltar à vida. Não acredito que não vi isso antes. Dois dias se passaram desde que chegamos aqui. Procurei e procurei e estou com meu cartão de autorização ATA, mas a licença e o cartão do Registro Nacional se foram. No lugar deles estão os cupons de racionamento de Julie e sua *carte d'identité* falsa — a fotografia não se parece muito com ela, que está com o rosto pálido e assustador de espiã nazista. Katharina Habicht. Não consigo pensar nela nem um pouco como Katharina, embora ela tenha tentado me fazer chamá-la de Käthe o verão todo. E eu tinha acabado de me acostumar a pensar nela como Eva.

Não que meus documentos ou a falta deles fizessem alguma diferença para mim já que EU NÃO DEVERIA ESTAR NA FRANÇA. Mas Julie, que deveria estar aqui, está SEM IDENTIDADE. Eu dei a ela DOCUMENTOS DE IDENTIDADE FALSOS.

Como? Como? Como quando a Inteligência pegou meus cupons de roupas, mas isso foi feito de propósito. E eu jurei ser mais cautelosa.

Não sei o que fazer.

Se eu for pega escrevendo isto estarei em apuros, seja quem for que me encontrar — alemães, franceses, britânicos. Até americanos. Eu não deveria anotar nada. CORTE MARCIAL. Mas não tenho absolutamente nada para fazer e possuo a caneta mais

maravilhosa do mundo, uma Eterpen, com uma bolinha na ponta e cheia de tinta de copiadora de secagem rápida. A tinta rola sobre a esfera. Você pode escrever com esta caneta na altitude, ela não borra e a tinta dura um ano. A RAF encomendou trinta mil desses modelos do jornalista húngaro exilado que os inventou e eu ganhei um dos exemplares, presente do Sargento Silvey, que tem um fraco por pilotos femininos e agentes duplas loiras e miúdas.

Sei que não devia escrever, mas preciso fazer algo, qualquer coisa. O último voo de traslado teria sido um memorando “S”, o que significa que terei que fazer um relatório. Além de um Relatório de Acidente. Agh. Terei que fazer de qualquer jeito. Vou trabalhar nisso.

NOTAS DE ACIDENTE

Pouso forçado no campo Damask, próximo a Ormaie, 11 de out. de 1943 — Aeronave Lysander R 3892.

Permissão de voo obtida do comandante; quatro pousos noturnos bem-sucedidos, três na pista iluminada simulada, imediatamente antes da partida. Voo sobre Canal sem incidente embora desviado do curso planejado sobre Caen para evitar fogo antiaéreo. Nova rota nos levou do Monte St. Michel a Angers, onde o avião recebeu tiros do solo e o estabilizador horizontal foi atingido. Fogo foi controlado, mas não pude equilibrar o nível de voo, pois o estabilizador horizontal foi completamente destruído; avião agora em ângulo para subida íngreme e pouco manobrável para descida.

Agora que penso a respeito, o cabo de ajuste do estabilizador horizontal deve ter arrebentado durante a recuperação do mergulho ou eu não teria conseguido mergulhar.

Essa ideia me deu arrepios, pois é.

Certo. Onde estávamos? Presas na subida e ainda sem nenhum controle do leme. Pressão/temperaturas do motor e nível de combustível aceitáveis, então continuamos para o destino, que (com ajuda da passageira) não tive problema em localizar. Mas na chegada, a descida foi muito difícil e fiquei preocupada com aterrissagem; concordamos que a passageira devia pular na pista, pois tem treinamento apropriado e tinha mais chance de sobreviver a um salto de paraquedas do que a uma queda com tanque de combustível pela metade e carga de 250 quilos de explosivos 808 e fio detonador.

Já tinha tentado duas voltas sobre o campo antes da saída da passageira e foi muito cansativo, então fiquei voando por meia hora para queimar combustível antes de uma

tentativa final de aterrissar. A pista provisória permanecia iluminada, então concluí que ainda esperavam por mim — era possível que minha passageira tivesse descido com segurança e informado o comitê de recepção sobre o dano ao avião. Manter o nível do voo continuou sendo desafiador e no final tentei uma descida.

Não sei ao certo como consegui. Pura obstinação, acho. O leme não me deixava glissar e, mesmo em velocidade baixa, com *flaps* abaixados e nenhuma energia, o maldito queria manter o nariz erguido. Não consegui soltar para acender a luz de aterrissagem, a cauda escura caiu antes e pulou em pé de novo — gostaria de ter visto isso do chão. Todo o estabilizador horizontal se partiu e o pobre Lizzie parou com o fundo da fuselagem preso no solo macio no canto mais distante do campo, perto de onde os rios se encontram, o avião inteiro apontando para o céu como uma pedra ereta. Pensei na queda do Puss Moth de Dymrna lá em Highdown Rise, só que ao contrário. Só entendi o que aconteceu depois, quando o manche me atingiu no estômago e tirou todo ar de mim ao mesmo tempo em que a parte de trás da minha cabeça arremeteu-se contra o revestimento blindado do anteparo. Acordei presa pelas costas na cabine, olhando para as estrelas e imaginando quanto tempo tinha antes da explosão.

Não estou conseguindo fazer com que isso se pareça com um relatório de acidente, droga. Pelo menos estou registrando enquanto lembro.

Tinha desligado a ignição e o combustível antes de pousar, seguindo o Manual do Piloto e Ordens Permanentes para aterrissagens forçadas, então estava tudo quieto, alguns rangidos e roncoss, mas nada mais. Foi quando três homens de nosso comitê de recepção, um deles inglês (um agente do SOE, o organizador deste circuito, codinome Paul), abriram a cobertura e me puxaram da cabine de ponta-cabeça. Nós quatro caímos no chão em um grande monte. Estas foram minhas primeiras palavras em solo francês:

— Desculpe, desculpe, eu sinto muito!

Muitas e muitas vezes, pensando no azarado par de refugiados que deveria ser transportado de volta à Inglaterra em minha viagem de retorno. Além disso, lembrei-me de dizer em francês: — *Je suis désolée!* — Oh, que desastre.

Eles me ajudaram a sentar e tentaram limpar a lama de mim.

— Você deve ser nossa Verity — o organizador do SOE Paul disse em inglês.

— Não sou a Verity!

Isso não era informação útil, mas foi o que me escapou.

Confusão e caos e uma arma apontada para a minha cabeça. Sinto muito dizer que a arma era demais para mim depois de meu primeiro acidente relatável, em um avião que eu

provavelmente não deveria estar pilotando, e caí em prantos.

— Não é Verity! Quem diabos é você?

— Kittyhawk — soluzei. — Codinome Kittyhawk. Primeira Oficial, Air Transport Auxiliary.

— Kittyhawk! Meu Deus! — Exclamou o agente inglês. — Você me levou para Tarefas Especiais da RAF na noite em que vim para a França! — Paul explicou sobre mim em francês para seus companheiros e voltou-se para me dizer: — Estávamos esperando o Peter!

— Ele sofreu uma colisão de carro nesta tarde. Eu não devia...

Ela cobriu minha boca com uma grande mão enlameada e ordenou:

— Não diga nada que a possa comprometer.

Comecei a chorar de novo.

— O que aconteceu? — Ele quis saber.

— Fogo antiaéreo em Angers — soluzei. Essa era minha reação normal e apropriada a armas e bombas vindo uma hora e meia depois do normal. — Pôs fogo na cauda e desconectou o cabo do estabilizador horizontal e acho que um dos cabos do leme também. Tive que mergulhar para apagar o fogo, nocauteei a pobre Ju... Verity lá atrás, e tive que pilotar o avião com tanta força na última parte da viagem que não pude olhar para o mapa.

E mais soluços, soluços, soluços, totalmente vergonhoso.

— Você foi atingida?

Todos ficaram atônitos. Não porque fui atingida, descobri mais tarde, mas porque consegui não cair em chamas sobre Angers e entreguei, a salvo, os 250 quilos de explosivos 808 para eles. Eles foram extremamente simpáticos comigo desde então, todos eles. Na verdade não mereço isso. Há apenas uma razão para não ter caído em chamas em Angers, e é porque eu sabia que tinha Julie atrás de mim. Nunca teria a presença de espírito de apagar o fogo se não estivesse tentando salvar a vida dela.

— Receio que terei que destruir seu avião — Paul disse em seguida.

Não entendi o que ele queria dizer de primeira, já que achava que fiz um trabalho brilhante em destruí-lo eu mesma.

— Não poderemos usar este campo de novo — ele disse. — Uma pena. No entanto...

Eles tinham atirado em um sentinela alemão.

Eu realmente não devia estar escrevendo isso.

Não me importo. Vou queimar depois. Não consigo pensar direito a não ser que eu escreva.

Eles atiraram em um sentinela alemão. Ele chegou de bicicleta no momento errado,

enquanto eles montavam a pista provisória. Ele ficou lá por um tempo observando e, como descobriram, anotando tudo. Quando o localizaram, ele pedalou o mais rápido possível e eles não conseguiam persegui-lo a pé ou pegar suas bicicletas a tempo para alcançá-lo, então o agente inglês atirou nele. Simplesmente assim. Eles estavam felizes em terem conquistado uma bicicleta, mas horrorizados por ter um corpo do qual se livrar.

O Lizzie destruído, com a piloto viva, foi uma dádiva de Deus. Eles teriam que destruir o avião de qualquer forma, para fazer parecer uma queda em vez de um pouso planejado. Então, instalaram o patrulheiro morto na cabine de piloto vestido com minha túnica e calça do ATA, acredite se quiser. Tiveram que rasgar a calça até as costuras laterais para vesti-la no pobre homem e mesmo assim não conseguiram prender, ele era muito maior que eu. Isso tudo levou um tempo, e eu não ajudei muito, sentada toda atordoada no canto do campo vestindo apenas combinação e calcinha sob o suéter e o sobretudo emprestados. Mitraillette, que me deu seu pulôver, devia estar congelando com apenas aquela blusa de babados sob o casaco. Também pegaram minhas botas e estou de coração despedaçado por elas! Mas, além de minha bolsa de voo, todo meu equipamento britânico de piloto teve que ser destruído, capacete, paraquedas, tudo. Até a máscara de gás. Não sentirei falta disso. Tudo que ela fazia era ocupar espaço, pendurada inutilmente sobre meu ombro em sua mochila como um albatroz cáqui sem asas pelas últimas quatro horas. Acho que só a usei nos treinos.

Agora eu queria ter feito aquele curso de datilografia. Seria bom saber estenografia. Consegui encaixar isso em três páginas do meu Manual do Piloto na letra mais nanica de todas. Não seria ruim se fosse impossível de ler.

Preparar o avião para explodir em chamas levou um longo tempo e muita correria ao luar. Suponho que eles sejam organizados, mas eu não fazia muita ideia do que estava acontecendo e não era útil nem necessária a essa altura. Também estava ficando com uma dor de cabeça de rachar, ansiosa a respeito de Julie, imaginando por que eles não botavam fogo na droga do avião e pronto. A verdade é que eles tinham um monte de equipamento de que queriam se livrar, além do cadáver condenatório: meia dúzia de aparelhos de rádio inúteis que eles desmontaram em partes, além de uns obsoletos que ninguém queria mais. Eles mandaram alguém buscá-los no esconderijo, partiram nas bicicletas e voltaram com carrinhos de mão. O celeiro que usaram para esconder essas coisas é onde estou agora. O fazendeiro, dono deste lugar, abandonou um velho gramofone sem o tubo, uma máquina de escrever quebrada em um estojo de papelão e uma incubadora de pintinhos cheia de pedaços de fios curtos demais para conectar qualquer coisa, para fazer parecer que o avião estava carregando uma carga lotada de aparelhos de rádio! Mitraillette, a filha mais velha do

fazendeiro, que era a única outra garota ali além de mim, estava muito contente em encher o avião de tralha.

— Onze rádios! — Ficava murmurando para si e rindo. — Onze rádios! — Onze aparelhos de rádio sem fio. É uma piada porque é muito improvável mandarmos onze aparelhos de uma vez. Cada aparelho está ligado ao seu operador, e cada operador é equipado com código, cristais e frequências distintos.

Isso vai confundir os alemães quando examinarem os destroços.

Os 250 quilos de explosivos 808 foram arrastados em uma carroça puxada por cavalos. Levou tempo para achar tudo porque algumas das caixas haviam caído da fuselagem danificada e da cabine traseira, que Julie deixou aberta, é claro. Ela fez um ótimo trabalho amarrando a maior parte da carga. Foi tudo feito ao luar porque ninguém ousava usar luz — havia um toque de recolher cedo, então todos estavam ficando extremamente nervosos. Eu tinha aterrissado depois da uma da manhã e levou cerca de uma hora para organizar a destruição do Lizzie.

Não posso dizer que me sinto completamente segura nas mãos da Resistência, mas eles certamente são habilidosos. Assim que os rádios e os rádios de mentira foram empilhados e o alemão morto preso em seu lugar, eles simplesmente abriram os tanques de combustível — o avião estava quase na vertical e o combustível saiu escorrendo — e usaram um pouco de explosivo e fio detonador para acendê-lo. Moleza. Foi uma fogueira muito alegre.

Deviam ser quase três da manhã quando corremos para longe do campo enquanto o Lysander de Peter explodia em chamas. Tive que subir em um dos carrinhos de mão já que agora não tinha calça nem sapatos. Eles me esconderam debaixo dos mesmos sacos que usaram para encobrir os rádios, fedendo a cebola e vacas. Então me carregaram por uma série de escadas improvisadas até um palheiro acima de outro palheiro no celeiro, onde estou agora. É um espaço escondido, logo abaixo do topo do telhado. Posso sentar se me posicionar bem abaixo do topo. Ainda não comecei a me sentir claustrofóbica. Acho que passo mesmo a maior parte da vida confinada em espaços apertados. Há bastante espaço para me esticar se eu deitar. Finja que é a traseira de um Fox Moth, é tão frio quanto. Muito desconfortável para me lavar — toda água em panelas sujas que têm que ser carregadas para cima e para baixo nas escadas.

Não consigo pensar no que mais há para contar sobre a queda. Fui vestida, alimentada e abrigada muito generosamente, considerando que todos serão fuzilados se eu for descoberta. Sou um risco enorme, um perigo para mim mesma e todos ao meu redor, provavelmente a única mulher piloto Aliada derrubada fora da Rússia. Vi os panfletos. Dez mil francos de

recompensa pela captura da tripulação de voo ou da paraquedista, ou “mais sob certas circunstâncias”. Certas circunstâncias provavelmente incluem uma garota que pode dar à Luftwaffe a posição do Esquadrão da Lua da RAF.

Isso me aterroriza. Se eu nunca contar meu verdadeiro nome, talvez ninguém note, mas, além disso tudo, sou judia. É verdade que fui ao liceu da igreja da Inglaterra, nossa dieta não é nem um pouco *kosher*, nem mesmo em feriados, e o vovô é o único de nós que vai à sinagoga. Mas ainda sou uma Brodatt. Não acho que Hitler vai me poupar por não ter deus.

Melhor não pensar nisso.

Não me preocupei com nada no primeiro momento. Dormi direto por mais de 24 horas, o que foi bom porque naquele dia a fazenda estava simplesmente fervilhando de soldados alemães. O local da queda foi isolado por dois dias enquanto eles tiravam fotos de todo ângulo possível, inclusive do ar, e vasculhavam os destroços. Ainda está isolado, mas parece que tiveram dificuldades em expulsar os abutres de sempre, os garotinhos em busca de suvenires da RAF! Um *hobby* muito mais perigoso na França do que em casa.

Ainda estou toda dolorida. Não da queda, mas de segurar a droga do avião em nível de voo durante a hora final inteira. Todos os músculos estão em chamas pelos braços, das pontas dos dedos aos ombros e até mesmo nas costas. Sinto-me como se tivesse lutado contra tigres. Não me importo em poder relaxar, na verdade. Nunca me sinto realmente descansada, mesmo em meus dias de folga. Eu poderia dormir por uma semana.

Começando a cabecear novamente agora. A luz entra através das ripas presas com arame de galinheiro para manter pombas para fora. A plataforma deste sótão fica a meio caminho das tábuas — se você suspeitasse e as contasse, veria mais tábuas do lado de fora do que dentro. É um esconderijo inteligente, mas não infalível. Antes de cair no sono de novo vou construir algum lugar para esconder estas anotações idiotas. Se alguém ler isto, a corte marcial será o menor dos meus problemas.

Queria que Julie aparecesse.

Passei toda a tarde (quinta, 14 de outubro) no piso de arame do celeiro aprendendo a atirar com um revólver Colt .32. Que divertido. Mitraillette e alguns de seus companheiros ficaram de guarda, Paul disponibilizou as aulas e a arma, que pertence ao seu *kit* do SOE. Mas ele tem uma maior, Colt .38, de um carregamento de armas. Todos acham que eu preciso de uma, pois não tenho mais nada para me proteger — nenhum documento e muito pouco francês. Para Paul sou apenas outra agente do SOE a ser treinada rapidamente. Não estou certa como isso aconteceu, mas de qualquer forma estou aprendendo a ser proficiente no sistema “Toque Duplo” do SOE. Você atira duas vezes, rapidamente, cada vez que mira para nunca ter que levar nenhum prisioneiro. Sou uma atiradora razoável. Acho que eu até consideraria um desafio bem satisfatório se não fosse pelo barulho — e as mãos errantes de Paul. Lembro-me dele agora, daquele voo de traslado na Inglaterra. A mão dele na minha coxa NO AR. Argh. Mitraillette diz que não é só comigo, ele faz isso com toda mulher abaixo dos 40 que chega perto o suficiente para ele tocar. Não sei como Julie consegue lidar com coisas assim, e até incentivar isso, como parte de seu trabalho. Suponho que ela seja mais ousada que eu, nisso e em tudo.

Mitraillette, ao que parece, não é o nome real da garota da Resistência. Ela riu da minha idiotice de achar que era. É seu codinome. Ela me contou os dois, já que é esquisito ouvir seu pai gritando seu nome verdadeiro logo abaixo de minha janela encoberta quando ela deve ir alimentar as galinhas — é uma fazenda de aves. Não vou escrever seu nome real. Mitraillette significa “submetralhadora”. Combina com ela.

Maman, a mãe dela, é da Alsácia e todos os filhos falam alemão fluentemente. Há uma irmã mais nova que eles chamam de La Cadette, acho que significa “a caçula”. O irmão mais velho é oficial da Gestapo — um francês verdadeiro que foi aceito como subalterno no quartel-general da Gestapo em Ormaie. A família, incluindo Maman, despreza a colaboração nazista do garoto, mas todos o bajulam e o paparicam quando ele está de visita. Parece que os colaboracionistas são detestados com tanta violência em Ormaie que qualquer um atiraria neles, até cidadãos comuns sem nenhuma conexão com a Resistência, e ele tem que se manter de cabeça baixa. Acho que seu nome verdadeiro é Etienne. Ele não sabe, mas está bem seguro. Ele é um ótimo disfarce para o envolvimento da própria família com a Resistência e há ordens para mantê-lo vivo.

Mitraillette passou mais de duas horas conversando comigo na noite passada, aqui no escuro do sótão. O inglês dela é tão ruim quanto o meu francês, mas embora a gente insista em misturar completamente as duas línguas, nos entendemos muito bem. Ficamos observando a estrada enquanto eles transportavam parte do explosivo. Ela tem um apito de madeira que imita o som de um pássaro para avisar as pessoas embaixo caso ela veja luzes descendo a colina. Desde que cheguei, o explosivo ficou não-muito-bem-escondido, sob fardos de feno no chão do celeiro. A construção tem no mínimo trezentos anos, provavelmente mais, com suas paredes de taipa no estilo enxaimel como Wythenshawe Hall, e se alguém derrubar um fósforo ou cigarro, o lugar todo vai explodir como o Vesúvio. Não vou conseguir escapar de jeito nenhum. Procuro não pensar nisso.

Também tento não me preocupar com Julie. Sei que anteontem ela encontrou seu primeiro contato. Não sei onde nem quem, minha informação é toda de terceira mão, mas é um alívio enorme saber que ela aterrissou em segurança! Pelo que entendi, o comitê de recepção que preparou o campo de pouso não tem conexão com os contatos pré-arranjados de Julie em Ormaie — mais precisamente, são todos membros diferentes do mesmo circuito. Deve funcionar como uma corrida de revezamento com Julie na posse do bastão, mas ela perdeu o primeiro trecho da corrida, a conexão neste ponto. Provavelmente por ter descido em lugar errado no escuro.

Devo me acostumar a chamá-la de Verity. Todo mundo se refere a ela assim. O circuito dela se chama Damask, em homenagem a seu membro mais venerável, que tem 83 anos e cultiva rosas — eles costumam nomear circuitos com base em algum ofício. Não me disseram o nome do cultivador de rosas. Ninguém usa, nem mesmo sabe, nomes verdadeiros. Eu não gostaria de revelar o de Julie por acidente.

Sua tarefa é tão secreta, que seu primeiro contato não sabia que ela e os equipamentos tinham chegado até ela mesma contar. Embora ele estivesse ciente da queda de um Lysander fora de Ormaie, não estava certo que ela tinha sobrevivido até encontrá-la, e quando eles se falaram, nenhum dos dois sabia que os explosivos também tinham aterrissado a salvo. Mas a notícia que se espalha pelo circuito é que ~~Julie~~ Verity e os explosivos estão aqui. Próxima parada: a prefeitura. Ela deve conseguir acesso aos arquivos da cidade e procurar os desenhos originais do arquiteto do antigo prédio de hotel que a Gestapo de Ormaie usa como quartel-general. Entretanto, ela não será capaz de fazer isso até resolver o problema com a identidade.

Estamos quebrando a cabeça para descobrir como fazer isso. Mitraillette está proibida de falar diretamente com o contato de ~~Julie~~ Verity, então deve achar outra pessoa para entregar a

mensagem. Eles mantêm suas tarefas e nomes muito bem dissociados. E não queremos entregar os papéis de Verity “Katharina Habitch” para ninguém além de Verity, ou seja, a própria Katharina. Mitraillette vai tentar combinar para V buscá-los em uma das cachettes da Resistência, suas caixas secretas de cartas. Isso significa que temos que passar a mensagem de alguma maneira.

Digo “nós” como se eu fosse fazer algo dramático para ajudar, algo além de ficar aqui sentada soprando os dedos para aquecê-los, na esperança de que ninguém me encontre!

A operação é seguir em frente como planejado: eles têm o equipamento, eles têm Verity, os contatos estão todos no lugar. Com um pouco de cuidado e planejamento será a sede da Gestapo de Ormaie que explodirá como o Vesúvio, e não este celeiro. Se ao menos Käthe Habitch não estivesse operando atrás de linhas inimigas, por assim dizer, com documentos britânicos da Kittyhawk!

Estou começando a achar que foi uma de suas ideias menos inteligentes se chamar Kitty Hawk em alemão. Muito meigo, mas não muito prático. Embora, para ser justa, ela não esperava que eu viesse junto.

Desmontei o revólver de Paul e o montei de novo sete vezes. Não é tão interessante quanto um motor de rádio.

Outro Lysander desceu.

Inacreditável mas verdadeiro. Esse passou através da artilharia antiaérea e chegou como planejado, uma moleza, a cerca de 110 quilômetros daqui, em 18 de outubro, segunda. Infelizmente o campo de pouso se transformou em um mar de lama porque não houve nada além de chuva, chuva, chuva na última semana, por toda a França, eu acho. O comitê de recepção lá no campo levou cinco horas tentando desatolar o avião da lama. Eles engataram um par de touros a ele, pois estava enlameado demais até para usar um trator, mas finalmente tiveram que desistir porque estava quase amanhecendo. Então, destruíram outro avião e há outro piloto das Tarefas Especiais preso aqui.

Digo outro, mas claro que não sou realmente das Tarefas Especiais. Há algum conforto em não ser a única... Egoísta e sórdido da minha parte, eu sei, mas não consigo evitar.

Houve conversas sobre tentar me tirar daqui naquele avião. Eles iam me espremer com as duas pessoas que eu deveria ter transportado de volta à Inglaterra naquele voo. Eu teria que sentar no chão, mas o SOE e o ATA estão loucos para me ter em casa e me querem fora daqui. Não deu certo. Várias coisas precisam ser organizadas e reorganizadas e, então, dão errado no último minuto. Cada mensagem para Londres tem que ser codificada cuidadosamente e entregue de bicicleta a um telégrafo escondido a dezesseis quilômetros daqui. A mensagem talvez não seja enviada imediatamente, porque alguém mexeu na folha na fechadura ou no cílio dobrado no bilhete deixado para o transportador, e então eles têm que esperar três dias para se certificar que não estão sendo vigiados. A chuva está horrível, com nuvens a mil pés e visibilidade próxima a zero nos vales dos rios onde a névoa se acumula. Ninguém pode pousar aqui de qualquer jeito. Não há nenhum campo mais próximo que Tours, a oitenta quilômetros, para substituir aquele que eu arruinei.

Eles chamam um campo arruinado de *brûlé*, queimado. Que nem o meu.

Eles terão que enviar um Hudson para coletar todos nós, já que não há espaço em um Lysander. E isso significa esperar a lama secar.

Droga! Nunca fiquei tão molhada e infeliz por tanto tempo. É como viver em uma barraca sem luz, sem calor. Eles empilham as colchas de penas de ganso e de pele de carneiro perto de mim, mas a chuva outonal é constante, cinza e pesada, impedindo as pessoas de fazer qualquer coisa, mesmo aquelas que não estiverem presas em um espacinho encolhido sob o

beiral. Estive lá embaixo algumas vezes, eles tentam me servir uma refeição na casa da fazenda todos os dias para me aquecer e quebrar a monotonia. Não escrevo nada aqui há uma semana, pois meus dedos estão começando a ficar com perniose[36], é sempre tão gelado. Preciso das luvas sem dedos que fiz do livro de modelos que a vovó me deu, com as abas que viram para trás para você poder usar os dedos. *Essenciais para as Forças* era o título do livro. Se eu soubesse o quanto aquelas luvas seriam essenciais agora, eu nunca as teria tirado da minha bolsa de voo, exceto para vesti-las. Diferentemente da máscara de gás insolente.

Queria ser escritora, ter as palavras certas para descrever a rica mistura de medo e tédio que tenho vivido nos últimos dez dias, e que fica zanzando indefinidamente na minha frente. Deve ser mais ou menos como ficar na prisão, esperando ser condenada. Não exatamente aguardando por uma execução, porque não sou desprovida de esperança, mas a possibilidade de que vai acabar em morte está lá. É real.

Nesse meio-tempo meus dias são mais maçantes que a vida de uma menina no moinho carregando peso, nada para fazer além de sugar os dedos frios, como Jamie no mar do Norte, e me preocupar. Não sou acostumada a isso. Sempre estou em ação, trabalhando em algo. Não sei como ocupar minha mente sem que todo meu ser esteja ocupado. As outras garotas da Maidsend ficavam roncando, tricotando ou fazendo as unhas quando a chuva caía com uma visibilidade tão imprestável que ninguém podia voar. Tricotar nunca era o suficiente. Ficava tão entediada com isso, não consigo me concentrar em nada maior que meias ou luvas. Eu sempre acabava surrupiando uma bicicleta para ir explorar.

Lembro-me da aventura de bicicleta, quando contei a Julie todos os meus medos, que parecem tão triviais agora. O terror breve e repentino de bombas explodindo não é igual ao medo interminável e que faz gelar os ossos de ser descoberta e capturada. Ele nunca se vai. Não há alívio, nunca a possibilidade de uma sirene anunciar que a barra está limpa. Você sempre se sente mal por dentro, sabendo que o pior pode ocorrer a qualquer momento.

Eu disse que tinha medo do frio. É verdade que o frio é desconfortável, mas... não é algo para se temer, não é? Quais são as dez coisas que me assustam agora?

1) FOGO.

Não é frio nem escuridão. Ainda há uma grande pilha de explosivos 808 escondida sob os fardos de feno no chão deste celeiro. O cheiro, às vezes, é esmagador. É como marzipã. Simplesmente não consigo esquecer que está lá. Se um sentinela alemão enfiar o nariz aqui não sei como não vai senti-lo.

Isso me faz sonhar que estou eternamente enrolando cobertura para bolos de frutas,

acredite se quiser.

2) Bombas caindo sobre minha avó e meu avô. Isso não mudou.

3) Bombas caindo sobre Jamie. Na verdade eu me preocupo bem mais com Jamie agora que conheço melhor aquilo contra o qual ele luta.

4) Item novo na lista: os campos de concentração nazistas. Não conheço nenhum dos nomes, não sei onde ficam, suponho que não estive prestando atenção. Eles nunca foram muito reais. Vovô urrando histórias sinistras no *Guardian* não os tornou reais. Mas saber que tenho grandes chances de acabar em um é mais assustador que qualquer notícia de jornal. Se eles me pegarem e não atirarem direto, vão prender uma estrela amarela em mim e me enviar de navio para um desses lugares horríveis, e ninguém nunca vai saber o que aconteceu comigo.

5) CORTE MARCIAL

Estou tentando me lembrar de outros medos que contei a Julie. A maioria dos que falamos naquele primeiro dia, na cantina, era tão idiota. Envelhecer! Tenho vergonha de pensar nisso. As coisas que contei a ela na nossa aventura de bicicleta eram melhores. Cães. Ah, lembrei de outro.

6) Paul. Tive que expulsá-lo daqui com uma arma. Era, claro, a própria arma dele, a que ele me deu e me ensinou a usar. Talvez eu tenha sido dramática demais ao puxar a arma para ele. Mas ele subiu no meu sótão, sozinho em plena luz do dia, sem que ninguém da família soubesse que ele estava aqui, o que é bem alarmante por si só. Eles são tão cuidadosos em manter controle de quem vem e vai, e precisam confiar nele. Acho que tudo que ele queria era um beijo e um abraço. Ele recuou parecendo muito magoado e me deixou sentindo culpada, suja e hipócrita, tudo junto.

Fiquei terrivelmente mais assustada depois, quando pensei nisso, do que na hora que aconteceu. Se ele, ou qualquer um, tentasse se forçar para cima de mim, eu não teria como fugir. Não poderia chamar ajuda. Teria que aguentar sem luta, e em silêncio, ou arriscaria me revelar para os nazistas.

Passei a noite toda acordada em pânico com a droga da arma de Paul na mão, o ouvido atento pressionado contra o alçapão, esperando ele voltar e tentar de novo sob o manto da escuridão. Como se ele não tivesse coisas melhores para fazer sob o manto da escuridão! Finalmente adormeci e sonhei que havia um soldado alemão esmurrando o alçapão. Quando ele o arrombou, atirei no rosto dele. Acordei ofegante de horror, então adormeci e tive o mesmo sonho de novo e de novo, pelo menos três vezes em seguida. Cada vez eu pensava: foi um sonho antes, mas AGORA é real.

Quando Mitraillette apareceu para me trazer o desjejum racionado de pão, cebolas e seu horrível café falso, desabafei toda a história sórdida. Em inglês, claro. Ao terminar caí em lágrimas. Ela foi solidária, mas confusa. Não sei o quanto entendeu e acho que não há nada que ela possa fazer a respeito disso de qualquer jeito.

“Em inglês, claro” me leva ao medo número 7: ser inglesa. Acho que contei a Julie que tinha medo de colocar o uniforme errado e de as pessoas rirem do meu sotaque, e acho que de certa forma ainda me preocupo com essas coisas, com mais motivos. Minhas roupas! As de Mitraillette não servem em mim na cintura e quadris. Tenho que usar um vestido de sua mãe, fora de moda e austero, algo em que nenhuma garota da minha geração gostaria de ser vista. O pulôver de Mitraillette serve, e fiquei com um casaco de lã muitas vezes remendado que pertencera ao irmão dela, mas a combinação dessas roupas quentes por cima do vestido deselegante é estranha demais. O traje é completado por tamancos de madeira, como os que o jardineiro da vovó usa em casa. Não há esperança de me vestir melhor a não ser que gastemos os cupons de roupas de Julie. Não me importo em não ter estilo, mas obviamente estou desfilando com uma coleção estranha de descartes e, se for vista assim, as pessoas vão estranhar.

E meu sotaque! Bem.

Mitraillette fala que pode dizer pela MANEIRA COMO ANDO que não sou de Ormaie. Se eu caminhasse até a loja da esquina vestida no auge da moda e não soltasse uma palavra para ninguém, ainda trairia a mim e a todos ao meu redor. Estou com tanto medo de deixá-los na mão.

Ah, sim, deixar as pessoas na mão. Esse próximo item é medo ou culpa? Parece um pedaço de granito preso nas engrenagens de meu cérebro, deixando-as em carne viva. Deixar as pessoas na mão. Uma grande lista circular de fracassos e preocupação. E se eu for pega e revelar a localização do Esquadrão da Lua da RAF? Já decepcionei cada um daqueles pilotos de Lysander, que gostavam de mim e me incentivaram tanto que foram estúpidos o suficiente para me deixar levar um de seus aviões para a França. A executiva de Operações Especiais também confiou em mim, sem mencionar os refugiados que eu deveria recolher aqui. Sou um fracasso colossal em relação à minha viagem de traslado do ATA, fiz besteira, estou indefinidamente fora de ação e temo trair meus anfitriões por acidente, sendo descoberta na propriedade deles ou sendo capturada e entregando-os sob pressão. Não acho que conseguiria manter qualquer segredo da Gestapo se eles comessem a trabalhar em mim. Ah, socorro — aqui estou eu de novo, de volta à localização do Esquadrão da Lua e da Gestapo.

Tudo leva à Gestapo de Ormaie. Bem, eles podem ser o medo número 9. A polícia secreta nazista, outra coisa que me deixa mal só de pensar. Estou quase certa de que a sede da Gestapo de Ormaie será minha primeira parada caso eu seja descoberta e mandada para a prisão, não importa qual.

A não ser que o quartel-general da Gestapo de Ormaie exploda em pedacinhos primeiro. Mas não parece provável que isso aconteça logo. Faz dez dias que chegamos aqui. Parte da razão de não ter escrito desde a semana passada é porque não quero pôr no papel o que estou prestes a escrever, não quero dar nenhum tipo de realidade a esse feio “talvez”. Além disso, se eu me permitisse escrever nesta semana teria apenas desperdiçado metade do papel, listando possibilidades e imaginando. Já faz tempo demais. É uma tortura, pura tortura, esperar por notícias, por qualquer coisa.

Julie desapareceu.

É verdade que ela realizou seu primeiro encontro, na terça, 12 de outubro, um dia depois de chegarmos aqui. Mas depois ela simplesmente desapareceu como se nunca tivesse colocado os pés na França. Hoje é dia 21. Está sumida há mais de uma semana.

Agora entendo por que a mãe dela faz o papel de Sra. Darling e deixa a janela aberta nos quartos dos filhos quando eles estão fora. Se você fingir que eles vão voltar, há esperança. Não acho que há coisa pior no mundo que não saber o que aconteceu com seu filho, não saber nunca.

Aqui, isso acontece o tempo todo. As pessoas simplesmente somem, às vezes, famílias inteiras. Ninguém nunca mais ouve falar delas. Desaparecem. Pilotos alvejados, é claro, marinheiros atingidos por torpedos, é claro, isso é de se esperar. Mas aqui na França isso acontece com pessoas comuns também. A casa vizinha simplesmente aparece vazia uma manhã, ou o funcionário dos correios não vem para o trabalho, ou seu amigo ou professor não comparece à aula. Suponho que houvesse uma época, há alguns anos, em que existia a chance de eles terem fugido para a Espanha ou para a Suíça. Mesmo agora, há uma pequena esperança de que Julie tenha se escondido, até algum perigo desconhecido passar, mas o mais frequente é que os rostos desaparecidos tenham sido sugados pelos mecanismos da máquina mortal nazista, como um quero-quero azarado batendo na hélice de um bombardeiro Lancaster. Não sobra nada além de penas flutuando no rastro do avião, como se aquelas asas quentes e o coração pulsante nunca tivessem existido.

Não há registro público das prisões. Elas acontecem todos os dias. Muitas vezes as pessoas desviam o olhar se há uma briga na rua, para evitar entrar em confusão.

Julie desapareceu.

Fico chocada ao escrever isto, ao ver isto aqui na margem de meu Manual do Piloto ATA, ao lado de “De Havilland Mosquito — falha no motor após decolagem”. Mas é verdade. Ela desapareceu. Ela pode até estar morta.

Tenho medo de ser pega. Tenho pavor de que Julie esteja morta. Mas de todas as coisas, não há nada que me aterrorize mais que a grande chance — a quase certeza — de que Julie é uma prisioneira da Gestapo de Ormaie.

Minha espinha formigou ao escrever isso e fico arrepiada de novo ao ler as palavras que acabei de escrever.

Devo parar. Esta tinta é fantástica, ela não borra nem quando você chora sobre ela.

Verity, Verity, devo me lembrar de chamá-la de Verity. Droga.

Eles não conseguem avançar, nenhum contato interno ainda. Com Julie fora de cena, tudo está parado. Ela deveria ser o elo central dessa operação, a informante, a tradutora que fala alemão se movimentando entre a prefeitura e o quartel-general da Gestapo. Mitraillette não pode fazer isso porque ela é do local, é suspeito demais. Agora todo o circuito Damask está no limite, temendo que a captura de Julie os traia.

Quero dizer, que a própria Julie os traia. Delatando-os sob pressão. Quanto mais longo o silêncio, maior a certeza de que ela foi capturada.

Enquanto isso, continuam tentando fazer algo em relação a mim. Já se passaram mais de duas semanas. Nada mudou.

Tiraram uma foto minha. Levará um tempo até os negativos serem revelados. Foi difícil combinar com o fotógrafo de confiança, que está ocupado em muitas frentes. A maior parte da negociação não me envolveu. Mais uma vez, eles se esforçaram muito por minha causa e pude ver o quanto a Maman de Mitraillette estava nervosa em ter eu, o fotógrafo e Paul reunidos em sua sala de estar.

A ideia é refazer a *carte d'identité* falsa de Verity para transformar Kittyhawk — ou seja, eu — em Käthe, ou seja, Katharina Habicht. Eu me tornaria a prima quieta e não muito esperta da Alsácia, cujos pais foram bombardeados e que veio até aqui para cuidarem dela ao mesmo tempo em que ela ajuda nos serviços da fazenda. É arriscado por inúmeros motivos, e o pior deles é que sempre há a possibilidade de que, se Julie foi pega, ela pode já ter comprometido o nome. Conversamos muito sobre isso — Mitraillette, Maman e Papa, eu como consultora-chefe e Paul como tradutor. Se os nazistas pegaram Verity, temos que concluir que: 1) eles também pegaram a licença de piloto e o cartão do Registro Nacional de Margaret Brodatt e já sabem MEU nome verdadeiro, e 2) Julie contou-lhes seu nome verdadeiro, porque como oficial alistada sob a Convenção de Genebra é isso que deve fazer e é a melhor chance que tem de ser tratada decentemente como prisioneira de guerra. Não achamos que ela revelaria o nome na *carte d'identité* forjada, Katharina Habicht. Paul não acha provável que perguntem, e mesmo que o façam, ela poderia dizer qualquer coisa e eles nem saberiam a diferença. Ela poderia inventar um nome. E inventaria. Ou talvez entregar Eva Seiler para eles.

Mas o verdadeiro motivo para ela não contar sobre Käthe Habicht é que essa seria a única identidade que restaria para mim, caso eu tivesse pousado em segurança.

O fotógrafo também trabalha para o inimigo. Pilotos britânicos verdadeiros que sobrevoam a Europa levam algumas fotos em seu *kit* de emergência, caso sejam atingidos e precisem de um documento falso. Mas minhas fotografias estão sendo tiradas por um fotógrafo francês empregado oficialmente pela Gestapo! Um de seus outros trabalhos é elaborar fotos ampliadas de meu acidente. Ele trouxe algumas das cópias para nós. Impossível descrever o misto de emoção e medo ao observá-lo soltar o fecho de barbante da pasta de papelão e então puxar o papel reluzente, destinado à escrivania do capitão da Gestapo em Ormaie. É como sentir o golpe dos primeiros dedos sombrios de ar frio tocando suas asas, quando a nuvem de tempestade que você está tentando ultrapassar começa a lhe alcançar. Estou perto assim da Gestapo de Ormaie. E o fotógrafo pode me entregar com as fotos.

Ele me avisou em inglês:

— Não é bonito de se ver.

O mais perturbador era imaginar que podia ser eu. Aquele cadáver terrivelmente carbonizado estava vestindo minhas roupas, osso e couro fundidos em uma cabine estilhaçada no meu lugar. As asas do ATA ainda traçavam um contorno pálido no caos afundado do esterno. Havia um detalhe surpreendente nas asas fantasmagóricas, apenas nas asas — não dava para saber se era necessariamente um brasão do ATA.

Não gostei. Por que focar na insígnia do piloto... Por quê?

— Para que isso? — Eu mal conseguia me virar em francês. — O que eles farão com essas fotos?

— Há um piloto inglês mantido em Ormaie — o fotógrafo explicou. — Eles querem mostrar essas fotos, fazer perguntas sobre elas.

Eles derrubaram um bombardeiro britânico nesta semana. Quando o clima está bom temos enxames de aeronaves Aliadas voando todas as noites, e algumas também de dia. Acho que paramos de bombardear a Itália desde a invasão Aliada no mês passado, mas agora que a Itália declarou guerra à Alemanha, as coisas estão esquentando pra valer. Estamos longe demais de Ormaie para ouvir as sirenes a não ser que o vento esteja na direção correta. Mas dá para ver o céu se iluminando quando os artilheiros no solo disparam nos aviões que passam.

Lá estava eu agarrando a foto em close de minhas asas queimadas, tentando entendê-la. É a foto menos horrível do piloto falso, mas é a que me perturbou mais. Finalmente ergui o

olhar para Paul.

— O que um cara capturado de um esquadrão de bombardeiros vai saber sobre um avião de reconhecimento destruído?

Ele deu de ombros.

— Responda você. Você é a piloto.

A folha de papel brilhante tremeu em minha mão.

Parei logo com aquilo. Pilote o avião, Maddie.

— Você acha que o aviador inglês capturado pode ser Verity?

Paul deu de ombros de novo.

— Ela não é aviadora.

— E não é inglesa — acrescentei.

— Mas provavelmente está com sua licença de piloto inglesa e o cartão do Registro Nacional — ressaltou Paul, com calma. — Não há fotografia na sua identidade britânica, certo? Você é civil. Então mesmo se souberem seu nome não vão saber a sua aparência. Diga-me, Kittyhawk, você acha que essas fotos são bem convincentes? Você se reconheceria? Outra pessoa reconheceria?

Aquele cadáver derretido mal era reconhecível como um ser humano. Mas aquelas asas do ATA... Ah, não quero que Julie veja essas fotos e digam que ela está olhando para mim.

Porque ela conhece o avião. Não há como negar que é o mesmo avião, as marcas ainda são visíveis, R 3892. Simplesmente não consigo pensar nisso, Julie na prisão, tendo que olhar para essas fotos.

Eu disse para Paul: — Pergunte ao fotógrafo quanto tempo ele pode protelar a entrega das fotos.

O fotógrafo me entendeu sem precisar de tradução.

— Eu espero — respondeu. — O capitão da Gestapo vai esperar. As fotos não estavam boas quando as tirei, não estavam nítidas o suficiente e precisam ser refeitas. Vai levar bastante tempo. O inglês deve contar outras coisas ao capitão. Ele não verá as fotos do piloto ainda. Podemos entregar essas outras para começar...

Ele tirou mais folhas brilhantes da pasta e entregou uma para mim. Era o interior da cabine traseira, ocupada pelos restos fuliginosos dos “onze rádios” e dos onze “aparelhos de telegrafia”.

Engasguei com o riso. Monstruoso de minha parte, eu sei, mas é uma foto BRILHANTE, totalmente convincente. É a melhor coisa que vi nas últimas duas semanas. Se eles capturaram Julie e lhe mostraram esta foto, será uma bênção. Ela vai inventar operador e

destino para cada um desses rádios falsos, e as frequências e códigos deles. Ela vai levá-los a um beco sem saída.

— *Oui, mais oui*, oh, sim! — Gaguejei, um pouco histérica demais, e todos franziram a testa para mim. Devolvi as duas fotos, a que vai quebrar o coração de Julie e a que pode salvá-la. — Entregue para eles.

— Bom... — disse o fotógrafo, frio e neutro. — Bom, vai ser menos problemático para mim se algumas das fotos forem produzidas a tempo. — Estou tão... mortificada pelos riscos que todos assumem, as vidas duplas que levam, como eles dão de ombros e continuam trabalhando. — Agora vamos tirar sua foto, *Mademoiselle* Kittyhawk.

Maman fez um estardalhaço à minha volta e tentou deixar meus cabelos bonitos. Inútil. O fotógrafo tirou três fotos e começou a rir.

— Seu sorriso está grande demais, *mam'selle* — disse. — Na França, nós não gostamos desses cartões de identidade. Seu rosto deve ficar... neutro, *oui*? Neutro. Como os suíços!

Então todos nós rimos, um pouco nervosos, e acho que acabei lançando um olhar zangado. Tento mesmo sorrir para todos, é uma das poucas coisas que sei sobre se disfarçar em território ocupado pelo inimigo. Isso e como disparar um revólver usando o “toque duplo”.

Não posso nem dizer o quanto odeio Paul.

O fotógrafo também me trouxe uma calça de escalada forrada de lã que pertencia à sua esposa, boa, bem-feita e não muito usada, que ele me deu depois de deixar o equipamento de lado. Fiquei tão surpresa e agradecida que comecei a chorar de novo. O pobre homem entendeu da maneira errada e se desculpou por não trazer um vestido mais bonito! Maman caiu sobre mim, enxugando minhas lágrimas com o avental com uma mão, mostrando-me o quanto a calça era quente e grossa como a outra. Ela se preocupa muito comigo.

Paul se virou para o fotógrafo e fez um comentário em um tom de camaradagem, como se estivessem compartilhando uma cerveja num *pub*. Mas ele falou em inglês para eu poder entender, e ninguém mais entenderia exceto o fotógrafo.

— Kittyhawk não se incomoda com calças. O que ela tem entre as pernas ela não usa mesmo.

Odeio ele.

Sei que ele é o organizador, a pedra angular deste circuito da Resistência. Sei que minha vida depende dele. Sei que posso confiar nele para me tirar daqui. Mesmo assim eu o odeio.

O fotógrafo deu uma risada envergonhada para Paul, de homem para homem, uma piadinha

atrevida, e me lançou um olhar de soslaio para ver se ouvi aquilo. Mas claro que eu estava chorando no grande abraço de fazendeira francesa de Maman e parecia não ter ouvido. Fingi que não ouvi, porque era mais importante agradecer apropriadamente ao fotógrafo que enfrentar Paul.

ODEIO ELE.

Depois que o fotógrafo saiu tive que ir a mais uma sessão de treino de tiro com Paul. Ele AINDA não mantém as mãos quietas, mesmo depois de ser alertado sob a mira da arma, mesmo com Mitraillette assistindo. Ele não as deixa vagar, mas as coloca no seu braço ou ombro por tempo demais. Ele deve saber o quanto eu gostaria de estourar seus miolos com sua própria arma. Mas ele claramente vibra com o perigo, e apesar de meus sonhos violentos, não tenho isso dentro de mim. Imagino que ele também saiba disso.

No último fim de semana de cada mês, Maman tem permissão para matar uma galinha especialmente autorizada para poder fazer o jantar de domingo para meia dúzia de oficiais da Gestapo. Como Etienne é daqui, sua família é obrigada a receber seus superiores com certa regularidade, e é claro que os nazistas sabem que a comida é melhor na fazenda do que na cidade. Passei todas as três horas da última visita deles agarrando minha Colt .32 com tanta firmeza que quatro dias depois minha mão ainda está rígida. Olhando de soslaio pelas tábuas da parede do celeiro eu podia discernir apenas o capô de seu Mercedes-Benz reluzente, onde eles o deixaram estacionado no pátio, e tive um vislumbre da barra do longo casaco de couro do capitão, que ficou preso no para-lama quando eles entraram.

Foi La Cadette, a irmã menor, que me contou sobre a visita. La Cadette na verdade se chama Amélie. Parece meio tolo não escrever os nomes da família agora, já que os nazistas os conhecem tão bem. Mas passei a pensar nos Thibaut simplesmente como Maman e Papa. E não consigo pensar em Mitraillette como Gabrielle-Thérèse, assim como não consigo ver Julie como Katharina. A família deixa Amélie conduzir a conversa quando os nazistas ocupam sua cozinha. Ela parece ter a cabeça oca mas encanta totalmente os visitantes com seu alemão alsaciano fluente. Todos gostam dela.

Eles tentam tornar essa visita mensal informal, todos vestindo roupas civis, embora todos tratem o capitão da Gestapo como se ele fosse o rei da Inglaterra. Mitraillette e sua irmã concordam que ele é totalmente assustador: calmo e de fala suave, que nunca diz nada sem pensar. Tem aproximadamente a idade de Papa Thibaut, o fazendeiro. Todos os subordinados vivem com medo dele. O capitão não demonstra preferências, mas gosta de conversar com Amélie e traz algum presente para ela sempre que vem. Dessa vez foi uma caixa de fósforos com o escudo do hotel que tomaram como escritório em relevo, *C d B, Château de Bordeaux*. Amélie o deu para mim. Foi gentil da parte dela, mas não desejo atear fogo em nada aqui!

Eles começam com bebidas. Os homens ficam todos em pé na cozinha bebericando conhaque, La Cadette servindo, Mitraillette fica sentada desconfortável com a moça alemã carrancuda que é arrastada para todo lugar como secretária/criada/escrava do capitão; ela também é a motorista. Não bebe conhaque com os homens, pois suas mãos estão ocupadas segurando a pasta de arquivos do capitão, suas luvas e chapéu, durante toda a conversa

fiada.

Hoje o irmão, Etienne, tinha um galo grande e feio na testa, sobre o olho esquerdo, bem recente, um machucado roxo com um corte no centro, ainda inchado. La Cadette ficou paparicando o irmão com compaixão, mas Maman e Mitraillette foram mais contidas. Elas não ousaram perguntar como ele se machucou, bem, sua irmãzinha ousou, mas ele não contaria. Ele também ficou bem envergonhado com a atenção, o rebuliço feito diante de seu chefe, dois colegas e também da outra garota.

Então La Cadette se vira para o capitão e pergunta: — O Etienne passa todo o dia brigando com as pessoas? É como se ele estivesse de volta à escola!

— Seu irmão é muito bem-comportado — o capitão responde. — Mas de vez em quando um prisioneiro perverso nos lembra o quanto o trabalho policial pode ser perigoso.

— Seu trabalho também é perigoso?

— Não — ele responde suavemente. — Tenho um trabalho de escritório. Tudo o que faço é falar com as pessoas.

— Prisioneiros perversos — ela assinala.

— É por isso que tenho seu irmão para me proteger.

A essa altura a secretária escrava ri bem, bem baixinho por trás da mão, fingindo pigarrear e fazendo um aceno discreto para a cabeça machucada de Etienne. E ela murmura para Mitraillette a seu lado:

— Foi uma mulher que fez isso.

— Ele mereceu? — Mitraillette sussurrou em resposta.

A secretária dá de ombros.

É um INFERNO não saber o que aconteceu ou o que está acontecendo com Julie. Mais de três semanas agora, já em novembro. Silêncio completo. Ela poderia estar até no lado oculto da lua. É incrível como são frágeis os fios em que você começa a prender suas esperanças.

Eles não interrogam muitas mulheres em Ormaie. Geralmente as mandam direto para a prisão em Paris, acho. Sei que meu coração realmente parou por um segundo quando ouvi isso, e novamente quando eu escrevi.

“Foi uma mulher que fez isso.”

Não sei se estou decepcionada ou aliviada. Passei a maior parte de ontem (domingo, 7 de novembro) tentando sair da França, e agora estou de volta aqui no mesmo celeiro, exausta mas cheia de adrenalina, consigo escrever porque já está clareando, e Paul me deu um tablete de Benzedrina ontem à noite para me manter de pé.

Estou feliz em ter essas anotações de volta. Deixei-as aqui para não as ter comigo se fosse pega durante a trilha de setenta e cinco quilômetros até o campo de pouso. Claro que, como disse um milhão de vezes, eu não deveria fazer as malditas anotações em primeiro lugar, mas acho que vou levá-las comigo da próxima vez. Eu me senti quase como se estivesse me partindo ao meio ao deixá-las aqui, e é um ato de traição perder meu Manual do Piloto.

Fui levada no porta-malas de um pequeno automóvel pertencente a um amigo de Papa Thibaut, um Citroën Rosalie, motor de quatro cilindros, com pelo menos dez anos de idade, funcionando apenas com uma mistura nojenta de alcatrão de hulha e etanol de beterraba. O pobre motor odeia isso, engasgando e cuspidando por todo o caminho e suponho que tive sorte em não asfixiar com o escapamento. Papa Thibaut tem sua própria *van* para fazer entregas na fazenda, mas tanto o veículo como o seu motorista são regulados com tanto cuidado que não ousam usá-los para atividades da Resistência. Na viagem de ontem, uma tarde de domingo, havia nada menos que seis postos de checagem pelos quais passar, mais que um a cada quinze quilômetros. Eles nem sempre sabem onde os postos de checagem estarão, e seria bom descobrir para podermos evitá-los a caminho de casa após o toque de recolher. Eu estava na parte de trás com uma cesta de piquenique de vime e também algumas galinhas — galinhas poedeiras — que estavam sendo levadas legitimamente para outra fazenda. A confusão feita pelas galinhas nos postos de checagem é inacreditável. Diferentemente de mim, elas tinham seus próprios documentos.

Mas eram uma distração muito inteligente. Logo que alguém abria o porta-malas, o que acontecia em metade dos postos, as galinhas começavam a se agitar muito, como... bem, como galinhas! A dificuldade para mim, curvada no fundo do porta-malas sob sacos vazios de alimentos, não era tentar evitar uma parada cardíaca cada vez que alguém nos examinava, mas manter o controle para não me revelar com uma risada histérica.

Levou séculos para chegarmos ao campo de pouso. Estava escurecendo quando chegamos, sem as galinhas, deixadas em seu destino final. Tive que esperar em meu esconderijo por

quase uma hora enquanto a transação das galinhas era concluída, mas eles guardaram um sanduíche e um gole de conhaque para mim. Então, fomos para o campo, o terreno meio inclinado, mas nada muito ruim, infelizmente alguns fios de eletricidade nas cercanias, não gostei da aparência deles, e o piloto que não pousou aqui também não — já vou chegar nisso...

Além de mim e das galinhas, nosso carro incluía o motorista amigo de Papa Thibaut, o próprio Papa Thibaut para dar autenticidade à venda das galinhas, Amélie e Mitraillette para justificar o piquenique de domingo, e Paul pelo conhecimento geral e execução do plano. Paul sentou-se entre as garotas durante todo o percurso com Amélie ronronando em seu ombro. Ela é ótima atriz, La Cadette. Debaixo do banco de trás eles esconderam algumas Stens, a submetralhadora xará de Mitraillette, e um rádio. O campo ficava logo no final de uma estrada de terra, três portões de madeira para abrir e fechar no caminho, com nossos guardas já postados em cada portão. Todos chegaram de bicicletas, agora escondidas nos arbustos das laterais. Alguns dos ciclistas vieram em dupla para que, quando os passageiros do avião fossem embora, não houvesse bicicletas adicionais para levar. A tripulação de solo local ligou nosso rádio conectando-o à bateria do pobre Rosalie e prendendo a antena a uma árvore que também escondia convenientemente o carro de cima. A recepção estava decente no começo, mas o vento ganhou força depois e ficou cada vez mais difícil ouvir algo.

Reunimo-nos ao redor do equipamento quando a BBC entrou no ar, dois ou três de nós com um fone de ouvido...

ICI LONDRES

É LONDRES! Foi tanta emoção, não há outra palavra para descrever, EMOCIONANTE, ouvir a BBC, simplesmente incrível. Que fantástico ter essa tecnologia, essa conexão, todas elas a centenas de quilômetros entre nós, campo, floresta, rio e mar, todos os guardas e armas, superados em um piscar de olhos. E então aquela voz moderada, falando em um francês claro que até eu podia entender, como se a pessoa estivesse ao seu lado, contando em segredo a você em seu campo europeu escuro que seu avião de resgate está a caminho!

Paul apresentou todas as pessoas do comitê de recepção, não por seus nomes verdadeiros, é claro. Devemos apertar a mão de todos. Difícil me lembrar deles após um encontro no escuro. Havia uma garota que deveria ser recolhida conosco, uma radiotelegrafista. Eles estavam morrendo de ansiedade para devolvê-la para a Inglaterra, pois parece que ela tinha metade da Gestapo de Paris em seu rastro.

— Não sei o que faremos sem você, princesa — disse Paul, apertando-a pela cintura.

— Eu voltarei — ela disse com calma. Nada a ver com Julie, na verdade, era tímida e de fala mansa. Mas deve ser tão corajosa quanto. Não consigo imaginar os nervos que essas pessoas devem ter.

Então Paul apontou para mim:

— Aquele rapaz vindo com a última bicicleta é o outro piloto, o que ficou preso na lama a oeste daqui. Vocês provavelmente se conhecem?

Ergui o olhar. Era Jamie, JAMIE BEAUFORT-STUART. Mesmo na sombra trêmula e sob a lua crescente eu o reconheci, e ele me viu no mesmo instante. Ele largou a bicicleta e pulamos um para o outro como cangurus. Ele gritou:

— MA...

Quase disse meu nome. Ele se conteve e balbuciou um pouco, então gritou docemente, “*MA CHÉRIE!*” e me jogou para trás em um beijo extasiado de Hollywood.

Nós dois nos erguemos sem ar.

— Desculpe, desculpe! — Sussurrou em meu ouvido. — Foi a primeira coisa que me ocorreu... Não queria revelar seu disfarce, Kittyhawk! Não farei isso de novo, prometo...

Então fomos tomados pela idiotice, rindo feito bestas. Retribuí o beijo bem rápido para ele saber que eu não me importava. Ele me colocou de pé, mas manteve um braço sobre meu ombro. Eles são todos assim, os Beaufort-Stuarts, carinhosos como cachorrinhos, totalmente informais. Nada britânico! Nada inglês, de qualquer modo, mas também não acho que seja muito escocês. Por um momento vi Paul nos observando, ele próprio com o braço ainda preso à cintura da outra garota, então ele desviou o olhar e disse algo a alguém da equipe de pouso.

— Alguma palavra sobre a nossa Verity? — Jamie disse de repente.

Neguei com a cabeça, não confiava em mim para responder.

— Que inferno — ele murmurou.

— Vou contar qual é a aposta de Paul...

Fomos sentar no carro com Amélie, que simplesmente caiu no sono no banco de trás. Mitraillette estava encarapitada no capô com uma das metralhadoras Sten pousada nos joelhos, mantendo uma boa vigia como sempre. Levaria algumas horas até o avião chegar — o comitê de recepção estava montando a pista iluminada: lanternas elétricas presas a varas. Nada para fazermos além de esperar e observar até chegar a hora de acender as luzes.

— A aposta? — Jamie perguntou.

— Tem uma mulher em Paris que apresenta um programa de rádio visando os americanos

— contei a Jamie. — Paul pediu para ela entrevistar a Gestapo de Ormaie, talvez incluir alguma propaganda os apoiando no programa, deixar os garotos americanos nos navios de guerra saberem o quanto é insensível de nossa parte usarmos garotas inocentes como espãs, e como os alemães as tratam bem quando as capturam. A locutora se chama Georgia Penn...

— Meu Deus, não é ela que apresenta aquele “Não há lugar como o lar” nojento, para a rádio do Terceiro Reich ou seja lá que nome tem? Pensei que ela fosse nazista!

— Ela é... — eu não conseguia achar a palavra certa, exceto agente dupla, que não era o que eu queria dizer, embora suponho que isso seja o que ela é. — Ela não é uma mensageira, ela não leva mensagens... Quem é a pessoa que o rei manda na frente do exército e espera que não a matem?

— Um arauto?

— Exatamente isso! — Eu deveria lembrar. É o nome do jornal americano em que ela costumava trabalhar.

— O que ela fará para nós enquanto elabora essa campanha de propaganda pró-nazista em Ormaie?

— Vai tentar achar Verity — eu disse com suavidade.

É isso que essa mulher faz, essa locutora americana doida. Embora seu salário seja pago pelo Ministro de Propaganda nazista em Berlim, ela entra cheia de confiança em prisões e campos de concentração e encontra pessoas. Às vezes. Às vezes impedem sua entrada. Ou ela chega tarde demais. Muitas vezes, as pessoas que ela procura não podem ser encontradas. Mas ela tenta. Ela pode entrar como entretenimento para os soldados presos e sai com informação. E ela ainda não foi pega.

Vento maldito. Ainda uivando sobre toda a França. Fora isso, está um belo dia, finalmente.

Bem, o avião chegou, um dos Lizzies do Esquadrão da Lua: a familiar fuselagem querida e adorável e suas asinhas de falcão. Ficaria bem apertado com nós três na parte de trás, mas teria que ser assim, nenhum de nós é muito grande. De qualquer maneira, ele não pousou. As rajadas deviam estar a quarenta nós, ventos cruzados soprando sobre a pista de pouso, torres para se emaranhar na descida, as baterias acabando nas lanternas elétricas que usávamos para iluminar a pista. No final Paul, Jamie e eu tivemos que ficar lá apagando as luzes sempre que o piloto subia e acendendo quando ele iniciava outra volta no campo. O cara circulou lá em cima por quarenta e cinco minutos e tentou descer meia dúzia de vezes antes de amarelar. Suponho que seja meio cruel dizer que ele amarelou, qualquer um com metade do cérebro faria o mesmo e acho que eu não teria tentado tanto quanto ele. A lua se pôs por volta das quatro da manhã hoje e já devia ter se posto quando ele voltou à Inglaterra.

Jamie e eu sabíamos que ele não conseguiria. Mesmo assim fiquei desolada quando ele subiu e retornou para o oeste. Ficamos observando, os rostos voltados para o céu no escuro e os dedos apertando os botões das lanternas, por apenas alguns segundos, e então não podíamos ver nada, é claro, mas podíamos ouvir o motor familiar pulsando por um minuto ou dois enquanto sumia à distância.

Como no final de *O Mágico de Oz*, quando o balão vai embora sem a Dorothy. Eu não queria, mas não pude evitar soltar um enorme soluço infantil enquanto marchávamos pelo campo. Parece que eu choro por qualquer coisa. Quando chegamos ao carro, Jamie segurou minha nuca e pressionou meu rosto contra seu ombro para me calar.

— Shhh.

Eu parei, principalmente por vergonha, porque a garota perseguida da telegrafia estava sendo muito estoica em relação àquilo.

Tive que guardar tudo e voltar pelo mesmo caminho pelo qual vim. Nós, os refugiados, cada um para o seu diferente esconderijo, e agora, claro, já passara muito do toque de recolher e não tínhamos mais as galinhas como disfarce. Comecei a chorar novamente quando tive que me despedir de Jamie.

— Chega. Você volta para Ormaie e cuida de Verity.

Sei que ele também está morrendo de preocupação com ela e estava sendo corajoso para me transmitir segurança também, então assenti. Ele limpou minhas bochechas com os polegares.

— Isso, garota. Coragem, Kittyhawk! Você não costuma chorar.

— Me sinto tão inútil — soluzei. — Escondida o dia todo, enquanto outras pessoas estão arriscando a vida, me servindo o tempo todo, compartilhando comida quando têm que dar explicações para cada migalha que falta, não posso nem lavar minhas calcinhas... e o que vai acontecer quando chegar em casa? Provavelmente serei mandada para prisão por enganar meu comandante, afanar um avião da RAF e derrubá-lo na França...

— Vão jogar todos nós na fogueira, e vamos todos defender você. Eles não impediram nenhum de nós de voar. Estão desesperados por pilotos do Esquadrão da Lua. Você só fez o que mandaram.

— Eu sei o que vão dizer. Garota idiota, sem cérebro, molenga demais, não podemos confiar em uma mulher para fazer trabalho de homem. Só nos deixam pilotar aviões operacionais quando estão desesperados. E são sempre mais duros conosco quando estragamos algo. — Tudo verdade, e o que eu disse em seguida também, mas um pouco maldoso... — Você pôde até ficar com suas BOTAS enquanto as minhas foram

QUEIMADAS.

Jamie caiu no riso. — Não é porque sou homem que me deixaram ficar com as botas — ele disse, com tanta indignação na voz quanto eu devia ter na minha. — É só porque eu não tenho dedos dos pés!

Isso finalmente tirou um risinho engasgado de mim.

Jamie me beijou de leve na testa. — Você tem que procurar a Julie — sussurrou. — Você sabe que ela está contando com você.

Então ele chamou baixinho: — Ei, Paul! Quero dar uma palavrinha com você! — Jamie manteve um dos braços carinhosamente ao redor da minha cintura. Tão parecido com a irmã. Paul se aproximou de nós no escuro.

— Usaram esse campo antes? — Jamie disse.

— Para saltos de paraquedas.

— As torres de eletricidade sempre serão um problema para a aterrissagem, mesmo sem vento lateral. Ouça, meu velho, se puder arriscar manter Kittyhawk à luz do dia um pouco mais, ela é sua melhor aposta para encontrar um campo na região de Ormaie. Ela é excelente piloto-navegadora e também uma mecânica razoável.

Paul ficou em silêncio por um momento.

— Mecânica de avião? — Ele finalmente disse.

— E de motocicletas — completei.

Outro momento de silêncio.

Então, casualmente, Paul perguntou:

— Explosivos?

Eu nem tinha pensado nisso. Mas, bem, por que não? É algo brilhante em que empregar minha mente ociosa: fazer uma bomba.

— Ainda não — respondi, com cautela.

— Trabalho duro para uma mocinha... Está disposta a arriscar, Kittyhawk?

Assenti com a cabeça como um cachorrinho ansioso.

— Vamos preparar aqueles documentos para você e soltar você um pouco da coleira enquanto aguarda o próximo voo. — Ele se voltou para Jamie e falou novamente naquele tom camarada como se eu não pudesse ouvir, como se fosse surda.

— Uma caixinha de surpresas, não é, nossa Kittyhawk? Achei que ela não gostasse de homem. Mas estava prestes a mandar ver com você.

Jamie me soltou.

— Cale sua merda de boca, cara. — Ele se aproximou de nosso destemido líder no

escuro, agarrou sua jaqueta pela gola e com uma voz silenciosa e mortal, que se tornou perigosamente escocesa, ameaçou com veemência: — Fale assim de novo com essas garotas corajosas e vou arrancar essa língua suja inglesa da sua cara. Vou mesmo.

— Está bem, rapaz — Paul disse tranquilamente, sacudindo Jamie de leve para se soltar. — Calma. Estamos todos meio exaltados...

O que sobrou da mão magra de Jamie parecia perigosamente pequeno no aperto firme de Paul, e Jamie no geral está longe de ser tão grande quanto Paul. Era como um furão indo para cima de um labrador. Nesse momento, o ar começou a zumbir. Outro avião voava a uma altura mais baixa do que a segurança permitia, duas grandes luzes de busca se estendendo e tocando o chão na frente e atrás dele.

Paul reagiu primeiro e empurrou a operadora de rádio para baixo dos arbustos onde as bicicletas estavam escondidas. O resto de nós se jogou na vala rasa que dividia o campo. Nenhum momento da noite anterior pareceu durar tanto quanto aqueles cinco minutos, quando ficamos deitados, aprisionados e indefesos, na lama congelada e na grama morta, esperando as metralhadoras da Luftwaffe nos perfurarem na terra batida ou passarem por nós.

Obviamente o avião passou. Ele não permaneceu em nosso campo, pois devia ser algum tipo de patrulha de rotina. Não gosto de pensar no que teria acontecido se ele tivesse feito sua passagem quando estivéssemos carregando um Lysander.

Isso acordou todo mundo.

Levamos os refugiados e todos os que couberam para até um ou dois quilômetros de seus esconderijos. Com as três bicicletas amarradas no estribo e no teto do Rosalie, o carro estava absolutamente lotado com três de nós no assento da frente, quatro atrás, dois no porta-malas e, por fim, eu e a w/op no para-choque traseiro, segurando no teto como macaquinhos agarrando a mãe. A ideia era que, se fôssemos parados, eu e ela pelo menos seríamos capazes de saltar e tentar fugir correndo. Ninguém mais teria chance. É maravilhoso, de um modo meio desesperado, optar pela velocidade em vez da sutileza, como acelerar para baixo para apagar o fogo quando seu avião está em chamas.

Toda vez que chegávamos a um portão, nós duas descíamos para abrir e fechar e saltávamos de volta ao para-choque quando o Rosalie partia novamente.

— Você tem tanta sorte de estar no Damask — a garota do rádio gritou para mim enquanto chacoalhávamos pela escuridão total, sem nem mesmo aquelas inúteis lâmpadas fininhas de blecaute. Mas não precisávamos delas com a lua quase cheia. — Paul vai tomar conta de você. E ele fará todo o possível para encontrar sua agente desaparecida, é questão de honra para ele. Ele nunca perdeu ninguém de seu circuito antes. — Inglês sulista esnobe com um

leve sotaque francês. — Meu circuito entrou em colapso, catorze prisões na semana passada. Organizador, informantes, todos. Alguém está vazando os nomes. Vem sendo puro inferno. Fui entregue a Paul por segurança. É uma pena que ele seja tão safado, mas contanto que você saiba...

— Não o suporto! — Confessei.

— Você tem que ignorar. Ele não vai fazer nada de ruim. Feche os olhos e pense na Inglaterra!

Nós duas rimos. Acho que estávamos meio embriagadas, excitadas com a Benzedrina, chacoalhando pelo interior da França ao luar, com pessoas que amamos e com quem trabalhamos desaparecendo ao nosso redor como velas apagadas. É difícil imaginar o quanto estaríamos mortas se tivéssemos encontrado alguém. Nos sentíamos vivas e imbatíveis.

Não gosto de pensar nela sendo caçada. Espero que ela consiga sair da França.

Agora sou Katharina Habicht. Não é tão assustador quanto achei que seria. A mudança traz tantas melhoras à vida cotidiana que o perigo adicional não é nada. Quem se importa? Não posso me tornar um emaranhado de nervos maior do que já sou.

Agora durmo no quarto de Etienne, escondida em plena vista. Também surrupiei algumas coisas dele. Esvaziamos uma das gavetas para dar espaço para as roupas de baixo de Käthe e sua saia extra, que foi conseguida ilegalmente com os cupons de Julie. No fundo da gaveta havia um supercanivete suíço com abridor de lata e chave de fenda, e este caderno, ou melhor, esta apostila escolar de exercícios datada de quinze anos atrás. Etienne anotou uma lista de pássaros locais nas primeiras três páginas. Por uma semana, em 1928, Etienne Thibaut decidiu que seria um entusiasta da natureza. O tipo de coisa que você faz aos dez anos, mais ou menos a idade em que desmontei todo o gramofone de vovó.

A lista de pássaros me entristece. O que transforma um garotinho observador de aves em interrogador da Gestapo?

Não há nenhum lugar bom para esconder coisas neste quarto e Etienne sabe onde ficam todos os cantos secretos. Duas tábuas soltas no piso, um nicho sob o peitoril da janela e um buraco no reboco estão todos cheios de suas “coisas de garotinho”. Ele não toca em nada há anos, tudo está empoeirado, mas tenho certeza de que ele sabe que permanecem lá. Estou mantendo este caderno e meu Manual do Piloto no colchão, que rasguei com o canivete do próprio Etienne.

Eu o conheci. Prova de fogo para Käthe. Fui andar de bicicleta com Amélie e Mitraillette, minha primeira incursão à procura de locais de pouso — três garotas de bicicleta, sabe, passando uma tarde agradável, o que poderia ser mais normal? Minha bicicleta é a que pertencia ao sentinela que Paul atingiu quando pousei aqui. Ela foi “refeita”. Em nosso caminho de volta pela estrada principal encontramos Etienne vindo pelo outro lado, e é claro que ele parou para interrogar as irmãs e descobrir quem eu era.

Minha ação evasiva consiste em sorrir feito idiota, esconder meu rosto no ombro como se fosse tímida demais para merecer viver, rir um pouco e balbuciar. Meu francês não melhorou, mas me ensinaram algumas respostas e cumprimentos que posso dar quando se dirigirem diretamente a mim. Então deixo Mitraillette e sua irmã caçula se responsabilizarem pelo resto da conversa.

— Ela é a filha da prima da mamãe da Alsácia. A casa delas foi bombardeada, e a mãe dela foi morta. Está passando um tempo com a gente até seu pai achar um novo lugar para morar... ela está meio frágil no momento, não gosta de falar sobre isso, sabe?

Em caso de emergência, elas devem dizer uma palavra código, MAMAN, e falar diretamente comigo em alemão. Esse é o sinal para eu cair em um choro ruidoso, que as garotas responderão com consolos e arrulhos igualmente barulhentos, tudo em alemão. Essa *performance* foi elaborada para chocar e envergonhar qualquer um que nos importune, a ponto de fazer eles devolverem nossos documentos rapidinho, sem olhar para os meus com atenção, e ainda fazer com que queiram correr na direção contrária para se livrar logo de nós.

Praticamos essa rotina e a transformamos em uma obra de arte. Toda manhã, desde que me mudei para a casa, La Cadette, ou Amélie, vem e pula na minha cama gritando: — Acorde, Käthe, venha alimentar as galinhas! — Suponho que seja bem fácil para eles lembrarem meu novo nome, já que eles só me conheciam por Kittyhawk.

Então, encontramos Etienne. E é claro que toda a conversa ocorreu em alemão, já que eles só falam essa língua em casa com a mãe, e eu, como prima deles, também deveria entendê-la. Cada grama de força em mim foi investida em detectar a palavra código misturada no meio da conversa, que poderia até ser em dialeto de Glasgow pelo que eu conseguia entender! Meu rubor virginal não era falso. Senti que meu rosto pegaria fogo de medo e vergonha. Eu tinha que deixar as garotas Thibaut fazerem o árduo trabalho de cobertura por mim, explicando para o irmão sobre uma prima de quem ele nunca tinha ouvido falar.

Mas então Etienne e Amélie começaram a brigar, sendo que ela foi ficando cada vez mais pálida enquanto ele falava — e, acho que eu também, depois de um tempo — até eu achar que ela passaria mal mesmo. Nesse ponto Mitraillette rosnou ofensas ao irmão vira-casaca e ameaçou bater nele. Ele estancou, disse algo desagradável a Mitraillette e partiu em sua bicicleta para longe de nós. Mas depois parou, virou-se e fez um aceno de cabeça para mim, muito educado e formal, antes de ir.

Quando ele estava fora de alcance, Mitraillette desabafou em inglês:

— Meu irmão é um MERDA. — Não sei onde ela aprendeu essa palavra, não foi comigo! — Ele é um MERDA. — Ela repetiu e trocou para o francês, que era mais difícil para eu entender, mas mais fácil para ela xingar.

Etienne anda auxiliando em um interrogatório. Está começando a pesar, e ele descontou em Amélie, que novamente tirou sarro do machucado que desaparecia na testa dele. Então ele lhe contou em detalhes horríveis o que fariam com ela se ela fosse uma prisioneira que

se recusasse a responder quando a Gestapo a interrogava.

Não consigo tirar isso da cabeça agora que já está lá.

Continuo ouvindo isso aos poucos, repetidas vezes, da própria Amélie, que acha que sou uma boa ouvinte, apesar de eu não entender metade do que ela diz. Ela está chateada com o envolvimento do capitão da Gestapo, porque em sua mente ele foi colocado no mesmo compartimento que o padre ou o diretor da escola — uma autoridade, um pouco distante, geralmente gentil com ela, mas acima de tudo alguém que segue as regras estritamente. Alguém que vive pelas regras.

E enfiar alfinetes sob as unhas dos pés de alguém só porque essa pessoa não quer falar com você não vale como uma regra aceitável.

— Não acredito que façam isso com uma mulher — Amélie disse ao irmão enquanto estávamos na estrada com nossas bicicletas.

— Os alfinetes vão nos seios se você for mulher.

Foi então que Amélie engoliu em seco e ficou verde. E quando Mitraillette ficou brava.

— Cale a boca, Etienne, seu burro. Vai deixar a menina com pesadelos! Deus! Por que diabos você fica lá se é tão horrível? Isso deixa você excitado, ver as pessoas fincarem alfinetes nos seios de uma mulher?

Foi então que Etienne se tornou frio e formal.

— Eu fico porque é meu trabalho. Não, não é excitante. Nenhuma mulher é atraente quando você está jogando água gelada na cabeça dela para revivê-la e ela conseguiu vomitar no próprio cabelo.

Digo a Amélie para não pensar nisso. Repito o mesmo para mim. Mas, então, digo a mim que devo pensar nisso. É REAL. Está acontecendo AGORA.

O que Jamie disse está me dando pesadelos. Se Julie não estiver morta, se ela ainda não estiver morta, está contando comigo. Está me chamando, sussurrando meu nome para si no escuro. O que posso fazer? Mal posso dormir. Ando em círculos todas as noites tentando pensar numa saída. O QUE posso fazer?

Encontrei um supercampo, bem longe daqui, entretanto. Foi durante um passeio de bicicleta, o dia todo com M., sexta, 12 de novembro. É incrível como é difícil achar um campo de pouso decente para o SOE. É tudo tão igual, fazenda após fazenda, igrejas em toda encruzilhada e um forno comunitário de pão em toda vila. Os campos são tão planos que você pode aterrissar de tudo em qualquer lugar. Mas nunca há bons marcos noturnos ou qualquer tipo de cobertura para uma equipe de recepção. Deve ser fantástico voar em tempos de paz.

Estou na França há cinco semanas.

Minhas pernas estão mais fortes do que nunca. Andei de bicicleta por uns bons cem quilômetros duas vezes nesta semana: uma para o campo e mais uma vez, dois dias depois, para levar Paul para vê-lo. Ele precisa que seu operador de rádio mande um avião da RAF tirar fotos para a aprovação do Esquadrão da Lua. Entre as maratonas de bicicleta passo a maior parte do tempo cuidando de galinhas, aprendendo a conectar pequenos dispositivos explosivos e tentando ao máximo não gritar feito uma louca, de repente, devido ao nervosismo.

A locutora Georgia Penn recebeu um “não” do chefe da Gestapo desta região — um homem poderoso e terrível, chamado Ferber, parece... ele é o chefe do capitão de Ormaie. Penn nos informou que planeja ignorar essa recusa e tentar novamente indo direto ao capitão. Ela vai antedatar seu pedido, amarrá-los em sua própria burocracia, sem que a mão direita saiba o que a esquerda está fazendo. Uma mulher maravilhosa, mas totalmente louca, na minha opinião, e espero que sua mão direita saiba o que a esquerda está fazendo.

Outro resgate de Lysander está previsto para a noite de amanhã, terça, 16 de novembro, no mesmo campo infestado de postes próximo a Tours. O clima é imprevisível, mas é nossa última chance antes de perdermos a lua de novembro. Talvez eu volte para casa sem meu conhecimento em munição ser testado.

Não, ainda estou aqui. Droga de Rosalie.

Não posso culpar o pobre carro, acho, mas não gosto de acusar o motorista de estúpido e bem-intencionado.

Ah, estou cansada. A lua subiu às dez na noite passada, então o avião não chegaria até as duas da manhã. Paul veio me buscar após o toque de recolher e fomos de bicicleta encontrar o carro, ele pedalando e eu atrás dele sobre uma barra encravada no metal. Tive que me agarrar nele por oito quilômetros para não cair. Aposto que ele adorou. O carro se atrasou para o encontro. O motorista teve que evitar uma patrulha inesperada. Paul e eu ficamos meia hora tremendo e batendo os pés perto da vala de drenagem onde escondemos a bicicleta. Não sei se alguma vez meus dedos dos pés já ficaram tão frios, ali na lama gelada, no meio de novembro, com tamancos de madeira... pensei muito em Jamie boiando no mar do Norte. Estava quase chorando quando o carro chegou.

Havia apenas três de nós nessa viagem perigosa nos dois sentidos, eu não queria arrastar Papa Thibaut nessa. Seu amigo, dono do carro, partiu em velocidade máxima, a toda, em fuga, como sempre sem luzes, exceto pela estreita lua minguante em ascensão. O Rosalie realmente não queria fugir a toda e representava todo seu drama tísico costumeiro sempre que chegávamos a uma subida, ofegando e tossindo como uma heroína de Dickens à beira da morte, e finalmente parou. O motor ainda tossia um pouco, mas o carro apenas parou. Simplesmente não conseguia subir a colina. O afogador estava cheio, mas os cilindros patinavam de modo patético como se estivéssemos tentando fazer o coitado funcionar à base de nada além de ar.

— Seu afogador não está funcionando — eu disse do banco traseiro.

Claro que o motorista não me entendeu, e eu não sabia como dizer afogador em francês, nem Paul. É *le starter*, que não é o mesmo que o starter que pode acionar seu motor em inglês. Seguiu-se uma confusão inacreditável. Paul tentou traduzir desesperadamente, e o motorista se recusava a aceitar conselhos de uma mocinha, ou seja qual for a palavra francesa para mocinha; estou certa que a tradução direta em qualquer língua é próxima a “cabeça oca”, que é como me chamam sempre que imaginam que não serei capaz de fazer algo, como pilotar um avião, carregar uma arma, fazer uma bomba, consertar um carro, etc. Então perdemos quinze minutos discutindo.

Finalmente, como ficou óbvio que o afogador não estava funcionando, o motorista o sacudiu com violência suficiente para que algo voltasse ao lugar, e após alguns sons mais saudáveis de tosse, o Rosalie relutante partiu novamente.

Toda essa rotina foi repetida detalhe por detalhe mais três vezes. QUATRO VEZES NO TOTAL. O carro parou, eu disse que o afogador não estava funcionando, Paul tentou traduzir sem sucesso, todos discutimos por quinze minutos, o amigo de Papa Thibaut sacudiu a alavanca do afogador por um tempo até que o Rosalie recuperasse a vida e rodasse de novo.

Tínhamos perdido uma hora, uma hora inteira, e eu estava furiosa. O motorista francês também, cansado de receber gritos em inglês de uma mocinha mais nova que sua própria filha. Toda vez que o carro funcionava, Paul estendia a mão para trás e dava um aperto reconfortante em meu joelho, até eu finalmente bater nele e mandar manter suas mãos sujas para si. Portanto, mesmo com o carro em movimento, estávamos todos rosnando uns para os outros como gatos de rua.

Eu não estava mais com medo de ser pega pelos nazistas ou preocupada em chegar tarde demais para ser recolhida pelo Lysander — ambas as opções cada vez mais prováveis quanto maior o tempo na estrada. Estava irritada como uma vespa porque sabia o que estava errado com o carro, e eles não me deixavam fazer nada a respeito.

Quando o carro parou pela quinta vez passei por cima de Paul e saí.

— Não seja idiota, Kittyhawk — disse ele entre os dentes.

— Vou ANDAR até o campo — retruquei. — Sei as coordenadas e tenho uma bússola. Vou ANDAR até lá e se estiver atrasada demais para encontrar o avião vou ANDAR de volta a Ormaie, mas se você tentar me colocar nesse carro francês, MAIS UMA VEZ, você vai ter que fazer o francês idiota que está dirigindo abrir o motor para eu consertar o afogador AGORA.

— Meu Deus, não temos tempo para isso, já estamos atrasados uma hora e meia...

— ABRA O MOTOR OU VOU ABRI-LO A TIROS.

Eu não falava a sério. Mas era uma ameaça inspirada, principalmente porque me deu a ideia de erguer meu Colt .32 para a cabeça do motorista e fazê-lo sair do carro.

Ele nem desligou a ignição, o motor ainda ofegava quando erguemos o painel lateral do capô com o abridor de latas do canivete suíço de Etienne. Tudo estava preto como piche abaixo dele. O motorista xingou e reclamou, mas Paul murmurou palavras reconfortantes para ele em francês, já que eu não podia mais ser detida. Mandeí um deles segurar uma lanterna para mim enquanto o outro fazia uma tenda com o casaco para esconder a luz. Oh, o parafuso que prendia o cabo ao afogador tinha se soltado — provavelmente devido aos

malditos sacolejos — e a aba que deveria se fechar sobre a entrada de ar do carburador não vedava direito. Tudo o que tive que fazer foi prender melhor o parafuso com minha chave de fenda portátil furtada dos nazistas.

Fechei a tampa do motor, inclinei-me na porta do motorista, liguei o afogador, e o motor rugiu de volta à vida como um zoológico repleto de leões felizes.

Então, voltei ao meu lugar comportado no assento traseiro e não disse mais nada até chegarmos ao campo, meia hora depois de o avião ter partido. A maior parte do comitê de recepção também se fora, apenas alguns deles ainda esperavam que aparecêssemos caso algo horrível tivesse acontecido conosco.

Eu estava irritada demais dessa vez para pensar em Dorothy no final de *O Mágico de Oz*. Dei um chute tão forte no para-choque dianteiro de Rosalie que fiz uma marca nele com meu tamanco de madeira. Todos ficaram chocados. Aparentemente minha reputação era de ser quieta e chorona. Em uma palavra, eles acham que sou molenga.

Paul explicou novamente:

— Eles não podiam esperar, está tão tarde que será dia quando eles voltarem à Inglaterra. Eles não podiam arriscar serem pegos sobre a França à luz do dia.

Então me senti egoísta, mandona e vil, e tentei me desculpar ao amigo de Papa Thibaut, em meu francês porcaria, por ter amassado seu para-choque.

— Não, não, sou eu que devo agradecer você, *mademoiselle* — disse ele em francês — você consertou meu afogador! — E abriu a porta para mim galantemente. Nenhum sinal de que ele tinha desperdiçado mais uma noite arriscando a vida por uma estrangeira ingrata que nunca seria capaz de pagá-lo. Era o princípio da carona ao aeródromo levado ao extremo.

— *Merci beaucoup, je suis désolée*, muito obrigada, sinto muito — parece que estou sempre dizendo isso.

Um dos membros do comitê de recepção enfiou a cabeça no carro depois de mim.

— O aviador escocês pediu para dar isso a você.

Jamie me deixou suas botas.

Fiel à minha reputação de molenga, chorei durante a maior parte do caminho até Ormaie, mas pelo menos meus pés estavam aquecidos.

Penn a encontrou. Georgia Penn A ENCONTROU! Julie desapareceu em 13 de outubro e Penn falou com ela ontem, 19 de novembro. QUASE SEIS SEMANAS.

Não reconheço mais minhas emoções. Não há algo como pura alegria ou dor. É horror e alívio misturado com pânico e gratidão. Julie está viva, ainda está em Ormaie, inteira, com seu modo combativo costumeiro, cada fio elegante de cabelo em seu lugar a cinco centímetros da gola, está até conseguindo fazer as malditas unhas, sei lá como.

Mas ela é uma prisioneira. Eles a pegaram quase imediatamente. Ela olhou para o lado errado antes de atravessar a rua. Típico de Julie. Oh, não sei se dou risada ou choro. Estou tão cansada de chorar o tempo todo, mas chateada demais para rir. Se tivesse a identidade certa com ela quando a interrogaram pela primeira vez, talvez ela tivesse se safado. Ela não tinha chance sem o documento.

A Srta. Penn perguntou se podia entrevistar alguém que falasse inglês, e elas puderam conversar cara a cara, sob vigilância, e Penn testou Julie pelo codinome. Não lhe contaram o nome verdadeiro de Julie. Não sei qual foi a justificativa para isso. Penn saiu bem convencida de que todo o cenário da entrevista era uma farsa completa e que Julie estava sendo mantida sob rédea curta. Invisível, mas presente. Acho que Julie sabia que se ela saísse da linha eles silenciariam Penn também. Sei que ela nunca arriscaria isso. Ela nem ousou ir contra as ordens e tentar dizer seu nome. Toda informação foi transmitida em sugestões e palavras-código. O capitão e a garota escrava estavam lá, além de mais um ou dois guardas, e todos ficaram sentados bebendo conhaque — exceto a garota escrava, é claro! — no escritório superluxuoso do capitão onde Julie está trabalhando temporariamente como tradutora. Então, na verdade, ela está fazendo o que deveria fazer!

Nenhum nome dado, nenhum serviço ou posição militar revelado. Ela se apresentou a Penn como radiotelegrafista. Disse aos nazistas que é operadora de télégrafo. LOUCURA — não é por isso que ela está aqui, e agora eles fazem o maior esforço para tirar códigos dela. Penn não tinha dúvidas de que conseguiram códigos dela, devem ser obsoletos ou inventados, mas definitivamente algo com que eles podem tentar trabalhar. Penn acha que é exatamente por isso que disse ser uma radiotelegrafista — eles chamam de W/T ou w/op no SOE, telegrafista: para ela poder passar códigos. É mais comum para uma garota do SOE chegar à França como mensageira, mas se Julie dissesse que era mensageira eles a teriam

importunado sobre seu circuito. É mais fácil trair um código obsoleto, suponho, que pessoas vivas, de verdade. E é a mais pura verdade em relação ao treinamento original de Julie e sua comissão WAAF, e está relacionado com as fotos que eles tiraram do local da queda, que certamente mostraram para ela a essa altura. Enquanto estiverem concentrados nas atividades de telegrafia inexistentes dela, eles não vão perguntar sobre a Operação Exploda-a-Sede-da-Gestapo-de-Ormaie, ou seja lá qual for o nome.

Mostraram a Penn apenas alguns dos escritórios administrativos e um dormitório vazio com quatro camas arrumadas. Não houve nenhum contato com outros prisioneiros e nenhum sinal das condições em que são mantidos. Julie deu algumas pistas. Ela disse...

Ela...

Julie estava...

— DROGA. Pilote o avião, Maddie.

NÃO VOU CHORAR.

Pude conversar eu mesma com a Srta. Penn. Mitraillette e eu a encontramos ao lado de um laguinho em uma área residencial elegante de Ormaie e nos sentamos em um banco enrolando lã enquanto conversávamos, cada uma de nós de um lado da Srta. Penn e uma bolsa de lona em seu colo cheia de meias de lã puídas para serem desfeitas. Ela devia parecer nossa babá. Ela é quase trinta centímetros mais alta que nós duas. Ela falava, e nós ficávamos remexendo a bolsa para pegar mais fios enquanto ouvíamos. De repente, no meio de seu relato, enquanto eu pegava outra meia, a Srta. Penn segurou minha mão e a apertou com força. Só a minha, não a de Mitraillette. Não sei como adivinhou que eu seria a mais afetada. Ela tem algo de interrogadora em si, agora que penso sobre isso, o mesmo trabalho que os outros, tirando histórias sensacionais de fontes relutantes. Eles fazem de modo diferente, mas é o mesmo trabalho. E Julie, também uma especialista, facilitou, oferecendo informações que Penn não pediu.

— Está se sentindo corajosa, Kittyhawk? — Disse Penn, apertando minha mão com força.

Lancei-lhe uma espécie de esboço de sorriso. — Acho que sim.

— Não há uma maneira gentil de contar isso — prosseguiu Penn, e sua voz americana nítida e prática estava irritada. Aguardamos.

Penn contou em voz baixa: — Ela foi torturada.

Não pude responder por um minuto. Não pude fazer nada.

Provavelmente pareci um tanto taciturna. Não fiquei realmente surpresa, mas Penn foi tão franca que foi como levar um tapa na cara. Finalmente grasnei de maneira idiota: — Tem

certeza?

— Ela me mostrou — disse Penn. — Foi bem clara a respeito. Arrumou o cachecol logo depois de apertarmos as mãos e então consegui ver claramente. Uma linha horrível de pequenas queimaduras triangulares ao redor do pescoço e clavícula, começando a cicatrizar. Pareciam ter sido feitas com um ferro de solda. Mais do mesmo na parte interna dos pulsos. Ela foi muito esperta ao me mostrar, deliberadamente fria, sem dramas. Ela dava uma mexida na saia ao cruzar as pernas, ou deixava a manga escorregar quando pegava um cigarro, só se movendo quando o capitão estava olhando para outro lado. Hematomas horríveis nas pernas. Mas as marcas estão sumindo agora, tudo deve ter sido feito há duas ou três semanas. Eles abrandaram com ela. Não sei por quê, provavelmente ela fez algum tipo de trato com eles, ou não estaria aqui ainda. A essa altura, Ormaie teria conseguido o que quer dela ou teria desistido.

— Fazer um trato com eles! — Engasguei.

— Bem, alguns conseguem ter sucesso. — A Srta. Penn guiou minha mão gentilmente de volta à sacola de meias. Então confessou: — Mas é difícil dizer o que sua amiga acha que está fazendo. Ela estava focada. Ela não esperava ouvir o próprio codinome em uma conversa e isso a abalou, mas ela não.... sabe, ela não sugeriu o resgate. Acho que ainda está comprometida em completar sua tarefa e tem motivos para acreditar que pode fazê-la de dentro. — A Srta. Penn me lançou um olhar de soslaio. — Você sabe qual era a tarefa dela?

— Não — menti.

— Bem — disse a Srta. Penn —, é isso que ela me disse. Talvez você veja algum sentido nisso.

Mas eu não vejo. Não sei o que fazer com nada disso. É como... deve ser como paleontologia. Tentar montar um dinossauro baseando-se em uns poucos ossos aleatórios e você nem sabe se são todos do mesmo tipo de animal.

No entanto, vou anotar o que Julie nos entregou, talvez Paul veja sentido nisso...

1) O prédio que a Gestapo usa em Ormaie tem gerador próprio. Penn estava reclamando dos cortes de energia, e como é irritante não poder contar com a eletricidade quando se trabalha no rádio, e Julie disse: — Bem, aqui nós a fazemos por conta própria. — É típico dela falar como se tivesse se tornado uma deles. Como na vez em que me levou para assistir a *Coronel Blimp* e ficou lá chorando durante toda a cena dos soldados alemães presos ouvindo Mendelssohn.

2) A caixa de fusíveis fica embaixo da escadaria principal. A Srta. Penn não contou como nossa Julie conseguiu comunicar isso. Também mencionou:

3) É fato sabido que os nazistas têm um escritório de telegrafia do outro lado da praça da sede da Gestapo, na prefeitura, e de acordo com Julie deve ser porque não há configuração de transmissão regular no prédio do Château de Bordeaux. Penn acha que as paredes são grossas demais para uma boa recepção, mas eu acho que o gerador interfere na recepção mais que as paredes. Essa informação foi transmitida supercasualmente — o SOE chama o trabalho de rádio de “artrite”, moleza. Posso até imaginar Julie. Observando as unhas. — Felizmente não tenho problemas de juntas rígidas. Ninguém tem aqui. Como esses nazistas tirariam vantagem disso!

4) Penn também descobriu muito sobre a secretária escrava. Julie acha que ela está prestes a ter uma crise de consciência, da qual poderemos tomar vantagem. Sugere que a observemos e facilitemos que ela encontre um contato da Resistência quando estiver pronta.

Fico confusa ao tentar pensar em como Julie conseguiu comunicar tudo isso com o capitão da Gestapo ouvindo. Parece que elas estavam falando em inglês e a garota escrava tinha que traduzir para o capitão, então ela não entendeu ou entrou no jogo, o que prova em parte a ideia de Julie. Julie a chama de “o anjo” — *l’ange* — o que é bem constrangedor, na minha opinião. Não é de admirar que a pobre moça mantenha segredo. E também é masculino em francês e não um substantivo neutro como em inglês. É uma tradução direta do sobrenome dela, Engel, do alemão.

Às vezes Julie me deixava com inveja pela sua inteligência, facilidade com os homens, elegância. A caça a perdizes, a escola suíça, falar três línguas, ser apresentada ao rei em um vestido de baile de seda azul, tudo era motivo, até mesmo seu MBE após ela ter pego aqueles três espiões e, especialmente, seu semestre em Oxford. Eu me odeio por um dia ter pensado que valia a pena invejar essas coisas.

Agora tudo o que consigo pensar é onde ela está e o quanto a amo. E começo a chorar de novo.

Sonhei que estava voando com Julie. Eu a levava para casa, até a Escócia no Puss Moth de Dymrna. Estávamos subindo a costa do mar do Norte, o sol baixo a oeste, céu, mar e areia dourados, luz dourada ao redor. Nenhum balão de barragem nem nada, apenas céu vazio como em tempos de paz. Mas não eram tempos de paz, era agora, fim de novembro de 1943, com a primeira neve nas montanhas Cheviot a oeste.

Estávamos voando baixo sobre as longas faixas de areia da Holy Island e era lindo, mas o avião ficava tentando subir enquanto eu lutava e lutava para mantê-lo baixo. Igual ao Lysander. Com medo, preocupada e cansada ao mesmo tempo, irritada com o céu por estar tão belo quando corríamos risco de cair. Então Julie, sentada ao meu lado, disse: — Deixe-me ajudar.

No sonho, o Puss Moth tinha controles duplos lado a lado como um Topsy, e Julie assumiu seu próprio manche e pressionou com delicadeza o nariz para frente, e de repente estávamos pilotando o avião juntas.

Toda a pressão se foi. Nada a temer, nada contra o que batalhar, apenas nós duas voando juntas, pilotando lado a lado no céu dourado.

— Moleza — ela disse e riu. E foi mesmo.

Oh, Julie, eu não saberia se você estivesse morta? Eu não sentiria acontecer, como uma descarga de eletricidade no coração?

Amélie acabou de ver uma execução no Château de Bordeaux. Château des Bourreaux é como todos o chamam agora: Castelo dos Assassinos. As crianças daqui têm folga da escola às quintas-feiras em vez de sábados e Amélie foi a Ormaie com alguns colegas, até um café barato que eles gostam, que é bem no final da ruela mais baixa, nos fundos do prédio da Gestapo. Eles estavam sentados à janela do café e notaram uma multidão se reunindo na rua — como eram crianças, elas se amontoaram para ver o que estava ocorrendo... aqueles bastardos tinham uma guilhotina erigida no pátio dos fundos e estavam executando pessoas...

As crianças assistiram à cena. Não sabiam o que estava acontecendo ou nunca iriam lá olhar, disse Amélie, mas chegaram bem na hora e VIRAM ACONTECER. Ela está em prantos a noite toda, é impossível consolá-la. Todos viram uma garota sendo executada e Amélie a reconheceu da escola, embora ela estivesse alguns anos na frente e já tivesse se formado. E se fosse minha velha amiga Beryl? Ou a irmã de Beryl? Porque é assim que me sinto, colegas de escola sendo guilhotinados como espões. Eu não entendia antes, não entendia mesmo. Ser criança e ter medo que uma bomba possa lhe matar é terrível. Mas ser criança e ter medo que a polícia possa decepar sua cabeça é algo completamente diferente. Não tenho palavras para isso. Cada novo terror despedaçado é algo que eu não compreendia até chegar aqui.

Quando eu tinha oito anos, antes da Depressão, fizemos uma viagem a Paris. Lembro-me de partes dela, como de um passeio de barco pelo Sena e o retrato da Mona Lisa. Mas o que mais me marcou foi quando vovô e eu subimos até o topo da Torre Eiffel. Fomos de elevador, mas descemos tudo a pé e, no caminho, paramos no primeiro andar de onde podíamos ver vovó parada no parque abaixo, usando um enorme chapéu novo que comprou naquela manhã. Acenamos para ela, que parecia tão elegante, sozinha no Champ de Mars, que nem dava para saber que ela não era francesa. Ela tirou uma foto nossa e, embora estejamos tão longe e minúsculos que não dê para nos ver na foto, sei que estamos lá. E também me lembro que havia uma loja, no primeiro andar, onde o vovô comprou para mim uma pequena Torre Eiffel dourada em uma corrente como lembrança, que eu ainda tenho, em casa em Stockport.

Não foi há tanto tempo assim. O que está acontecendo com a gente?

Maman Thibaut está servindo café com leite para Amélie na mesa grande da cozinha. Mitraillette e eu nos revezamos para abraçá-la firme e trocar olhares horrorizados sobre sua cabeça. Ela não para de falar. Só entendo cerca de um terço das palavras. Mitraillette sussurra uma tradução malfeita:

— *Il y en avait une autre. Il y avaient deux filles*, havia outra, havia duas garotas... *La Cadette et ses amies n'ont rien vu quand on a tué l'autre...*

Elas não viram a segunda garota ser executada. Era um tormento para todos nós tirar essa informação de La Cadette. Havia duas garotas levadas para lá juntas, amarradas uma à outra. A segunda teve que ficar lá e assistir enquanto matavam a primeira — tão perto, eles a fizeram ficar tão perto, que Amélie disse que o sangue espirrou em seu rosto. Então eles fecharam os portões. Sobre o muro do pátio, Amélie e seus amigos viram erguerem a lâmina novamente e foi então que eles partiram.

A segunda garota era Julie. Certeza. Não pode haver outra loira miúda com um pulôver da cor de folhas outonais prisioneira na sede da Gestapo de Ormaie. Amélie a viu.

Mas também não acredito que a mataram. Simplesmente não creio. Fico pensando naquelas fotos do piloto. A essa altura eles devem ter mostrado as fotos para Julie, e talvez ela ache que estou morta. Mas não estou. E o mesmo vale para ela, tenho certeza. Pode parecer que ela está morta, mas não está. Agora eles têm um motivo para falsificar sua morte, pois Georgia Penn conversou com ela nesta semana, e eles precisam restabelecer sua supremacia ou sei lá o quê, o seu controle sobre o que todos sabem e não sabem. Aquele capitão/comandante deve estar em apuros porque deixou Penn entrar pelas costas de seu superior. Talvez tenham ordenado que ele matasse Julie. Mas acho que também é provável que tenham mandado forjar a morte dela, para ela desaparecer novamente. Dividir conhaque com ela e mandá-la para a guilhotina na mesma semana? Não acredito.

QUERO EXPLODIR ESSE LUGAR.

Aviões passam quase toda a noite. Há algumas fábricas de munição trabalhando para os alemães e locais de lançamento aqui na França que eles estão loucos para tirar de ação. Não vão jogar uma bomba no meio de Ormaie, não de propósito, por medo de atingir civis. Eles atingiram o entroncamento ferroviário daqui e acertaram algumas fábricas no norte da cidade, embora eu não ache que Ormaie tenha alguma indústria relevante, além da de guarda-chuvas. Mas a RAF não vai bombardear o centro da cidade. É por isso que Julie foi enviada aqui, para podermos atingi-los por baixo. Não muitas pessoas daqui sabem que a RAF está tentando evitar acertá-las. Ninguém se sente seguro. Os americanos jogaram

algumas bombas em Rouen em plena luz do dia. As pessoas entram em pânico quando ouvem as sirenes de ataque aéreo e buscam refúgio assim como fizeram na Blitz de Manchester. Mas nunca nada atinge o centro de Ormaie.

Às vezes eu gostaria que atingisse! Uma grande explosão para acabar com o Castelo dos Assassinos. Quero que aquele lugar desapareça em chamas. Quero tanto que até dói. Então lembro que Julie ainda está lá dentro.

Não acredito que ela esteja morta, não acredito em nada dos blefes, mentiras e ameaças provocadoras deles. Não acredito que ela esteja morta e NÃO VOU acreditar até EU MESMA ouvir os tiros e vê-la cair.

Outro jantar nazista dominical nos Thibaut, 28 de novembro. Tive que me esquivar. Posso até imaginar La Cadette informando o que planejamos: — Käthe está com um homem mais velho! Não dá para acreditar em como ela foi rápida. É um amigo do motorista do Papa. Ela o conheceu quando estávamos carregando as galinhas semanas atrás. Eles saem juntos todos os domingos. E algumas noites também!

E Maman, revirando os olhos: — Não é certo... não é certo para uma garota tão nova, ele tem o dobro da idade dela. Mas o que posso fazer para detê-la? Ela não é minha filha. Nós a fazemos trabalhar muito, e ela não recebe salário, então tenho que dar folga nas tardes de domingo. E ela é maior de idade. Só espero que seja cuidadosa, não se meta em apuros...

Em apuros com o Paul, eca!

Ele e eu pedalamos até a casa de alguém para refinar minhas habilidades de confecção de bomba e tiro. É um grande alívio me concentrar em algo neutro: quanto explosivo é necessário para explodir um carro, como prender os interruptores, como usar um ímã para anexar um detonador, como acertar um alvo móvel com uma pistola de bolso — uma emprestada, já que Käthe normalmente não porta armas porque seria presa se fosse pega com uma. Obrigada, Jamie e Julie Beaufort-Stuart, pelas primeiras lições de tiro. Hoje, o alvo móvel não era um Me-109 ou um faisão, mas uma lata vazia em uma vara, movimentada por uma alma muito corajosa do outro lado do jardim. O som é disfarçado pelo barulho de uma serraria ao lado da casa. Não sei se eles normalmente trabalham na tarde de domingo ou se o barulho foi feito especialmente para nós.

— É uma pena não podermos ficar com você, Kittyhawk — disse o dono da casa. — Você nasceu para ser soldado.

Hum. Isso me deixa bem cheia de orgulho e mesmo assim me enche de desprezo ao mesmo tempo. Que besteira! Não nasci para ser soldado. Há uma guerra acontecendo, então entrego aviões. Mas não saio em busca de aventura e emoção, e de jeito nenhum ando por aí procurando briga com as pessoas. Gosto de fazer as coisas funcionarem. Amo voar.

Tenho que me lembrar que ainda sou Maddie. Não ouço meu nome há sete semanas. E minha dublê Käthe será empurrada até seus limites nos próximos dias.

Ela/eu deve entregar a mensagem — convite? — para a recruta de Julie, a secretária escrava alemã, Engel. Por que eu? Porque não sou local e com sorte não estarei aqui após a

próxima lua cheia. Engel não conhece meu rosto. Poucas pessoas conhecem. Mas nunca a havia visto antes de hoje, então organizamos para eu dar uma boa olhada nela antes de ter que me aproximar dela na rua amanhã. Paul e eu voltamos à fazenda dos Thibaut antes de os visitantes nazistas irem embora, e esperamos — esperamos — esperamos eles saírem.

Tínhamos fechado o portão. Assim a Mercedes da Gestapo teria que parar e Engel, a motorista, seria obrigada a sair para abri-lo.

Ali estava eu, parada ao lado da rua com a bicicleta do homem assassinado, esperando bem atrás da Mercedes com a cabeça abaixada, usando um dos lenços maternos de Maman Thibaut. Ali estava Paul, tocando na garota alemã na cara dura — tenho certeza que ninguém me olhou duas vezes porque ele armou o maior espetáculo: ele deixou a pobre moça abrir o portão uns trinta centímetros e colocou uma de suas mãos enormes sobre a dela, para ajudar, certo, mas conseguiu pôr sua outra mão bem no traseiro dela quando os dois empurraram o portão juntos. Acho que é seguro afirmar que ela agora o odeia tanto quanto eu. Ela correu de volta para o carro apertando o casaco e a saia ao redor das pernas, e Etienne estava no banco de trás rindo.

Mas toda a brincadeira de Paul me permitiu dar uma boa olhada nela. Ela é alta, por volta da minha idade, cabelo castanho escuro em um coque frisado austero, meio fora de moda. Olhos verdes-claros fantásticos. Não é bonita, mas interessante... provavelmente ficaria um arraso em um vestidinho vermelho, mas parecia bem mal-humorada e sem graça em seus sapatos confortáveis e sobretudo cor de pó.

Ah, estou falando como Julie. — Sabe, garota escrava nazista, você ficaria o máximo se me deixasse fazer suas sobrancelhas.

Então Engel voltou correndo para o carro e o deixou morrer ao ligar a marcha. Ela estava realmente furiosa, mas logo deu a partida novamente e se afastou com suavidade, sem nem olhar para Paul enquanto partia e deixou que ele fechasse o portão sozinho.

Acho que nenhum deles me notou. Estavam ocupados demais observando a comédia romântica entre Paul e Engel.

Também dei uma espiada no capitão da Gestapo.

Sei que deveria manter a cabeça baixa, mas não consegui deixar de ficar um pouco boquiaberta. Aquele era o homem que interrogou Julie, o homem que ordenará sua execução, ou que já o fez. Não sei o que esperava, mas ele parecia tão comum, o tipo de pessoa que você encontraria na loja e compraria uma moto para o aniversário de dezesseis anos de seu filho, como seu diretor. Mas, além disso, ele parecia derrotado. Exausto, absolutamente abatido com tudo. Parecia não dormir há semanas. Os pilotos sempre ficavam assim em

setembro de 1940, durante os piores dias da Batalha da Grã-Bretanha. O rapaz do vigário estava assim, correndo até seu avião, no dia em que foi morto.

Eu não sabia, então, quero dizer, eu não sabia hoje mais cedo, quando vi a cara do capitão e pensei no quanto ele parecia cansado e preocupado, mas agora sei: a Gestapo de Ormaie está em alvoroço não só porque o capitão cometeu um erro ao permitir a entrevista de Penn, mas também porque eles foram assaltados. Mitraillette arrancou a informação da escrava Engel durante o conhaque habitual nos Thibaut. Um conjunto de chaves desapareceu por uma hora no começo da semana passada e depois surgiu no lugar errado, e ninguém sabe o que aconteceu no período em que estava sumido. Cada um dos empregados foi interrogado pelo capitão, e amanhã o próprio capitão será interrogado por seu comandante, o terrível Nikolaus Ferber.

Se eu fosse o capitão, colocaria uma mordaca em Engel — com certeza ela não deveria vazar informações assim. Bem, se ela não vier a nós por vontade própria, talvez possamos chantageá-la. Essa é a nossa chance...

E depende de mim convencê-la. Não acredito que disse àquele oficial de inteligência que não conseguiria fazer esse tipo de trabalho! Não podia estar mais ansiosa do que estou, tão aliviada por fazer algo útil. Acho que não vou dormir muito hoje, entretanto. Fico pensando no que Theo disse após meu primeiro voo de traslado no Lysander: — Podíamos muito bem estar em ação.

PILOTE O AVIÃO, MADDIE.

Tive um sonho horrível com guilhotinas. Tudo em francês, provavelmente em francês péssimo. Nunca imaginei que pudesse sonhar em francês! Eu estava usando o canivete de Etienne para apertar parafusos que prendiam o cabo que erguia a lâmina, para ter certeza de que a lâmina cairia direito. Horrível! Se fosse uma morte suja seria tudo minha culpa. Eu ficava pensando, funciona como um afogador, *C'est comme un starter*.

É isso aí, senhorita, como Jock diria.

Vai ser um milagre enorme se eu não acabar naquele pátio de hotel sórdido com a cabeça em uma bacia de latão.

Fiquei no café preferido de Amélie por uma hora aguardando um homem velho cujo nome desconheço me dizer: — *L'ange descend en dix minutes*, dez minutos até o anjo descer. Isso significava que Engel foi tirar o carro da garagem para poder levar o capitão da Gestapo para encontrar o temido comandante. Então, bastava andar diante do hotel quando ela o estivesse conduzindo para o carro e entregar-lhe um batom com um pedaço de papel escondido na tampa, que diz onde combinamos seu próprio *cache* pessoal. Se quiser fazer contato com a Resistência, ela pode deixar um bilhete no café das crianças, dobrado em um lenço de linho que fica preso debaixo de uma perna de mesa para impedi-la de balançar.

Claro que ela também pode montar uma armadilha para mim agora, já que terei que recolher o bilhete e ela prevê isso.

Sabe de uma coisa? Se ela quiser me delatar, não precisa nem de armadilha. Se ela for me denunciar, já estou morta.

Quando a alcancei nesta tarde, eu me ajoelhei rapidamente a seus pés, como se ela tivesse derrubado algo, quando na verdade era eu que estava colocando a coisa lá. Então, levantei e entreguei o tubinho brilhante. Sorri feito idiota e disse seis das duas dúzias de palavras que sei em alemão.

— *Verzeihung, aber Sie haben Ihren Lippenstift fallengelassen*, com licença, você derrubou seu batom.

O capitão já estava dentro do carro e Engel ainda não tinha aberto sua porta. Ele não podia nos ouvir. Eu não seria capaz de entender nada do que ela respondesse, então devia apenas sorrir docemente e, se ela não pegasse o batom, eu diria: — *Es tut mir leid, daß es doch nicht Ihr Lippenstift war*, sinto muito, não era seu batom, afinal.

Ela baixou o olhar para o tubo dourado, franzindo a testa, e então ergueu o olhar para meu sorriso meigo e tolo.

Ela perguntou com curiosidade e em inglês: — Você é Maddie Brodatt?

Foi bom que eu já estivesse sorrindo. Só deixei o sorriso ficar congelado no rosto. Parecia muito falso, como se eu estivesse com uma máscara, como se usasse o rosto de outra pessoa. Mas não parei de sorrir. Balancei a cabeça.

— Käthe Habicht — respondi.

Ela acenou com a cabeça uma vez, como uma reverência. Ela pegou o batom, abriu a porta do motorista da Mercedes e entrou.

— *Danke*, Käthe — ela disse antes de fechar a porta. Obrigada, Käthe. Totalmente casual. Informal e descarada, como se eu fosse uma menininha.

Quando ela se afastou lembrei que Käthe não deveria entender inglês.

Pilote o avião.

Eu queria poder, eu queria, EU QUERIA TER CONTROLE.

Ainda não estou morta, e tivemos a resposta de Engel. Eu mesma a recolhi, com bastante confiança em pedalar até a cidade, uma vez que Mitraillette sempre usa o mesmo posto de controle e eles já me conhecem e me deixam passar sem se preocupar em ver meus papéis. Engel nos deixou a echarpe de Julie. Não a reconheci de início. Estava debaixo da mesa do café e o rapaz que limpa o chão me entregou. — *C'est à vous?* É sua? — Eu não sabia o que era a princípio, um pedaço de pano cinza sem graça, mas quando o toquei percebi que era seda, então o peguei, caso fosse importante. Prendi ao redor do pescoço, sorrindo meu sorriso idiota: — *Merci*. Obrigada.

Fiquei sentada lá por mais dez minutos, meu estômago se revirando de medo e emoção, forçando-me a terminar uma caneca do pior café falso já feito para não parecer suspeita ao sair toda apressada.

Pedalei para casa como um demônio, arranquei a seda amassada do pescoço e a estiquei na minha cama no quarto de Etienne. Foi então que percebi que era a echarpe de seda parisiense de Julie...

Eu era bem pequena quando meu pai morreu, mas lembro como costumava abrir a gaveta onde ele guardava as gravatas, antes de vovó ter arrumado, e dar uma boa cheirada. E as gravatas ainda tinham o cheiro dele, como tabaco de cereja, colônia e um resquício de óleo de motor. Eu amava o perfume daquelas gravatas. Ele o trazia de volta.

A echarpe de Julie não cheira mais como ela. Enfiei o nariz nela. Cheira a sabão carbólico. Como uma escola. Ou uma prisão, acho. Há tinta espirrada em um dos cantos, e a seda está toda desgastada no meio, como se ela e Engel tivessem brincado de cabo de guerra com ela.

Aquele cheiro químico, doce e de alcatrão. Nada a ver com Julie. Lembrei que Penn contou que Engel é química.

Desci a escada correndo.

— *Tu cherches Gabrielle-Thérèse?* Quer falar com minha irmã? — La Cadette quis saber, erguendo o olhar dos livros escolares na mesa da cozinha.

— *Oui, tout de suite*, agora mesmo. Preciso de um ferro quente, oh, droga... —

Frustração, eu não fazia ideia como dizer isso. Fiz mímica. Essa garota é tão esperta que entendeu na hora, colocou o ferro de Maman no fogo da cozinha para aquecê-lo, apontou para a tábua de passar e correu para buscar a irmã.

Mitraillette, Amélie e eu ficamos como as bruxas de *Macbeth* sobre a tábua de passar, prendendo a respiração. Eu estava com tanto medo de estragar tudo, queimar a echarpe, mas não estraguei, e após cerca de um minuto a mensagem de Engel começou a aparecer em tinta marrom áspera no meio da estampa cinza, no canto oposto à mancha de tinta.

Você não precisa ser treinado pela executiva de Operações Especiais para saber como usar tinta invisível. Nem precisa ser químico. Beryl e eu aprendemos como fazer isso com as bandeirantes. Costumávamos escrever mensagens secretas com leite. É fácil.

Não sei o que Engel usou, mas ela escreveu em francês, então não lembro suas palavras exatas. Ela nos alertou ou nos traiu. Não saberemos até mais tarde. Mitraillette foi chamar Paul. Eles usam seu mensageiro como intermediário — não sabemos ao certo onde ele fica.

Nesta noite haverá dezenove prisioneiros de Poitiers sendo transportados para um campo de concentração em algum lugar no nordeste da França. O ônibus vai passar por Ormaie e pegar mais cinco pessoas aqui. Julie estará entre elas.

Se eu fizer parecer um relatório de acidente...

Não acho que poderia fazer parecer um relatório de acidente, mas tenho que escrever algo, preciso lembrar, talvez haja um julgamento. Não dou a mínima se houver. Quero tudo direito enquanto ainda lembro.

Mitraillette tentou me medicar com gotas para dormir alguns minutos atrás, trinta minutos até o esquecimento. Mas, desta vez, percebi o jogo dela e quero escrever. Talvez eu tome o remédio depois.

Acho que sim. Quando terminar, não vou querer pensar mais.

RELATÓRIO DE ACIDENTE

Tentativa de sabotagem da ponte do rio Poitou na estrada Tours-Poitiers, com intenção de deter ônibus militar alemão carregando 24 franceses e prisioneiros aliados (quarta, 1 de dezembro de 1943)

Bem, nós os detemos.

Fizemos um grande buraco na ponte, o que os impedirá de deportar qualquer um através da estação ferroviária de Tours por um tempo

ODEIO ELES

ODEIO ELES

Devo me lembrar de Paul — Paul, que também odeio.

Ele foi maravilhoso. Tenho que admitir. Planejou tudo na hora, criou enquanto avançávamos. A carnificina não foi culpa dele. Reuniu um exército de doze homens e duas mulheres em cerca de uma hora. Deixamos todas as bicicletas e carros escondidos, o mesmo Citroën Rosalie — não sei como o dono dele evita ser descoberto ou pelo menos ter o carro apreendido, e acho que ele está velho demais para esse tipo de trabalho de qualquer maneira. Escondemos o carro em uma garagem, acredite se quiser, pertencente a uma velhinha adorável e heroica que vive sozinha em uma vila à beira do rio Poitou, no lado de Tours. Ela é a jardineira de rosas que inspirou o nome do circuito. Deixamos o veículo estacionado atrás do carro dela, que convenientemente é um modelo mais novo e maior do

Rosalie, portanto parecia que o nosso era seu carro anterior, e também o ocultamos sob um pano. As bicicletas ficaram nos estábulos abandonados, embaixo de feno de vinte anos.

Então pegamos emprestados os barcos dela. Um belo barco a remo de teca do século 19 e duas canoas canadenses de castanheiro. Bom demais para nós. A ponte fica acima da casa. Eles obstruíram o tráfego aqui antes, algum tempo atrás, e a velhinha ficou sob estrita vigilância por um período. Espero que ela não tenha muitos problemas agora, embora ela pareça ter se safado desta vez. Fomos cuidadosos.

Apesar de ser descrente em Deus, eu rezo para que ela tenha escapado. Parecem ondulações na água, não é? Elas não param em um só lugar.

De qualquer maneira, carregamos nossos fogos de artifício no barco. Não acho que posso dar detalhes sobre os explosivos, eu não era a responsável, não prestei atenção, e remamos até a ponte no escuro. Levou cerca de uma hora com remos abafados. Você lê sobre isso em histórias de pirata — tenho certeza de que há um trecho em *Peter Pan* em que eles usam remos abafados. Talvez seja em *Swallows and Amazons*. O verão inglês e as férias escolares parecem muito distantes agora. Era difícil ver; o rio estava coberto de neblina, mas conseguimos. Prendemos os explosivos na ponte e esperamos.

O que deu errado?

Não sei, sinceramente não sei. Não era uma armadilha. Não estávamos em número menor, não no começo. Suponho apenas que estávamos apostando mais alto que os alemães. Não deveríamos ter adivinhado que eles seriam mais cruéis que nós? Como poderíamos imaginar? Nós já éramos bem cruéis.

O que deu errado: talvez estivesse muito escuro, à noite, com névoa. A neblina era boa e ruim, porque nos escondia, mas era muito difícil enxergar. Deveria haver uma lua crescente, que ajudaria um pouco, mas o céu estava coberto, e ficamos às cegas até o ônibus da prisão aparecer com seus faróis brilhando.

Essa parte deu certo. Em um minuto, o desarmamos todo. Estávamos muito bem camuflados no mato da margem do rio, que era um emaranhado de salgueiro, amieiro e choupo cheio de visgo. Muitas ervas altas e murchas nos escondiam, além da névoa. Nossa pequena explosão não feriu ninguém, exceto a ponte e o ônibus. A grade do radiador foi destruída, mas não houve danos nos faróis e a bateria deve ter ficado bem, porque havia luz suficiente para Paul e o dono do Rosalie conseguirem, de alguma maneira, acertar balas em três dos pneus.

O motorista saiu. Depois, um guarda. Portavam lanternas elétricas e os dois homens andavam ao lado do ônibus inspecionando os danos e xingando.

Paul os atingiu como patos em um parque de diversões com sua submetralhadora Sten. Enquanto isso acontecia, eu me enrolei inutilmente em uma bola com os braços sobre a cabeça e os dentes cerrados, portanto perdi um pouco da ação. Nasci para ser soldado uma ova. Um ataque é bem parecido com uma batalha. É guerra. É guerra em miniatura, mas ainda é GUERRA.

Dois outros guardas saíram do ônibus e dispararam tiros aleatórios em nossos arbustos na escuridão. Mitraillette teve que sentar em cima de mim para me impedir de revelar nosso esconderijo, de tão perturbada que eu estava. Finalmente, Paul me deu uma pancada na cabeça.

— Controle-se, Kittyhawk — ele sibilou. — Precisamos de você. Você é uma atiradora, mas ninguém espera que mate alguém. Concentre-se nas ferramentas, certo? Logo eles vão começar a consertar as coisas. Tente desativar o equipamento.

Engoli em seco e assenti com a cabeça. Não sei se ele me viu concordar, mas ele voltou para sua posição atrás do salgueiro e da cicuta levemente farfalhantes ao lado do motorista do Rosalie, e eles atingiram outro homem.

O guarda sobrevivente saltou de volta no ônibus. Houve um silêncio sinistro, nada aconteceu por um ou dois minutos. Então os quatro soldados remanescentes conduziram cada prisioneiro para fora do ônibus e os fizeram deitar lado a lado de cara para baixo no meio da rua. Tudo foi feito à luz indireta das lanternas e não ousamos atirar em ninguém, por medo de atingir um dos nossos.

Não consegui ver nenhum rosto individual, não podia dizer nada sobre os presos, nem a idade ou o sexo ou como se vestiam, mas dava para ver pelo modo como se movimentavam que alguns estavam com medo e outros eram mais audazes, e havia ainda os que estavam acorrentados pelos pés. Esses tiveram dificuldades em descer para o chão, derrubando uns aos outros quando saíram do ônibus. Quando todos estavam alinhados com o rosto na lama como sardinhas, um dos guardas atirou em seis deles na cabeça.

Foi TÃO RÁPIDO.

Esse homem terrível gritou para nós em francês. Mitraillette sussurrou todas as palavras inglesas que lhe ocorreram no meu ouvido:

— Vingança, dois por um, seus próprios mortos. Se matarmos...

— Eu sei, eu sei — sussurrei de volta. — *Je sais*. — Para cada um deles que matarmos, eles atirariam em dois dos nossos. Reféns descartáveis.

Três guardas mantiveram as armas nos prisioneiros enquanto o quarto recuou a pé pela estrada, para procurar um telefone, eu acho.

Então esperamos. Um impasse. Estava um frio de amargar.

Paul e outros homens fizeram uma breve reunião sussurrada e decidiram avançar sob a ponte e tentar atacar os guardas por trás. Só restavam três guardas, mais aquele que foi buscar ajuda. Parecia impossível não conseguirmos sair por cima.

Mas eles tinham dezoito reféns deitados indefesos e acorrentados pelos pés.

E um dos reféns era Julie.

Ou talvez, eu me preocupei, talvez ela já tivesse sido atingida. Era impossível dizer. Mas os guardas montaram um holofote portátil ligado à bateria do ônibus e os prisioneiros foram iluminados. Dava para ver agora que apenas alguns dos prisioneiros eram mulheres e que todos pareciam famintos. E entre eles, bem no meio, estava quem eu procurava — um montinho de cabelos loiros e um pulôver cor de fogo. Os braços estavam bem amarrados atrás das costas, com o que parecia arame, portanto ela realmente estava com a cara no chão mais que os outros, que se apoiavam nos antebraços. Mas ela não estava no fim da fileira, ela não era um dos seis que foram mortos. Ela respirava em silêncio, esperando. Tremendo de frio como o resto de nós.

Esperamos, eu acho, por uma hora.

Os guardas faziam o possível para serem alvos difíceis. Eles ficavam se movimentando e lampejando suas lanternas elétricas em nossa direção, ou onde achavam que estávamos, nos cegando de vez em quando. Descobri mais tarde que mordi as unhas dos polegares até a base sangrenta enquanto esperava o ataque pelas costas planejado por Paul. Ele nunca aconteceu. Os três soldados alemães se organizaram para ter sempre um deles voltado em direções diferentes, e assim, um sempre mantinha a arma com a mira nos prisioneiros. Não tínhamos como chegar até eles. Uma das mulheres deitada na estrada começou a chorar — acho que só por estar com muito frio — e quando o homem ao lado tentou colocar o braço ao redor dela, um guarda o atingiu na mão.

Foi então que percebi que não íamos vencer essa batalha, que não podíamos vencer.

Acho que Mitraillette também entendeu. Ela apertou levemente meu ombro. Também chorava, mas em silêncio.

O quarto guarda retornou e começou a conversar casualmente com seus companheiros. Aguardamos. Não estava mais silencioso, porque além dos guardas conversando e da mulher chorando, o homem com a mão ferida gemia e ofegava. Mas não havia outros barulhos, apenas os leves sons da noite à beira do rio, vento nos galhos nus, o fluxo da água abaixo da ponte de pedra danificada.

Então Julie ergueu a cabeça e disse algo aos soldados que os fez rir. Acho... eu juro, não

conseguimos ouvir, mas ela estava flertando com eles. Ou algo parecido. Um deles se aproximou e a cutucou com a ponta do rifle, como se estivesse testando um pedaço de carne. Então ele se agachou perto do rosto dela e a segurou pelo queixo. Ele lhe perguntou algo.

Ela o mordeu.

Ele empurrou o rosto dela na estrada, com força, e se levantou, mas quando apontou o rifle para ela, um dos outros guardas riu e o deteve.

— Ele disse para não a matar — sussurrou Mitraillette. — Se eles a matarem aqui não haverá... diversão.

— Ela está louca? — Sibilei. — Por que diabos ela o mordeu? Ela vai ser fuzilada!

— *Exactement* — Mitraillette concordou. — *C'est rapide*, rápido. Sem divertimento nazista.

Os reforços chegaram. Dois caminhões militares com laterais de lona, com meia dúzia de guardas armados em cada. Mesmo então ainda não estávamos seriamente em desvantagem. Eles começaram a descarregar sacos de areia e tábuas e conseguiram alavancar o ônibus para fora do buraco em que havia caído, invertê-lo e colocar tábuas sobre os danos para poderem tentar atravessar com os caminhões.

Mas quando estavam prestes a carregar os caminhões, eles tiveram resistência. Não apenas de nós. Alguns dos prisioneiros voltaram à vida, alguns dos homens que não estavam acorrentados simplesmente fugiram, mergulhando na vala do lado oposto da estrada e, por sorte, correram direto para Paul e seus homens, que os passaram por baixo da ponte e de volta aos barcos pelo caminho do rio. Mais tiros quando alguns soldados foram atrás deles e os homens de Paul derrubaram os soldados. Mire no equipamento, Paul tinha ordenado, e por um minuto o tiroteio foi tão feroz que eu sabia que dois tiros de meu pequeno revólver passariam despercebidos. Coloquei as correntes no alvo. O Toque Duplo, dois tiros rápidos. As correntes em que atirei explodiram como balões de festa, mal pude acreditar na minha sorte. E os dois homens que consegui libertar também fugiram.

Quando outro prisioneiro tentou correr, os soldados o derrubaram como se faz com ladrões de banco em um filme americano de gângster.

Quando o primeiro homem tinha escapado, o guarda que Julie atacara a prendeu com o calcanhar enfiado em sua nuca. Ele não daria nenhuma chance a ela. Ela resistiu e recebeu um chute do que disse para não a matarem. Então agora, com alguns dos reféns mortos, alguns levados para os caminhões e outros foragidos, havia apenas sete pessoas vivas ainda no chão. Entre elas estava Julie, com a bota do guarda contra seu pescoço, e duas outras mulheres. Dois dos homens restantes permaneciam acorrentados pelo tornozelo. E agora o

cabo, ou sei lá o que alemão, o homem responsável que chegou com os reforços, decidiu ensinar a todos uma lição completa, a nós, por tentarmos libertar seus prisioneiros e aos próprios presos, por quererem ser resgatados...

Ele intimidou os homens, principalmente os dois não acorrentados, e os colocou de pé. E vendo que Julie estava recebendo tratamento especial do guarda que a mantinha no chão, ele também a ergueu e a empurrou para ficar ao lado dos dois prisioneiros, um deles um trabalhador robusto e o outro um rapaz bonito que devia ter aproximadamente a minha idade, ambos maltrapilhos e exaustos.

Julie também estava mal-arrumada. Ainda vestia exatamente as mesmas roupas de quando pulou de paraquedas para a França, saia de flanela cinza de lã e pulôver chique parisiense cor escarlate-laranja queimado de lanternas chinesas, agora com buracos nos cotovelos. Seus cabelos refletiam um dourado metálico sob a luz artificial, caindo soltos e selvagens pelas costas. O rosto era pele e osso. Como se tivesse envelhecido cinquenta anos em oito semanas — magro, macilento, frágil. A imagem cuspida e escarrada de Jamie quando o conheci no hospital, mas mais magra. Ela parecia uma criança, uma cabeça menor que o mais baixo dos homens a seu redor. Qualquer um dos soldados poderia erguê-la e arremessá-la no ar.

Três prisioneiros em fila. O soldado no comando deu uma ordem e o guarda que antes segurava Julie mirou no mais novo dos homens e, com uma bala, o mutilou entre as pernas.

O rapaz gritou e caiu, e eles atiraram novamente, primeiro em um cotovelo e em seguida no outro, e o colocaram em pé de novo, ainda gritando, e o fizeram andar até o caminhão e subir. Então se voltaram para o próximo homem e também dispararam em sua virilha.

Mitraillette e eu nos ajoelhamos resfolegando de horror, lado a lado, escondidas pelo mato e pela escuridão. Julie estava encolhida, pálida como papel sob a luz implacável do holofote, olhando diretamente à frente para o nada. Ela era a próxima. Ela sabia. Todos sabíamos. Mas eles ainda não tinham terminado com a segunda vítima.

Quando o atingiram em um cotovelo e depois rapidamente no mesmo lugar para destruí-lo, meu controle “não muito” confiável se foi e eu caí em pranto. Não pude evitar, algo se partiu, como quando fomos ajudar o artilheiro em Maidsend e encontramos os garotos mortos. Explodi em soluços altos, ofegantes, chorando como um bebê.

O rosto dela — o rosto de Julie — iluminou-se de repente como o sol nascendo. Alegria, alívio e esperança surgiram lá de uma vez, e ela se tornou adorável de novo, ela mesma, bela. Ela me ouviu. Reconheceu meu choro de “medo de tiros”. Ela não ousava gritar para mim, não iria me revelar, a fugitiva mais desesperada de Ormaie.

Eles atiraram novamente no segundo homem, destruindo seu braço, e ele caiu desmaiado. Tiveram que arrastá-lo até o caminhão.

Julie era a próxima.

De repente, ela riu de modo selvagem e deu um grito trêmulo, com a voz aguda e desesperada.

— BEIJE-ME, HARDY! Beije-me, RÁPIDO!

Desviou o rosto de mim para tornar as coisas mais fáceis.

E eu atirei nela.

Vi seu corpo estremecer, os golpes empurraram sua cabeça de lado como se ela tivesse levado um soco na cara. Então ela se foi.

Ela se foi. Uma hora voando na luz solar esverdeada e então o céu ficou repentinamente cinza e escuro. Apagou como uma vela. Aqui, e então se foi.

Vou apenas continuar escrevendo, certo? Porque aquilo não foi o fim. Não foi nem mesmo uma pausa.

O soldado puxou outra mulher do chão para substituir Julie. Essa garota condenada gritou para nós em francês:

— *ALLEZ! ALLEZ! Résistance idiots sales, vous nous MASSACREZ TOUS! VÃO! VÃO!* Idiotas imundos da resistência, vocês estão MATANDO TODOS NÓS!

Eu compreendia o que ela dizia mesmo com meu francês escolar ruim. E ela estava certa.

Corremos. Eles dispararam nas nossas costas e vieram atrás de nós. Paul e seus homens dispararam nas costas DELES, pulando sobre o muro da ponte, e eles se voltaram para enfrentar esse ataque por trás. Carnificina. CARNIFICINA. Metade de nós, Paul entre eles, foi destroçado na ponte. O resto conseguiu voltar aos barcos e desceu o rio com os cinco fugitivos que conseguimos salvar.

Quando estávamos longe da margem e alguém remava e não havia mais nada para eu fazer, inclinei minha cabeça sobre os joelhos, com o coração despedaçado. Ainda está despedaçado. Acho que ficará despedaçado para sempre.

Mitraillette soltou delicadamente meus dedos da Colt .32 e me fez colocá-la de lado. Ela sussurrou:

— *C'était la Vérité?* Aquela era Verity?

Ou talvez ela quisesse dizer: — Aquilo era a verdade? Era verdade? Aquilo realmente aconteceu? As últimas três horas foram reais?

— Sim — sussurrei de volta. — *Oui. C'était la vérité.*

Não sei como consegui continuar. Você simplesmente segue. Você precisa, então você vai.

A ideia original, quando esperávamos ter vinte e quatro pessoas a mais para movimentar e esconder, era transportá-los para a margem oposta onde eles se separariam em grupos menores de dois ou três. Então dividiríamos nossa própria equipe para guiá-los pelo mato até vários galpões e estábulos de vacas para passar a noite, antes da tarefa mais complexa de contrabandeá-los a salvo para fora da França através dos Pireneus ou do Canal da Mancha. Mas agora tínhamos apenas cinco prisioneiros para esconder e só havia restado sete de nós, então havia espaço para todos em uma viagem única até a vila na margem do rio. Mitraillette

decidiu nos manter todos juntos. Acho que nunca notei, tão absorta em meus próprios medos e preocupações, mas ela era a segunda no comando de Paul.

Não sei se conseguiríamos sem ela. Estávamos todos tão atordoados. Mas ela nos conduziu como um demônio. — *Vite! Vite! Rápido!* — Ordens sussurradas com decisão e em voz baixa, barcos colocados de volta nos suportes, remos largados, tudo cuidadosamente seco com os lençóis para cobrir, que depois escondemos embaixo de tábuas do piso. Você pode trabalhar atordoado. Se alguém lhe der um trabalho que não exige pensar, você pode executá-lo automaticamente, mesmo com o coração despedaçado. Mitraillette pensou em tudo. Talvez já tenha feito isso antes? Esfregamos os remos e cascos levemente com punhados de palha velha dos estábulos, deixando uma fina camada de pó sobre tudo. Os cinco homens do ônibus prisional trabalhavam em silêncio e de boa vontade ao nosso lado, ansiosos para ajudar. A casa de barcos estava perfeita quando saímos, parecia não ser usada há anos.

Em seguida a equipe de busca nazista chegou e passamos uma hora deitados na lama na margem do rio, escondidos nos juncos como Moisés, esperando eles partirem. Eu podia ouvir a conversa deles com o zelador. Ele voltou depois para trancar a casa de barcos e nos deu um sinal de que o caminho estava livre. Agora havia soldados nazistas postados na entrada da frente, portanto não buscaríamos o Rosalie em breve. Mas o zelador achava que era seguro algumas bicicletas saírem pela trilha do rio, na margem oposta. A benzedrina foi passada por todos. Tiramos uma das canoas mais uma vez e transportamos duas das bicicletas, dois de nós, e dois dos prisioneiros fugitivos pelo rio e os acompanhamos pela névoa.

A essa altura, um dos rapazes sobreviventes do ônibus não aguentou mais e ficou paralisado, trêmulo. Mitraillette hesitou.

— *Nous sommes faits* — ela disse. — Já tivemos o suficiente.

Deitamos nos estábulos com as bicicletas. Não era o lugar mais seguro do mundo.

Imagino qual seria agora o lugar mais seguro do mundo. Mesmo os países neutros, Suécia e Suíça, estão cercados. A Irlanda, parada, continua dividida. Eles têm que marcar a parte neutra com a palavra IRLANDA escrita em grandes letras vermelhas de pedras caiadas, na esperança de que os alemães não joguem bombas lá, pensando que é o lado britânico da fronteira norte. Eu vi do ar. Talvez a América do Sul.

Ainda estávamos bem despertos quando a luz surgiu. Eu estava sentada com os braços em volta dos joelhos, lado a lado com um dos homens que escapou quando atirei em suas correntes. Os que estavam acorrentados tinham que ficar conosco, porque tinham que se

livrar dos grilhões nos tornozelos antes de ir para qualquer lugar.

— Como eles pegaram você? O que você fez? — Disse, esquecendo-me que ele era francês. No entanto, ele respondeu em inglês.

— Exatamente o que você fez — ele disse com amargura. — Explodi uma ponte e falhei em deter o exército alemão.

— Por que eles simplesmente não atiraram em você?

Ele sorriu. Todos os dentes superiores haviam sido quebrados com selvageria.

— O que você acha, *gosse anglaise*, jovem inglesa? Eles não podem interrogar você se o matarem.

— Por que só alguns de vocês estavam acorrentados?

— Só fazem isso com os considerados perigosos. — Ele ainda sorria. Acho que tinha motivos para estar otimista, ele recebeu uma segunda chance para a vida, para a esperança. Uma chance pequena, mas melhor do que a que tinha doze horas atrás. — Eles o acorrentam se acham que você é perigoso. A garota com os braços amarrados para trás, você viu? Ela não era perigosa, ela era uma *collaboratrice*, uma colaboradora. — Ele cuspiu na palha em desintegração.

Meu coração em pedaços se congelou. Eu sentia como se tivesse engolido cacos de gelo.

— Pare — eu disse. — *Tais-toi*. CALE-SE.

Ele não me ouviu, ou não me levou a sério, e continuou implacavelmente: — Melhor morta, aquela lá. Você a viu, mesmo deitada na estrada ontem à noite, flertando com os guardas em alemão? Como os braços dela estavam amarrados, alguém teria que ajudá-la, no caminho até onde estavam nos levando, a se alimentar. Ela teria que oferecer favores aos guardas para convencê-los a fazer isso. Nenhum de nós ajudaria.

Eu também sou perigosa, às vezes.

Naquela manhã eu era uma mina antipessoal, uma bomba borboleta, inteira e tiquetaqueando, e esse homem tocou o fuso.

Não me lembro exatamente o que aconteceu. De tê-lo atacado. Mas a pele dos nós dos meus dedos está rasgada no lugar onde meu pulso foi de encontro aos dentes quebrados dele. Mitraillette diz que eles acharam que eu ia tentar arrancar os olhos daquele homem com os dedos.

Eu me lembro de três pessoas me segurando e de gritar para ele: — Você não a ajudaria a COMER E BEBER? ELA FARIA ISSO POR VOCÊ!

Então, em pânico, porque eu estava fazendo muito barulho, eles sentaram em cima de mim novamente. Mas assim que me soltaram, joguei-me em cima dele de novo.

— EU O LIBERTEI! Você ainda estaria ACORRENTADO e preso em um vagão de carga fedido COMO UMA VACA se não fosse por mim! Você não ajudaria outro prisioneiro a COMER E BEBER?

— Käthe, Käthe! — Mitraillette, chorando, tentou segurar meu rosto nas mãos para me consolar e me calar. — Käthe, *arrête*, pare, pare! *Tu dois*, você precisa! Espere, *attends*...

Ela ergueu uma caneca de estanho de café frio misturado com conhaque na minha boca e me ajudou. Me ajudou a beber.

Aquela foi a primeira vez que ela me nocauteou. Leva trinta minutos para a droga funcionar. Acho que tive sorte de eles não me baterem na cabeça com uma bicicleta para acelerar as coisas.

Quando acordei, eles me fizeram ir com o motorista até a vila. Eu me sentia doente, estúpida, levemente enjoada e absolutamente faminta, e acho que provavelmente não me importaria se a velhinha que vivia lá tivesse me entregado à polícia. NÃO É ISSO QUE ACONTECE QUANDO VOCÊ MATA SUA MELHOR AMIGA?

Mas não, o motorista me levou a uma sala com painéis de carvalho escuros e elegantes, e a mulher veio ao meu encontro, uma dessas pessoas belas, como porcelana do século passado, com cabelos brancos como a neve, presos exatamente no mesmo tipo de coque de Julie, percebi isso. Ela segurou minha mão sem dizer nada e me conduziu para o segundo andar em um banheiro do tamanho de um salão de baile, onde havia uma banheira com água fervendo pronta e à espera. Ela me empurrou para o banheiro e me deixou lá para eu me virar.

Pensei em colocar o canivete de Etienne em ação cortando os pulsos, mas parecia meio injusto com a frágil e heroica dona da casa e, além disso, ALÉM DISSO EU QUERIA VINGANÇA, DROGA.

Então tomei banho. Que, confesso, foi divino. Sequei-me em uma toalha enorme e fofinha, obviamente deixada para mim, sentindo-me pecadora. E um pouco fora da realidade.

A mulher velha, devo dizer idosa, não velha. Ela é uma pessoa refinada e me encontrou na porta quando saí. Eu estava limpa por baixo, mas minha calça de montanhismo estava coberta de lama e meu cabelo molhado se arrepiava nas pontas. Sentia-me maltrapilha como um moleque de rua. Ela não pareceu se importar, mais uma vez me pegou pela mão, e me levou a uma pequena sala onde havia um fogo aceso e uma chaleira no fogão. Ela me fez sentar na seda desgastada de seu sofá do século 18, enquanto me preparava uma ceia leve, com pão, mel e café, pequenas maçãs amarelas e um ovo cozido.

A bandeja foi posta em uma mesinha de canto com tampo de mármore e ela quebrou o topo do ovo para mim com uma bela colher de prata, como se eu fosse bebê e precisasse ser alimentada. Então ela mergulhou a colher no ovo e a gema saiu dourada como o sol se revelando atrás de uma aglomeração de nuvens. Aquilo me fez pensar instantaneamente no jantar com os irregulares do castelo Craig na primeira vez em que estive lá. Então, percebi que Julie e eu nunca estivemos lá ao mesmo tempo e agora nunca estaríamos, e eu me inclinei e comecei a chorar.

A velha, que não sabia quem eu era, e cuja vida estava em risco só por me receber em sua casa, sentou ao meu lado no sofá antigo e acariciou meu cabelo com mãos magras e enrugadas, e eu soluzei desesperadamente em seus braços por quase uma hora.

Após um tempo ela se levantou e disse:

— Vou fazer outro ovo para você, só três minutos, como os ingleses gostam. Esse aí está frio agora.

Ela preparou outro e me fez comer enquanto ela comia o ovo frio.

Quando saí para voltar aos estábulos, ela me beijou nas duas bochechas e disse:

— Compartilhamos um fardo terrível, *chérie*. Somos parecidas.

Não sei direito o que ela quis dizer.

Beijei suas bochechas também e disse:

— *Merci, Madame. Merci mille fois.*

Mil agradecimentos não bastam, mas eu não tinha nada mais para oferecer.

Seus jardins são cheios de rosas, alastrando-se, velhos arbustos emaranhados, alguns deles rosas-damascenas de floração outonal com as últimas flores ainda balançando e caindo na chuva. A velhinha é quem dá o nome ao circuito. Mitraillette diz que antes da guerra a mulher era uma horticultrista bem famosa. O motorista/zelador na verdade é um jardineiro habilidoso e ela mesma cultivou e nomeou algumas das rosas. Não notei as flores quando chegamos ontem à noite, ou mesmo andando até a vila à luz do dia em estupor, mas reparei nelas na volta até os estábulos, após o banho. Elas estão encharcadas e morrendo na chuva de dezembro, mas os arbustos robustos ainda estão vivos e ficarão lindos em algum momento da primavera se o exército alemão não os cortar como fez com os da praça de Ormaie. Por nenhum motivo em especial eles me fizeram pensar em Paris, e desde então estou com aquela música presa na cabeça mais uma vez.

Ninguém mais ganhou um banho ou um ovo cozido mole e quente, embora ovos cozidos duros e frios tenham sido distribuídos. Acho que fui mandada à casa como uma distração

enquanto eles se livravam do rapaz que tentei matar naquela manhã e do outro homem acorrentado. De qualquer maneira, nunca mais os vi. Não sei como tiraram os grilhões de ferro da perna, para onde foram ou se estão seguros. Espero que sim. Realmente espero.

Todos os outros saíram em etapas nos dois dias seguintes. Mitraillette diz que na verdade é mais seguro viajar de dia que de noite se você é um fugitivo, pois é de dia que as pessoas circulam e não há toque de recolher. Acho que eu não tinha pensado nisso, já que estou sempre tentando subir em um avião que chega depois da meia-noite em um campo de pouso distante.

Ela, eu e o dono do Rosalie fomos levados para casa pelo motorista da dama das rosas no carro dela. Achamos melhor deixar o velho Rosalie ali por mais tempo, caso os nazistas voltassem para verificar a garagem. A ponte ainda não havia sido consertada, e exceto pelos soldados alemães que matamos, cada um dos corpos ainda está deitado lá na chuva, com guardas em vigilância para impedir que tentem enterrá-los. Quinze pessoas deitadas lá. Eu não vi. Não podíamos passar de carro com a ponte quebrada. Eles terão que liberar a estrada quando consertarem a ponte, mas tenho um sentimento horrível e certo que simplesmente vão empilhar todos ao lado da estrada como um lembrete para não tentarmos de novo. Julie, oh, querida Julie,

JULIE

Agora vou beber essa coisa e tentar dormir de novo, mas devo registrar que tenho um projeto no qual me ocupar quando acordar. Enquanto eu e Mitraillette estávamos fora, uma amiga de Maman Thibaut que trabalha como lavadeira entregou uma sacola de camisetas limpas feitas na Alemanha endereçadas a Käthe Habicht, e escondida embaixo delas havia uma enorme pilha de papel que ainda preciso ler. Não sei o que é, não tive coragem de ver, mas deve ser de Engel novamente. Amélie espiou e descobriu que as páginas estão numeradas, então ela as ordenou para mim, mas estão em inglês e ela não conseguiu ler. Ainda estão escondidas na sacola de roupas, embaixo da minha nova coleção de peças íntimas doadas anonimamente. Não tenho a mínima vontade de ler nada que Engel me mandou esta noite, mas amanhã é domingo e vamos ter *croissants* com café e acho que ainda vai estar chovendo.

Não é a letra de Engel.

É de Julie.

Ainda não terminei de ler. Mal comecei. Tem centenas de páginas, metade em pedacinhos de cartão. Maman Thibaut fica me fazendo mais café e as meninas estão de vigilância na estrada e na rua de trás. Não consigo parar. Não sei se há alguma urgência ou não, Engel talvez precise dos papéis de volta, porque há um número de aparência oficial marcado no final com tinta vermelha, e uma ordem de execução horrível em papel da Gestapo anexado pelo terrível Nikolaus Ferber. Não é uma ordem, quero dizer, apenas uma recomendação, segundo a tradução de Engel. Mas acho que ela estava a caminho de ser obedecida quando detivemos o ônibus.

Posso dizer quando Julie estava chorando. Não só porque ela conta, mas porque a escrita fica toda manchada e o papel enruga. Suas lágrimas, secas nessas páginas, estão misturadas com as minhas, tornando-as úmidas novamente. Chorei tanto por causa disso que estou começando a me sentir idiota. Eles mostraram mesmo aquelas fotos malditas a ela. E ela lhes deu mesmo aqueles códigos — onze conjuntos de poemas, senhas e frequências codificados. Onze conjuntos de códigos, falsos, UM PARA CADA UM DE NOSSOS RÁDIOS FALSOS, um para cada um dos onze rádios que plantamos no Lysander destruído. Aquelas fotos foram uma bênção. Ela poderia ter dito tanta coisa, ela sabia TANTO, e tudo o que lhes deu foi um monte de códigos falsos.

Ela nem sequer contou meu codinome, embora eles devam ter perguntado. Ela nunca contou o nome de Käthe Habicht, que poderia ter me entregado. Ela nunca contou NADA.

Nomes nomes nomes. Como ela consegue? Cattercup — Stratfield — SWINLEY??? Newbery College? Como ela consegue? Ela faz parecer que é tão duro para ela passar a informação, e é tudo pura invenção de sua cabeça. Ela nunca contou NADA. Acho que ela não deu o nome correto de nenhum aeródromo em toda Grã-Bretanha, exceto Maidsend e Buscot, que, claro, eram seus postos. Eles poderiam ter verificado essa informação facilmente. É tudo tão próximo da verdade e tão descarado, sua identificação do avião é bem boa, considerando o estardalhaço que ela faz sobre isso. Isso me faz lembrar do primeiro dia em que a encontrei, dando essas direções em alemão. Tão tranquila e resoluta, com tanta autoridade, de repente ela realmente era uma radiotelegrafista, uma operadora de rádio alemã, ela era tão boa em fingir. Quando eu pedi para ela ser Jamie, como ela se transformou de repente em Jamie!

Sua confissão está cheia de erros. Fiz meu treinamento da Guarda Aérea Civil em Barton, não Oakway, e a linha de pista na assim chamada Oakway é elétrica e não a gás. Não voei para o castelo Craig na primeira vez em um Spitfire, claro que era um BEAUFORT e ela sabia disso muito bem! Embora eu tenha feito traslados de Spitfires para Deeside. Acho que ela realmente não queria chamar atenção para nenhum nome verdadeiro. Ela chamou o líder do esquadrão de Maidsend da RAF de Creighton e ela sabia perfeitamente que o nome correto é Leland North. Creighton é o coronel em Kim. Eu sei, porque Julie me fez ler — parte dele, tenho certeza, como um alerta de como nós duas estávamos sendo preparadas para a máquina de guerra por aquele maldito oficial da inteligência maquiavélico, cujo nome ela também conhecia muito bem.

Não me lembro nada da história da irmã de sua avó atirando no marido. Claro que Julie teria que falsificar muito de nossas conversas para manter tudo fluindo, nenhuma delas está exatamente como me recordo. No geral, está tudo lá e eu reconheço, só acho que ela nunca me contou aquela história. Não tenho nenhuma lembrança dela.

É estranho e insuportável. É como se ela estivesse tentando me dizer o que queria que eu fizesse. Mas não tinha como ela saber o que ia acontecer, ou nem mesmo que eu ia ler essas anotações. Ela achava que eu estava morta. Então isso não devia ser direcionado para mim, mas então, por que contar?

O que é estranho nisso tudo é que, embora esteja cheio de bobagens, no geral é verdade,

Julie contou nossa história, minha e dela, nossa amizade, com tanta sinceridade. Somos nós. Tivemos até o mesmo sonho ao mesmo tempo. Como pudemos ter o mesmo sonho ao mesmo tempo? Como algo tão maravilhoso e misterioso pode ser verdade? Mas é.

E isso, ainda mais maravilhoso e misterioso, também é verdade: quando leio isso, o que Julie escreveu, ela volta à vida instantaneamente, inteira e intacta. Com suas palavras em minha mente, ela é tão real quanto eu. Gloriosamente travessa, incrivelmente charmosa, cheia de bobagens livrescas e linguagem chula, corajosa e generosa. Ela está bem aqui. Com medo e exausta, sozinha, mas lutando. Voando sob o luar prateado em um avião que não pode ser aterrissado, preso na subida — viva, viva, VIVA.

C d B= Château de Bordeaux

H d V= Hôtel de Ville (prefeitura)

O.HdV.A. 1872 C. Nº 4 CdB

O= Ormaie? ... talvez

A/Anais, Arquivos?

C/Caixa

1872, pode ser o ano, ou arquivos 1872, caixa nº 4

ENTENDI

ARQUIVOS DA PREFEITURA DE ORMAIE DE 1872, CAIXA Nº 4, CHÂTEAU DE BORDEAUX

Nós os pegamos. NÓS OS PEGAMOS.

Nossas celas são apenas quartos de hotel, mas somos presos como a realeza. Além disso, há cães.

Na maioria estas adegas estão vazias por não serem seguras.

Há muitos elevadores de serviço, aparadores para levar bandejas para cima, além de um grande para carregar engradados e coisas da rua principal.

Tem mais — eu sei que tem mais — Engel sublinhou todas as instruções de vermelho — e vermelho é a cor dela, Julie disse. As páginas estão numeradas e datadas em vermelho também. Julie mencionou que Engel teve que numerar as páginas. Elas criaram isso entre elas, Julie Beaufort-Stuart e Anna Engel, e o deram para eu usá-lo. O código não está em ordem, mas não precisa. Não é de admirar que ela estivesse tão determinada a terminar...

Argh, tem TANTO PAPEL AQUI.

Aqui está...

Houve um ataque aéreo e todos se enfileiraram nos abrigos, como sempre... por duas horas.

C d B = Château de Bordeaux.

Minha janela foi pregada, como a de todos os prisioneiros.

~~A~~ Gestapo usa o térreo e dois mezaninos como alojamento e escritórios.

~~H~~ d V destacado em vermelho = Hôtel de Ville.

~~A~~través das celas para um pequeno pátio de pedra (onde há) um portão para a rua abaixo.

Podemos entrar pelos porões, na frente e atrás. Há uma entrada na ruela abaixo nos fundos e um elevador de carga na rua da frente. Os porões não são seguros e eles usam os quartos como celas. Durante ataques aéreos, o lugar todo era deixado desprotegido, exceto pelos cachorros. Teremos até duas horas. Podemos desligar os fusíveis, desativar o gerador e encher os elevadores de comida de explosivos 808 quando sairmos.

Julie incluiu a história de sua tia-avó porque achou que talvez tivéssemos que explodir o local com ela dentro. Que talvez não houvesse outra maneira. E queria que fizéssemos de qualquer jeito.

Mas não teremos que deixar nenhum dos prisioneiros lá dentro. Podemos arrombar os quartos com pés de cabra e barras de metal para tirar todos de lá. Os números de aparência oficial no final em tinta vermelha são uma REFERÊNCIA AO ARQUIVO DA CIDADE. Devem ser as PLANTAS DO ARQUITETO do Château de Bordeaux. Teremos um mapa do prédio.

Estamos chegando lá. Ainda somos uma equipe sensacional.

SOE LONDRES—W/T MSG, RASCUNHO PARA CODIFICAÇÃO
LAMENTO INFORMAR QUE ~~SEU~~ ORGANIZADOR ~~COD+NOME~~ PAUL
DO CIRCUITO DAMASK E ~~OF+CIAT~~ DE VOO JULIA
BEAUFORT-STUART FORAM MORTOS EM AÇÃO 1 DEZ. 1943
PT PEDIDO DE VOO OPERACIONAL RAF NA FRANÇA SOBRE
ORMAIE NESTA LUA CHEIA SÁB. 11 DEZ. PARA CRIAR
DISTRACÃO PERMITINDO OPERAÇÃO VERITY

La Cadette recolheu os desenhos. Parece que qualquer um pode vasculhar os arquivos da Prefeitura de Ormaie. É como um desprezo nazista pelo país ocupado levado ao extremo, como se eles quisessem que os moradores locais entrassem e saqueassem seu próprio patrimônio para que ninguém mais precisasse se preocupar. Você é revistado ao entrar no prédio, claro, mas não na saída, e eles nem olharam a identidade de Amélie. Ela disse que estava trabalhando em um projeto escolar, fácil assim. Ela deveria dizer que estava verificando um limite da fazenda Thibaut, mas quando viu como seria fácil entrar e sair, criou uma história mais simples no ato. Ela é tão esperta.

Ela levou vinte minutos durante o intervalo de jantar da escola e deixou as páginas para eu buscar, para que não fosse pega com elas por aí.

Provavelmente foi um erro pedir para ela deixá-las na *cachette* de Engel. Penso nela como minha, mas é de Engel. Além disso, acho que devemos evitar usar cafés. Gostaria de ter sido treinada para isso. No final, não fez diferença, mas ah, como meu estômago se revirou quando entrei e vi Engel sentada à mesa.

Comecei a ir em direção a outra mesa, com meu sorriso falso idiota — faz com que eu me sinta um zumbi nesta semana — mas ela acenou abruptamente.

— *Salut*, Käthe. — Ela deu um tapinha na cadeira ao seu lado. Quando me sentei ela apagou o cigarro, acendeu outros dois e me ofereceu um. De alguma maneira essa foi a coisa mais apavorante que já fiz, tocar com meus próprios lábios esse cigarro que havia tocado os lábios de Anna Engel um segundo antes. Eu sinto que a conheço tão intimamente, após ler a confissão de Julie. Ela deve sentir o mesmo em relação a mim, embora eu ache que não a assusto tanto.

— *Et ton amie, ça va?* — Ela perguntou casualmente — Como está sua amiga?

Desviei o olhar, engoli em seco, não consegui manter o sorriso falso. Dei um trago no cigarro e engasguei, não fumava há um tempo e nunca aqueles cigarros franceses. Após um ou dois minutos ela entendeu que aquilo que eu não dizia não era um final feliz.

Ela xingou suavemente em francês, uma única palavra violenta de decepção. Então parou e perguntou:

— *Elle est morte?*

Assenti. Sim, ela está morta.

— *Viens* — disse Engel, afastando a cadeira para trás. — *Allons. Viens marcher avec moi, j'ai des choses à te dire.* — Se ela estivesse prestes a me arrastar para a prisão, não acho que eu poderia ter recusado: — Vamos andar, preciso te contar umas coisas? — Nenhuma escolha.

Levantei novamente na nuvem de fumo de Engel, nem tinha pedido nada, pois sempre me apavora ter que falar francês com estranhos. Engel deu um tapinha no grosso maço de papéis dobrado ao lado de seu cinzeiro, lembrando-me. Eu o peguei e enfiei no bolso do casaco junto com a identidade de Käthe.

Era o meio da tarde, as ruas não muito cheias, e Engel passou para o inglês quase direto, voltando ao francês apenas quando passávamos por alguém. É muito estranho falar com ela em inglês. Ela soa como uma ianque. O sotaque é americano e ela é bem fluente. Acho que Penn disse que ela frequentou a universidade em Chicago.

Viramos a esquina da rua de trás e chegamos a Place des Hirondelles, a praça da prefeitura, repleta de veículos blindados e sentinelas com cara de tédio.

— Tenho quase uma hora — disse Engel. — Meu intervalo para jantar. Mas não aqui.

Concordei e a segui. Ela ficou falando o tempo todo, devíamos parecer totalmente normais, duas amigas dando um passeio e fumando. Ela não usa uniforme, é apenas uma funcionária, nem sequer tem uma posição. Caminhamos pelo calçamento diante da prefeitura.

— Ela estava atravessando a rua, bem aqui, e olhou para o lado errado. — Engel soprou uma forte nuvem de fumaça. — Que lugar idiota para se cometer um erro desses, bem no meio de La Place des Hirondelles! Sempre tem alguém de vigia aqui, a prefeitura de um lado e a Gestapo do outro.

— Foi a *van* dos Thibaut, não foi? — Eu disse com tristeza. — A *van* que quase a atropelou, uma *van* francesa cheia de galinhas francesas, foi isso que ela disse, nas primeiras páginas que escreveu.

— Não sei. A *van* já tinha ido embora quando cheguei aqui. Estou certa que o motorista não queria se envolver em uma prisão. Toda Ormaie olha para o outro lado quando há um espancamento na Place des Hirondelles, outro judeu tirado do esconderijo ou algum idiota jogando esterco nas janelas do escritório.

Ela ergueu o olhar para as janelas agredidas, nenhum cadáver pendurado lá nesta semana, graças a Deus.

— Ela foi uma lutadora e tanto, sua amiga — disse Engel. — Ela mordeu um policial. Eles me fizeram vir e pôr clorofórmio nela, para nocauteá-la, sabe? Havia quatro soldados que a seguravam quando cheguei correndo pela praça com o clorofórmio, e ela ainda lutava.

Ela também tentou me morder. Quando o gás finalmente a dominou foi como ver uma luz se apagando...

— Eu sei. Eu sei.

Estávamos fora da praça agora. Viramos para olhar uma para a outra exatamente no mesmo instante. Seus olhos são fantásticos.

— Transformamos este lugar em uma verdadeira merda — ela disse. — Havia rosas naquela praça quando fui enviada aqui pela primeira vez. Agora não há nada além de lama e caminhões. Penso nela toda vez que atravesso aquelas pedras, três vezes por dia. Odeio isso.

— Ela desviou o olhar. — Vamos. Podemos caminhar ao longo do rio por cerca de meio quilômetro. Já esteve lá?

— Não.

— Ainda é bonito.

Ela acendeu outro cigarro. Era seu terceiro em cerca de cinco minutos. Nem imagino como ela consegue comprar tudo isso ou mesmo onde ela os adquire, já que mulheres não podem mais comprar cigarros em Ormaie.

— Já dei clorofórmio a outras pessoas antes. É algo que eles esperam de mim, parte do meu trabalho. Sou química, estudei farmácia nos Estados Unidos, mas nunca me desprezei tanto quanto naquele dia, ela era tão pequena e...

Ela tropeçou nas palavras e tive que morder o interior das bochechas para me impedir de chorar.

— Tão forte, tão bela, era como quebrar as asas de um falcão, cobrir uma fonte límpida com tijolos, desenterrar rosas para ter espaço para estacionar um tanque. Inútil e feio. Ela era simplesmente cheia de vida e ousadia num momento, e no instante seguinte não era nada além de uma casca sem sentidos com a cara na sarjeta...

— EU SEI — disse.

Ela me observou com curiosidade, franzindo a testa, vasculhando meu rosto com seus olhos afiados e claros.

— Sabe mesmo?

— Ela era minha melhor amiga — retruquei entre os dentes.

Anna Engel assentiu.

— Eu sei. Agh, você deve me odiar.

— Não. Não, sinto muito. Diga-me. Por favor.

— Aqui está o rio — disse Anna, e atravessamos outra rua. Havia uma grade por toda a margem do rio e nos apoiamos nela. No passado, existiam aqui olmos ladeando as duas

margens do Poitou e agora não há nada além de tocos, porque ao longo dos últimos três anos foram todos cortados para virar lenha. Mas ela estava certa, a fileira de casas históricas na margem oposta ainda é bonita.

Anna respirou fundo e falou novamente.

— Quando ela desmaiou, eu a virei para ver se estava armada, e ela estava segurando a echarpe de seda enrolada na mão. Ela devia estar agarrando-a durante toda a luta, e quando perdeu a consciência, seus dedos afrouxaram. Eu não devia revistá-la direito, isso é trabalho de outra pessoa, mas me perguntei o que ela protegia com tanta obstinação no punho fechado — uma pílula de suicídio, talvez — e ergui a echarpe de sua mão aberta...

Ela levantou a própria palma contra a grade, demonstrando.

— Em sua mão havia um borrão de tinta. Na echarpe havia a impressão perfeitamente inversa de um número de referência de arquivo da prefeitura de Ormaie. Ela escreveu o número na mão e tentou esfregar com a echarpe quando foi pega.

— Eu cuspi na echarpe, como se fosse por desprezo, sabe? E a amassei em uma bola, que empurrei de volta na mão dela. Mas, esfreguei a seda úmida com força contra a sua mão para borrar os números e fechei seus dedos moles ao redor dela. Assim, tudo o que descobriram foi um pedaço de tecido manchado de tinta, e ninguém nunca perguntou sobre ele porque ela estava preenchendo formulários no escritório de racionamento logo antes de ser pega, sob o pretexto de uma tarefa para uma avó idosa inventada, e os dedos estavam cobertos de tinta de qualquer maneira.

Uma revoada de pombos esperançosos pousou na calçada ao redor de nossos pés. Sempre me admiro com a maneira como eles voam e pousam, sem pular ou se espatifar. Ninguém os ensina, eles o fazem instintivamente. Ratos voadores, mas como pousam esteticamente.

— Como você sabia para que ela queria o número? — Eu disse finalmente.

— Ela me contou — disse Anna.

— Não.

— Ela me revelou. No final, depois de ter acabado. Ela estava escrevendo coisas sem sentido. Peguei a caneta para detê-la, e ela deixou sem nem resistir. Estava cansada. Nós a cansamos. Ela olhava para mim sem esperança, agora não haveria mais desculpas, nem mais adiamentos. As ordens de Ferber deveriam estar envoltas em segredo, mas nós duas sabíamos o que ele diria para von Linden fazer com ela. Para onde a enviariam.

Anna bateu o dorso da mão levemente contra a grade para dar ênfase e demonstrou com seu cigarro, segurando-o como se fosse uma caneta.

— Na minha própria mão escrevi: 72 B4 CdB.

Ela deu uma tragada no cigarro-caneta, endireitando-se, e começou a me contar:

— Ela era a única que conseguia ver. Antes que a tinta secasse, fechei os dedos e borrei as letras em uma mancha ilegível. Recolhi as páginas que ela tinha terminado e as misturei. Então, ela disse: “é meu”. Eu sabia que ela não estava falando do monte de papéis e cartões soltos que eu estava empilhando. Ela falava sobre o número do arquivo que anotei na mão. Então perguntei qual era a utilidade daquilo para ela e ela respondeu: “nenhuma, não mais. Mas se eu pudesse...”. Lembro que perguntei com calma o que ela faria com aquilo ou o que eu deveria fazer. Ela estreitou os olhos como um rato encurralado e disse: “ponha fogo nisso e exploda esse lugar. Isso seria o melhor a fazer”. Segurei sua pilha de papel contra o peito. As instruções dela. Ela ergueu o olhar para mim de modo desafiador e acusador, sabe? “Anna, o anjo vingador”, disse ela e em seguida riu de mim. Ela riu e disse, “bem, o problema é seu agora”.

Anna jogou o cigarro acabado no Poitou e acendeu outro.

— Você devia ir para casa, Käthe — disse de repente. — Essa garota inglesa que vende motocicletas para judeus, essa Maddie Brodatt, ela a colocará em apuros. Você deveria voltar para sua casa na Alsácia amanhã, se puder, e deixar Maddie por conta própria.

Tirar Käthe de cena antes que algo aconteça, faz sentido. Será bem mais seguro para os Thibaut. Embora eu odeie voltar a me esconder. Amanhã à noite voltarei ao sótão do celeiro, e agora está ainda mais frio lá que em outubro.

— E você? — Eu quis saber.

— Vou voltar a Berlim. Candidatei-me a uma transferência há umas semanas, quando começamos a interrogá-la e àquela garota francesa patética. Deus. — Ela estremeceu, fumando furiosamente. — Que trabalhos de merda eles me dão. Ravensbrück e Ormaie. Pelo menos quando eu encomendava remédios para Natzweiler eu não precisava ver o que faziam com eles. De qualquer forma, ficarei aqui só até o Natal.

— Talvez você esteja mais segura aqui. Estamos bombardeando Berlim — eu disse. — Estamos bombardeando há quase duas semanas.

— Eu sei — respondeu ela. — Também escutamos a BBC. A Blitz de Berlim. Bem, provavelmente nós merecemos.

— Não acho que ninguém mereça, na verdade.

Ela se virou repentinamente e me encarou de modo severo com aqueles olhos claros e de um verde vítreo.

— Exceto o Castelo dos Assassinos, certo?

— O que você acha? — Falei com raiva.

Ela deu de ombros e se virou para retornar à Place des Hirondelles. Seu tempo estava acabando.

Sabe quem ela me lembrou? Isso é loucura. Ela parecia Eva Seiler.

Não Julie normal, não muito, mas Julie quando estava brava. Pensei nela me contando a história de seu interrogatório falso no treinamento do SOE, em clara violação do Ato Secreto Oficial, a única vez que consigo me lembrar dela fumando feito doida, como Engel, e xingando como um estivador. “E seis horas depois eu sabia que não podia aguentar mais, mas eu estaria condenada se desistisse e dissesse meu nome. Então, fingi desmaiar e todos entraram em pânico e foram correndo atrás de um médico. Malditos bastardos de merda.”

Engel e eu não conversamos muito no caminho de volta. Ela me ofereceu outro cigarro, e eu tive um momento de rebelião.

— Você nunca deu nenhum a Julie.

— Nunca dei nenhum a Julie! — Engel soltou uma risada atônita. — Eu dei a ela metade do meu salário em cigarros, aquela pequena selvagem escocesa gananciosa! Ela quase me levou à falência. Fumou o equivalente a seus cinco anos de carreira como piloto!

— Ela nunca disse! Sequer insinuou! Nenhuma vez!

— O que você acha que aconteceria com ela — Engel disse com frieza — se ela tivesse escrito isso? O que aconteceria comigo?

Ela estendeu o cigarro oferecido.

Eu aceitei.

Caminhamos em silêncio por um tempo, duas amigas fumando juntas. Sim, certo, senhorita.

— Como você conseguiu a história de Julie? — Falei de repente.

— A senhoria de von Linden pegou para mim. Ele a mantinha na escrivaninha do quarto, e enquanto ele estava fora, ela jogou tudo em uma sacola de roupas para lavar. Disse-lhe que usou para acender o fogo da cozinha — parece mesmo uma pilha de lixo, todos aqueles malditos cartões de receita e os formulários rabiscados.

— Ele acreditou nisso? — Eu disse, surpresa.

Ela deu de ombros.

— Não tinha escolha. A senhoria sofrerá por isso: leite e ovos ficaram limitados estritamente a seus inquilinos e a família inteira está sob toque de recolher na própria casa, eles não podem sentar-se à noite, têm que ir para cama logo após o jantar. Ela tem que lavar toda a louça da noite anterior de manhã, antes de preparar o café para os hóspedes. As crianças foram todas amarradas.

— Oh, NÃO! — Exclamei.

— Foi leve o castigo. As crianças poderiam ter sido levadas embora. Ou a mulher mandada para a prisão. Mas von Linden tem um pequeno fraco por crianças.

Eu havia deixado minha bicicleta em uma rua que levava à praça. Assim que segurei o guidão, Anna colocou a mão sobre a minha. Ela empurrou algo pesado, frio e fino na minha mão.

É uma chave.

— Eles me pediram para levar um pouco de sabonete para esfregar nela quando ela fez aquela entrevista — disse Anna. — Algo cheiroso e agradável. Eu tinha um pouco que consegui nos Estados Unidos, sabe como às vezes guardamos algumas coisas; consegui fazer uma impressão da chave para a porta de serviço dos fundos. Esta é nova. Acho que você tem tudo o que precisa agora.

Apertei sua mão com força.

— *Danke*, Anna.

— Se cuide, Käthe.

Naquele momento, como se ela o tivesse convocado ao falar seu nome, o próprio Amadeus von Linden virou a esquina, andando na direção da Place des Hirondelles.

— *Guten Tag*, Fräulein Engel — ele disse cordialmente, e ela soltou o cigarro, o amassou com o pé, endireitou as costas e a gola do casaco, tudo em uma onda de pânico ensaiada. Também derrubei o cigarro, parecia a coisa certa a fazer. Ela lhe disse algo sobre mim — ela segurou meu braço rapidamente, como se fôssemos velhas amigas, e a ouvi dizer o nome de Käthe e dos Thibaut. Estava me apresentando, provavelmente. Ele estendeu a mão.

Fiquei absolutamente congelada por cerca de cinco segundos.

— Hauptsturmführer von Linden — Anna me incitou com seriedade.

Coloquei a chave no bolso do casaco com as plantas do arquiteto e minha identidade forjada.

— Hauptsturmführer von Linden — repeti, e apertei sua mão, sorrindo feito uma maluca.

Nunca tive um inimigo mortal. Nem sequer sabia o que isso significava. Algo tirado de Sherlock Holmes ou de Shakespeare. Como podia todo meu ser, toda minha vida até este ponto, se comparar com um homem em um combate mortal?

Ele ficou olhando através de mim, distraído com seus próprios problemas colossais. Nunca lhe ocorreu que eu podia contar as coordenadas secretas do aeródromo do Esquadrão da Lua, ou dar os nomes de meia dúzia de agentes da Resistência aqui na sua própria cidade, ou que planejava explodir toda a sua administração em cinco dias. Nunca percebeu que eu

era sua inimiga em todos os sentidos, sua adversária. Sou tudo contra o que ele está lutando, sou britânica e judia, no ATA sou uma mulher que faz trabalho de homem e recebe pagamento de homem, e minha obrigação é entregar aviões que destruirão seu regime. Ele nunca imaginou que eu sabia o que ele fez: que observou e tomou notas, enquanto minha melhor amiga estava de roupa de baixo, amarrada a uma cadeira, e queimavam buracos em seus pulsos e garganta... e que eu sabia que ele ordenara isso, que eu sabia que, apesar de suas hesitações, ele seguiu ordens como um covarde e a mandou embora para ser usada como cobaia de experiências até seu coração falhar. Nunca pensou que agora ele olhava para sua mestra, para a única pessoa no mundo que segurava seu destino bem entre as mãos. Eu, em roupas de segunda mão remendadas, cabelo maltratado e sorriso idiota. E que meu ódio por ele é puro, negro e impiedoso. E que não acredito em Deus, mas se acreditasse, seria o Deus de Moisés, feroz, exigente e EM BUSCA DE VINGANÇA e...

Não interessa se sinto pena dele ou não. Era o trabalho de Julie e agora é o meu.

Ele disse algo educado para mim, com o rosto neutro. Olhei para Anna, que acenou uma vez com a cabeça.

— *Ja, mein Hauptsturmführer* — respondi entre os dentes. Anna me deu um chute certeiro no tornozelo e se intrometeu para dar uma desculpa no meu lugar. Coloquei a mão no bolso e senti o estalo do papel grosso de setenta anos e o peso da nova chave na costura da lã puída.

Eles acenaram com a cabeça para mim e partiram juntos. Pobre Anna.

Gostei muito dela.

Käthe retornou à Alsácia e eu estou esperando pela lua de novo. Tudo em seu lugar e com a confirmação da passagem de um bombardeiro para sábado à noite. Independentemente do sucesso da Op. Verity, vão enviar um Lysander para me buscar, no campo que encontrei, no domingo ou na segunda, tudo isso se o clima permitir e, é claro, se pudermos recuperar o Rosalie. Está muito difícil dormir e quando consigo só tenho pesadelos sobre pilotar aviões em chamas com afogadores defeituosos, ser forçada a cortar a garganta de Julie com o canivete de Etienne, etc. Se eu acordo berrando três vezes por noite não faz muito sentido tentar me esconder. Estou voando sozinha.

Queimando queimando queimando queimando

Decapite-me ou me enforque
Isso nunca vai me aterrorizar
Vou queimar Auchindoon
Antes de a vida me deixar

Ormaie ainda está em chamas em minha mente. Mas estou na Inglaterra.

Estou de volta à Inglaterra.

Sabe, talvez eu seja mandada à corte marcial. Talvez seja condenada por assassinato e seja enforcada. Mas tudo o que sinto é alívio — alívio —, como se estivesse submersa e respirasse por um canudo nos últimos dois meses e agora tivesse a cabeça no ar novamente. Aspirando golfadas longas e doces dele, do ar frio e úmido de dezembro, cheirando fumaça de petróleo e carvão e liberdade.

A ironia é que não estou livre. Estou sob prisão domiciliar aqui no The Cottage, no aeródromo do Esquadrão da Lua. Estou trancada no meu quarto costumeiro, o mesmo que eu compartilhava com Julie, e tenho um guarda abaixo da janela também. Não ligo, sinto-me livre. Se me enforcarem, vão fazer direito, quebrarão meu pescoço instantaneamente, e vou merecer. Não me farão trair ninguém. Não me farão assistir a isso acontecendo com outra pessoa. Não vão incinerar meu corpo e o transformar em sabão. Eles com certeza avisarão vovô para que ele saiba o que aconteceu.

O maldito oficial da inteligência maquiavélico de Julie foi enviado para cá para me entrevistar. Sei que ele o fará sem recorrer a um ferro de solda, água gelada e alfinetes. Xícaras de chá talvez. Receio meu interrogatório por vários motivos, mas não tenho medo dele.

Não acredito em como me sinto segura aqui. Não importa que eu seja uma prisioneira. Apenas me sinto segura.

RELATÓRIO DE ACIDENTE Nº 2

Sabotagem e destruição bem-sucedidas da sede da Gestapo, prédio do Château de Bordeaux, Ormaie, França, 11 de dez. 1943

Meus relatórios são tão ruins.

Sei que as Forças Aliadas planejam uma invasão adequada na Europa ocupada com tanques, aviões e planadores repletos de soldados, mas quando penso na França sendo liberada imagino um exército vingador chegando de bicicleta. Foi assim que chegamos a Ormaie no sábado à noite, todos de direções diferentes, todos com nossas cestas e mochilas lotadas de bombas caseiras. As sirenes só disparavam após o toque de recolher e demos muitas esquivadas nervosas — aposto que havia uma bicicleta explosiva atrás de cada banca de jornal em Ormaie. Eu mesma fiquei deitada sob um caminhão pelo menos por duas horas com um dos amigos de Mitraillette. Tenho que agradecer pelas botas de Jamie.

Tivemos que explodir o portão de trás para abri-lo — meio arriscado, mas não havia ninguém por perto com o ataque aéreo a caminho, e claro que tínhamos a chave para entrar depois daquilo. Era ficar frente a frente com os malditos cães o que eu mais temia. Pobres cãezinhos, não era culpa deles. Eu não precisava ter me preocupado, pois Mitraillette foi impiedosa.

Sinto que devo escrever com detalhes objetivos. Mas não há muito a relatar. Fomos rápidos e eficientes, sabíamos exatamente aonde ir. Operamos em grupos de dois ou três e cada equipe tinha sua própria seção e tarefa — atirar nos cães, destrancar as portas, guiar os prisioneiros, descarregar as bombas. Cair fora. Eu diria que entramos e saímos em meia hora. Certamente não mais que quarenta e cinco minutos, pois nem havia muitos prisioneiros para libertar, já que não é tecnicamente uma prisão — dezessete no total. Nenhuma mulher. Mas...

Fiz de propósito, determinei que eu e meu parceiro libertaríamos quem estivesse na cela de Julie. Não tinha pensado muito no que significaria ter que passar pela sala de interrogatório ao lado...

Felizmente não havia ninguém ali, mas mal suporto pensar nisso. Como fedia. Vomitei só de lembrar. Entramos e aquilo nos atingiu no rosto, e por um momento não pude fazer nada além de ofegar e tentar não passar mal, e o rapaz francês comigo cambaleou um pouco e se segurou em mim para não cair. Claro que agíamos à luz de lanternas elétricas, então não podíamos ver nada claramente. Contornos difusos de mobília institucional, cadeiras e mesas de aço e alguns armários, nada tão sinistro, mas era o pior fedor enjoativo e infernal que já senti, como uma privada entupida, mas também como amônia, carne podre, cabelo queimado, vômito e... não, era indescritível e está me dando vontade de vomitar de novo ao escrever

sobre isso. Foi só mais tarde que pensei em Julie tendo que conviver com aquele cheiro por oito semanas. Não é de surpreender que eles a esfregaram antes de deixá-la encontrar Penn — de qualquer maneira, não pensávamos em nada além de sair de lá o mais rápido possível sem sufocar. Puxamos os casacos sobre o nariz e começamos a trabalhar na porta da cela de Julie, e arrastamos seu habitante perplexo conosco através daquele quarto horrível e do corredor.

O homem que resgatamos não entendeu quando falamos francês com ele. Acontece que ele era jamaicano, um artilheiro de retaguarda da RAF, derrubado na semana passada — talvez eles esperassem tirar planos da invasão Aliada dele? Ele está em boa forma, ainda não haviam começado a trabalhar nele, e embora mal tenha comido durante uma semana ele conseguiu carregar um rapaz cujos joelhos estavam quebrados...

Ele é um homem adorável, o jamaicano, e ele está aqui. Bem, não acho que esteja aqui no The Cottage, acho que foi enviado ao aeródromo adequado da RAF, mas quero dizer que ele voou de volta à Inglaterra comigo. Ele se escondeu comigo também, no celeiro dos Thibaut. Ele é de Kingston e tem três crianças, todas meninas. Ele me seguiu trotando pela escadaria principal daquele hotel horrível e arruinado, com o garoto de pernas quebradas em silêncio e em sofrimento pendurado nas costas, eu com uma lanterna elétrica em uma mão e a Colt .32 de Paul na outra, orientando-me com um mapa memorizado como sempre.

Todos nos encontramos para fazer a contagem no pátio onde fica a guilhotina. O último a sair ligou o gerador — tínhamos prendido um cronômetro nele. Assim que ele foi ativado, nos restavam vinte minutos. Alguns Lancasters ainda circulavam sobre nossas cabeças, desafiando os holofotes, e a noite estava ruidosa com artilharia antiaérea fraca — muitas armas antiaéreas são manejadas por homens locais, recrutados para reforçar o exército da Ocupação, e eles não estão realmente comprometidos quando atiram em aviões dos Aliados. Vinte minutos para sair da Place des Hirondelles, e talvez mais uma hora para se esconder antes de tudo estar resolvido.

Tive que achar alguém por perto para levar o jovem ferido, Mitraillette deu um jeito, e o restante de nós partiu em bicicletas ou a pé. Meu artilheiro de retaguarda jamaicano e eu tomamos um caminho tortuoso por uma série de muros de jardim para evitar os postos de checagem na estrada. Mas estávamos fora de Ormaie, um atrás do outro na bicicleta, eu na barra de trás e ele pedalando porque era bem mais pesado que eu, quando a explosão ocorreu.

Levamos tamanho susto que caímos. Não a sentimos, ficamos atordoados apenas com o estrondo. Por alguns minutos fiquei sentada na estrada rindo feito uma louca, com a lua cheia

e o fogo iluminando tudo, e então meu artilheiro de retaguarda resgatado me fez voltar à bicicleta com bastante delicadeza e partimos novamente com Ormaie às nossas costas.

— Para que lado, Srta. Kittyhawk?

— À esquerda na bifurcação. Me chame só de Kittyhawk.

— É o seu nome?

— Não.

— Oh — disse ele. — E você não é francesa.

— Não, sou inglesa.

— O que está fazendo na França, Kittyhawk?

— O mesmo que você. Sou uma aviadora derrubada.

— Está brincando!

— Não estou. Sou uma Primeira Oficial do Air Transport Auxiliary. E aposto que ninguém acredita em você quando diz que é artilheiro de retaguarda na Royal Air Force.

— Você está certa nisso, garota — respondeu ele com ressentimento. — É um mundo de homens brancos.

Eu segurei firme na cintura dele e desejei que ele não fosse um safado como Paul ou eu teria que atirar nele também, quando estivéssemos presos juntos e sozinhos no celeiro dos Thibaut.

— O que a incomoda, Kittyhawk? — Ele perguntou suavemente. — Por que você está chorando tanto? Dê adeus para aquele lugar.

Eu me segurava e me apoiava em seu ombro agora, soluçando em suas costas.

— Eles mantiveram minha melhor amiga lá, você estava na cela dela. Ela ficou lá por dois meses.

Ele pedalou em silêncio, digerindo isso. Finalmente ele disse:

— Ela morreu lá?

— Não — respondi. — Não lá. Mas está morta agora de qualquer maneira.

De repente pude sentir através de seu casaco que ele também chorava, tremendo um pouco com soluços silenciosos e abafados, assim como eu.

— Meu melhor amigo também está morto — ele disse baixinho. — Era o nosso piloto. Bateu com o avião no chão. Manteve o avião voando reto e nivelado para que nós pudéssemos saltar depois de sermos atingidos.

Oh... só agora que escrevo isso, só agora percebo que é exatamente o mesmo que fiz.

Engraçado, parecia a coisa mais heroica do mundo quando ele me contou sobre o amigo, extraordinário que alguém pudesse ser tão corajoso e generoso. Mas não me senti uma

heroína quando fiz aquilo, só aterrorizada demais para pular.

Pedalamos ao luar com as chamas de Ormaie por trás, e nenhum de nós parou de chorar até sairmos da bicicleta.

Dormimos de costas um para o outro naquele espacinho do sótão no velho celeiro de enxaimel por duas noites — bem, uma noite e meia, na verdade — jogamos 21, por horas, com um baralho de cartas obscenas horríveis que afanei de um dos esconderijos de Etienne Thibaut. Na segunda-feira, ontem, ontem à noite na verdade, fomos recolhidos pelo motorista da dama das rosas e levados para buscar o Rosalie para nossa viagem ao campo de pouso.

Aquela foi a terceira vez em que todos os Thibaut me deram abraços e beijos de despedida. Amélie fazendo drama, Maman tentando me presentear com uma dúzia de colheres de prata — eu não podia! E Mitraillette com lágrimas nos olhos, primeira vez que eu a via emocionada assim com algo que não envolvia sangue.

Ela não foi conosco dessa vez. Espero...

Eu gostaria de saber como rezar por todos eles. Só gostaria de saber.

O Rosalie esperava por nós na entrada da casa grande à margem do Poitou. Ainda estava claro quando chegamos, então, para não deixar o motorista em apuros, e enquanto tiravam o outro carro, a velhinha de cabelo branco igual ao de Julie me pegou pela mão, como fez naquele primeiro dia terrível, e me conduziu sem uma única palavra por seu jardim frio.

Descendo pela margem do rio havia uma pilha de rosas, uma pilha enorme de rosas-damascenas, as que floriam no outono. Ela cortou cada rosa restante no jardim e as empilhou ali.

— Finalmente eles nos deixaram enterrar todos — ela me contou. — A maioria está perto da ponte. Mas fiquei tão furiosa em relação àquelas pobres garotas, aquelas duas jovens adoráveis abandonadas lá na lama por quatro dias com os ratos e corvos nelas! Não é certo. Não é natural. Então quando enterramos os outros pedi para os homens trazerem as garotas aqui...

Julie está enterrada no jardim de rosas de sua tia-avó, envolta no véu de primeira-comunhão de sua avó e coberta com uma pilha de rosas-damascenas.

Claro, esse também é o nome de seu circuito, Damask.

Ainda não sei o nome de sua tia-avó. Como é possível? Percebi que era ela, de repente, me ocorreu como um clarão. Quando ela disse que usou os véus que ela e a irmã vestiram na primeira-comunhão lembrei que a avó de Julie era de Ormaie, e então me lembrei da história da tia-avó e do que ela me contou sobre compartilhar um peso terrível, tudo se encaixou, e

eu soube quem ela era.

Mas não lhe contei, não tive coragem. Ela não parecia saber que era Julie — claro que Katharina Habicht teria mantido sua identidade escondida para evitar comprometer alguém. Acho que deveria ter dito algo, mas eu simplesmente não consegui.

Agora estou chorando de novo.

Ouvi um carro estacionar, então talvez logo estejam vindo me buscar, mas quero terminar de contar sobre a saída da França, que provavelmente também me fará chorar... que novidade.

Até comecei a choramingar só de ouvir a mensagem de rádio que avisava que iam me buscar naquela noite: “Depois de um tempo, todas as crianças contam a verdade” — em francês é *Assez bientôt, tous les enfants disent la vérité*. Estou certa de que colocaram a palavra *vérité* de propósito, mas eles não podiam saber que isso me faria lembrar da última página que Julie escreveu: “Eu contei a verdade, várias vezes”.

Toda a rotina se tornou familiar agora, como um sonho recorrente. Campo escuro, lampejos de luz, asas de Lysander contra a lua. Só que fica cada vez mais frio. Sem lama dessa vez, apesar da chuva da semana passada. O chão solidamente congelado. Aterrissagem supersuave, o avião não quicou nenhuma vez. Gosto de pensar que, em parte, foi devido à minha excelente seleção de campo. Foi executada a troca de mercadorias e passageiros em apenas quinze minutos. É assim que deve ser.

Meu artilheiro de retaguarda jamaicano já havia subido a bordo, e eu estava com uma mão na escada para segui-lo quando o piloto gritou para mim:

— EI, KITTYHAWK! Você vai pilotar para nos tirar daqui?

Quem poderia ser além de Jamie Beaufort-Stuart?

— Venha, troque de lugar comigo — ele gritou. — Você pilotou para chegar aqui, você pode pilotar para casa.

Não acredito que ele fez a oferta e muito menos que aceitei. Tudo tão errado. Eu deveria ser testada de novo após a queda, no mínimo.

— Mas você nem queria que eu pilotasse PARA CÁ no começo! — Balbuciei.

— Eu me preocupava com você na França, não com sua pilotagem! Já era ruim que uma de vocês fosse, imagina perder AS DUAS. De qualquer maneira, se formos atingidos, você é melhor em aterrissagem forçada que eu...

— Corte marcial, eles vão nos mandar para a corte marcial...

— Bobagem, você é CIVIL! Você não corre risco de ir para a corte marcial desde que saiu da WAAF em 1941. O pior que o ATA pode fazer é lhe dispensar, e vão fazer isso de

qualquer maneira se forem fazer. SUBA AQUI!

O motor estava em ponto morto. Ele estava com o freio solto e havia espaço suficiente apenas para trocarmos de lugar assim que ele pulou para a beira da cabine. Nem tive que ajustar o assento porque somos exatamente da mesma altura. Ele me deu seu capacete de piloto.

Não pude aguentar. contei a ele.

— Eu a matei. Atirei nela.

— O quê?

— Fui eu. Atirei na Julie.

Por um momento parecia que nada mais importava ou tinha algum significado no mundo todo. Tudo o que restava era eu no assento do piloto daquele Lysander e Jamie empoleirado na borda da cabine com a mão na cobertura deslizante, sem ruídos além do rugido ocioso do motor, sem luz em nenhum lugar além das três pequenas iluminações na pista e a lua refletida nos mostradores. Finalmente Jamie fez uma pergunta breve:

— Foi intencional?

— Sim. Ela me pediu... eu não podia... não podia deixá-la na mão.

Após outro longo momento, Jamie disse abruptamente:

— Não comece a chorar, Kittyhawk! Com corte marcial ou não, você tem que pilotar o avião agora, porque eu não confio em mim, não depois dessa confissão. — Ele conseguiu se desvencilhar da beira da cabine e se balançou ligeiramente do suporte da asa até a escada de acesso para os fundos. Eu o observei subir na cabine de trás e depois de um tempo o ouvi se apresentando a meu amigo jamaicano.

PILOTE O AVIÃO, MADDIE

Fechei a cobertura e comecei a realizar as familiares verificações pré-voo.

Então, logo que comecei a aumentar a potência, uma mão pousou em meu ombro. Simplesmente assim, sem dizer nada. Ele simplesmente pôs a mão através do anteparo, exatamente como ela fez, e apertou meu ombro. Ele tem dedos muito fortes.

E ele manteve a mão lá por todo o caminho, mesmo quando estava lendo o mapa e me dando as direções.

Portanto não estou voando sozinha agora, afinal.

Estou ficando sem papel. Este caderno de Etienne está quase cheio. Mas tenho uma ideia do que fazer com tudo isso.

Com isso em mente, não acho que vou revelar o nome do oficial da inteligência maquiavélico. Julie não disse que ele se apresentou com um número na entrevista dela? Ele se apresentou como ele mesmo nessa tarde. Mas é estranho escrever sobre isso sem usar um nome. John Balliol, talvez, um bom nome irônico, o pobre rei escocês William Wallace perdeu a vida o defendendo. Sir John Balliol. Estou ficando boa nisso. Talvez eu devesse me juntar à Executiva de Operações Especiais afinal.

Oh, Maddiezinha, NEM EM UM MILHÃO DE ANOS.

Minha entrevista com John Balliol teve que ser na sala de interrogatório. Acho que eles passam instruções ali além de fazer interrogatórios, mas é assim que todos a chamam. Tinha que ser lá, não é, porque tinha que ser feito direito. O Sargento Silvey me buscou. Sei que Silvey tem um fraco por mim, sempre teve, e acho que ele está de coração quebrado por causa de Julie, mas ele foi bastante rígido e formal ao me escoltar até a entrevista — estranho, sabe? Ele não gostava de ter que fazer isso. Ele também não gostava que eu estivesse presa. Discuti sobre isso com o líder do esquadrão. Não importa, no final tudo se resume ao protocolo, e a verdade é que eu não deveria ter pego aquele avião para a França em primeiro lugar.

Então fui guiada até a sala de interrogatório sob escolta, e quando entrei fiquei vergonhosamente ciente de como estive sempre maltrapilha, como uma evacuada de Glasgow! Ainda vestia a calça de escalada da mulher do fotógrafo francês, o casaco esfarrapado de Etienne Thibaut e as botas de Jamie. Ou seja, as mesmas roupas que usei na semana passada, em boa parte dos últimos dois meses e, por sinal, as mesmas roupas que usei quando explodi o centro da cidade de Ormaie em cinzas. Sem artifícios femininos em que me apoiar, entrei na sala de pedra caiada com o coração batendo louco contra as costelas como um mecanismo de detonação. A sala estava exatamente igual a da primeira vez que nos encontramos lá, há quase dois anos: duas cadeiras duras próximas ao aquecedor elétrico, bule de chá coberto com tricô sobre a escrivaninha. Não cheirava como a sala de interrogatório em Ormaie, mas era impossível não pensar nela.

— Receio que isso possa levar algum tempo — Balliol disse se desculpando e estendeu a

mão para mim. — Espero que tenha conseguido dormir um pouco na noite passada.

Ele estava sem óculos. Deve ser por isso que me pegou desprevenida, pois ele parecia uma pessoa comum. E então a maneira como estendeu a mão para mim. Eu estava instantaneamente em Ormaie de novo, na rua de pedras com a chave nova e as plantas antigas no bolso e o coração cheio de ódio e vingança. Eu apertei sua mão e disse com raiva:

— *Ja, mein Hauptsturmführer.*

Ele pareceu bastante assustado e tenho certeza de que fiquei vermelha como um tomate. OH MADDIE, BELA MANEIRA DE COMEÇAR.

— Desculpe, desculpe! — Ofeguei. — *Je suis désolée...* — Inacreditável, ainda estou tentando falar francês com as pessoas.

— Ainda não deixou totalmente as trincheiras, não é? — Ele comentou baixinho. Com dedos leves nas minhas costas ele me conduziu a uma das cadeiras. — Chá, Silvey — ele ordenou, e o Sargento Silvey serviu em silêncio e saiu.

Os óculos de Balliol estavam sobre a escrivaninha. Ele os colocou e se apoiou na borda da escrivaninha, segurando a xícara de chá no pires; suas mãos estavam tão firmes que tive que colocar minha xícara no chão — não podia ter porcelana fina tremendo no colo enquanto ele ficava lá me fixando com aqueles olhos enormes ampliados. Caramba, Julie gostava bastante dele. Não consigo imaginar por quê. Ele me apavora.

— Está com medo do quê, Maddie? — Disse em voz baixa. Nada daquela besteira de “oficial de voo Beaufort-Stuart”.

Não vou dizer isso de novo. Não há mais ninguém para quem preciso dizer. Essa foi a última vez...

— Eu matei Julie. Verity, quero dizer. Eu mesma atirei nela.

Ele pousou sua xícara na escrivaninha com um tinido e me encarou.

— Como?

— Tenho medo de ser condenada por assassinato.

Desviei o olhar dele, para o dreno no piso. Foi nesse lugar que o espião alemão tentou estrangular Eva Seiler. Estremeci, estremeci de verdade, ao perceber isso. Nunca tinha visto hematomas tão horríveis em toda a minha vida, antes ou depois. Julie foi torturada nessa sala.

Quando voltei a olhar para Balliol, ele ainda se apoiava na escrivaninha, com os ombros caídos, os óculos empurrados para trás na cabeça, apertando o nariz com os dedos como se tivesse uma enxaqueca.

— Tenho medo de ser enforcada — acrescentei, com tristeza.

— Meu Deus, garota — ele exclamou, e baixou os óculos de volta aos olhos. — Você vai ter que me contar o que aconteceu. Confesso que você me assustou, mas como não estou usando minha peruca de juiz no momento, vamos lá.

— Eles a estavam transportando em um ônibus cheio de prisioneiros para um dos campos de concentração, e tentamos impedi-los...

Ele interrompeu com pesar:

— O assassinato precisa vir primeiro? Volte um pouco. — Ele me observou com um franzir de testa ansioso. — *Mea culpa*, me desculpe. Escolha infeliz de palavras. Você não disse que foi assassinato, disse? Você só receia que os outros possam ver dessa forma... Possivelmente um erro ou um acidente. Bem, continue, minha filha. Comece do começo, quando aterrissou na França.

Contei tudo, bem, quase tudo. Tem uma coisa que não contei, e essa coisa é a enorme pilha de papel que venho carregando na minha bolsa de voo, tudo o que Julie escreveu, tudo o que escrevi, todos seus pedaços de papel do hotel, partituras e meu Manual do Piloto e o caderno de Etienne. Não lhe contei que havia um registro escrito.

Estou surpresa em como me tornei uma boa mentirosa. Ou não uma mentirosa exatamente, pois não menti para ele. A história que lhe entreguei não é como um pulôver cheio de furos, com pontos caídos que vão se desfazer facilmente quando começar a cutucá-los. Foi algo como — pule um, costure um, passe por cima do ponto. Entre Penn e Engel havia informação suficiente para não precisar mencionar que estava com a confissão escrita de Julie no meu quarto. Porque de jeito nenhum vou entregá-la a um arquivista em Londres. É minha.

E minhas próprias anotações, bem, preciso delas para fazer um relatório adequado para o Comitê de Acidente.

Levou muito tempo, o relato. O Sargento Silvey nos trouxe outro bule de chá e depois outro. No final, Balliol me assegurou baixinho:

— Não vão te enforcar.

— Mas eu sou responsável.

— Não mais que eu. — Ele desviou o olhar. — Torturada e enviada para ser usada como cobaia de laboratório, meu Deus. Aquela moça simpática e inteligente. Eu também posso... sou um desgraçado. Não, não vão te enforcar.

Ele soltou um suspiro longo e trêmulo.

— “Morta em ação” foi o que o primeiro contato nos disse, e o veredicto “morta em ação” deve continuar — ele disse com firmeza. — Ela foi morta em ação de acordo com seu relato, e considerando o número de pessoas que morreram com tiros naquela noite, não acho

que precisamos dar os detalhes de quem atirou em quem. Sua história não deve sair deste prédio. Você não contou a ninguém daqui o que aconteceu, contou?

— Conteí ao irmão dela — disse. — E de qualquer jeito, você grampeou esta sala. As pessoas ouvem através das janelas da cozinha. Isso vai vazar.

Ele me observou pensativo, balançando a cabeça.

— Tem algo sobre nós que você não saiba, Kittyhawk? Vamos guardar seu segredo e você guarda os nossos. “Conversas descuidadas custam vidas.”

Na França custam mesmo. Não é tão engraçado quanto parece.

— Olhe, Maddie, vamos parar por meia hora, receio que haja um montão de detalhes que tenho que lhe perguntar, que nós ainda nem tocamos, e acho que perdi meu controle.

Ele puxou um lenço de seda com bolinhas, virou para o lado de novo e assoou o nariz. Quando olhou para mim novamente, ofereceu a mão para eu me levantar.

— Além disso, acho que você precisa de um cochilo.

O que Julie disse sobre mim? Sou treinada para reagir positivamente a ordens de pessoas com autoridade. Voltei ao meu quarto, caí no sono por vinte minutos e sonhei que Julie me ensinava a dançar foxtrote na cozinha do castelo Craig. Claro que ela me mostrou como dançar, embora tenha sido em uma das festas de Maidsend e não na cozinha do castelo, mas o sonho parecia tão real que quando acordei, no início, não pude entender onde eu estava. E então foi como ser chutada na cabeça pela desolação mais uma vez.

Exceto que agora, em vez de *The Last Time I Saw Paris*, eu tinha *Dream a Little Dream of Me* presa na cabeça tocando repetidamente, que era o que a banda tocava quando estávamos dançando em Maidsend. Não ligo nem um pouco, estou tão cansada de *The Last Time I Saw Paris*. Se eu ouvir qualquer das canções tocada em um lugar público com certeza vou começar a berrar imediatamente.

Então, em seguida, eu e Balliol tivemos outra sessão, que foi um pouco mais técnica, eu tendo que lembrar nomes e números que eu não sabia que sabia, codinomes para cada agente da Resistência que me foi apresentado, com Balliol registrando-os nas anotações em seu pequeno caderno de pelica, e a localização de armas, suprimentos ou *cachettes* que eu soubesse. Chegou uma hora em que eu estava inclinada com os cotovelos nos joelhos, e puxava o cabelo até as raízes doerem, tentando chegar a um mapa preciso de coordenadas para o celeiro dos Thibaut e a garagem da dama das rosas. Ocorreu-me que estava sentada lá, arrancando o cabelo daquele jeito pelos últimos vinte minutos, e de repente fiquei irritada.

Ergui a cabeça com um gesto brusco e perguntei furiosa:

— Por quê? Por que você se importa se consigo tirar as coordenadas da minha cabeça? Posso inventar coordenadas do mesmo jeito que Julie inventava códigos! Me dê um mapa e vou apontar para você, você não precisa que eu faça isso! O que você realmente quer, seu maldito maquiavélico BASTARDO?

Ele ficou em silêncio por um minuto.

— Me pediram para testá-la um pouco — ele finalmente confessou. — Aumentar a pressão, ver como você reage. Não tenho muita certeza do que fazer com você, honestamente. O Ministro da Aeronáutica quer tirar sua licença e a Executiva de Operações Especiais quer recomendá-la para uma Medalha George. Eles gostariam que você ficasse com eles.

NEM EM UM MILHÃO DE ANOS.

Mas, mas. Meu sucesso como agente não oficial do SOE vai anular meu voo à França como piloto não oficial da RAF. Não vou ganhar uma medalha, e não quero ou mereço uma de jeito nenhum, mas também não vou perder minha licença, quero dizer, pode-se dizer que eu já a perdi, mas eles vão revogá-la. Não vão tirá-la de mim. Não vão nem tirar meu emprego. Oh, essa é uma boa razão para chorar, lágrimas de alívio. Vão me deixar voar de novo. Terei que me apresentar ao Comitê de Acidentes, mas será apenas a respeito do acidente em si, como se eu mesma fosse do Esquadrão da Lua, colidindo meu próprio avião. Não vou ser punida com nada mais.

E o Air Transport Auxiliary vai fazer traslados de aviões para a França, aí vem a invasão. Não falta muito, na primavera. Vou voltar. Sei que vou voltar.

Estou exausta. Exceto pelo cochilo e por algumas horas depois que chegamos, não durmo desde domingo à noite, e é terça-feira agora. Mais uma coisa, no entanto, antes de dormir...

Balliol me deu uma cópia de uma mensagem que acabaram de receber e decodificar do operador de radiotelegrafia de Damask.

INFORME BOMBARDEIO PESADO ALIADO SOBRE ORMAIE
NOITE SAB 11 DEZ MANHÃ DOM 12 DEZ OP BEM-SUCEDIDA
DESTRUINDO CDB SEDE REGIONAL GESTAPO SEM PRISÕES
CONHECIDAS TUDO BEM FAVOR PASSAR MSG PARA KITTYHAWK
DIZER PAI DE ISOLDE ENCONTRADO TIRO NA CABEÇA POSSIVEL SUICIDIO

— Quem é o pai de Isolde? — Balliol quis saber ao entregar a mensagem.

— O oficial da Gestapo que... que interrogou Verity. E a condenou.

— Suicídio — Balliol disse baixinho. — Outro homem desgraçado.

— Outra garota desgraçada — corriji.

Aquelas ondulações no lago novamente, não param em um só lugar. Todas aquelas vidas que tocaram a minha tão brevemente, da maioria não sei nem os nomes verdadeiros, como a tia-avó de Julie ou o motorista do Rosalie. E de alguns deles não sei nada além do nome, como Benjamin Zylberberg, o médico judeu, e Esther Lévi, cuja partitura para flauta Julie recebeu para escrever. E alguns deles encontrei brevemente, gostei e nunca vou ver de novo, como o filho do vigário que pilotava Spitfires, Anna Engel e o artilheiro jamaicano.

E então há Isolde von Linden, estudando na Suíça, que ainda não sabe que seu pai acabou de se matar.

Isolde ainda no reino do sol, no brilho do dia ainda, Isolde...

Guardei a caixa de fósforos que o pai dela deu a Amélie.

Tomei banho e peguei emprestado um pijama da bela motorista da guarda de enfermeiras de Primeiros Socorros que nunca diz nada. Sabe-se lá o que ela pensa de mim. Não estou mais trancada ou com guarda. Alguém vai me levar de avião para Manchester amanhã. Hoje à noite... hoje à noite vou dormir neste quarto mais uma vez, nesta cama onde Julie chorou até adormecer nos meus braços há oito meses.

Vou manter sua echarpe de seda cinzenta, mas quero que Jamie fique com este caderno, meu Manual do Piloto e a confissão de Julie, e dê tudo a Esmé Beaufort-Stuart, porque é correto que a mãe de Julie saiba. Se ela quiser saber, acho que é seu direito saber. Absolutamente cada mínimo detalhe.

Estou de volta à Inglaterra. Posso trabalhar. Não tenho palavras para expressar o quanto estou surpresa e grata por permitirem manter minha licença.

Mas uma parte de mim jaz enterrada em rendas e rosas na margem de um rio na França. Uma parte de mim está despedaçada para sempre. Uma parte de mim sempre será impossível de pilotar, presa na subida.

Lady Beaufort-Stuart
Castelo Craig
Aberdeenshire

26 de dezembro de 1943

Minha querida Maddie,

Jamie entregou suas cartas — a sua e a de Julie, e eu as li. Elas vão ficar aqui e ficarão seguras — o Ato Secreto Oficial não terá muita consequência em uma casa que absorve segredos como umidade. Algumas folhas de receitas culinárias e receituários médicos a mais, jogados no meio do conteúdo acumulado de nossas duas bibliotecas, com certeza passarão despercebidos.

Quero contar o que Jamie disse quando me deu essas páginas:

“Maddie fez a coisa certa”.

Eu também digo isso.

Por favor, venha me ver, querida Maddie, assim que deixarem. Os garotinhos estão todos perturbados com as notícias e você lhes fará bem. Talvez eles também lhe façam bem. Eles são meu único consolo no momento, e tenho estado terrivelmente ocupada tentando fazer um Natal “feliz” para eles. Ross e Jock acabaram de perder os dois pais no bombardeio, então talvez eles fiquem comigo quando a guerra acabar.

Eu também gostaria de “ficar” com você, se você deixar. Quero dizer, no meu coração e como a melhor amiga da minha única filha. Seria como perder duas filhas se você nos deixar agora.

Por favor, volte logo. A janela está sempre aberta.

Voe em segurança.

Com amor,

Esmé

P.S. Obrigada pela Eterpen. É extraordinária, nenhuma palavra desta carta ficou borrada. Ninguém nunca saberá quantas lágrimas derramei enquanto escrevia isto!

Fui sincera ao desejar que voe em segurança. E fui sincera ao pedir que volte logo.

Questionamento da autora

Como alguém já disse, “Meus relatórios são muito ruins”. Tenho a obrigação legal de escrever este posfácio, assim como tenho a obrigação legal de garantir que este livro não viola o Ato Secreto Oficial. Isto pretende ser uma nota histórica, e é doloroso para mim admitir que *Codinome Verity* é ficção — que Julia Beaufort-Stuart e Maddie Brodatt, na verdade, não são pessoas reais, apenas produtos de meu cérebro obcecado por aventuras.

Mas vou tentar. Este livro começou apenas como um retrato de uma garota piloto do Air Transport Auxiliary. Sendo eu mesma mulher e piloto, queria explorar as possibilidades que estariam abertas para mim durante a Segunda Guerra Mundial. Já escrevera uma história de guerra sobre uma garota piloto (“Something Worth Doing”, na *Firebirds Soaring*, editada por Sharyn November), mas queria escrever algo mais longo, com detalhes mais precisos e, acima de tudo, plausíveis.

Comecei a pesquisa, na esperança de conseguir ideias para o enredo, e li *The Forgotten Pilots*, de Lettice Curtis. É a história definitiva do Air Transport Auxiliary e foi escrita por uma mulher, então pareceu certo e natural que minha piloto ATA fosse uma mulher. Mas a história do ATA saiu de controle quando (por acidente, enquanto preparava o jantar) me deparei com a base de *Codinome Verity* e acrescentei uma agente da Special Operations Executive.

Seguiu-se mais leitura — tudo bem, eu podia ter uma piloto E uma espiã, e ambas seriam garotas. E ainda seria plausível. Porque havia mulheres nessas tarefas. Não havia muitas. Mas elas eram reais. Elas trabalhavam, sofriam e lutavam tanto quanto qualquer homem. Muitas morreram.

Tenha em mente que apesar de minha busca quase exaustiva por exatidão histórica, este livro não foi feito para ser um bom relato histórico, mas sim uma boa história. Então há um grande salto de fé ficcional que o leitor tem que me conceder, que é o voo de Maddie à França. As mulheres do ATA não podiam sobrevoar a Europa até bem depois da invasão da Normandia, quando o território ocupado pelos alemães voltou com segurança às mãos dos Aliados. (Quando Maddie é chamada de “única mulher piloto Aliada derrubada fora da

Rússia” é uma referência às mulheres russas que eram pilotos de combate durante a guerra.) Trabalhei muito para construir uma cadeia de eventos verossímil que levasse à viagem do Lysander de Maddie à França. O trunfo dela na realidade é meu trunfo, o fato que ela pode autorizar o próprio voo.

Também inventei (como certa narradora pouco confiável) todos os nomes próprios. A maioria deles, de qualquer jeito. Meus motivos são que é uma maneira fácil de evitar incongruências históricas. Por exemplo, Oakway é Ringway (atualmente Aeroporto de Manchester) levemente disfarçado; mas diferente de Oakway, Ringway não tinha nenhum esquadrão no local no inverno de 1940. Maidsend é um composto de muitos aeródromos de Kent. A cidade francesa de Ormaie não existe, mas é livremente baseada em Poitiers.

No início de minha pesquisa também planejava dizer aqui que inventei os trabalhos específicos de interrogador do SOE e piloto de táxi do SOE. Mas acontece que havia uma piloto do ATA americano, Betty Lussier, que fez mais ou menos os dois trabalhos em épocas diferentes durante a guerra (embora ela trabalhasse para o OSS, os americanos, e não para o SOE). Sempre que descubro a história de vida de outra mulher piloto ou agente da Resistência durante a guerra, penso: não dá para inventar essas pessoas.

Eu adoraria repassar meu livro página por página e documentar de onde vem cada mínimo detalhe: como descobri que se pode usar querosene para diluir a tinta, ou que enfermeiras aprendizes usam pontas de caneta para fazer exames de sangue ou ainda onde vi pela primeira vez um receituário judeu. É óbvio que não posso explicar cada mínimo detalhe, mas como papel e tinta são a base deste romance, vamos falar sobre a CANETA ESFEROGRÁFICA! Seria muito difícil manter todos meus personagens ficcionais abastecidos com tinta e seria conveniente dar canetas esferográficas para eles. Então pensei que devia verificar para ter certeza de que canetas esferográficas existiam em 1943.

Descobri que existiam, mas com limitações. A caneta esferográfica foi inventada por László Bíró, jornalista húngaro que voou para a Argentina para escapar da ocupação alemã da Europa. Em 1943 ele licenciou sua invenção para a RAF, e as primeiras canetas esferográficas foram fabricadas em Reading, Inglaterra, pela fábrica de aviões Miles, para fornecer aos pilotos um suprimento duradouro de tinta! Tive que usar uma amostra em *Codinome Verity* — as canetas ainda não estavam no mercado. Mas era plausível. Isso é tudo que peço — que meus detalhes sejam plausíveis. E adorei que a caneta esferográfica tenha sido fabricada para a RAF. Quem diria?

Há uma história verdadeira, como essa, por trás de cada detalhe ou episódio do livro. Acho que foi em um dos livros *Horrible History*, de Terry Deary, que aprendi sobre o agente

do SOE pego ao olhar para o lado errado antes de atravessar uma rua francesa. Eu mesma quase fui morta ao cometer o mesmo erro. Também passei algumas tardes árdias tirando pedras de uma pista. Até as avarias do Lysander e do Citroën Rosalie são baseadas na realidade. *The Green Man* é um *pub* de verdade, se conseguir encontrá-lo. Não inventei nem o nome dele. Mas agora ele mudou de nome.

Sei que deve haver erros e imprecisões espalhados por todo o livro, mas peço uma pequena licença poética por eles. Alguns são conscientes, outros não. O codinome “Verity” do título é o mais óbvio para mim. Pelo que sei, agentes femininas do SOE na França tinham, todas, nomes franceses femininos como codinomes, e Verity é um nome inglês. Mas é fácil traduzi-lo como *vérité* — a palavra francesa para “verdade” — e alguns dos codinomes de operadores de telegrafia são tão aleatórios (“enfermeira”, por exemplo), que decidi ficar com ele. Outro bom exemplo é o uso do termo *Nacht und Nebel*, que se refere à política nazista de fazer certos prisioneiros políticos desaparecerem como na “noite e névoa”. O termo era tão secreto que é muito improvável que Julie o tivesse ouvido. No entanto, prisioneiros do campo de concentração Ravensbrück sabiam que ele era chamado de “NN” e no fim de 1944 eles também sabiam o que significava. As últimas palavras de Nelson também são assunto de um debate considerável. Mas independentemente do que ele disse, Hardy o beijou. Onde falho em precisão, espero compensar em plausibilidade.

Muitas pessoas me ajudaram a tornar este livro completo e perfeito, e todas merecem enormes agradecimentos. Entre os heróis não mencionados há um trio alistado de consultores de cultura e língua, escocês, francês e alemão: Iona O’Connor, Marie-Christine Graham e Katja Kasri, que se entregaram ao trabalho pedido com o entusiasmo de voluntários da guerra. Meu marido, Tim Gatland, foi meu consultor técnico e de voo (como sempre); e Terry Charman, do Museu de Guerra Imperial de Londres, revisou o manuscrito para verificar a precisão histórica. Jonathan Habicht, da Coleção Shuttleworth, me deu permissão para conhecer de perto um Lysander e um Anson. Tori Tyrrell e Miriam Roberts foram primeiras leitoras indispensáveis, e foi Tori quem sugeriu os títulos das seções, que, embora óbvios, me escaparam no começo. Minha filha, Sara, sugeriu algumas das reviravoltas mais angustiantes. O livro não existiria se não fosse pela querida Sharyn November, editora sênior na Viking Children’s Books, que originalmente me pediu para escrevê-lo; e sob a orquestração de minha agente, Ginger Clark, as equipes editoriais lideradas por Stella Paskins na Egmont UK, Catherine Onder na Disney•Hyperion Books e Amy Black na Doubleday Canada conduziram *Codinome Verity* à sua forma final.

Também sinto que devo agradecer discretamente a uma porção de pessoas não citadas

cujas vidas estão entrelaçadas à minha e que me influenciaram pelos anos: amigos, família, professores e colegas — alemães, franceses, poloneses, americanos, japoneses, escoceses, ingleses (judeus e cristãos) — que durante o conflito global da Segunda Guerra Mundial foram combatentes da Resistência, artistas das unidades de camuflagem, pilotos combatentes da RAF, pilotos de transporte da USAF, crianças evacuadas, prisioneiros em campos de concentração nos Estados Unidos e na Alemanha, refugiados escondidos, Juventude Hitlerista, WAAC, soldados e prisioneiros de guerra. NÃO VAMOS NOS ESQUECER.

reve bibliografia

(não inclui mapas de estradas, mapas de fuga, anotações de pilotos, listas de gírias da RAF, etc.)

Air Transport Auxiliary/Corpo Auxiliar de Transporte Aéreo

Livros:

Curtis, Lettice. *The Forgotten Pilots: A Story of the Air Transport Auxiliary 1939-45*. Olney, Reino Unido: Nelson & Saunders, 1985. Publicado pela primeira vez em 1971 pela Go To Foulis.

Du Cros, Rosemary. *ATA Girl: Memoirs of a Wartime Ferry Pilot*. Londres: Frederick Muller, 1983.

Lussier, Betty. *Intrepid Woman: Betty Lussier's Secret War, 1942—1945*. Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 2010.

Whittell, Giles. *Spitfire Women of World War II*. Londres: Harper-Press, 2007.

Filme:

Ferry Pilot. Londres: Trustees of the Imperial War Museum, 2004 (Crown Film Unit, 1941).

Exposição de museu:

Grandma Flew Spitfires: The Air Transport Auxiliary Exhibition and Study Centre, Maidenhead Heritage Centre, 18 Park Street, Maidenhead, Berkshire. <http://www.atamuseum.org>

Special Operations Executive/Executiva de Operações Especiais

Livros:

Binney, Marcus. *The Women Who Lived for Danger: The Women Agents of SOE in the Second World War*. Londres: Hodder & Stoughton, 2002.

Escott, Beryl E. *Mission Improbable: A Salute to the RAF Women of SOE in Wartime France*. Sparkford, Reino Unido: Patrick Stephens, 1991.

Helm, Sarah. *A Life in Secrets: The Story of Vera Atkins and the Lost Agents of SOE*. Londres: Little, Brown, 2005.

SOE Secret Operations Manual. Boulder, Colorado: Paladin Press, 1993.

Verity, Hugh. *We Landed by Moonlight: Secret RAF Landings in France 1940—1944*. Londres: Ian Allan, 1978.

Filme:

Now It Can Be Told. Londres: Imperial War Museum, 2007 (RAF Film Production Unit, 1946).

Women's Auxiliary Air Force/Força Aérea Auxiliar Feminina

Arnold, Gwen. *Radar Days: Wartime Memoir of a WAAF RDF Operator*. West Sussex, Reino Unido: Woodfield Publishing, 2000.

Escott, Beryl E. *The WAAF*. Shire Publications, 2001.

França durante a ocupação alemã

Caskie, Donald. *The Tartan Pimpernel*. Edimburgo: Berlinn, 2006 (Publicado pela primeira vez em 1960 pela Fontana.)

Knaggs, Bill. *The Easy Trip: The Loss of 106 Squadron Lancaster LL 975 Pommeréval 24/25th June 1944*. Perth, Escócia: Perth & Kinross Libraries, 2001.

Némirovsky, Irène. *Suite Française*. Londres: Vintage Books, 2007.

Luvas sem dedos de Maddie

<http://www.vam.ac.uk/images/image/13026-popup.html>

(De *Essentials for the Forces*, copiado pelo Victoria and Albert Museum, Londres, sob “1940s Patterns to Knit” em <http://www.vam.ac.uk/images/image/13069-popup.html>)

- [1] Stockport é uma cidade localizada nas proximidades de Manchester, na Inglaterra. (N. T.)
- [2] *A tale of two cities* (em português, *Um conto de duas cidades*) é um romance histórico de Charles Dickens, lançado em 1859. (N. T.)
- [3] *Scotland the Brave* é um dos hinos não oficiais da Escócia. (N. T.)
- [4] *Swallows and Amazons* é o primeiro livro da série *Swallows and Amazons*, do autor Arthur Ransome, publicado pela primeira vez em 1930. (N. T.)
- [5] Corpo de Auxílio de Transporte Aéreo. (N. T.)
- [6] Força Aérea Auxiliar Feminina. (N. T.)
- [7] Almas a bordo – AB. (N. T.)
- [8] Me ajudem, me ajudem, socorro. (N. T.)
- [9] Localizador de Alcance e Curso. (N.T.)
- [10] Radiolocalização. (N.T.)
- [11] Detecção e Localização a Rádio. (N.T.)
- [12] Oficial para missões especiais. (N. T.)
- [13] Operador de rádio. (N. T.)
- [14] Rádio. (N. T.)
- [15] MBE-Member of the Order of the British Empire – Membro da Ordem do Império Britânico. (N.T.)
- [16] Abelha rainha. (N. T.)
- [17] *Através do espelho* (*Through the Looking-Glass and What Alice Found There*) é um livro de 1871, de Lewis Carroll. Foi publicado depois de *Alice no País das Maravilhas*, de 1965. (N. T.)
- [18] Sou uma agente nazista. (N. T.)
- [19] O caminho para o mar é longo. (N. T.)
- [20] *Kim* é um romance em parte autobiográfico escrito pelo espião britânico Rudyard Kipling, num momento em que o Império britânico tocava nos limites do Império russo. (N. T.)
- [21] Trocadilho feito com o nome do autor, Rudyard Kipling e a palavra *kipple*, que em inglês, significa entulho. (N. T.)
- [22] *Tinkers*: povo nômade que habita a Escócia e cujo idioma, o *cant*, é uma mistura de escocês e gaélico. (N. T.)
- [23] A pessoa que não tinha os dedos dos pés. (N. T.)
- [24] Disse em francês, para que o Hauptsturmführer, que não fala inglês, pudesse entender. (N.T.)
- [25] MUITÍSSIMO agradecida. (N. T.)
- [26] Do latim, admirável de se dizer. (N. T.)
- [27] Menina dos Mistérios. (N. T.)

[28] Atenção! . (N. T.)

[29] *My heart is sair* é um poema do escocês Robert Burns. (N. T.)

[30] *Auld lang syne* é um poema de Robert Burns. (N. T.)

[31] *Tam o 'Shanter* é um famoso poema narrativo escrito por Robert Burns em 1790. (N. T.)

[32] *The life and death of Colonel Blimp*, filme de Michael Powell, de 1943. (N. T.)

[33] *Parzival* é um poema épico alemão da Idade Média atribuído ao poeta Wolfram von Eschenbach. (N. T.)

[34] Em francês, para que a infeliz resistente pudesse me entender. (N. T.)

[35] Scheherazade ou Sherazade é o nome da narradora da coleção de contos árabes das *Mil e uma noites*, que escapou da morte e, para continuar vivendo, escreveu mil e uma noites. (N. T.)

[36] Perniose é uma doença causada pelo frio, que provoca a má circulação sanguínea, ocasionando inflamações principalmente em pés e mãos. (N. T.)

Para Amanda
formamos uma equipe e
tanto



Elizabeth Wein nasceu em Nova York, nos Estados Unidos, em 1964, mas se mudou para a Inglaterra com apenas 3 anos. Atualmente, vive na Escócia com seu marido e dois filhos. PhD em folclore pela Universidade da Pennsylvania, ela tem paixão por aviões pequenos e adora voar, ou melhor, pilotar – ela tem licença desde 2003. Sozinha, já pilotou muito pelo leste da Escócia e, junto com seu marido, também piloto, já atravessou céus norte-americanos, de Kalamazzo (em Michigan) a New Hampshire (na Nova Inglaterra).

Visite seu site:

www.elizabethwein.com

Título original: *Code Name Verity*

Copyright © 2012 por Elisabeth Gatland

Todos os direitos reservados.

A citação em epígrafe do *SOE Secret Operations Manual* é usada com a gentil permissão da Paladin Press.

Tradução: Mariana Petroff Garcia e Lígia Arata Guimarães Barros

Design da capa: Whitney Manger

Fotografia capa: © Lia G/Arcangel Images

1ª edição digital 2013

ISBN 978-85-16-09060-9

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.editoraid.com.br

DE ACORDO COM
AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wein, Elizabeth
Codinome Verity [livro eletrônico] / Elizabeth
Wein ; tradução de Marina Petroff Garcia e
Lígia Arata Guimarães Barros. -- São Paulo :
Moderna, 2013.
3,1 Mb : ePUB.

Título original: Code name Verity.

1. Ficção juvenil I. Título.

13-10249

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5